
H
ANNA
HACKETT
BEYOND
GALAXY'S EDGE
THE PHOENIX ADVENTURES



EXCLUSIVE STARS BOOKS

THE PHOENIX ADVENTURES

ANNA HACKETT



DOCUMENTO OFICIAL

Instituto Galáctico de Preservação Histórica

Registros Internos # GD-6754

Assunto: Galactic Constituition Exhibit Gala Dinner

É com grande prazer que confirmo que o Jantar de Gala da Exposição da Constituição Galáctica seguirá adiante no stardate 3006-957 no museu principal do Instituto Galáctico de Preservação Histórica: o Novo Museu Metropolitano de Davyn V.

A exposição mostra os cinco Códices da Constituição Galáctica, os manuscritos históricos que formam a base da Constituição Galáctica e trouxeram a lei e a ordem para nossa galáxia. Os visitantes terão a oportunidade de ver os três antigos e inestimáveis documentos terráqueos: a Constituição dos EUA, a Magna Carta e a Carta das Nações Unidas, e o mais moderno Codex Rendariano e o Pacto de Star'is.

Durante a gala, todos os cinco documentos serão removidos de suas vitrines de proteção usuais, permitindo que nossos generosos doadores e convidados VIP tenham o privilégio de ficar perto e pessoal dessas importantes e inestimáveis peças de nossa história.

CAPÍTULO UM

Ela o tinha desta vez!

A Capitã Nissa Sander estava na ponte de seu navio de patrulha, com as mãos cruzadas na parte baixa de suas costas, e observou a pequena nave aparecer.

— Tenente Allard, confirme se seus motores estão desligados? — Nissa perguntou.

Sempre eficiente, o experiente Gavin Allard bateu na consola à sua frente. — Afirmativo, Capitã.

— Apanhei você dessa vez, Phoenix. — Nissa murmurou. — Ensign Gat'nar, abra uma linha de comunicação para o *Mercury*.

— Feito, Capitã — respondeu Bella Gat'nar. A jovem e feminina Modian passou atrás dela.

— *Mercury*, esta é a Capitã Sander do navio-patrulha *Resolute Freedom*. Prepare-se para ser abordado.

A tela se iluminou e o cockpit do *Mercury* apareceu. Era muito menor que a ponte da *Freedom,* com apenas dois assentos, um para o capitão e um para o co-piloto.

Na cadeira do co-piloto estava sentado um velho grisalho com uma cabeça cheia de cabelos grisalhos e selvagens. Seus olhos eram de duas cores diferentes: um azul e um verde. Ele tinha um leve sorriso no rosto envelhecido.

Mas era o homem grande que descansava na cadeira do Capitão, que chamou a atenção de Nissa.

Justyn Phoenix.

Explorador do espaço profundo. Contrabandista. Belo canalha.

Seu coração deu um chute traidor em seu peito. Como sempre acontecia quando ela o via. Porra nunca ninguém ouviria ela dizer isso.

Não significava que ela tinha que deixar sua reação aparecer.

— Capitã Smooth. — Sua voz era profunda, com o menor indício de uma risada sob ela.

O apelido ridículo a irritou, mas Nissa convocou seu autocontrole e deixou-o deslizar.

Ele sorriu. — Você pode me levar pode me abordar sempre que quiser. Por favor.

A vida era apenas um grande jogo para Phoenix.

Nissa ouviu alguém em sua ponte rir. Com os olhos apertados, ela se virou e examinou a equipe. Sob seu olhar infame 'Você não quer me irritar', o riso morreu. Como um deles, sua tripulação se endireitou em seus assentos e olhou para frente. Exceto pela sua primeira oficial, a Comandante Drayna Tellis. A amiga de Nissa não tentou esconder seu sorriso.

Nissa voltou-se para a tela e olhou para o homem que ela vinha tentando há três anos prender por contrabando. Desde que ela foi designada para a borda da galáxia.

Ele era lindo. E ele sabia disso. Ele tinha um corpo grande, robusto e musculoso que, mesmo em sua expansão enganosamente preguiçosa, ela sabia que poderia se mover como um raio. Seu cabelo tinha ido bem além de estar desesperadamente na necessidade de um corte.

Era um marrom rico e espesso com o menor brilho de ouro passando por ele. Provavelmente de se bronzear em algum planeta de tempo bom, inexplorado, quando ele dirigia comboios espaciais com seus irmãos.

Seu rosto estava no lado acidentado e belo, com olhos prateados brilhantes e uma cicatriz que cortava a sobrancelha esquerda e desaparecia na linha do cabelo. Toda vez que ele explicava como ele a conseguiu, ele tinha uma história diferente e se tornava mais selvagem, mais dramática e mais incrédula.

Maldito seja ele, por ter tudo o que Nissa achou atraente em um homem.

Bem, exceto a parte criminosa.

Ela endureceu sua espinha. — Corte a porcaria, Phoenix.

— Posso perguntar por que uma estimada Capitã da Patrulha sente a necessidade de embarcar em um cargueiro honesto, apenas cuidando de seus negócios?

Ela mal resistiu à vontade de revirar os olhos. — Corte a rotina do bom garoto também. Nós interceptamos informações que diziam que você acabou de pegar uma remessa de tabaco Ryssian de um espaço desconhecido. — Ela sorriu seu melhor sorriso mal-intencionado. — Como você sabe, o tabaco é ilegal.

Phoenix recostou-se na cadeira. — Você vai vir procurar?

— Sim.

— Então venha a bordo, Capitã Smooth. — Ele abriu os braços. Parecia que ele estava gesticulando em seu colo. — Eu sou todo seu.

Aquele riso veio novamente, mas desta vez ela o ignorou. Ela não tinha certeza se tinha controle total de seu temperamento.

— Comandante Tellis, organize o teletransporte para mim e a equipe de segurança para o cockpit do *Mercury*.

Drayna ficou em silêncio por um segundo antes de concordar. — Sim Capitã.

Nissa apreciou que Drayna não questiona-se a sua necessidade de ir a *Mercury*. Sua amiga tinha dado a Nissa muitas palestras sobre sua obsessão por prender Justyn Phoenix.

Segundos depois, uma luz azul brilhante envolveu Nissa, o raio de teletransporte girando e girando em torno dela. Então ela estava olhando para Justyn Phoenix em carne e osso.

Ele estava de pé agora e ela odiava que ela tivesse que olhar para cima. Ela era alta para uma mulher, e ela não tinha medo de usar sua altura para sua vantagem no trabalho, mas isso não era uma opção aqui.

Ele vestia calças marrom-escuras que se moldavam sobre aquelas pernas compridas dele, uma camisa branca e um colete azul-marinho deixado aberto.

Ela pegou o olhar de sua cabeça de segurança.

— Comandante Tryker, você e sua equipe podem começar sua busca agora. — O homem mais velho estivera com a Patrulha há muito tempo. Experiente, capaz e confiável, ela não precisava dizer a ele para não deixar nada escapar.

— Pode deixar, Capitã. — Sua voz continha um leve toque de seu sotaque tashiano.

— Gus, dê ao comandante uma mão — disse Phoenix.

Com um aceno de cabeça, o velho rabugento foi embora com Tryker e a equipe de segurança.

Então eram apenas os dois.

— Estou ansioso para dar um tapa de eletro-algemas em você.

Phoenix inclinou a cabeça e sorriu. — Agora, Capitã, eu sempre soube que você tinha uma personalidade dominadora sob esse seu uniforme engomado.

Nissa sentiu uma onda de calor passar por ela. Ela deu um passo à frente até que suas botas pretas e polidas bateram em suas botas cicatrizadas marrons. — Você é um criminoso e eu vou vê-lo atrás das grades.

Ele estendeu a mão e correu um dedo pelo lado do pescoço dela, tocando brevemente o início do padrão de escamas em sua pele. — Eu aposto quando as pessoas vêem esse seu padrão reptiliano sexy e acham que é apenas duro. Mas é tão suave.

Ela deu um tapa na mão dele. — Pare de me chamar por esse nome ridículo.

— Isso combina com você. Pele lisa, dourada como caramelo, com essas manchas tentadoras em padrão. Seu pescoço longo e elegante e a cabeça sexy e nua. — Sua voz profunda, oh tão esfumaçada. Ele se inclinou e ela sentiu seu hálito quente contra o rosto dela. — Nós dois sabemos que sua equipe de segurança não encontrará nada. O mesmo que da última vez que você me parou. E o mesmo antes disso.

O cheiro dele a emboscou. Impossivelmente, ele cheirava como as árvores cobertas de neve em seu mundo natal de Thusia. Maldito seja por cheirar tão bem.

— Você também sabe que eu não machuquei ninguém, não roubei de ninguém. Por que você tem uma necessidade tão ardente de me prender, Capitã?

— É o meu trabalho.

— Mas aqui fora na borda, ninguém realmente se importa muito sobre leis e regras. — Ele acenou com a mão. — As coisas são mais fluidas.

— As leis e regras existem para manter a ordem. Para manter as pessoas seguras. — Deusa, Nissa quase podia ouvir a voz de seu pai. O Comodoro Sander vivia e respirava a Patrulha, embora tivesse se aposentado há vários anos. — Se começarmos a deixar ou ignorar as regras, a borda se transformará em uma bagunça sem lei e caótica em menos tempo do que qualquer navio pode cruzar a fronteira galáctica.

O pensamento do caos sem lei a fez pensar em seu irmão. Ela sentiu uma pontada de dor e a sufocou.

Os dentes de Justyn eram brancos contra a pele bronzeada. — Mas Nissa, fazer bagunça é muito divertido.

Os lábios de Nissa se contraíram. Deusa, ele era a única pessoa que podia convencê-la de querer dar um soco e depois querer rir em questão de segundos. — Apenas fique fora do caminho enquanto minha equipe faz sua busca.

— Quer apostar que eles não vão encontrar nada?

Sua confiança fez seu coração afundar. Ela tinha a horrível sensação de estar saindo de mãos vazias e com o rosto vermelho. Novamente. — Não.

— Vamos. Que tal um copo daquele vinho Gluk'sol que você gosta de beber?

Ela balançou a cabeça. A última vez que ela esteve no Galaxy's Edge – a estação mais próxima e mais popular da fronteira, ela deixara que ele lhe comprasse uma bebida. Era uma regra não escrita no Galaxy's Edge que você deixava seus inimigos e brigas no espaço.

Nos bares e clubes da estação espacial, oficiais de patrulha de folga se deparavam com contrabandistas, mercadores abastados bebiam com ladrões de mercadoria e missionários dançavam com trabalhadoras do prazer. O maldito contrabandista a deixou embriagada, a fez rir, e deixou sua coxa roçar a sua no bar muitas vezes.

Ela era mulher o suficiente para admitir que se perguntava como seria Justyn Phoenix espalhado debaixo dela, nu e disponível para explorar suas mãos.

Mas ela era uma Capitã da Patrulha. Uma ambiciosa que é boa em seu trabalho. Então ela nunca deixaria a sua fantasia passasse disso. Ela imaginou o que seu pai teria a dizer sobre Phoenix.

Ela estremeceu. Nada disso seria bom.

— Capitã Sander?

A voz de seu especialista em comunicação surgiu através de seu nano fone de ouvido. Nissa manteve seu olhar trancado com a de prata do Phoenix e tocou sua orelha. — Vá em frente, Ensign.

— Há uma transmissão Pri-One para você. De HQ.

Uma prioridade significava algo grande.

— Eu estarei lá em um minuto. — Ela ouviu o passo característico das botas Patrol de volta ao cockpit. Tryker entrou, seu rosto escuro. Ele balançou sua cabeça.

Nissa suspirou. — Um dia desses, Phoenix, vou pegar você com as calças abaixadas. — Assim que as palavras saíram de sua boca, ela se amaldiçoou.

As linhas de riso em torno de sua boca se aprofundaram. — Oh, eu espero que sim, Capitã *Smooth*. Acredito que sim.

Ela deu uma olhada em seu rosto bonito, em seguida, olhou para sua equipe. — De volta ao *Freedom*.

O teletransporte chamegou e a última coisa que viu foram os olhos cinza-prateados de Justyn.

De volta à ponte, ela andou a passos largos para a sala de operações da ponte. — Ensign Gat'nar, coloque o Pri-One em meu console privado.

— Sim Capitã.

Nissa pressionou a plana no tablet ao lado da porta. A sala de operações era na verdade duas salas, a sala principal maior com uma mesa de conferência brilhante e uma sala adjacente. Esse era seu escritório particular.

Ela adorava que seu escritório tivesse uma grande janela redonda que dava uma vista deslumbrante do espaço. Algo dentro dela se aliviou. A vista do infinito preto, coberto por uma pitada de estrelas, nunca deixava de chamar algo dentro dela. Quando ela contornou a mesa, avistou a parte de trás da nave de Phoenix. Seu olhar se estreitou nas entradas do motor.

Se ela não estivesse enganada, ele tinha algumas modificações não estritamente legais.

Ela balançou a cabeça. Justyn Phoenix não era sua prioridade agora.

Deixando-se cair em sua cadeira, ela tocou a tela embutida em sua mesa. O rosto severo do Almirante Carmel DeRuyter enchia a tela, com o cabelo loiro-acinzentado e um elegante rosto cercando as características intocadas pelos populares tratamentos antienvelhecimento.

DeRuyter tinha sido uma mentora para Nissa desde seus dias na Academia de Serviços de Segurança Galáctica. Nissa respeitava a mulher mais velha, que passara as Guerras do Quadrante com uma série de elogios e era mais dura do que a maioria dos que estavam no Conselho do GSS. Acima de tudo, DeRuyter estava disposta a fazer qualquer coisa para proteger a galáxia.

— Senhora. O que posso fazer para você?

— É bom ver você, Nissa. Eu queria estar ligando em melhores circunstâncias. Nós temos uma situação e você é o navio mais próximo que temos.

Nissa esperou que a mulher continuasse, antecipação enviando uma chama através de seu sangue.

— Exatamente sete horas atrás, o documento da Constituição dos EUA foi roubado do Instituto Galáctico de Preservação Histórica.

— O que? — Nissa se sentou em sua cadeira. — *A* Constituição dos EUA? Um dos cinco códices da Constituição Galáctica? — Era um dos manuscritos mais reverenciados na galáxia, usado como base para a Constituição Galáctica. E era inestimável.

— Infelizmente, sim — disse a Almirante.

— Você sabe quem pegou?

— Temos algumas informações parciais. A Inteligência Galáctica conseguiu interceptar uma transmissão, mas eles só tem uma seção curta. Nós não sabemos quem roubou ou porque, mas sabemos que eles já passaram para um *gridrunner* de um homem chamado Hewett Kenth.

Um *gridrunner*. Um pequeno transportador, não diferente de Phoenix, que movia todo tipo de coisas ao redor da galáxia. Carga geralmente legal, mas todos sabiam que os *gridrunners* eram conhecidos por sair da ga e executar todo tipo de contrabando.

Hewett Kenth era um nome familiar. Ele percorria o quadrante do Êxodo em seu *runnerhip*, o *Dart do Comerciante*, e mantinha uma pequena base em Galaxy's Edge. Ela o prendeu três vezes no passado ... não, espere um minuto, quatro. — Eu conheço Kenth. Ele é estritamente pequeno. Não consigo vê-lo se envolvendo com algo assim.

— Bem, ele deve ter decidido se juntar às grandes ligas. Ele vai se encontrar com alguém na Estação Espacial Galaxy e entregar o artefato. — Os olhos azuis de DeRuyter brilharam. — Eu quero que você recupere e traga todos os envolvidos.

— Sim, Almirante.

DeRuyter sorriu. — Resolva isso, Capitã, e eu posso finalmente arranjar uma transferência de volta para um dos quadrantes centrais em seu futuro próximo.

Nissa se endireitou. — Sim, senhora.

— Atualize-me regularmente. — A tela ficou preta.

Nissa se levantou e caminhou para a ponte. — Liguem as unidades interestelares. Temos um artefato de valor inestimável para recuperar.

CAPÍTULO DOIS

Assim que o *Mercury* atracou no Galaxy's Edge, Justyn dirigiu-se para a porta. — Gus, certifique-se de levar o tabaco para o navio de Jesrit.

O comerciante já havia transferido o pagamento. Uma bela e pequena montanha de e-creds.

— Você manda, chefe. — O homem mais velho, um residente Edge que às vezes trabalhava com Justyn, começou a trabalhar.

Justyn bateu o controle para a porta e caminhou descendo a rampa fechada.

Seus irmãos estavam esperando.

— Estou surpreso você não está a bordo do *Freedom*. — Ousha, mais alto e mais malvado do que qualquer um dos seus irmãos, estava encostado à parede, braços cruzados sobre o peito. Seus olhos prateados eram sempre difíceis de ler e preenchidos com uma intensidade perigosa.

Justyn sorriu. — Sou escorregadio.

Rynan bufou. Ele era da mesma altura que Justyn, com a mesma constituição muscular, mas Rynan raramente sorria. Ele estava sempre muito ocupado checando e verificando novamente as armas, as rotas de vôo e a segurança da nave do comboio para se divertir. Ou limpando e polindo suas armas e facas. Ele tinha uma enorme lâmina amarrada na coxa e pistolas de íons gêmeas no coldre de seus quadris.

Por um segundo, uma lembrança de infância sombria brilhou na cabeça de Justyn. Os três, apenas meninos, preso na escuridão, ouvindo o barulho de botas pesadas nos degraus do porão. Rynan segurava um pedaço de madeira afiada que ele fizera em um shiv. O olhar inabalável de Dare nunca deixando os degraus, as mãos cerradas em punhos. O coração de Justyn estava batendo tão forte que ele achou que ele estaria doente.

Rynan mudou, quebrando a memória.

— Engraçado que você trabalhe tão duro para se soltar quando todos nós sabemos que você quer ser pego por uma certa Capitã da Patrulha.

Justyn sacudiu o passado e se deu um breve segundo para imaginar estar completamente sob o comando de Nissa. Ela era a coisa mais impressionante que ele já tinha visto. Ele se lembrou da primeira

vez que ela embarcou em seu navio, quase três anos atrás. Ele a encarou como uma criança apaixonada.

Ela tinha um ancestral reptiliano não muito longe em sua árvore genealógica que lhe dera um corpo longo e sinuoso com curvas tonificadas que deixavam seu pênis duro. Sua cabeça estava completamente sem cabelos, coberta de pele lisa e dourada, e combinava com o pescoço longo e elegante.

Ela tinha manchas de bronze, padrões de escamas de diamante em sua testa e maçãs do rosto. Isso o deixava louco se perguntando se ela tinha esse padrão em qualquer outro lugar em seu corpo. Ele sabia - das poucas vezes que chegara perto o suficiente para tocá-la - o padrão era tão suave quanto o resto de sua pele. Seus olhos eram amarelos com uma pupila preta alongada. E sua boca muito larga ... bem, isso tinha aparecido em seus sonhos com muita frequência. E sua voz suave e esfumaçada. Não havia muito que ele não achasse tentador sobre ela.

Fodidamente linda e fora de sua liga. Ele suspirou. — Todos nós sabemos que isso não vai acontecer.

Ele passou por eles indo para o Galaxy's Edge.

A estação espacial era um pedaço de lixo flutuante, selvagem e desorganizado, longe da lei e ordem dos sistemas centrais. Era um ponto de parada para exploradores, contrabandistas e qualquer um que quisesse fazer sua fortuna em um espaço desconhecido. Somente os muito corajosos, os muito desesperados ou os muito loucos preenchiam seus salões.

Enquanto ele caminhava pelo corredor, seus irmãos entraram em sintonia com ele. Justyn notou que as docas estavam ocupadas hoje, cheias do burburinho das tripulações dos navios, um grupo de missionários vestidos, um grupo jovem de exploradores barulhentos e um droide de limpeza solitário lutando uma batalha perdida contra a ferrugem e a areia no chão de metal.

Uma jovem escoltada por uma equipe de segurança, sem dúvida alguma filha de um rico comerciante indo para um casamento arranjado - olhou para Justyn no caminho. Ele atirou seu largo sorriso e piscou. Um rubor encantador varreu suas bochechas e ela timidamente baixou a cabeça.

— Você sabe, se você tentasse usar um pouco do seu charme em Nissa, você pode realmente chegar a algum lugar. — disse Rynan.

Justyn engoliu um bufo. — Nissa Sander é Capitã da Patrulha, com uma Carreira GSS. Ela nunca se rebaixaria a consorciar com um contrabandista. — E maldição, ele queria mais do que um rolo ilícito no feno que seria lamentado na manhã seguinte. — Além disso, o que faz você pensar que eu pegaria conselhos sobre minha vida amorosa de você? Você nunca compartilha sua cama com a mesma mulher duas vezes.

Rynan encolheu os ombros. — Pelo menos eu tenho mulheres na minha cama. A ação na sua infelizmente tem faltado ultimamente.

Justyn lhe disparou o dedo, um costume antigo que nunca perdeu sua popularidade.

— Justyn — O tom de Dare era profundo e comandando. E isso fez as pessoas ouvirem. Perfeito para um mestre de comboio. Fora no espaço desconhecido, ele segurava as vidas daqueles em seu comboio em suas mãos. Ele esperava uma obediência rápida e sabia como consegui-lo. — Você vai agir no fato de que você está apaixonado por Nissa Sander?

As mãos de Justyn se fecharam em punhos apertados. Ele não tinha admitido seus sentimentos para ninguém. Mas ele deveria saber que seus irmãos iriam lê-lo como um holo-doc aberto. Eles cresceram juntos no inferno, se conheciam melhor do que qualquer um podia.

— Eu arruinaria a vida dela. Sua carreira. Tudo que ela quer. Ela não precisa de um contrabandista com o nome dele em todas as listas anti-contrabando daqui até o quadrante da fronteira.

— Você está se rebaixando.

Não. Ele estava apaixonado por Nissa e isso significava que ele queria o melhor para ela. E ele não era o melhor. Ele passou a mão pelo cabelo.

Porra, ele precisava de um corte de cabelo.

Mas ele precisava de algo mais.

— Eu preciso de uma bebida. A primeira rodada é por minha conta no Moonrakers. — Talvez se ele ficasse bem bêbado, ele esqueceria da pele cor de caramelo que ele queria lamber. E uma boca larga e generosa que ele queria ver enrolada ...

— Na verdade, temos um trabalho possível ... se você estiver interessado — disse Dare.

Justyn olhou em seu irmão mais velho com o canto do olho, interesse sendo despertado. Ele sabia que o próximo comboio para fora do quadrante não estaria saindo por mais uma semana, então tinha que ser outra coisa. Um trabalho seria uma boa distração ... e seria melhor do que sofrer uma ressaca e ter que visitar um *medbooth* para se livrar dela.

— Alguma coisa precisa de contrabando?

— Não. Isso é uma recuperação.

Recuperação? Agora ele estava realmente curioso. — O que?

— Eu acho que vou deixar nossos primos fazer as honras.

— Primos? — Justyn gemeu. — Não me diga que aqueles ladinos de caça ao tesouro estão aqui.

— Eles não estão. — disse Dare.

— Eles estão na holo-comunicador. — acrescentou Rynan, com um leve sorriso nos lábios.

Justin gemeu novamente. — E eles estão tentando nos sugar para alguma caça ao tesouro? Desde que ajudamos Malin e seu cyborg a roubar alguns tesouros meses atrás, eles acham que somos seus próprios caçadores de tesouros.

— Vamos apenas ouvir o que eles têm a dizer — disse Dare.

Eles se dirigiram para os apartamentos que alugavam para a sua estadia no Edge. Eles não mantinham uma base permanente na estação espacial, mas Justyn se perguntava se seria uma boa ideia conseguir um lugar. Um lugar onde ele poderia realmente manter uma cama confortável para cair, talvez armazenar algumas de suas coisas.

Não na estação espacial.

Estava muito ocupado e os problemas de segurança faria a cabeça de Rynan explodir. Talvez algo em um planeta ou lua nas proximidades.

Que diabos? Justyn pressionou os dedos nos olhos.

Ele se estabelecendo em um lugar? Não era provável. Ele gostava de pegar e sair quando o clima o atingia. Ele odiava estar trancado em um ponto.

Os apartamentos eram ... duros. Nus e baratos. As paredes cinzentas eram, na melhor das hipóteses, úteis, na pior das hipóteses, feias. Os móveis eram novos quando os sistemas centrais eram espaços inexplorados.

Justyn foi até uma poltrona e caiu nela. A cadeira ajustou a sua altura e peso. Ou tentou. Enquanto as engrenagens se moviam ruidosamente, obviamente precisando de manutenção, ele deu uma batida no braço. A cadeira terminou seu ajuste, e ele felizmente recostou-se nela.

Rynan se dirigiu ao holo-comunicador na parede e apertou os controles. Dare inclinou um quadril contra a mesa maltratada no centro da sala e esperou.

Demorou alguns segundos para a transmissão se conectar. A tela iluminou-se e a imagem tridimensional de uma mulher francamente bela apareceu. Justyn arqueou uma sobrancelha e se inclinou para frente. Ela era mediana em altura e do que ele podia ver dela, ela tinha um pequeno corpo curvilíneo. Cachos escuros cascateavam sobre os ombros e olhos dourados brilhavam em um rosto adorável.

— Olá, linda — ele disse.

A mulher sorriu. — Você deve ser Justyn.

— A seu serviço.

Seus lábios se contraíram. — Fico feliz em ouvir isso.

Um homem se mexeu na frente da mulher, uma carranca escura no rosto. — Recue, Phoenix. Ela é minha.

Dathan Phoenix - infame caçador de tesouros galáctico, era todo músculo magro e cabelo escuro. Seus olhos azuis estavam quentes.

Justyn sorriu. Nada que ele gostasse mais do que irritar seu primo anteriormente afastado. — Com medo que ela escolha o melhor Phoenix?

Dathan cruzou os braços dele. — Não. E ela é uma Phoenix também. — Sua carranca se transformou em um sorriso. — Justyn, Dare e Rynan, esta é a Dra. Eos Rai-Phoenix. — O sorriso se ficou presunçoso. — Minha esposa.

Justyn bateu a mão na testa. — Eos, o que diabos fez você fazer algo tão estúpido quanto se casar com esse trapaceiro?

O sorriso de Eos irradiava felicidade. — Oh, apenas uma coisa chata chamada amor.

Amor.

Justyn tentou imaginar Nissa sorrindo enquanto falava sobre ele. Todos os seus sentimentos de provocação evaporaram, deixando-o com uma dor aguda sob as costelas.

— Prazer em conhecê-la, Eos. — O olhar de Dare mudou de Eos para Dathan. — Como está Malin?

— Doentiamente feliz vivendo em Centax com seu cyborg. Ela está ajudando a administrar o pátio de salvamento lá e Xander a estraga. Constantemente.

Justyn sorriu ao pensar em sua pequena prima mecânica de salvamento, domando o mortal cyborg da Centax Security com quem ela tinha ido até o The Edge com uma caça ao tesouro. — E Zayn e Niklas?

— Bem. Zayn está feliz por ser um homem casado.

— E Nik? — Justyn notou a omissão. — Ele está recuperado de seu ... encontro com Darc? — Justyn tinha estado lá na boate bem aqui na estação quando a caçadora de tesouros rival deixou Nik inconsciente.

— Ele está ... tudo bem.

Justyn ouviu a hesitação, mas deixou passar. Ele sabia que não iria querer se envolver com Nera Darc. A mulher era mortal.

— Você mencionou um trabalho? — Atreva-se a perguntar.

Dathan assentiu. — Um artefato foi roubado do Instituto Galáctico de Preservação Histórica.

— Assim? — Rynan descansou suas mãos no console.

— Um ladrão roubou a Constituição dos EUA do New Metropolitan Museum em Davyn V durante um jantar de gala.

Justyn piscou. Poeira do espaço sagrado. — *A* Constituição dos EUA.

— Existe outro? — Dathan perguntou secamente.

— Eu suponho que há alguma coisa acontecendo? — Dare perguntou, uma sobrancelha levantada.

— Sim — respondeu Dathan. — Algo grande.

— A notícia ainda não foi divulgada — acrescentou Eos. — Acabei de descobrir de um antigo colega do Instituto. Tenho certeza de que o GSS foi ativado para procurar o ladrão, mas uma vez que a palavra saia, todo caçador de tesouros, colecionador e ladrão estará atrás dos cinquenta milhões de e-creds.

Justyn assobiou. Essa quantia de dinheiro tentaria a escória da galáxia. — Mas o documento vale muito mais que isso, certo? Eles poderiam manter o documento e vendê-lo.

Dathan assentiu. — Claro, mas seria difícil cercar algo assim. Ainda assim, haveria alguns compradores dispostos a arriscar a ira do governo, do Instituto e do GSS para adquiri-lo.

Eos fez um barulho frustrado. — Chega de falar sobre dinheiro. A Constituição é mais importante que isso. É uma parte vital da história desta galáxia. Um dos cinco documentos em que toda a nossa lei se baseia ...

— Ela sempre fala assim? — Perguntou Justyn.

— Sim — respondeu Dathan. Quando sua esposa cutucou seu cotovelo em suas costelas, ele gemeu. — Eu meio que gosto disso.

Justyn tinha que admitir, o rosto de Eos Phoenix se iluminou durante seu pequeno discurso apaixonado.

Ela fez barulho na garganta. — Eu quero aquele documento retornado ao Instituto, onde pertence.

— Estamos muito longe para pegar o ladrão. — Dathan brincou com as pontas do cabelo de Eos. — Ouvimos dizer que ele está indo para o Galaxy's Edge.

Eos se inclinou para frente. — A taxa do descobridor será sua. Por favor, encontre a Constituição.

Justyn olhou para os irmãos, as sobrancelhas levantadas. Este não era o show de sempre, mas ele tinha que admitir que estava tentado.

Rynan deu de ombros e se atreveu a dar um leve aceno de cabeça.

— Ok, vamos fazer isso — disse Justyn.

Eos soltou um suspiro. — Obrigada.

Justyn assentiu. — Então, quem é esse ladrão e onde o encontramos?

— Meus informantes me dizem que é um *gridrunner* com o nome de Hewett Kenth.

— Kenth? — Justyn riu. — De jeito nenhum Kenth poderia ter conseguido isso. O cara é interessado, tem um bom navio, mas não consegue se organizar para sair de uma doca espacial vazia.

Dathan parecia pensativo. — Alguém deve ser o cérebro por trás disso, mas entregou para ele.

— Quem? — A voz de Dare era nítida.

— Nenhuma idéia. Eu não ouvi nem a sugestão de um sussurro. Apenas o nome de Kenth apareceu, junto com a confirmação de que ele estava correndo pelo quadrante a caminho do Edge.

Justyn ficou de pé. Ele queria uma distração e encontrar um tesouro galáctico inestimável era uma boa maldita distração. — Alguma idéia de quando Kenth vai aparecer?

— Sim. Baseado em sua última localização verificada, quatro horas atrás, ele está a cerca de uma hora de distância da estação espacial.

Justyn trancou olhares com seus irmãos. — Nós esperamos por ele aqui ou interceptamos?

Rynan sacudiu a cabeça. — Eu não arriscaria esperar. Ele poderia entregá-lo antes de chegarmos a ele ou mudar de curso para encontrar alguém fora da estação.

Justyn assistiu.

— Vou deiar *Mercury* pronto para voar. Acho que vocês dois deveriam ficar aqui, caso eu de alguma forma perder Kenth. — Justyn lançou uma saudação à esposa de seu primo. — Dra. Rai-Phoenix, vou pegar esse documento para você. — Ele piscou. — Talvez eu seja melhor nessa caça ao tesouro do que Dathan e seus irmãos.

Dathan revirou os olhos e deu o dedo a Justyn.

CAPÍTULO TRÊS

— Capitã, nós pegamos o *Dart the Trader* nos sensores.

Nissa ficou atrás da cadeira na ponte, segurando o encosto do banco. — Vamos pegar um ladrão, Tenente Allard.

— Espere um segundo — Gavin bateu em sua tela — … parece haver outro navio com o *Dart*.

O estômago de Nissa se apertou. — O que?

— Não, espere … se foi. Há interferência de sensor de eletromagnética, emissões de radiação de um pulsar próximo. Está atrapalhando minhas leituras.

Possivelmente outro navio? Nissa franziu a testa, um nó se formando em seu estômago. Bem, não havia muito que ela pudesse fazer até chegarem ao *Dart*.

— Mantenha o curso. E vamos espremer um pouco mais de velocidade da engenharia.

— Sim Capitã.

Eles passaram horas procurando na área do Galaxy's Edge pelo navio de Kenth. Ela não ia deixar ele ou a Constituição fugir.

Nissa se imaginou entregando o documento á Almirante DeRuyter e finalmente conseguir um comando de volta perto de Thusia. Seu pai ficaria emocionado. Eram apenas os dois e tinham sido assim desde que a mãe dela morrera e o irmão dela tinha ido embora.

— A assinatura de Kenth está do outro lado de Ubinas. — acrescentou Gavin. — Nós estaremos no alcance visual momentaneamente.

Ubinas era um planeta pequeno e inabitável, coberto de vulcões e lagos ácidos. As únicas pessoas que o visitavam eram mineiros de enxofre que procuravam por valiosos pedaços de enxofre amarelo brilhante.

Nissa bateu um dedo contra a cadeira. *Venha, venha*. Ela queria aquele documento inestimável em suas mãos e depois trancado no cofre de última geração em sua cabine.

— Arredondando Ubinas agora — disse Gavin.

Nissa ouviu a emoção na voz do homem. Ela sabia que sua equipe estava emocionada por estar envolvida na recuperação de algo tão importante como a Constituição. Eles estavam acostumados a missões menos excitantes aqui no limite. Nissa examinou a ponte e todos os rostos familiares cuidando de suas estações. Ela passou três anos chicoteando-os.

Eles eram uma equipe muito boa.

Ela sentiu uma pontada no peito. Ela sentiria falta deles uma vez que ela fosse embora.

Ubinas passou perto de seu porto, uma rocha negra coberta de manchas de vermelho e azul turquesa.

À frente, o *Dart* de Kenth apareceu. Seus motores estavam desligados.

E ancorado ao lado, havia outro navio muito familiar.

Nissa amaldiçoou e não se importou que fosse contra o protocolo. Com os dentes cerrados, ela disse: — Comandante Tryker, prepare a equipe para teletransporte. Mantenha isso discreto.

— Afirmativo, Capitã.

Enquanto seu agente de segurança organizava três de seus melhores seguranças, Nissa pegou sua própria pistola a laser e verificou. Ela empurrou de volta em seu coldre e olhou para Drayna. — Você tem o comando até eu voltar.

Seu segundo lhe ofereceu um aceno de cabeça. — Tente se lembrar que prendemos criminosos, não os matamos.

— Vou tentar. — Nissa girou e ficou com o equipe de embarque. Quando ela assentiu, o flash azul dos teletransportes se abriu na frente dela.

O cockpit do *Dart* era pequeno, então foi um ajuste perfeito para todos eles. Mas Nissa não prestou atenção em sua equipe se rematerializando nas costas dela.

Em vez disso, seu olhar estava no homem alto na frente dela. Ela viu o olhar no rosto bonito de Justyn. Culpa, ela decidiu.

Ela deu uma olhada para o homem menor sentado aos pés de Justyn, com os braços apoiados nos joelhos e o rosto machucado.

Hewett Kenth.

Justyn se adiantou. — Eu posso explicar …

— Cadê? — ela disse as palavras com uma calma impiedosa que não sentia.

Justyn fez uma careta. — Bem, há uma história …

— Sem essa porcaria, Phoenix. Onde está a Constituição?

— Capitã Smooth …

Nissa caminhou até ele, sua mão descansando em sua pistola no coldre. — Agora não é momento tempo para me testar. Onde. Está.O. Documento?

Justyn olhou para a pistola e encolheu os ombros largos. — Não está aqui.

Maldito seja ele.

A mandíbula de Nissa doía de apertar os dentes com tanta força. Ela estava com tanta raiva dele e algo em seu peito doía. Vinho, tabaco, artigos de luxo, ela poderia perdoar. Mas isso ... nem mesmo ela não poderia perdoá-lo isso.

— Comandante Tryker, prenda esses dois homens e os acompanhe para a prisão *do Freedom*.

Os olhos cinza-prateados de Justyn piscaram, mas pela primeira vez não havia um sorriso descuidado no rosto. — Eu posso explicar, Nissa.

Ela se afastou dele e lançou um olhar ao seu especialista em segurança. — Consiga mais pessoas aqui. Rasgue este navio ao meio. Eu quero a Constituição.

Nissa saiu do cockpit. Ela pensou que finalmente trancar Justyn Phoenix a deixaria feliz.

Isso não aconteceu.

***

Justyn estava deitado de costas no beliche baixo, as mãos cruzadas sob a cabeça, olhando para o teto de sua cela.

Ele estava fazendo seu cerebro funcionar um pouco para sair daquela confusão. Nissa realmente não era tão ruim assim.

Ainda assim, ele se sentia ... inseguro. Aquele olhar que ela lhe dera no cockpit do navio de Kenth tinha queimado através dele e o deixado se sentindo retalhado por dentro.

Ele ouviu vozes no corredor do lado de fora e virou a cabeça. Havia uma grande janela de vidro sintético e uma sólida porta de metal ao lado. O GSS não usava campos de força que poderiam falhar se os sistemas de energia caíssem.

A porta se abriu e, quando Nissa entrou, Justyn girou para se sentar, com as mãos apoiadas nos dois lados do beliche.

— Você pode ir — ela cuspiu.

Porra, ela estava brava. Sua voz era tão fria quanto gelo Perman e seu corpo adorável estava rígido como aço.

— É isso aí? — ele perguntou.

Seus olhos amarelos se estreitaram. — Isso não é uma piada, Phoenix.

Não, não era. — Eu acho que sua busca não terminou com a Constituição em suas mãos? E que você descobriu, como eu descobri, que alguém já havia aliviado Kenth do documento.

Ela não disse nada, mas ele viu a verdade de suas palavras refletidas em seu rosto.

— Ele disse a você quem pegou? — Justyn continuou.

— Jonas Solomonn.

— Caçador de tesouros. Atrevido e arrojado, pelo que ouvi.

— Esse apelido serve para outra pessoa que eu conheço.

Seu tom seco e o mais leve abrandamento de seus ombros rígidos lhe disseram que ele estava perdoado. Bem, não inteiramente, mas pelo menos um pouco. — Eu posso ajudá-la a encontrar Solomon.

— Eu não preciso da sua ajuda.

Ah, mas ele queria ajudá-la. Ver seu olhar para ele com desapontamento e desconfiança quase o destripara. Ele manteve distância da Capitã deliciosa, mas ele seria condenado se ele não quisesse um pouco de gosto de toda aquela pele dourada. Ele a queria por tanto tempo. E ele também queria provar a ela que ele não era apenas um contrabandista safado.

— Vamos, Nissa. Você sabe que eu tenho contatos no Galaxy's Edge que não falam com você nem que você lhes pagasse um milhão de e-creds. Eu posso ajudar a descobrir onde Solomonn foi.

Ela se inclinou para mais perto. — Você acha que eu não sei o que teria acontecido se você tivesse pego Solomonn depois de falar com Kenth? Eu estaria perseguindo sua bunda ao redor do quadrante.

— Não é verdade. Eu teria entregue a Constituição às autoridades competentes.

— E embolsado a taxa requerida.

Ele estendeu as mãos e lançou-lhe um sorriso. — Eu não posso viver só de ar reciclado, Capitã Smooth.

Ela bufou, seu olhar deslizando por seu corpo. — Eu diria que você vive muito bem com todos os seus ganhos de contrabando.

— Eu nunca fui pego com contrabando ou formalmente acusado.

Ela revirou os olhos.

— Saia do meu navio, Phoenix. — Ela se virou para sair.

— Porra. — Ele agarrou o braço dela. — Nissa, *posso* ajudá-la a encontrar Solomon

Nissa olhou para a mão dele e depois para o rosto dele. — Olhe suas maneiras em meu navio.

Ele estremeceu. — Desculpa. Mau hábito meu.

— Eu encontrarei Solomon. Eu já tenho minha equipe trabalhando nisso.

— Antes de vender a Constituição para o maior lance?

Sua mandíbula se apertou.

Justyn entrava para matar.

— Além disso, conheço algumas pessoas que acompanham de perto Solomon. Sabem como ele opera, onde são seus locais favoritos, quem são seus compradores favoritos. — Justyn fez uma careta. — Estou relacionado a eles, na verdade.

Os olhos amarelos de Nissa se voltaram considerando. — Você está falando sobre os *famosos* irmãos Phoenix.

— Ei, eu, Dare e Ry não somos exatamente desconhecidos.

Ela sorriu agora.

— Aqui no limite, talvez. Mas vocês não são os irmãos Phoenix galardoados com galáxias. Eu soube que Dathan Phoenix é um excelente espécime para contemplar.

Justyn sentiu a dor em seu orgulho mas seu sorriso largo lhe disse que ela estava tentando mexer com ele.

— Ele é casado — disse Justyn rigidamente.

Ela ficou ali estudando Justyn até que ele se sentiu como um espécime no laboratório de ciências de sua nave.

Ele sorriu e bateu nela com o ombro. — Vamos, Nissa. Vamos trabalhar juntos e recuperar esse artefato.

Ela soltou um suspiro. — Bem. Mas enquanto você está no meu navio, você segue *minhas* ordens. — Ela levantou uma sobrancelha. — Acha que consegue lidar com isso?

Ele tentou esconder seu sorriso triunfante. — Eu acho que posso lidar com isso muito bem. Você não vai se arrepender disso.

Ela girou nos calcanhares de suas botas polidas, depois olhou por cima do ombro.

— Eu já me arrependi.

CAPÍTULO QUATRO

Nissa estava na porta de sua sala de operações, observando sua equipe trabalhando ao redor da mesa de conferência com comunicadores Sync de mão e consoles de computador portátil. Era uma visão familiar. Sua equipe trabalhava bem em conjunto, executando pesquisas, propondo cenários e planos.

O que não era familiar era o corpo musculoso de Justyn Phoenix na mesa.

Gavin Allard parecia ter suavizado em direção ao contrabandista, chamando Justyn para dar uma olhada em algumas informações em sua tela holográfica. Um segundo depois, Bella Gat'nar se inclinou para dizer algo a Justyn. Ele balançou a cabeça e sorriu para a mulher, que corou todo o caminho até as raízes de seu cabelo loiro, seu rabo balançando loucamente.

Nissa sentiu um clarão de ... algo quente e pontudo. Aborrecimento. Isso era tudo. Ela não gostava que seu navio em ordem fosse interrompido. Ela espreitou para o quarto.

— Relatório de status.

A cabeça de Justyn se levantou, seu olhar zerando nela. — Nada ainda.

Nissa olhou para Allard. Ele limpou a garganta.

— Nós colocamos um ATL galáctico no navio de Solomon. — Ele olhou para Justyn. — Essa é uma tentativa de localizar seu navio. — Ele se virou para Nissa. — Phoenix aqui forneceu todos os detalhes que ele tinha do navio de Solomon.

— Um pequeno e doce navio Talor. Está um pouco maltratado, mas aparentemente Solomon o mantém parecendo um balde de ferrugem do lado de fora e em bom estado no interior. Ele já recebeu mais de um navio-patrulha ... — Justyn parou e olhou ao redor da sala com um sorriso de desculpas — E já tentou mais do que uma vez aliviar todos os seus pertences para não ser apanhado.

— Nós vamos procurar com varreduras de sensor de longo alcance — disse Nissa.

Justyn sacudiu a cabeça. — Não, você não vai. Ele tem um X-59.

Nissa reprimiu uma maldição. Ela tinha sido frustrada por um X-59 antes. Ele embaralhava a assinatura de um navio, alterando-o periodicamente, de modo que era impossível rastrear. A tecnologia era

experimental e muito, muito cara. Solomon deve estar se saindo muito bem no negócio da caça ao tesouro.

— O que mais nós temos nele?

Tenente Luciana Galen, a diretora de ciências de Nissa se inclinou para frente.

— Justyn nos remeteu para seu primo, Dathan, e sua esposa, Eos. — A voz da mulher normalmente sensata ficou um pouco sem fôlego.

Nissa deu um suspiro interno. Outra fã do caçador de tesouros. — E?

Luciana pigarreou, colocando uma mecha do cabelo castanho encaracolado atrás da orelha. — Certo. Eles disseram que os principais lugares de Solomon são a Estação de Lisboa, o mundo comercial Duke e o mundo do mercado cinza de Shilin.

— Ele não tem uma base permanente, então?

— Não. — Justyn se recostou na cadeira, as longas pernas esticadas na frente dele, cruzadas nos tornozelos. — Ele se movimenta muito. Procurando pelas caçadas mais lucrativas.

— Eu ouvi em sua última caça ao tesouro que ele encontrou um colar de diamantes que se diz ter pertencido a uma rainha terráquea chamada Marie Antoinette. — Bella disse.

Não é de admirar que Solomon pudesse comprar um X-59. Raiva percorreu as veias de Nissa. Ela queria o documento de volta. Agora.

— Nós sabemos *alguma* coisa que nos ajude a encontrá-lo?

Ela notou Justyn a observando com aqueles olhos estelares dele. Deusa, ele a deixava inquieta. Quanto mais cedo ela encontrasse a Constituição, mais cedo ela o tiraria de seu navio.

— Nós também temos uma lista de seus compradores habituais. — acrescentou Justyn.

Nissa sentiu um tiro de interesse. Isso era mais do que eles tinham.

— Se pudéssemos descobrir para quem ele está planejando vendê-lo, podemos interceptá-lo antes da venda.

Justyn assentiu. — Esse é o plano.

Ela se aproximou da mesa. — Deixe-me ver a lista.

Justyn se levantou e girou a cadeira vazia para ela. Foi um show de boas maneiras que ela nunca tinha esperado dele. Ela deu um pequeno aceno de cabeça e afundou no couro sintético. Ainda estava quente de seu corpo.

Ela se concentrou na tela na frente dela quando Gavin trouxe os compradores. Cada um foi acompanhado por uma imagem e detalhes vitais.

— Vincent Vano — disse Justyn.

Nissa olhou para o rosto duro e cheio de cicatrizes do homem que administrava um lucrativo sindicato do crime organizado.

— Chefe de máfia fora do quadrante Nostra.

— Não é provável que esteja interessado na Constituição dos EUA. — A voz de Justyn soou por cima do ombro dela.

Não. Vano tinha um ódio flagrante pela lei.

A tela brilhou. Um rosto de pele cinza de uma fêmea insetóide encheu a tela.

— Remala — disse Gavin.

Nissa examinou os detalhes da mulher. — Eu não estou familiarizada com ela.

— Colecionadora particular. — Justyn segurou a parte de trás da cadeira de Nissa, as pontas dos dedos escovando entre as omoplatas.— Rica como pecado e gosta de gastar em artefatos, principalmente manuscritos.

Nissa se moveu minuciosamente para frente, longe da queimadura daquele breve toque.

— Então, ela é uma das candidatas para comprar a Constituição. — Nissa assentiu. — Próximo?

— Júlio e Amorelia Zan — disse Justyn.

Nissa olhou para os rostos bonitos e quase cruéis do casal na tela.

— Eu ouvi os nomes deles. Quem são eles? — O homem tinha pele bronzeada e cabelos compridos e escuros. A mulher tinha pele azul-clara combinada com uma cascata de cabelos loiros e brancos. Eles eram impressionantes.

— Telepatas acasalados. A vivem do lado de fora da borda da galáxia.

Ela ouviu algo na voz de Justyn e olhou para ele. — Você os conhece?

— Eu os encontrei uma ou duas vezes enquanto estava no comboio com meus irmãos. Você *não* quer mexer com esses dois. Individualmente, ambos são fortes telepatas, mas juntos ... eles podem ampliar as habilidades um do outro. — Ele franziu o cenho. — Eles gostam de assumir o controle da mente das pessoas.

Nissa olhou para a tela com desgosto. — As chances de que eles querem a Constituição?

— Nós achamos que não é algo que eles queiram — Bella falou. — Eles gostam de coletar artefatos e têm uma coleção eclética. Pinturas, esculturas, livros.

Justyn sacudiu a cabeça. — A maior parte de sua coleção tem alguma associação á telepatia. A última pintura que eles compraram foi uma paisagem estelar supostamente pintada pelo último dos Vega-Lyrans.

Nissa levantou as sobrancelhas. Vega-Lyrans - uma raça psiônica há muito perdida, capaz de incríveis feitos de habilidade psíquica. Eles ouviram rumores de serem capazes de controlar milhares de pessoas, eles eram capazes de mover naves inteiras ou mesmo destruir um planeta, simplesmente com um pensamento. Eles foram caçados até a extinção e agora eram apenas uma lenda em toda a galáxia.

— Alguém mais?

Gavin respirou fundo. — Ulysses Mackon.

As sobrancelhas de Nissa se levantaram. — O rei pirata de Alchemia?

— O primeiro e único — disse Justyn.

A imagem era de um belo homem mais velho parado no convés de uma aeronave, agarrando uma das amarras que seguravam o convés, Nissa sabia que seria um enorme navio preto em forma de charuto.

Mackon operava ao longo da borda da galáxia e estava baseado no mundo movido a vapor, Alchemia em um espaço desconhecido. Ele gostava de atravessar a fronteira galáctica para atacar qualquer espaçonave que carregasse carga que o interessasse.

Ela tinha sido enviada atrás dele uma vez, mas ele cruzou a fronteira e, portanto, estava fora de sua jurisdição. Na maior parte do tempo, GSS o ignorava, mais preocupados com os contrabandistas que

traziam mercadorias *para* a galáxia, em vez de se preocupar com piratas e ladrões levando alguns itens saqueados.

Só então Justyn se inclinou para frente e estendeu a mão por cima do ombro para tocar a tela. Seu grande corpo encheu o dela e ela endureceu. Ela queria afastá-lo, mas ela não queria causar uma cena na frente de seu time.

Ela levou uma profunda respiração e puxou em seu maldito perfume sedutor.

Ele é um criminoso, Nissa.

Mesmo que ele nunca tivesse sido acusado de nada. Criminoso era um criminoso, o pai dela sempre dizia. Normalmente, quando ele estava falando sobre o irmão de Nissa. Justyn não era nada parecido com Maxir, mas o Comodoro Jonathan Sander colocaria Justyn Phoenix na categoria de vilão, tão rápido que Justyn acabaria como o efeito colateral interestelar.

Nissa olhou para a tela, tentando se concentrar.

— Eu não acho que Mackon é um concorrente como um comprador.

— Por quê?

O hálito quente de Justyn roçou sua bochecha. Ele ainda estava enjaulando-a, inclinando-se muito perto.

— Ele é um pirata. Vive em um mundo movido a vapor com pouca alta tecnologia. — Que tecnologia a Alchemia tinha, Mackon controlava. O resto dos habitantes do planeta eram pobres demais para trocar seus dispositivos anacrônicos por qualquer outra coisa. Mackon os manteve onde ele queria, debaixo do polegar. — Como Vano, ele pouco se importa com a lei. Por que ele iria querer um símbolo disso?

As mãos de Justyn se moveram novamente para as costas da cadeira. Seus dedos roçaram sua espinha e Nissa sentiu uma onda de calor em sua barriga.

— Mackon tem um senso de humor perverso. O cara vive para ser um pirata.

— Você o conhece?

— Sim. Passei um pouco de tempo em Alchemia. — Justyn apalpou a cicatriz que cortava sua sobrancelha esquerda.

— Foi lá que você conseguiu sua cicatriz? — As palavras saíram de sua boca.

Ele sorriu.

— Certo. Enquanto eu estava balançando entre aeronaves, rezando para não aterrissar nas águas infestadas de criaturas abaixo.

Ela não acreditou em uma palavra disso.

Justyn piscou. — Alchemia tem um certo charme à moda antiga.

Nissa ponderou a ideia e, ao mesmo tempo, sentiu a escova enlouquecedora dos dedos de Justyn novamente. Não foi um erro desta vez. Um toque deliberado que traçava ao longo de sua omoplata esquerda. Ela encolheu os ombros para quebrar o contato.

— Ainda não consigo ver Mackon querendo a Constituição.

— Acredite em mim, o cara acharia a ironia final ao ter a maldita coisa pendurada naquela fortaleza flutuante que ele chama de lar.

Nissa se levantou e se virou. — Nós vamos considerar isso, mas por enquanto focaremo em Remala.

Ela olhou para sua equipe, esperou por seus acenos de concordância.

Um toque baixo soou de um console. Gavin bateu na tela e olhou para cima. — O navio de Solomon foi descoberto por uma patrulha.

— Onde? — Nissa disse bruscamente.

— Na Estação Científica Rimla. Perto da fronteira da galáxia.

Justyn lançou-lhe um sorriso maroto. — Apenas algumas centenas de milhões de quilômetros de Alchemia.

Nissa usou toda a sua autodisciplina para permanecer no controle. Porra, ela queria bater aquele sorriso no rosto dele. — Bem. Tenente Allard, envie as coordenadas para a navegação e faça o curso para a Alchemia.

***

— Não vai funcionar, Nissa.

Justyn observou Nissa, toda cuspindo e polida em seu uniforme azul-marinho, delineada pelas grandes janelas do chão ao teto em seu escritório na sala de operações. Ele seria condenado se ele não admitisse estar se coçando para tirar esse uniforme dela, lentamente, e descobrir o que ela usava embaixo dele.

Ela girou e ele viu aqueles olhos estonteantes com suas pupilas alongadas quentes.

— Isso é Capitã Sander para você.

Porra, aquela voz suave de uísque dela o deixava louco.

— Bem. Seu plano é asinino, *Capitã Sander*.

Ela cortou a mão no ar. — Eu tenho perseguido criminosos por um longo tempo, Phoenix. — Um olhar aguçado o cortou.

Ela com certeza gostava de apontar seu status criminal. O tempo todo.

— Meu plano é sólido. Levar uma equipe de segurança armada até a Capital Alchemia, Cirrus City, encontrar Solomonn e adquirir a Constituição.

Justyn pressionou as palmas das mãos contra sua mesa preta brilhante e se inclinou para frente. — Assim que uma equipe de patrulha uniformizada pisar na cidade flutuante, os homens de Mackon estarão em cima de você. Lembre-se, você não tem jurisdição lá. Ele pode abater seu time e ninguém piscará.

Ele podia vê-la mastigando isso. Ele amava essa mente inteligente. Ela quase o enganou tantas vezes e ele sabia que, por todo o esmalte e polimento, ela era uma especialista em pensamento estratégico fora da caixa.

— Precisamos ir sem grandes aparatos — disse ele. — Podemos nos vestir como os habitantes locais. Fazer perguntas discretas sobre o paradeiro de Solomon.

— Quantas pessoas?

Ele sabia que ela veria a razão. — Dois. Eu e um outro.

Ela levantou uma sobrancelha. — Você? Você acha que eu vou deixar você assumir a liderança nisso?

— Sim. Porque eu já estive na Alchemia, conheço pessoas lá e sou sua melhor chance.

Ela soltou um suspiro. — Droga, você está certo.

Ele atirou-lhe um largo sorriso. — Eu poderia me acostumar a ouvir você dizer isso, querida.

Ela fez uma careta. — Sonhe, Phoenix.

Ele lutou para manter seu sorriso no lugar. Ele teve tantos sonhos sobre esta mulher. Ele se acostumara a cair no seu beliche todas as noites e ver seu rosto em seu sono.

— Diga-me quem você está designando para vir comigo e eu organizarei alguns disfarces. Ouvi dizer que você tem uma ótima impressora de mercadorias a bordo. — Allard contou a ele sobre isso. Justyn poderia codificar em qualquer coisa que ele precisasse e a impressora iria criá-lo.

— Eu vou contigo.

Ele parou. — O que?

— De jeito nenhum eu estou deixando você em qualquer lugar perto da Constituição sem mim a dois metros de você.

Sua falta de confiança doia. Ele passou a mão pelo cabelo.

— Eu não vou fugir com a maldita coisa.

— Então você diz. — Ela contornou a mesa. — Então, vá e organize nossas roupas. Você pode ir.

Ele olhou para ela por um segundo, depois saiu com um aceno.

Suas botas não faziam barulho no piso de borracha do corredor, nada para distraí-lo de seus pensamentos. Ela queria ir com ele para a Alchemia.

Tudo bem, claro, não há problema. Quanto mais andava, mais ele se entusiasmava com a ideia. Esta seria uma excelente oportunidade para ter Nissa Sander em seu encargo. Mostrando a ela a incrível vista da Alchemia.

Ele finalmente teria a mulher de seus sonhos sozinha, além da borda. Sem regras, sem leis, sem limites.

Justyn estava sorrindo enquanto ele requisitava na impressora de mercadorias. Ele estava assobiando para si mesmo enquanto encomendava sua roupa. Ele estava completamente alegre quando ele ordenou as roupas de Nissa.

Ele organizou para um alferes entregar a roupa de Nissa em sua cabine pessoal e dirigiu-se ao cabine que tinha sido atribuída a ele para que ele pudesse tomar banho e mudar.

Ele assobiou enquanto andava. Ele não podia *esperar* para ver Nissa em sua roupa.

Contanto que ela não tentasse matá-lo.

CAPÍTULO CINCO

Com o cabelo ainda úmido, Justyn puxou as calças de lã marrom, encolheu os ombros em uma camisa branca de jardim com um colarinho alto e seguiu-o com um colete de couro escuro. Ele colocou pistolas de cano duplo em seus quadris e puxou um cinto de munição de couro - preenchido com balas de projétil de metal - de lado sobre o peito. Para terminar, ele puxou luvas de couro curtas e levantou as mãos dele.

Hmm, ele gostou bastante do olhar arrojado deles.

Se olhando no espelho, a última coisa que fez foi prender um dispositivo ocular desajeitado no olho esquerdo. Era feito de metal cor de cobre com uma lente verde brilhante no centro. Ele se encaixaria perfeitamente em Alchemia.

Ele olhou ao redor da cabine, ajustando-se à visão aprimorada. Ninguém saberia que não estava realmente enxertado em sua pele. E ninguém - exceto ele - saberia que dentro do casco antiquado havia um dispositivo moderno de alta tecnologia que fornecia visão noturna e imagens térmicas.

Hora de ver como sua parceria estava indo.

Ele caminhou pelo corredor e subiu uma série de degraus até onde a cabine da Capitã estava localizada. Ele pressionou a mão no painel ao lado da porta e esperou sua permissão para entrar.

As portas se abriram silenciosamente. Tudo no *Freedom* estava brilhando. Nissa gerenciava perfeitamente esse navio.

Ele entrou em uma modesta área de estar com uma pequena área de cozinha ao lado. Uma porta levava ao que ele imaginava ser o quarto dela.

Quarto.

Dela.

Uma sugestão instantânea para seu cérebro começar a fugir pensando sobre onde ela dormia ... e fazia outras ... coisas noturnas ...

— Só um minuto — ela gritou.

Justyn deu-se um tapa mental e forçou seu foco em outro lugar. Ele vagou por sua sala de estar, curioso sobre seu espaço privado.

Não havia muito em termos de toques pessoais. Era limpo e arrumado, o que ele esperava. As estrelas proíbem que Nissa Sander tenha uma cabine bagunçada. Havia uma foto emoldurada de um homem de uniforme com uma mulher de pele cor de caramelo numa prateleira do outro lado da sala. Justyn franziu a testa, apertando seu intestino.

Nissa tinha alguém nos sistemas centrais?

Ele pegou o quadro, pronto para esmagá-lo contra a parede.

Então ele relaxou. Era uma foto de um homem mais velho de aparência severa, com cabelos grisalhos. Mas a forma de seu rosto e olhos eram exatamente os mesmos que os de Nissa. O pai dela. A mulher sorridente e meio reptiliana ao seu lado dava uma boa indicação de que Nissa envelheceria muito bem.

— Eu não estou usando isso.

Justyn baixou o quadro e virou-se. Sua boca ficou seca como poeira espacial.

As calças pretas de couro sintético estavam tão apertadas que pareciam pintadas. Elas estavam enfiadas em botas pretas que batiam nos joelhos dela e estavam cobertos de pesadas fivelas de prata. O topo, ele engoliu o nó na garganta, estava coberto por um espartilho de couro preto apertado. O fino algodão branco da camisa estava tão

apertada que ele podia ver a sombra de sua pele dourada por baixo. E o espartilho era tão apertado que apertava sua cintura até proporções incrivelmente minúsculas e aflorava seus seios.

Tenha misericórdia.

Ele planejava provocá-la com uma roupa sexy que também era prática para sua missão, não se atormentar.

— Phoenix, meus olhos estão aqui em cima.

O tom dela o fez levantar o olhar. Olhos castanhos comuns. Ela usava lentes de contato para esconder suas pupilas alongadas e coberturas dermologicas para esconder seu padrão de escamas reptilianas. Ele odiava que suas belas marcas e olhos estivessem escondidos. Um par de óculos de proteção estava em cima de sua cabeça nua e bem formada.

— Bonitos ... óculos de proteção — ele falou.

Ela lançou-lhe um olhar que passou por ele. — Eu quero uma roupa como a sua.

— Isso é o que as mulheres usam em Alchemia. — Ele acenou para ela. — Ou vestidos enormes com saias enormes. Não achei que você apreciaria isso.

— Eu não entendo por que eles têm roupas tão ... tão ... arcaicas.

— Alchemia foi iniciado por um cientista maluco chamado Nigel Magellan Rowbotham. Ele tinha coleções de tecnologia movida a vapor e manuscritos falando sobre uma época na Terra quando as aeronaves governavam o céu e o vapor era rei. — Justyn encolheu os ombros. — A maioria dos astro-arqueólogos não acreditam que a Terra tenha passado por um período como esse, mas ninguém sabe ao certo. Talvez fosse apenas ficção, mas Rowbotham acreditava o suficiente para imitá-lo. E a Alchemia nasceu.

— E agora?

— E agora, Ulysses Mackon não deixou isso mudar. Já agora, eu tenho outra coisa para você. Eu tive Luciana me ajudando com isso. — Ele ofereceu seu presente para ela.

Nissa franziu a testa. — Uma arma velha?

— Não, uma perfeitamente moderna pistola laser da Patrulha disfarçada para parecer uma arma velha.

— Obrigada. — Ela verificou a pistola, em seguida, deslizou-a em seu cinto.

Justyn notou que uma fivela na parte de trás do seu espartilho estava solta. Ele deu um passo atrás dela. — Deixe-me apertar isso para você.

Ele puxou a alça e fechou a fivela.

Ela respirou fundo, seus seios subindo. — Calma!

Olhando por cima do ombro, o olhar de Justyn bateu naquelas curvas cheias de carne. Eles não eram grandes, mas também não eram pequenos. Ele queria moldá-los com as palmas das mãos, apertar seus mamilos até que estivessem pequenos e apertados em picos. Ele colocou uma palma na nuca e sentiu o calor de sua pele através do tecido.

Nissa congelou sob o toque dele.

— Nissa.

Apenas um pequeno gosto dela. Isso era tudo o que ele queria.

Precisava.

Ele amassou sua pele, abaixou sua cabeça e pressionou seus lábios para o ponto delicado abaixo de sua orelha direita.

Ela estremeceu contra ele.

— Phoenix. — Um sussurro ofegante. Quando ele levantou o olhar, viu que os olhos dela estavam fechados.

— Toda essa pele dourada ... me dá tantas idéias. — Ele deslizou os dedos ao longo do ombro dela e mergulhou sob o tecido branco, sentindo o músculo tonificado embaixo. Ela era forte e sexy, e para ele, isso tornou-a ainda mais atraente.

Ela arqueou as costas, empurrando os seios lindos para cima.

Ele tinha que tocá-la.

Um sinal sonoro soou. Justyn ignorou isso.

Então a voz de Allard encheu a cabana.

— Capitã Sander? Sr. Phoenix? Acabamos de atingir o limite da galáxia e estamos cruzando o espaço desconhecido. Uma hora até chegarmos a Alchemia.

Nissa soltou um suspiro e se afastou de Justyn.

Ele pensou por um segundo que ela se recusaria a olhar para ele, ou correria para a segurança de seu quarto.

Mas ela não fez. Claro que ela não fez. Esse não era o estilo de Nissa.

Ela endireitou os ombros, qualquer indício remanescente da mulher por baixo do uniforme desaparecendo. — Faça o que tiver que fazer para se preparar. Eu te encontrarei na sala de teletransporte em uma hora. — Seus olhos se estreitaram. — E Phoenix?

— Sim?

— Mantenha suas mãos para si mesmo. — Ela girou e saiu da cabine.

***

Quando Nissa saiu da Estação de Transporte Espacial Alchemia e entrou na balsa flutuante que compunha o principal nível da capital do planeta, Cirrus City, as imagens, cheiros e sons a dominaram.

Ela parou, o pescoço arqueado, olhando para os enormes balões flutuando acima da cidade como gigantes *starcruisers*. Dirigíveis e jangadas menores estavam amarradas à jangada principal, dando à cidade flutuante uma sensação aleatória. Sob seus pés, ela sentiu um balanço suave que ela imaginou que os moradores nem notassem.

A rua estreita era ladeada por casas de dois andares em ruínas feitas de plástico ou madeira. Aço ou pedra teria sido muito pesado. Uma massa de pessoas corria pela calçada, homens com roupas semelhantes às de Justyn, pessoas reforçada com membros mecânicos e outros dispositivos brutos, droids relojoariam passando com um ruído *clacking* distintivo, e as mulheres em enormes saias e corpetes firmemente apertados.

Todos os tipos de transporte passavam, pessoas vendendo transportes de uma só pessoa e alguns riquixás movidos a vapor. Acima de sua cabeça, algumas pessoas estavam voando em pequenos girocópteros. O zumbido das lâminas girocópteras competia com o bufos de riacho dos riquixás abaixo e os gritos de vendedores ambulantes vendendo suas mercadorias na rua.

— Leva um pouco para se acostumar. — Justyn pareceu não ser afetado pelo caos.

— É tão diferente de qualquer outro mundo que eu visitei. — Ela observou uma mulher passar correndo segurando uma cesta de madeira cheia de roupas no quadril. — Eu simplesmente não consigo entender porque eles não têm mais… tecnologia moderna. Roubada, contrabandeada, alguma coisa.

— Eles não podem pagar. — Justyn estudou a rua agora. — Mackon tem uma mão firme em todo o planeta. — Justyn acenou com a cabeça na estação de transporte. — Ele controla quem pode entrar e sair do planeta. A única maneira de entrar ou sair é a estação de transporte, onde suas próprias naves estelares transportam as pessoas para a estação orbital. Por uma taxa pesada, é claro.

Onde eles deixaram um ônibus disfarçado do *Freedom*. Eles não poderiam arriscar trazer um navio da Patrulha para perto demais. Em vez disso, sua equipe de manutenção pintou apressadamente um ônibus espacial e modificou todos os recursos que gritavam 'GSS' , e ela havia pilotado a si mesma e Justyn para a estação orbital.

— Então, muito poucas dessas pessoas já foram embora do planeta?

— Está certa. Eles estão mais preocupados em usar suas moedas para alimentar suas famílias — Ele acenou com a cabeça ao longo da rua. — Vamos, vamos para a Flying Compass.

— Flying Compass?

— Uma pousada. Tem a melhor cerveja em Cirrus City. E também a melhor informação.

Nissa seguiu-o pela rua. Ela acenou para as mulheres que tentavam vender frutas e verduras frescas, imaginando que em algum lugar da cidade tinha que haver jardins. Ela pegou um pequeno menino de rua tentando pegar seus bolsos e mandou os jovens com uma moeda, outro item antiquado que eles criaram na impressora de mercadorias da *Resolute Freedom*. A maior parte do resto da galáxia usava e-creds durante séculos.

Era surpreendentemente legal a cidade. Um vento forte soprava pelas ruas, encontrando seu caminho através das roupas e bagunçando qualquer coisa em seu caminho. Ela estremeceu.

— Frio?

Ela olhou para cima para encontrá-lo olhando para ela. — Estou bem. Parte reptiliana, lembra? Sou mais suscetível ao frio.

— Você é de Thusia, certo? É um planeta muito frio.

— Meu pai é Thusian, minha mãe era meio reptiliana de Sonash. Ela odiava a neve. — Nissa se lembrava de sua mãe sempre embalando uma caneca de chá quente no inverno. — Eu não me importo, contanto que eu esteja vestida para isso.

— Sua mãe não está mais viva?

Uma picada agridoce de dor. — Não. Ela morreu de Gripe Ofidiana quando eu tinha dez anos.

— Eu sinto muito.

Não havia nada além de simpatia sincera em sua voz. — Obrigada. Foi há muito tempo.

— Ainda dói. As crianças sempre acham que seus pais estarão por perto para protegê-las, amá-las ... é sempre um choque quando não estão.

Ele se virou e continuou descendo a rua, deixando-a a pensar na borda escura de suas palavras. Nissa deu um passo atrás dele, mas rapidamente perdeu a noção de sua direção, graças à visão incrivelmente perturbadora na frente dela. O homem parecia muito delicioso em sua roupa. E a maneira como as calças dele moldaram seu traseiro apertado ...

Jesus, Nissa.

Ela mordeu o lábio e se fez desviar o olhar. Mas segundos depois, o olhar dela estava de volta nele. O jeito que o cabelo longo demais dele se enroscava na gola da camisa branca, o sorriso encantador que ele jogava em qualquer um que olhasse em sua direção.

O homem simplesmente gostava ... de tudo. Ele saltava para a vida, para a aventura e aproveitava o tempo para aproveitar cada segundo.

E ele deixou claro que estava interessado em apreciá-la.

Nissa engoliu em seco. E deusa, maldição, ela estava tentada. Muito tentada. Ela se perguntou que tipo de amante ele seria, divertido e aventureiro, ou forte e intenso?

Algo lhe dizia que Justyn Phoenix poderia ser todas essas coisas.

Ela iria gostar. Ela sabia disso. Tendo seu corpo grande e musculoso espalhado nu em seus lençóis. Ele se movendo densamente dentro dela.

Mas depois, ele iria embora com um sorriso, e ela ficaria segurando os farrapos. Ela não seria a primeira Capitã da Patrulha a ser tentada pelas coisas selvagens que a galáxia tinha a oferecer.

Ela viu isso acontecer antes, você se acostumava a estar em torno de pessoas que não seguiam a lei que você começava a ter aquela sensaçao que não valia a pena correr atrás delas.

Outros oficiais haviam se entregado a casos imprudentes, a jogos de azar ou contrabando.

Além de deixar seu pai orgulhoso, Nissa tinha ambições. Um dia ela queria uma insígnia almirante no peito.

Com esse pensamento, ela se obrigou a desviar o olhar da tentação que era Justyn Phoenix.

— Aqui estamos.

A voz profunda dele a tirou de seus pensamentos. Ele estava de pé ao lado da porta de madeira de um edifício que parecia mais antigo que o tempo. Era feito de madeira e inclinava-se torto para a esquerda.

Uma placa entalhada girou em uma corrente de metal acima da porta, mostrando uma bússola circular antiquada com asas.

Justyn empurrou a porta e acenou para ela.

O interior estava quente e a maioria das mesas de madeira estavam cheias. Um fogo de sintetizador queimava em uma lareira de plasma no lado mais distante da sala e duas garçonetes se movimentavam pela sala, carregando bandejas cheias de cervejas. Elas usavam roupas parecidas com Nissa, mas em vez de calças, usavam saias longas atrás e altas na frente para mostrar as pernas cobertas de meias.

Justyn levou Nissa para um local vazio na parede dos fundos. Ele se inclinou contra o madeira de um jeito preguiçoso, como se ele fosse um homem com todo o tempo na galáxia - não um homem à caça de um dos documentos históricos mais valorizados da galáxia.

Ele acenou para uma empregada e levantou dois dedos. As bochechas redondas da linda mulher estavam cheias de cor, mas seu olhar deslizou por seu corpo, demorando-se em alguns lugares antes que ela lhe desse um sorriso de flerte e se dirigisse ao bar.

Nissa manteve seu rosto em branco. Ela tinha certeza de que Justyn tinha mais do que algumas mulheres se atirando nele todos os dias. Ela amaldiçoou por não se juntar á multidão.

A mulher correu de volta.

— Aqui está, senhor. — Ela entregou-lhe uma cerveja.

— Obrigado. E o outro é para minha mulher.

Sua mulher. Isso soou tão errado ... e tão certo.

Quando a empregada se virou para Nissa, ela sorriu com desapontamento. Ela entregou o segundo copo.

— Meus agradecimentos pelo serviço rápido. — Justyn entregou uma moeda de ouro. — Parece que você está ocupada hoje.

— Sempre ocupada. — Ela atirou-lhe outro sorriso esperançoso. — Mas eu faço intervalos regulares.

Ele levantou outra moeda. — Você viu um caçador de tesouros jovem e bonito aqui? Vai pelo nome de Solomon.

A mulher olhou a moeda da mesma maneira que olhou para Justyn. — Talvez.

— Ele está aqui?

Ela balançou a cabeça. — Partiu há pouco. Ouvi dizer alguma coisa sobre ir ao mercado de antiguidades.

Justyn colocou a moeda na mão da mulher antes de se inclinar sobre ela e dar-lhe uma pequena reverência. — Obrigado, adorável senhora.

A mulher riu.

— Obrigada digo eu. — Ela girou, mas lançou um olhar atrevido por cima do ombro. — Meu próximo intervalo é ao meio-dia, se você estiver interessado.

Nissa esperou que a mulher fosse embora. — Você terminou de flertar?

— Não fique ciumenta, Capitã Smooth. Você sabe que eu só tenho olhos para você. — Ele piscou para ela e tomou um gole saudável de cerveja. — Não há mal em manter nossa informante feliz. Ela fica menos propensa a falar sobre nós desse jeito.

— Falar de nós para quem?

— Mackon governa com um punho de ferro. Um *verdadeiro* punho de ferro, na verdade. Ele tem espiões por toda parte.

Nissa examinou automaticamente o pub. Ninguém parecia estar prestando atenção a eles.

— Beba, Nissa. — Justyn tilintou seu copo contra o dela. — Parece que vamos às compras.

Ela tomou um gole da cerveja. Era bom. Atingiu sua corrente sanguínea e a aqueceu.

Mas não era nada comparado ao sorriso encantador do contrabandista ao lado dela.

CAPÍTULO SEIS

O mercado de antiguidades da cidade de Cirrus estava situado em uma pequena plataforma separada na extremidade leste da cidade principal.

Quando Justyn e Nissa subiram a rampa que levava ao mercado, ele achou que o lugar tinha um certo charme. Um lindo corrimão do que parecia ser ferro forjado preto com belos desenhos ondulados rodeava a plataforma para impedir que alguém tomasse uma queda desagradável para o oceano abaixo. Ele deixou a mão passar pelo corrimão. Plastico, não de ferro, mas alguém fez um bom trabalho em fazer com que parecesse real.

Os vendedores instalaram barracas e tendas na plataforma, com passagens desordenadas entre elas. Já havia uma pequena multidão vagando pelo mercado. Principalmente classe média e alta da cidade. Suas roupas eram mais ricas e seus corpos mais gordos do que a classe trabalhadora.

Ele se inclinou para perto de Nissa e baixou a voz.

— Nós vamos vagar. Precisamos nos parecer com amantes procurando por uma lembrança.

Ela fez uma careta para ele. — Amantes? Por quê?

Ele fez um barulho tenso e segurou o rosto dela com as mãos. A sentiu endurecer. — Porque não queremos parecer dois estrangeiros que perseguem um ladrão de caça ao tesouro. — Ele se inclinou e acariciou o lado do pescoço dela. — Solte-se, Nissa. Ou o jogo vai estar destruido antes de começarmos.

As mãos dela seguraram os pulsos dele, mas depois de um segundo, relaxaram um pouco. — Ainda não vejo porque temos que ser amantes. Por que não compradores em busca de barganhas?

— Pare de discutir. — Ele virou-os ligeiramente e pressionou a boca no ouvido dela. Qualquer um que olhasse para eles veria duas pessoas passeando como todas as outras. Ele inalou o rico aroma dela. Ela usou algo em sua pele, um pouco de óleo que o fez pensar em madeira perfumada. — Vê aqueles dois homens vestidos de preto com faixas vermelhas em torno de suas cinturas?

Ela inclinou a cabeça para poder olhar por cima do ombro dele. Também trouxe seus lábios contra seu templo. Justyn mal engoliu seu gemido. Ele estava com tanta fome por um toque desta mulher que o simples roçar de seus lábios o deixou duro como uma rocha.

— Eu vejo eles.

— Os guardas de Mackon. Eles têm olhos afiados e espadas ainda mais afiadas.

Ela se virou para olhar para ele, seus lábios a apenas um sussuro de distância. — Ok, loveboy. Vamos encontrar uma lembrança para nós.

Incapaz de se conter, ele beliscou seus lábios. Apenas o menor toque, mas ele teve uma sugestão de seu gosto e eletrificou seu sangue. — Algo para celebrar nosso amor.

Uma risada explodiu antes que ela pudesse controlá-lo. Ela bateu a mão sobre a boca, mas ele já estava sorrindo. Ele agarrou a mão dela e puxou-a para o labirinto de barracas.

Eles vagaram pelos vendedores. A maioria tinha mesas preenchidas com uma série de itens. Uma barraca estava cheia de pequenas fantasias mecânicas, insetos de metal que deslizavam em uma infinidade de pernas, borboletas que tremulavam sus asas, e autômatos de relógio em miniatura que marchavam ao redor. Outra barraca estava cheia de artefatos antigos e baratos, como pedaços enferrujados de metal e vasos rachados.

No começo, Nissa tentou passar através de todos os corredores. Justyn teve que puxá-la de volta.

— Desacelere. Você não sabe vagar?

Ela soltou um longo suspiro. — Na verdade não.

Ele passou o braço pelos ombros dela. — Fique comigo e eu vou te mostrar como relaxar.

Ela atirou nele um olhar desagradável. — Você pode essa coisa de charme preguiçoso, mas eu não estou sendo enganada como todo mundo na galáxia, Phoenix. Não há nada preguiçoso em você.

Ele mastigou suas palavras enquanto caminhavam - mais lentamente agora - pelo mercado. Deixou-o um pouco desconfortável que ela pudesse lê-lo tão bem.

Quando Nissa se aproximou mais, todos os pensamentos desapareceram da cabeça dele.

— Por que você acha que Solomon viria aqui? — ela perguntou.

— Para fazer contato com alguém que possa conseguir uma audiência com Mackon.

— Aqui?

— Sim. É bem sabido que uma vendedora chamada Lady Curiosity pode organizar essas coisas.

— Lady Curiosity? Esse é o nome verdadeiro de alguém?

— Sim. E ela é um espetáculo para ser visto.

Nissa se afastou dele. — Tenho certeza.

Ele sorriu para ela. — Espere e verá. Sua tenda não fica longe daqui. Algumas pessoas dizem que ela é secretária ou amante de Mackon, ou ambos.

— O que você acha?

— Eu acho que ela é dele. Ele é dono dela e ela faz o que ele exige dela.

Ele viu o cenho franzido de Nissa. Ele se perguntou se ela poderia entender como era estar sob o poder de alguém. Estar preso sem saída e fazer com que aquela prisão roube pedaços de sua alma. Suas mãos se fecharam em punhos antes que ele pudesse detê-las.

Ele não estava mais preso, mas ele entendia o sentimento.

Justyn queria andar mais rápido e chegar à loja de Lady Curiosity, mas ele se forçou a manter o passo firme. Ele viu Nissa olhando as fantasias em uma baia próxima e puxou-a.

— Estas são incríveis. — Ela levantou a minúscula réplica de metal de um girocóptero. — O artesanato é extraordinário.

— Feito à mão, milady. — A jovem vendedora de cabelos escorregadios brincava com o cabelo laranja desgrenhado que estava

em cima da cabeça. Suas roupas fortemente remendadas pendiam de seu corpo esguio.

Ele observou Nissa tocar vários itens, fazendo perguntas ao jovem criador. Ele notou tudo sobre Nissa e foi fácil ver o jeito que seu olhar continuava deslizando para a aeronave no final da mesa.

Mas ao contrário do resto ela não tocou.

A Capitã parecia se negar tudo o que ela queria.

Justyn pegou a aeronave. — Quanto?

A menina começou uma vigorosa guerra de lances com ele. Ela começou com um preço escandaloso, ele zombou e regatearam. Nissa observou-o em silêncio.

Finalmente, eles concordaram com um preço. Mais do que valeu a pena, mas a garota parecia que precisava.

— Para minha dama. — Ele deu Nissa fez um pequeno arco e estendeu a aeronave.

— Eu não posso aceitar isso — disse ela rigidamente.

— Nissa. — Ele se inclinou mais perto, inalando aquele aroma exótico de madeira dela. — Nós dois sabemos que você quer. Além disso ... — ele baixou a voz, os lábios um sussurro dos dela — Você deveria estar agindo como uma amante animada. Você deveria estar arrulhando sobre as bugigangas que eu te dou.

Com um som de *harrumph*, ela estendeu a palma da mão.

Ele colocou a aeronave na mão dela, certificando-se de que as pontas dos dedos dele roçaram sua pele.

Seu olhar se suavizou. — É realmente uma coisinha linda.

Justyn sentiu seu pau se mexer.

Droga.

Ele se mexeu. O que ele não daria para vê-la olhar para ele daquele jeito.

Um flash de vermelho no final do corredor chamou sua atenção.

— Nissa, você precisa me agradecer. Adequadamente.

— O que? — Ela franziu a testa. — Você está querendo me chantagear agora?

Ele circulou um braço ao redor da cintura dela e a puxou para o peito dele. — Não. Mas três dos guardas de Mackon estão vindo para cá e eu não gosto do jeito que eles estão olhando para nós.

Ela era esperta demais para se virar e olhar. Ela fechou o punho na aeronave e colocou os dois braços ao redor dos ombros dele. Quando os seios dela pressionaram contra o peito dele, Justyn resistiu ao impulso irresistível de fechar os olhos e afundar-se nela.

Seus lábios roçaram os dele. — Obrigada.

— Isso não foi um beijo de uma amante. — Sua voz soava um pouco rouca.

Seus olhos se chocaram com os dele por um segundo. Ela parecia estar lutando algum tipo de batalha interna. Então suas mãos emaranharam no cabelo na base de seu pescoço e ela puxou sua cabeça para baixo.

Sua boca bateu contra a dela, atordoando-o por um segundo, mas então ele passou os braços ao redor dela, puxou-a para mais perto e a beijou de volta.

Jesus.

Sua língua deslizou em sua boca, e tudo o que ele podia pensar era que seus lábios eram tão malditamente macios. Ele tentou assumir o beijo, tão ganancioso por um gosto dela.

Mas esta era Nissa, e ela lutou contra ele pelo controle. Ela beliscou seu lábio inferior, em seguida, chupou sua língua, arrancando um gemido dele. Ele a puxou para cima precisando mais ... mais de tudo. As pernas dela envolveram a cintura dele, os quadris dela contra a crescente ereção dele.

A força de seu beijo empurrou sua cabeça para trás. Ele sabia que estava comendo-a, devorando-a, mas estava com tanta fome. Ele sentiu o movimento dela contra ele, as unhas cravadas nos ombros dele. Tudo o que ele conseguia pensar era rasgar a porra do espartilho dela e puxar aquelas calças para que ele pudesse entrar dentro dela.

O riso masculino áspero rompeu a neblina. Eles se separaram quando os guardas rindo passaram por eles, oferecendo algumas sugestões irreverentes.

Nissa se afastou de Justyn e deu dois passos para trás, suas mãos pressionadas contra suas bochechas.

— Nissa ...

Ela levantou a mão.

— Não diga nada. — Os óculos de proteção na cabeça dela estavam tortos e ela se afastou dele, trabalhando para endireitá-los.— Vamos encontrar Lady Curiosity.

***

Nissa apenas manteve sua mente em branco, um truque que ela aprendeu com seus muitos turnos noturnos a bordo do navio. Quando

todos dormiam e nada acontecia, era melhor deixar sua mente hibernar. Nas partes mais escuras e profundas da noite, era muito fácil cair na armadilha de pensar em tudo que não estava certo em sua vida e entrar em desespero.

Agora seu cérebro estava gritando um aviso para ela, enquanto seu corpo estava implorando para ela voltar, pegar o corpo duro de Justyn Phoenix e montá-lo por tudo o que ela valia.

Pare de pensar, Nissa.

Ele alcançou ela, agarrando o braço dela.

Ela virou.

— Veja…

Seu rosto estava fechado, uma expressão que ela nunca tinha visto em seus recursos móveis. Suas palavras secaram. Ele era um homem que ria com facilidade e sorria na maior parte do tempo. As pequenas linhas na ponta dos olhos eram prova disso. Mas isso, isso ...

Completamente sem expressão não era o seu estilo.

— Justyn …

— Chegamos. — Ele virou a cabeça para a tenda ao lado deles.

Piscando, Nissa olhou para o sinal tecido à mão acima da aba que funcionava como uma porta. *O Mundo das Maravilhas Sensuais de Lady Curiosity.*

— Justyn … — ela tentou novamente.

Ele suspirou. — Olha, nós temos uma missão. Vamos nos concentrar nisso. Eu entendi a mensagem. Você não quer me querer. Criminoso, contrabandista, rato de beira, não suficientemente bom para a estimada Capitã Sander.

Um nó se alojou em sua garganta. Algumas coisas eram exatamente o que ela pensava, e por que diabos agora ela se sentia envergonhada? Ele estava ajudando ela. Ela não estaria realmente aqui se não fosse por ele. Claro, ele estava esperando embolsar uma taxa pesada, mas ele tinha ido além.

Ela levantou a mão, querendo tocá-lo, mas ele já estava se afastando.

— Vamos fazer isso — disse ele.

Sua mão caiu para o lado dela. Ele estava certo. Eles tinham um trabalho a fazer. Ela o seguiu até a tenda.

O cheiro a atingiu primeiro. Era exótico, perfumado e sensual. Desamparada contra a atração disso, Nissa respirou fundo várias vezes.

Deusa, o que era isso? Outras duas respirações e calor a percorreram, afrouxando seus músculos tensos.

A tenda estava cheia de itens. Mal havia espaço suficiente para se centrar nas exibições. As mesas estavam cheias de pedras coloridas e polidas, jóias e outras bugigangas. Prateleiras ao longo das paredes estavam cheias de todos os tipos de coisas que ela não conseguia identificar. Nissa seguiu Justyn, mas parou para olhar uma prateleira cheio de colares. Eles eram feitos de pérolas brilhantes em várias cores diferentes. Cinza escuro, cinza esfumaçado, luminoso e creme perolado. Alguns eram todos do mesmo tamanho, outros se formavam.

Ela estendeu a mão. Ela não era de usar jóias, mas ...

— Eles não são para o seu pescoço. — A voz de Justyn estava divertida.

A mão de Nissa congelou, ela piscou.

— O que são elas … — ela interrompeu, olhando para outra prateleira.

Seus olhos se arregalaram. A prateleira vizinha estava coberta de dildos de todas as formas, tamanhos e comprimentos. Alguns eram feitos de madeira lisa, outros de metal brilhante. Um era claro e cheio de fios.

Na prateleira seguinte havia um pequeno domo com um anexo em forma de pau no topo. Cabos corriam para o que parecia ser uma caixa de controle.

— É um Sybian — Justyn prestou ajuda. — Um dispositivo projetado para ajudar uma mulher a alcançar …

— Obrigada, Phoenix. Não preciso de uma descrição do que é um orgasmo.

Nissa não era puritana. Ela tinha seu próprio vibrador escondido em sua gaveta de cabeceira. Ela sabia que muitos tripulantes tinham algo para viagens longas e solitárias. Especialmente os capitães de navios que não podiam se relacionar com os subordinados.

— Podemos encontrar Solomon? — Ela empurrou a frente para passar por Justyn e encontrou-se face a face com uma fileira de síndroides de prazer em tamanho natural.

A maioria era do sexo feminino, mas havia um par de modelos masculinos maiores no final da linha. Eles estavam todos desligados, olhando fixamente para a frente. Feitos de uma mistura de aço e plasma, eles não eram nem de perto tão reais quanto outros sindroides que ela tinha visto na galáxia. Mas eles eram todos anatomicamente corretos.

Ela olhou para o macho maior no final e não podia parar de olhar para baixo. Bem, ela nunca tinha visto um homem com ... apêndices ... tão grandes assim, mas tinha a forma certa.

A risada baixa de Justyn soou em seu ouvido.

— Vamos lá, Capitã Smooth. — Ele jogou um braço sobre o ombro dela e puxou-a mais para dentro da grande tenda.

Ele parecia ter se livrado do humor com bastante facilidade. Em vez de se concentrar em todas as ... curiosidades na tenda, ela se concentrou em Justyn. Ele era capaz de manter um humor tão alegre porque ele honestamente encontrava prazer em tudo que a vida tinha a oferecer?

Ou ele não se importava o suficiente? Ela só não tinha certeza.

Havia algumas pessoas na loja, perambulando, vendo as ofertas.

— Talvez eu devesse te dar um presente daqui também — disse Justyn. — Talvez uma série dessas pérolas …

Ela lhe deu uma cotovelada nas costelas. O *oof* saindo era música para seus ouvidos.

— Temos bastante alcance. Tenho certeza de que temos algo para tentá-lo.

A voz baixa e melodiosa fez com que ambos se virassem. Nissa mal engoliu o suspiro.

Isso só poderia ser Lady Curiosity.

Metade do rosto dela era impecável, pele cremosa, o outro metal liso e polido. O metal cortou ao longo da diagonal, deixando seus lábios cheios e rosados e seu nariz meio metálico, meio carne. Um olho verde os observava de seu lado humano enquanto um dispositivo ocular ficava no lado de metal, brilhando com uma leve luz azul. Cabelos escuros e ondulados foram puxados para cima em um estilo complicado, com alguns fios caindo para emoldurar seu rosto extraordinário.

Seu torso era inteiramente de metal e não coberto com qualquer roupa. Ela tinha seios perfeitos de metal e um braço mecânico, enquanto o outro braço era da mesma pele cremosa do lado esquerdo do rosto. Sua metade inferior estava coberta por uma queda de saias

listradas vermelhas e pretas. Nissa se perguntou o que era original e o que não era sob o tecido.

— Você com certeza tem um ... lugar interessante aqui. — Justyn atirou na mulher um sorriso.

Seus lábios vermelhos se inclinaram para cima. — Obrigada. — Ela o olhou de cima a baixo, depois deu a Nissa o mesmo tratamento. — O que você está procurando hoje?

— Estamos apenas vendo. — disse Nissa.

Lady Curiosity inclinou a cabeça. — Mesmo? Claro que você não está procurando o que você realmente quer?

Nissa ficou quieta. Teria ela adivinhado por que eles estavam lá?

— Vamos continuar olhando em volta. — Justyn puxou Nissa para perto. — Eu vou ver se eu posso convencer a minha garota a levar algo um pouco sexy — Ele balançou as sobrancelhas.

Nissa queria bater nele.

Lady Curiosity bateu um longo unha vermelha contra os lábios.

— Eu não acho que você vai querer as pérolas para ela. Ela precisa de ser cortejada.

Cortejada? Que diabos? — Não, realmente está tudo bem …

A mulher girou. — Venha me siga.

Justyn deu de ombros e relutantemente seguiu o farfalhar das saias de Lady Curiosity.

— Aqui. — A mulher acenou com o braço por cima de uma pequena mesa circular cheia de pequenos frascos e garrafas. — Dê uma olhada aos meus oleos sensuais. Encontre um perfume que agrade. — Ela olhou Nissa novamente.

Nissa teve a sensação desconfortável de que os olhos da mulher - mecânicos ou não - podiam ver diretamente através dela.

— Eu acho que esta … — suas mãos de unhas compridas arrancaram uma pequena garrafa feita de vidro âmbar que tinha um longo e fino pescoço. — Minha mistura especial de *senawood* e gueixa pode ajudar. — Com um aceno final, ela se afastou, indo para o próximo grupo de compradores.

Quando Justyn pegou a garrafa, Nissa agarrou seu braço. — O que você está fazendo?

— Eu só quero sentir o cheiro.

Ela franziu o cenho para ele e virou-se para examinar a tenda, procurando por qualquer sinal de Solomon.

— Huh, a mulher estava certa. Isso me lembra de você. — Ele cheirou a pequena garrafa novamente. — Forte, sensual, com uma pitada de vulnerabilidade por baixo.

Nissa olhou para ele por um momento, uma vibração na garganta dela. — Você pode por favor, ter sua mente de volta na missão?

— Aye Aye Capitã. — Ele colocou a tampa de volta na garrafa.

Nissa se virou novamente. Seu olhar patinou sobre Lady Curiosity e o grupo de jovens agrupados em torno dela, enchendo-a de perguntas. Um movimento nas sombras na parte de trás da tenda chamou sua atenção.

Ela não conseguia ver quem estava se escondendo lá atrás, mas definitivamente era um homem. Alto e magro, vestindo uma roupa parecida com a de Justyn, mas com um estranho colete vermelho. Ele se mexeu, como se estivesse esperando impacientemente por algo ... ou alguém.

Enquanto o homem se movia, Nissa captou o brilho de cabelos dourados à luz de uma lâmpada de gás próxima. A descrição combinava com Solomon, mas ela não tinha certeza.

Até que ele virou um pouco e ela viu o titânio cilíndrico, o suporte do documento pendurado no ombro.

A excitação tomou conta dela. — Justyn, na parte de trás, nas sombras.

Justyn casualmente virou-se e, enquanto fingia arrancar algo de seu cabelo, ele olhou na direção.

Um sorriso surgiu em seu rosto, mas desta vez não havia nada casual ou encantador sobre isso. Era afiado e predatório. — Solomon.

CAPÍTULO SETE

Justyn foi em direção a Solomon, o braço dele ligado ao de Nissa. Apenas um casal passeando pelo mercado.

Eles se aproximaram do jovem caçador de tesouros e Justyn sentiu a flexão dos músculos no braço de Nissa.

A três metros de sua presa, a cabeça de Solomon se levantou.

A altura e a constituição muscular do caçador de tesouros fizeram Justyn esquecer que Solomon era jovem. Mas vendo as linhas limpas do rosto bonito do homem o fizeram se lembrar que Solomon tinha apenas vinte e três anos de idade. Ele entrara na cena da caça ao tesouro há três anos e estava constantemente fazendo um nome para si mesmo. Ele ia atrás dos mais valiosos e bem conhecidos tesouros e assumia as caçadas mais perigosas.

Outro jovem querendo provar para a galáxia o seu valor. Sem dúvida, seu pai rico não o amava o suficiente. Ou ele foi trancado em um porão com seus irmãos quando criança e espancado.

Mas Solomon tinha olhos verde-escuros que não pareciam velhos, pareciam antigos.

E os instintos eram muito bem aperfeiçoados. Deu uma olhada para eles, virou-se, saltou sobre uma mesa com impressionante capacidade atlética e correu.

— Porra. — Justyn se lançou para frente. Ouviu as maldições murmuradas de Nissa atrás dele.

Solomon correu pela tenda. Ele bateu através de uma pequena multidão de clientes do sexo feminino, deixando-os em uma pilha perfumada de saias viradas e gritos estridentes.

Justyn se esquivou ao redor delas. Então jurou.

Solomon diminuiu a sua corrida o suficiente para agarrar a borda de uma grande estante de livros de capa dura e derrubá-la.

Ela caiu no chão, bloqueando o caminho de Justyn. Livros caíram por toda parte e ele teve um rápido vislumbre de uma capa de um livro pintado á mão, um abraço de amantes.

Do outro lado da estante de livros, Solomon lançou-lhe um sorriso feroz antes de sair e voltar a correr.

Nissa correu ao lado de Justyn e, em um movimento fluido que fez o ar se contorcer na garganta de Justyn, pulou a estante de livros.

Merda. Justyn trepou por cima e seguiu-a.

Nissa era muito rápida e estava ganhando de Solomon. Mesas, quinquilharias e objetos de prazer foram enviados para o chão. Justyn não queria encontrar Lady Curiosity no final disso.

Ele viu os músculos de Nissa se juntarem e ela mergulhou. Ela pegou Solomon pelos joelhos e ambos caíram no chão.

— GSS — A voz de Nissa estava sem fôlego, mas segurava um tom de comando. — Você está preso e eu quero o maldito documento.

Solomon tentou afastá-la, mas Nissa estava bem treinada e ela conseguiu subir em cima do caçador de tesouros, montando seus quadris.

Algo quente e desagradável explodiu ao vê-los, mas Justyn engoliu a emoção desconhecida. Quando os alcançou, viu Solomon levantar o braço. Ele segurava algum tipo de escultura esculpida em uma rocha escura em sua mão. Ele hesitou por um segundo ...

Justyn percebeu o que o idiota estava prestes a fazer. — Nissa, cuidado ...

O homem bateu-a no lado de sua cabeça.

Nissa caiu no chão. Solomon se levantou em um salto, prendendo o documento com segurança por cima do ombro. Então ele puxou uma faca elétrica de aparência perversa. A eletricidade azul crepitava ao longo de sua lâmina.

— Fique para atrás.

Justyn respirou pelo nariz, lutando contra o desejo de pular em cima do homem. Ignorando Solomon, ele se ajoelhou ao lado de Nissa. O sangue descia seu templo e bochecha direita. — Você está bem?

Com um estremecimento, ela assentiu e olhou para Solomonn. — Não!

O caçador de tesouros tinha acabado de cortar uma longa fenda no lado da tenda e estava saindo.

— Vai! — Nissa insistiu. — Pegue-o. Eu vou seguir em um segundo.

Justyn ajudou-a. Ela estava instável em seus pés, mas seus olhos estavam claros e focados.

— Vai. Essa é uma ordem, Phoenix.

Porra, ela era sexy quando ela estava dando ordens. Ele girou e mergulhou pela abertura.

Ele correu pelo mercado. À frente, ele vislumbrou o colete vermelho de Solomon. Justyn pulou e desviou, esbarrou em compradores desavisados, mas ele estava ganhando do caçador de tesouros.

Quando ele correu por um corredor de lojas, avistou um par de guardas de Mackon à distância. Eles avistaram a comoção da perseguição e com alguns gritos começaram na vir na direção de Justyn.

Ótimo.

Ele se apressou, correndo em uma esquina e entrando em outro corredor. Ele fez uma pausa, procurando na multidão. *Lá*. Um flash de vermelho à frente.

Esta área era limpa de tendas. Em vez disso, havia pilhas de caixas e caixotes empilhados. Parecia algum tipo de área de armazenamento no mercado. Solomon diminuiu a marcha, alcançando a borda da plataforma. Ele se inclinou o corrimão preto e olhou para baixo.

Justyn diminuiu a velocidade também, seu coração ainda latejando. — É uma queda muito longa. Não há muita chance de você sobreviver á queda, mas se o fizesse, os tubarões nativos, a *kraken* geneticamente modificada ou a lula gigante mecânica de Mackon ganhariam um saboroso lanche — Justyn fez um gesto com os dedos. — Entregue-o.

Solomon levantou uma sobrancelha.

— Por que diabos eu iria querer fazer isso? — Ele sacudiu o suporte. — Isso vai me tornar o mais famoso caçador de tesouros da galáxia.

Justyn bufou. — Eu acho que esse título foi tirado. E eu tenho o infeliz dever de estar relacionado com Dathan. Ele não vai querer desistir dele.

O rosto de Solomonn permaneceu impassível. — Você é um Phoenix?

— Justyn Phoenix.

— O contrabandista?

— Ah, minha reputação me precede. Bem, eu ficaria feliz por você levar o título de contrabandista mais infame para longe. — Ele pensou em Nissa. — Isso me causa um monte de problemas.

— Você vai levar isso e vender ao maior lance — disse Solomonn.

— Não. A mulher que você espancou lá atrás … — ele colocou um polegar sobre o ombro — Ela realmente é do GSS. Ela precisa devolvê-lo ao Instituto.

Algo brilhou nos olhos do outro homem. — Ela esta bem?

Justyn não queria ver o arrependimento ou a preocupação do homem. Ele queria dar um soco nele.

— Provavelmente tem uma dor de cabeça desagradável, que não melhora o temperamento dela. Ela não será gentil em te jogar no calabouço.

Os lábios de Solomon tremeram. — Parece que você está falando por experiência?

— Infelizmente sim. — E ele provavelmente tinha o prazer duvidoso de que ela fizesse isso de novo em algum momento. Então ele franziu a testa. Exceto depois disso, ela conseguiria colocar aquela almofada nos sistemas centrais e nunca mais a veria novamente.

— Por que você está ajudando ela? E o GSS? Você é um criminoso.

Justyn se endireitou. — Essa é uma boa acusação vindo de você. Olhe, entregue o documento para mim.

O rosto de Solomon endureceu.

— Hoje não. — Em um movimento ágil e rápido, ele saltou sobre o corrimão e saiu do lado da plataforma.

Não, porra.

Com o coração batendo, Justyn correu para o corrimão.

Ele viu o grande corpo do caçador de tesouros caindo. O oceano não era visível abaixo, obscurecido pelas nuvens.

Justyn bateu a mão contra o corrimão. Solomon e a Constituição estavam perdidos.

Então Solomon pegou algo do cinto e apontou para a plataforma principal da cidade.

Um gancho voou pelo ar, arrastando um cabo de metal. Ele atingiu a base da plataforma com um *thwack*. Um segundo depois,

Solomonn estava balançando no ar e zumbindo para cima quando a linha se retraia.

— Arrogante! — Justyn decolou novamente, indo para a rampa.

— Phoenix? — Nissa estava correndo em direção a ele.

— De volta à plataforma da cidade — ele gritou. — Solomon mergulhou, mas atravessou com segurança.

— Temos outro problema.

Ele ouviu os gritos atrás dela. Um gangue dos guardas de Mackon estavam em perseguição.

— Você é popular — disse ele.

Ela nem diminuiu a velocidade quando passou por ele. — É a minha personalidade vencedora.

Com uma risada, ele correu atrás dela. E caramba, ele tinha uma boa visão. Aquele couro sintético parecia alcaçuz líquido preto cobrindo sua bunda e pernas. Ele amava alcaçuz quando menino e se imaginava comendo a comida da pele dourada de Nissa.

Eles chegaram à rampa que levava à cidade.

Um raio passou por sua cabeça e bateu no corrimão da rampa.

— Foda-me. — Sua pequena fantasia se dissolveu em um sopro de realidade. Um rápido olhar mostrou a maioria dos guardas ainda perseguindo, e dois alinhados na beira da plataforma do mercado segurando armas.

Outro raio seguiu em sua direção. Apontado ás costas de Nissa.

Justyn mergulhou, a levando ao chão ao chegar ao final da rampa. Eles rolaram em um emaranhado e se espalharam pela plataforma da cidade.

— Que diabos? — ela gritou.

O raio zuniu e atingiu o chão.

Seus olhos se arregalaram. — Certo. Vamos continuar andando.

Eles ajudaram um ao outro.

— Por aqui. — Justyn apontou. — Ele teria chegado perto das docas da aeronave.

Eles correram pelas ruas. A maioria das pessoas mal lhes dava atenção, tão acostumados a ver batedores de carteira correndo em volta da multidão. Mantendo os dirigíveis ancorados pairando acima em sua linha de visão, eles correram em uma torção selvagem pelas ruelas, tentando enganar os seus perseguidores.

Eles explodiram em um beco estreito, bem na entrada das docas.

— Lá! — Nissa apontou.

Solomon estava correndo por um dos cais, a luz do sol brilhando o portador do documento saltando em seu ombro.

Quase chegando ao caçador de tesouros, Justyn notou a aeronave no final do cais em um tom de vermelho-escarlate.

O cara claramente não acreditava em ser sutil. Ele queria ser notado.

Nissa puxou sua pistola laser disfarçada de seu quadril.

— Solomon! Pare ou eu vou atirar em você.

O caçador de tesouros girou. Olhou sua pistola e as armas de cano duplo de Justyn. Ele tinha as duas pistolas apontadas para a cabeça do jovem.

Solomon levantou as mãos. Então ele olhou por eles. — Parece que Mackon não vai deixar você sair daqui.

Justyn viu os guardas chegando. *Droga.*

Mas o rosto calmo de Nissa não mostrou um lampejo de preocupação. — Me passe o documento.

Solomon a tirou do ombro. Hesitando.

Nissa se adiantou e empurrou o cano do arma no centro do peito. Ela ergueu a mão.

Com um suspiro profundo, Solomon entregou-o.

Nissa balançou por cima do ombro. — Você está preso.

— Você não tem jurisdição aqui.

— Talvez não. Mas uma vez que cruzarmos a fronteira galáctica, eu tenho.

— Como vamos sair daqui? — Perguntou Justyn. Os guardas estavam se aproximando.

— Eu tenho um plano. — Ela acenou para o navio. — Para o navio de Solomon.

Eles embarcaram na jaula de carga no cais. Um rápido puxão nas correntes e a gaiola ergueu-se do chão com um chocalho.

— Alguém vai lutar para coloca-lo lá em cima? — Perguntou Justyn.

— Não é meu navio nem tripulação. Acabei de pagar a passagem para Nova Veneza.

Outra cidade flutuante não estava longe.

— Então eu não preciso atirar em ninguém — disse Justyn.

No convés, eles saíram da gaiola. A tripulação tinha uma aparência endurecida e a maioria deles tinha melhorias mecânicas de

algum tipo. Eles deram uma breve olhada nas armas de Justyn e Nissa antes de voltarem para o trabalho.

Um homem baixo e de peito largo, com cabelos da cor do pôr-do-sol, saltou do cordame acima. — Eu só paguei passagem para um. Vou precisar de mais moedas para levar os três para a Nova Veneza.

— Não vamos ficar. — disse Nissa.

O Capitão deu de ombros.

— Você que sabe. Nós partimos em uma hora. Saia daqui antes disso.

— Você vai compartilhar seu plano para sair daqui? — Perguntou Justyn.

Nissa olhou para o relógio volumoso em seu pulso. — Ainda não.

— E nós vamos escapar dos guardas que estarão aqui em alguns minutos, certo?

— Sim.

— Mas você não vai escapar de mim.

Todos os três giraram na voz feminina.

Lady Curiosity subiu pela borda do navio com graça acrobática e ficou no corrimão de madeira. Ela segurava uma corda em uma mão e seu braço mecânico estava apontado para eles.

Justyn viu algum tipo de mecanismo embutido em seu antebraço. Ela segurava dardos. Seu peito se apertou. *Veneno.*

— Você fez uma bagunça incrível na minha loja. — A mulher saiu graciosamente do corrimão, aterrissando com a mais ínfima curva de os joelhos dela. — E eu acredito que você tem algo que meu empregador iria comprar do garoto.

— Sou a Capitã Nissa Sander, do GSS. Eu levarei o artefato e *o garoto* em custódia.

Lady Curiosity sorriu, parecendo cada centímetro como um felino prestes a devorar o jantar. — Os serviços de segurança galáctica? — Sua risada foi um tilintar delicado. — Bem aqui? — A parte humana do rosto dela endureceu e sua voz abaixado. — Onde ninguém se importa?

Nissa manteve sua arma apontada para a mulher. — Para atrás.

— Capitã Sander? — A voz do comandante Tellis veio através do relógio no pulso de Nissa. — Nissa, nós alcançamos a órbita e estamos no alcance do teletransporte.

Justyn sorriu para Nissa. — Bom trabalho, Capitã Smooth.

Ela lançou-lhe um breve olhar e o menor sorriso. — Três para transportar, comandante. Tudo humanóide. Não pegue um cyborg por acidente.

A boca de Lady Curiosity se firmou em uma linha reta. Ela começou a avançar.

— Fique para trás ou eu *vou* atirar. — A voz de Nissa era implacável. — Mais dez segundos e nós vamos embora. Seu empregador terá que encontrar outra coisa para adquirir.

A mulher encolheu os ombros. — Ele vai. Eu não acho que ele estivesse particularmente ligado à Constituição. — Seu olhar se estreitou. — Mas ainda não sou inclinada a perdoar a bagunça que você fez na minha loja.

— Teletransporte em três segundos. — A voz de Tellis.

Lady Curiosity levantou o braço.

— Não! — Justyn gritou.

Quando o dardo atingiu Nissa no pescoço, seu corpo estremeceu. Sua arma atingiu o convés.

Justyn saltou e a pegou. Ele arrancou o dardo de sua pele.

— Queima — ela sussurrou.

Solomon fez o movimento, mas Justyn espetou uma pistola na base da espinha do homem. Justyn espetou Lady Curiosity com um olhar fixo. — Que tipo de veneno é esse?

O sorriso da mulher era presunçoso. — Oh, não é veneno.

Justyn franziu a testa. Nissa começou a se contorcer. — O que, então?

— Um afrodisíaco. Aquele que incendeia o sangue e traz as necessidades de uma pessoa para a superfície. — A mulher meio metal piscou. — Eu suspeito que você deveria estar me agradecendo, Sr. Phoenix.

O mundo se dissolveu na luz azul brilhante do teletransporte.

CAPÍTULO OITO

Quando a ponte da *Freedom se* materializou na frente de Nissa, ela lutou para ficar em pé. Sua pele estava em chamas e se sentia muito tensa. Um fino brilho de transpiração a cobria da cabeça aos pés, e suas roupas estavam sufocando-a.

Mas ela era Capitã e tinha trabalho para fazer.

— Comandante Tryker, por favor leve o Sr. Solomon para a masmorra. — Ela assistiu seu chefe de segurança se mover em direção ao Caçador de tesouros. — Tenente Galen, por favor, proteja isso e faça os testes necessários. — Ela estendeu o cilindro de metal para o seu CSO. Droga, suas mãos tremiam.

Luciana pegou o suporte, olhando-o reverentemente. — Você achou. Muito bem, Capitã.

Nissa sentiu uma onda de fogo passar por ela e cerrou os dentes. — Eu preciso tomar banho e me trocar. — Ela girou e seu olhar caiu no de Justyn.

— Nissa ...

Sua voz profunda era como um golpe de dedos sobre sua pele. Ela estremeceu e deu um passo em direção a ele antes de se controlar.

— Você precisa ir para a enfermaria. — ele disse baixinho.

Ela balançou a cabeça. *Não* era disso que ela precisava. Fofocas viajavam rápidamente assim como uma nave com a energia de uma

estrela indo supernova. Ela não queria que ... a condição piorasse. Ela queria calma e privacidade.

— Por favor, você poderia pegar um *medscope* e levar para a minha cabine?

Ele a olhou por um longo segundo e depois assentiu.

Nissa não tinha certeza de como ela chegou em sua cabine. Ela tecia como um trabalhador bêbado na estação, seu corpo consumido pelas chamas. Por um momento humilhante, ela caiu contra a parede do corredor e apertou as coxas para lutar contra a sensação ardente e carente entre elas. Ela queria tocar-se e se esfregar até encontrar algum alívio.

Ela cambaleou em sua cabine com um soluço. Em seu quarto, ela arrancou o espartilho e arrastou um pouco de ar.

Isso não ajudou.

Em seguida, ela arrancou as manoplas de seus antebraços e trabalhou nas calças lisas. Com as mãos trêmulas, ela tirou as lentes de contacto e as bandas derminicas que cobriam sua pele. Demorou algumas tentativas mas finalmente ela as tirou.

Ela estava lá apenas com a calcinha e a camisa branca que atingia o topo de suas coxas. O ar frio da cabine mal diminuía o calor de sua pele.

— Nissa?

A voz profunda de Justyn veio da área de estar. Ela gemeu e se endureceu contra a corrida fervente de necessidades girando dentro dela. Ela ofegou, tentando fazer com que o ar entrasse seus pulmões.

— Deixe o *medscope* na mesa de café e vá embora.

Pronto. Isso soou relativamente firme. Considerando que ela queria tirar a última peça de roupa e se esfregar em algo como um gato.

— Não. — Ele apareceu na porta. Ele não mudou, mas em algum lugar ao longo do caminho, ele perdeu o colete. Sua camisa era branca como a neve contra sua pele mais escura. Em uma mão ele segurava o metal fino do *medscope*.

O pânico tomou sua garganta como mãos sufocantes. Ela levantou uma mão, como se pudesse se afastar 1,85 de macho duro. — Saia.

— Jesus, Nissa. Apenas se apóie em alguém por uma vez. — Ele andou em direção a ela.

Ela bateu a mão contra o peito dele. Seus dedos torcendo em sua camisa. — Eu não quero me apoiar em você. Eu quero derrubar você no chão, rasgar suas roupas e me esfregar contra você.

Ele ficou imóvel como pedra. — Merda.

Seu corpo inteiro tremeu. — Sim. Merda. Agora, por favor, não teste meu tênue controle.

— Deixe-me tratar você com a *medscope* e tudo isso vai embora.

Nissa mordeu o lábio inferior. As chamas que lambiam sua pele estavam ficando piores. Muito piores.

— Sente-se — disse ele.

Suas pernas mal a mantinham na posição vertical. Ela caiu. O material frio dos seus lençois de cama contra a sua pele quase a fizeram gemer.

Justyn se moveu para se sentar ao lado dela, então parou e obviamente pensou melhor. Ele se ajoelhou na frente dela. Quando seu olhar permaneceu em suas pernas nuas, a respiração de Nissa engatou. Ela tentou lutar contra a resposta de seu corpo ao flash que ela viu em seus olhos, mas contra sua vontade, suas pernas mudaram, suas coxas se abrindo.

Ele assobiou uma respiração.

— Porra, Nissa … — os dedos na mão segurando o medscope se tornaram brancos — Como você se sente?

Ela passou a mão trêmula nos lábios, depois recuou, fechando os olhos.

Ela ouviu o interruptor da *medscope*, seguido por seu zumbido suave. Ela sabia que estaria emitindo uma suave luz azul. Suas roupas farfalharam quando ele se aproximou. Ela imaginou ele inclinado sobre ela, seu grande corpo enjaulando ela contra a cama. Então sua mente febril assumiu e imaginou o peso duro dele empurrando-a para baixo nos lençóis, os dois torcendo juntos, lutando para chegar à carne nua.

Seu peito começou a subir e a cair rapidamente e ela torceu as mãos nos lençóis.

— Calma, querida.

Sua voz estava perto. Seu corpo estava tão perto. Ela poderia chegar e ... Ela tentou se concentrar no fato que o medscope estaria eliminando o afrodisíaco de sua corrente sanguínea. O pequeno dispositivo pode tratar feridas pequenas em apenas alguns minutos.

O tempo passava com uma lentidão agonizante e ela não estava se sentindo melhor.

Ela ouviu o escopo se desligar. — Justyn?

Ele suspirou alto. — Eu sinto muito, Nissa. É tarde demais. A substância química se espalhou muito e o medscope não consegue removê-lo.

Ela fez um som estrangulado.

— A leitura diz que não deve haver efeitos colaterais e a substância química se desgastará naturalmente.

Seus olhos se abriram e ela olhou para o teto do seu quarto. A sala parecia minúscula e sufocante, como se todo o ar tivesse sido sugado pela câmara de ar mais próxima.

Calor brilhou em sua pele. Ela se contorceu entre os lençóis, lágrimas escorrendo dos cantos dos olhos. Ela odiava a falta de controle, que seu corpo não estava mais sob seu comando.

— Está ficando pior. — Ela rasgou os botões de sua camisa, desesperada para esfriar o fogo furioso.

— Talvez uma ducha fria? — Ele deu uma risada torturada. — Um antídoto testado e comprovado que existe desde os tempos antigos da Terra.

Sua voz ... acariciou-a como uma carícia. Seus mamilos endureceram a pontos apertados e ela estava encharcada entre as pernas dela. Outro soluço saiu de sua garganta.

Justyn fez um barulho de asfixia. — Deus, querida, eu faria qualquer coisa para ajudá-la.

Sim, ele faria. Trabalhar ao lado dele nos últimos dias, havia mostrado a Nissa que havia muito mais em Justyn Phoenix.

Ela empurrou os cotovelos.

Ele ainda estava de joelhos, as mãos cravadas nas coxas duras, a cabeça abaixada. As luzes de sua cabine pegaram o fios dourados em seus cabelos, fazendo-os brilhar como ouro. Um homem tão delicioso.

E aquele que escondia muito sob sua fachada diabolica.

Outra onda de calor passou por ela dos dedos dos pés até as bochechas. O calor estava crescendo tanto que consumiu seus últimos pensamentos racionais.

Ela se sentou e correu de volta para a beira da cama. Enquanto ela se movia, ela prendeu Justyn com as pernas dela.

Sua cabeça disparou. Seus olhos cinza-prateados escureceram.

— Nissa ...

Aquela palavra continha uma riqueza de significados - advertência, raiva, desejo.

— Toque-me — ela murmurou.

Ele balançou a cabeça, sua garganta forte trabalhando quando ele engoliu.

— Toque me. *Por favor*.

Ela apertou as pernas dele, seus joelhos cavando em seus lados. Com uma mão, ela sacudiu os últimos botões de sua camisa. Ar escovado sobre os seus seios e barriga, mas o inferno furioso era forte demais para ser resfriado.

Seu olhar passou por ela e ela viu as chamas em seus olhos. Um músculo marcou em sua mandíbula.

— Não. Você vai me odiar depois. — Seu olhar colidiu com o dela. — Eu não quero que você me odeie.

Ele não ia ajudá-la. O desespero disparou através de Nissa. Sua mão caiu para o próprio peito, esfregando, a unha passando sobre o mamilo dela. Mas isso não lhe deu nenhum alívio.

Seus olhos foram direto para a mão dela, e os músculos de seus braços se flexionaram.

Ela arrastou a mão para baixo, sobre a barriga lisa. Abaixo e mergulhou em sua calcinha.

Ele gemeu.

— Nissa. — Ele enfiou a mão pelo cabelo. — Jesus. Porra. Merda.

O toque de seus dedos não era o suficiente. Outro soluço se soltou.

— Justyn… por favor. Ajude-me.

***

Justyn foi no inferno.

De todas as muitas e variadas fantasias que ele tivera sobre ter uma Nissa Sander nua disposta em uma cama na frente dele, essa situação nunca, jamais, estrelou nelas.

O que quer que ele fosse fazer aqui, ela o odiaria por isso.

Inferno, ela odiaria o fato de que ele a tinha visto assim.

Mas enquanto ele observava o corpo dela tremendo, queimando com a necessidade, sua resolução enfraqueceu. Uma lágrima rolou por sua bochecha, destruindo o último de seu controle. Não havia como ele poderia deixá-la assim, sofrendo e precisando.

Ele nunca negaria essa ajuda quando ela precisasse.

Ele respirou fundo e baniu todas as vozes clamando em sua cabeça. Ele empurrou para cima, circulando suas coxas com as mãos.

Ela arqueou em seu toque. Sua língua voou para lamber seus lábios.

Condenando-se ao inferno, ele se levantou e pegou-a em seus braços.

Confusão brilhou em seu rosto. — O que você está …?

— Não na cama.

A tentação era grande demais. De jeito nenhum ele poderia se controlar de ir longe demais se ambos estivessem na cama. Ele não era um homem acostumado a negar a si mesmo qualquer coisa, mas isso era muito importante para ele estragar tudo com uma falta de autocontrole. Seu pênis parecia como uma barra de aço contra o aperto de sua calças.

Ele entrou em sua sala de estar. Colocando-a de pé, ele a empurrou para a parte de trás do sofá. Talvez se ele não pudesse ver todas as expressões que voariam em seu rosto ou seus lindos seios, ele teria a chance de se controlar.

Ele a inclinou sobre as costas do sofá. E encarou a suave pele dourada de suas costas, as delicadas ondulações de sua espinha e sua maldita bunda bem levantada para ele. Aquele sexy padrão de escama de diamante se alongava sobre suas omoplatas e sua parte inferior das costas.

Seu pau latejava. Ok, não melhorou em nada. Mas no fundo ele sabia que nada iria ajudá-lo. Ele gostava de todas as partes de Nissa Sander, do que estava do lado de fora ao que estava do lado de dentro.

Quando ela alcançou um braço para trás, tentando agarrá-lo, ele pegou seu pulso. Ele se moveu atrás dela, pressionando-a ao longo das costas do sofá. Ela arqueou as costas, seus seios nus balançando na frente dela e sua bunda empurrando para trás contra ele. Um gemido se enredou em sua garganta.

— Não. — Sua voz soava como pregos enferrujados em aço. — Eu vou tocar em você. Mas você não vai me tocar e eu não vou te foder.

Ela se contorceu. — Justyn…

— Não. Você realmente me odiaria. Mas eu vou te ajudar, Nissa. Eu prometo. — Ele se inclinou e pressionou os lábios no elegante movimento de sua omoplata.

— Sim. — A palavra sibilou para fora dela.

A pele nas costas era lisa e aquela deliciosa cor mel-dourada. Ele traçou um caminho pela espinha dela, deleitando-se com o gosto dela, tomando seu tempo para lamber sua pele estampada.

Se as coisas fossem diferentes ...

Justyn parou de pensar e se concentrou nela. Ele deixou uma mão passar pelo o lado dela, para baixo do lado de fora de sua coxa.

Ela estava dando uns gritos incoerentes, seu corpo inteiro tremendo. Suas mãos agarraram o sofá, apertando-o com força.

— Queima — ela sussurrou, olhando para trás por cima do ombro.

Ele olhou para o comprimento elegante dela. Seus olhos amarelos estavam brilhando com sua necessidade ardente.

— Eu sei querida. Eu vou fazer melhorar.

Ela resistiu contra ele.

— Está ficando pior. — Outro choro sufocado. — Eu me sinto tão vazia por dentro, como se as chamas estivessem comendo tudo.

Ele moveu seus dedos até o comprimento firme de sua coxa. Ele roçou uma nádega firme, depois através do vinco entre elas. Ela empurrou e então ele estava deslizando mais para baixo e encontrou os lábios carnudos e úmidos de seu sexo.

Ela foi à loucura. Seus quadris empurrando contra o sofá.

Ele encontrou seu clitóris, acariciou, circulou isto.— É onde você precisa de mim?

— Sim. *Sim*.

Ela era tão linda, sua pele corada de desejo. Mas um caroço formou em seu intestino e ele mentalmente amaldiçoou Lady Curiosity. Não era assim que ele queria Nissa. Ele poderia ser alguém para ela agora, nada mais do que apenas um macho conveniente para ajudar a saciar a luxúria quimicamente induzida.

— Mais. — Nissa se moveu com insistência contra a mão dele.

Ele afundou um dedo dentro dela. Jesus, ela era apertada, quente e molhada.

Um som inarticulado saiu de sua garganta. Ela estava montando sua mão agora, seus quadris se movendo em um ritmo frenético.

— É isso — ele murmurou.

— Mais. — Ela se levantou, estendendo a mão para trás, sua mão agarrou seu cabelo. Ela puxou a cabeça dele para frente e sua boca bateu contra a dele.

Ele tentou se afastar. Bem, ele pensou sobre isso, pelo menos. Para cerca de um milissegundo. Então ele estava beijando-a de volta, puxando o gosto de mel dela em sua boca. Sua língua deslizou em sua boca, imitando o movimento de sua mão.

Então ela se afastou. — Mais, Justyn. Por favor.

Ela disse o nome dele. Seus olhos estavam um pouco desfocados, perdidos para a luxúria, mas ela sabia quem a estava tocando.

Com um gemido, ele afundou outro dedo nela. Ela caiu no sofá, arqueando-se quando ele enfiou os dedos dentro e fora dela enquanto trabalhava seu clitóris com o polegar.

Ele sentiu a tensão em seu corpo se multiplicando. Seus movimentos ficaram mais selvagens, mais descoordenados. Ele moveu a mão mais rápido e deixou a outro acariciá-la de volta. Ele queria se aproximar e segurar seus seios, mas não se atreveu. Ele já estava se

equilibrando na ponta de uma faca, seu pênis mais duro do que nunca esteve, chorando em suas calças.

Nissa endureceu. Ele sentiu os músculos internos dela apertarem seus dedos, e então ela estava gozando. Ela gritou, levantando a parte superior do corpo. Ele se inclinou para frente, dando-lhe apoio com o corpo enquanto o orgasmo a atravessava.

É isso aí, querida.

Nissa gozando era a visão mais linda que ele já tinha visto.

Quando ela caiu para frente, ele a pegou e balançou em seus braços. Sua pele ainda estava quente, mas aquela tensão terrível que ele sentiu nela se foi.

Ele a deitou na cama. Ela mal se mexeu, os olhos fechados, a respiração estável.

Justyn fez uma rápida visita ao minúsculo banheiro anexo ao seu quarto. Ele molhou uma toalha que encontrou sob a pequena penteadeira ao lado do chuveiro e voltou para o lado de Nissa.

Delicadamente, ele limpou entre as pernas dela. Ela deu um pequeno gemido, suas pernas se abrindo, e ele sabia que a droga ainda não estava inteiramente fora de seu sistema. Mas pelo menos sua liberação poderia deixá-la relaxar o suficiente para dormir o resto.

Depois que ele terminou, ele puxou o lençol sobre ela e passou a mão sobre a cabeça dela. Ele pressionou um beijo em sua testa e respirou o cheiro dela, desta vez misturado com o doce almíscar de sua libertação.

Um arrepio percorreu-o. H*ora de ir, Phoenix*.

E tomar um banho muito longo e muito frio.

CAPÍTULO NOVE

Nissa usou o secador para secar rapidamente sua pele úmida. Saindo de seu banheiro, ela vestiu o uniforme azul limpo que ela colocou em sua cama antes do banho. Ao raspar o tecido em sua pele, um arrepio passou por ela. Ela parou de apertar o fecho de sua jaqueta. Sua pele ainda estava sensível, embora nada como tinha sido antes.

E entre as pernas dela, a dolorida pulsação era um lembrete do que ocorrera ali mesmo em sua cabine, horas antes.

Empurrando os ombros para trás, ela olhou para o relógio.

Ela dormiu por cinco horas e era hora de voltar ao trabalho. Ela *precisava* voltar ao trabalho.

Drayna tinha deixado várias mensagens pedindo a Nissa para contatá-la, mas alguém - e ela suspeitava que sabia quem - tinha desligado o alarme. Ela balançou a cabeça, e começou a listar mentalmente todas as coisas que precisava organizar para entregar a Constituição á Almirante DeRuyter.

Ao entrar em sua sala de estar, ela parou abruptamente e todo pensamento racional desapareceu de sua mente.

Ela olhou primeiro para a parte de trás do sofá e engoliu em seco. Imagens passaram por sua cabeça como um holo-video. Um com classificação X. Ela apertou as coxas juntas.

A proxíma coisa, ela olhou foi para o homem descansando na poltrona em frente ao sofá.

— Como você chegou aqui? — Ela trancou a porta antes do banho.

Justyn lhe lançou um sorriso, pousando a pequena aeronave de metal que ele segurava. — Eu sou um homem de muitas habilidades.

Ela olhou primeiro aquele presente que ele lhe dera. Como ele sabia que ela queria aquilo, ela não tinha certeza. Ela suspeitava que Justyn Phoenix via muito, muito mais do que ela queria que ele visse. Então seu olhar mudou para aqueles dedos longos e bronzeados.

Sim, ela agora sabia exatamente o que ele poderia fazer com eles.

Ela não queria se lembrar de sua perda de controle. Ela foi deixada como uma menina de harém babante no cio. Justyn a tinha visto daquela forma.

Calor correu em suas bochechas. Ela firmou seus lábios. — Saia.

Ele se inclinou para frente, seu rosto ficando sério. — Nissa, precisamos falar.

— Eu não quero falar sobre o que aconteceu ... aqui.

— Nissa ...

Ela levantou a mão. — Não é que eu não seja grata. Mais importante, por não alertar minha tripulação. — Esse era um constrangimento que ela evitaria. — Você tem meu mais profundo agradecimento por ... me ajudar.

Ele rosnou e o som a chocou. Não era algo que ela identificasse vindo do descontraído Justyn Phoenix.

Ele se levantou e chegou muito perto. — Nissa, eu não quero seu agradecimento. Você estava sofrendo. Eu fiz… eu fiz… — Ele parou, seu queixo se fechando firmamente.

— Podemos deixar por aqui? — ela perguntou. — *Por favor*?

Ele assentiu.

— De qualquer forma, vamos deixá-lo de volta no Galaxy's Edge. — Ela avançou agora, sem olhar para ele. — Vou providenciar para que a taxa do localizador seja colocada em sua conta.

Uma mão circulou seu braço e ela se acalmou.

— Nissa.

Ele estava tão perto que o calor dele envolvendo seu corpo traidor. Seus mamilos endureceram e ela engoliu em seco. Tinha que ser os últimos efeitos da droga.

— Nós trabalhamos bem juntos em Alchemia.

Ela não tinha certeza para onde ele estava indo com isso.

— Sim. Nós trabalhamos bem junto. — Ela não podia negar que ele tinha sido um parceiro muito melhor do que ela previra. Melhor que qualquer outra pessoa com quem ela já trabalhou em campo.

Ele estendeu a mão e mexeu com a insígnia da Patrulha em seu peito. — E nós temos uma nebulosa inteira cheia de química.

— A droga …

— Ei. — Ele puxou o queixo para encará-lo. — Pelo menos olhe para mim enquanto você mente para mim.

Ela levantou os olhos para encontrar os dele. — Eu estava sob a influência de um afrodisíaco ...

Desapontamento explodiu em seus olhos de metal batido. — Você honestamente vai ficar aí e me dizer que não me quer?

Droga, ela não podia empurrar uma única palavra além de seus lábios.

Ele sorriu. Inclinando-se para frente, ele deu um beijo na têmpora dela. Lábios quentes contra a pele dela. — Sabia que você não era uma covarde.

— Justyn …

Seus braços a rodearam, puxando-a contra ele. — Eu quero você, Nissa. Gostei da nossa missão, trabalhar com você. — Ele roçou a boca sobre a dela. — Deixe-me ter você?

Ela fechou os olhos. Ela estava *tão* tentada. Seus lábios se moveram, roçando sua bochecha, sobre suas pálpebras, ao longo de sua mandíbula. Seu perfume trabalhava em seus sentidos. Tão familiar agora. Desejo inflamou dentro dela e ela sentiu uma onda de umidade entre as suas coxas.

— Eu quero você pelo que parece uma eternidade — ele sussurrou. — Fique comigo.

Ela abriu os olhos e seu olhar caiu na foto emoldurada de seus pais. O rosto severo do pai olhou para ela.

Nissa se arrancou dos braços de Justyn. Tudo correu para ela em uma onda avassaladora - seu desejo, o que aconteceu aqui entre eles há apenas algumas horas, a missão.

— Não.

Ele piscou. — Apenas não? É tudo o que você tem a dizer?

Nissa enfiou as mãos nos bolsos. — A vida é apenas um grande jogo para você, Justyn. Você amou a missão divertida e ousada. Mas isso não é realmente como a minha vida é. Eu sou uma Capitã de Patrulha. Eu tenho deveres e responsabilidades. Não posso fugir com você.

— Isso não é o que …

— Eu nunca poderia estar com um homem como você. — Não importa o quanto ela o queria.

Ele se encolheu como se ela tivesse puxado o seu *stunner* e atirado nele. — Um homem como eu?

— Descuidado. — Divertido, emocionante e sexy.

Sua boca se firmou em uma linha dura que ela nunca tinha visto. — Certo. A correta Capitã Sander quer mais substância. Talvez um bom oficial da GSS cumpridor das leis seria perfeito, certo?

Ela viu tempestades crescendo em seus olhos. Sim, esse era o tipo de homem que ela imaginou. Era o tipo de homem que o pai dela queria que ela leva-se para casa.

Justyn deu uma sacudida maldosa de sua cabeça. — Recebi a mensagem alto e claro, Capitã. Eu não vou manchar a sua presença com a minha por mais tempo.

Ele saiu de seus aposentos, as portas se fechando atrás dele.

Os lábios de Nissa estremeceram antes que ela os esmagasse e respirasse pelo nariz. Isso era o melhor. Ele se foi. Estaria fora da vida dela. Exceto se ela tivesse que prendê-lo novamente. Embora algo lhe dissesse que ela estaria vendo menos do *Mercury* nos sensores *do Freedom Resolut.*

Ela esfregou a dor em seu peito antes de se recompor. Todos esses deveres e responsabilidades estavam esperando por ela.

Seu relógio piscou, como se reforçasse seus pensamentos. Ela apunhalou a tela. — Sander.

— Capitã? — A voz de Luciana veio alta e clara. — Nós temos um problema. Você pode, por favor, vir ao Laboratório de Ciências?

— No meu caminho. — Quando Nissa saiu de seus aposentos, ela não pôde evitar um olhar pelo corredor para ver se ela via ombros largos familiares e quadris magros.

O corredor estava vazio.

***

Justyn bateu as portas do Laboratório de Ciências. — Eu recebi uma mensagem urgente. Qual é o diabo do problema?

Ele viu a Tenente Galen em pé sobre um banco de luz, um scanner na mão. A Constituição estava colocada na mesa diante dela.

Ele arrastou uma respiração, absorvendo o tinta preta rabiscada no papel delicado amarelo com a idade. Ele suspeitava que, sem o revestimento de plástico super fino que revestia o documento, teria se desintegrado milhares de anos atrás.

Mas o artefato inestimável não prendeu sua atenção por muito tempo. Nissa estava do outro lado da mesa, rígida, com as palmas das mãos pressionadas contra a borda do banco. Pela primeira vez desde que ele conhecia ela, seu rosto estava branco.

Apesar do que aconteceu em seus aposentos, ele sentiu o desejo de ir até ela. Ele se fortaleceu e cruzou os braços sobre o peito. — O que há de errado?

Nissa levantou a cabeça, seu olhar batendo no dele. — É falsa.

Ele franziu a testa. — O que é falso?

Ela varreu um braço acima da mesa. — Este documento é falso.

Cada gota de fluido no corpo de Justyn ficou gelada. — Não pode ser.

— É verdade. — Luciana se apressou para frente. — Um trabalho brilhante. É velho também, só não é velho o suficiente. — Ela tocou uma tela holográfica sobre a bancada de trabalho. — O papel testa para novecentos anos de idade. A tinta tem a mesma idade.

Justyn caiu em um banquinho próximo. Em nenhum lugar perto o suficiente para ter vindo da Terra antes de ter sido transformada em um deserto nuclear pela Grande Guerra Terrestre. Ele olhou para Nissa.

— Precisamos conversar com Solomon. Ele deve ter o original. Mas quando diabos ele encontrou tempo para fazer um falso.

— Segurança já está trazendo-o para cima — disse Nissa.

Quando Tryker trouxe o jovem caçador de tesouros, Solomon estudou o laboratório com interesse, e lançou um sorriso de flerte para Luciana.

— Pare com isso, Solomon. — Justyn entrou na frente do outro homem. — Onde está a Constituição dos EUA?

As sobrancelhas de Solomon voaram para cima.

— Você bateu com a cabeça, Phoenix? Está bem ali diante de você na mesa, em toda a sua glória antiga.

— Isso … — Justyn apontou um dedo para o documento ofensivo — É um documento falso!

Solomon piscou. — De jeito nenhum. Eu mesmo verifiquei.

— Então alguém trocou isso entre você bater Kenth na cabeça e nos te pegarmos em Alchemia.

Solomon balançou a cabeça ferozmente, os punhos elétricos nos pulsos piscando enquanto ele se movia. — Não é possivel. Esteve comigo a cada segundo.

— Como você verificou isso? — Nissa perguntou em uma voz fria. — Você fez testes?

— Não, não tive tempo. Eu apenas olhei para a marca do Instituto.

Justyn ponderou isso. Cada item armazenado no Instituto de Preservação Histórica era codificado e marcado. — Onde?

Solomonn foi até a bancada e ergueu as mãos algemadas. — Canto inferior direito. Você precisará de uma lupa para vê-la.

Luciana foi até uma prateleira de ferramentas na parede oposta e voltou com uma lupa de metal. Ela segurou no lugar que Solomon havia indicado.

A imagem apareceu na tela. Os pergaminhos cruzados cercados por um círculo, o logotipo do Instituto, juntamente com uma longa sequência de números e letras.

Luciana bateu no Sync que ela estava segurando. — O código corresponde aos registros do Instituto.

— A marca pode ser falsificada? — Perguntou Justyn.

— Possivelmente. Mas essa marca é autêntica. Há uma imagem disso nos arquivos do Instituto.

Nissa se adiantou agora. — Então este é o documento que está armazenado no Instituto há quase mil anos?

Santa poeira espacial, tinha sido uma farsa durante todo esse tempo. O documento que ajudou a fundar a lei na galáxia não tinha sido a coisa real. Justyn quase sentiu vontade de rir.

Mas uma olhada no rosto de Nissa fez com que o desejo morresse um pouco.

Solomon riu e todos se voltaram para encará-lo.

— Isso é irreal. — O caçador de tesouros riu mais. — Não vi isso chegando.

Nissa olhou para ele por um momento. — Comandante, por favor escolte o Sr. Solomonn até uma cabine de hóspedes e remova suas restrições.

— O que? — Justyn exigiu.

— Não posso acusá-lo de roubar um artefato de valor inestimável porque esse pedaço de papel não vale nada.

Com um aceno de cabeça, Tryker arrastou Solomon para fora da porta.

Nissa passou a mão pelo rosto.

— Eu deveria ir e dar a notícia á Almirante. — Os ombros de Nissa caíram. — Lá se vai a minha transferência.

Justyn moeu os dentes juntos. Ela realmente não podia deixar mais claro que tudo isso, e tudo o que ela oferecia era o suficente para ela.

— Capitã Sander, uma mensagem da ponte — disse Luciana, tocando em seu Sync. — Estamos prestes a atracar no Galaxy's Edge.

O olhar de Justyn encontrou o de Nissa. — Parece que nossa aventura acabou, Capitã Sander.

CAPÍTULO DEZ

Nissa estava tão cansada que se sentia com duzentos anos de idade.

Os sons e cheiros da Galaxy's Edge a agrediram. Seus pés se arrastaram enquanto ela subia pelos tubos de viagem até o nível Upper 13, um dos principais níveis de entretenimento. Quando uma rajada de ar comprimido tomou seu carrinho para cima, ela pressionou um dedo na têmpora esquerda. Sua dor de cabeça estava indo de suportável para mal consigo abrir meus olhos.

A Almirante ficara furiosa com os eventos que cercavam a Constituição. Nissa sempre admirou a mulher mais velha, mas vê-la perdê-lo tão completamente deixara Nissa abalada. DeRuyter não se conteve quando ela repreendeu Nissa por seu fracasso.

Fale sobre matar o mensageiro.

Deusa, Nissa se perguntou se a Almirante achava que Nissa havia roubado o maldito artefato e gerado o falso.

Com um suspiro, Nissa puxou o colete de seu uniforme, afrouxando-o. Ela saiu do tubo e estremeceu com a agitação do Upper 13. Clubes, bares e restaurantes se alinhavam em um dos lados do nível aberto. A outra era todas as lojas que ofereciam… praticamente tudo que um explorador de espaço profundo pudesse precisar. Sinais de néon brilhavam e piscavam, prometendo qualquer coisa desde da

melhor pizza no limite, a cervejas frias e holo-pool, para os mais saborosos alimentos clonados e trajes espaciais em qualquer cor que você quisesse.

Ela realmente precisava de uma bebida.

Nissa foi para Moonrakers.

Escondido em uma esquina do pulso principal do Upper 13, era frequentado por policiais de folga, aventureiros e muitas pessoas que os policiais da Patrulha prendiam. Era uma regra não escrita em Edge que você deixa as suas queixas, junto com sua classificação, na porta e só estariam ali para aproveitar um pouco.

Quando ela entrou, ela suspirou de alívio. As luzes estavam sempre apagadas - escondendo as paredes com cicatrizes do fogo laser e parte da clientela que preferia não ser vista. O longo bar da esquerda não estava muito ocupado a essa hora do dia e ocupado por um syndroide de serviço barato.

O dono do bar, um Taxalian irritadiço chamado Dob, não estava por perto, mas aparecia assim que ficava muito movimentado ou se houvesse algum problema. A maioria das pessoas se mudava para a estação quando elas atracavam no Edge e agora na hora local já estavamos no fim da manhã.

Mas havia alguns que mantinham a hora do navio, e o corpo de Nissa lhe dizia que era hora de um copo de vinho. Ela viu algumas das pessoas do *Freedom* jogando holo-pool nas mesas nos fundos, algumas vestidas á civil, outras ainda estavam em seus uniformes, com gola desabotoada e jaquetas jogadas sobre as costas das cadeiras.

Ela levantou a mão em saudação, mas foi para o bar. Independentemente do quanto sua equipe gostasse dela ou de como ela estivesse relaxada, ela ainda era a Capitã deles, e isso tornava a socialização ... desconfortável.

Sua posição e título nunca poderiam ser completamente ignorados, e seus companheiros de bordo ainda achavam que deviam estar em seu melhor comportamento. Eles mereciam seu tempo livre, e isso significava manter distância.

Ela caminhou através das mesas e passou pelas cabines ao longo da parede. A maioria estava vazia, mas quando o olhar dela caiu na cabine nos fundos, seus passos falharam.

Justyn estava sentado lá com seus irmãos.

Ela topou com Justyn muitas vezes antes. Nissa sempre fez questão de fazer uma trégua em seus ... negócios externos.

Desta vez, Justyn olhou para ela por um segundo com os olhos vazios antes de se afastar deliberadamente.

Foi um golpe no estômago dela. Ela merecia, mas, na verdade, ela realmente gostava do sorriso que ele sempre lhe dava.

Quando seu irmão Dare levantou a mão para ela, ela conseguiu acenar com a cabeça antes de marchar para o bar.

— Copo de vinho Gluk'sol.

Houve um zumbido fraco quando o droid se moveu para preparar a bebida de Nissa. Muitos syndroids eram tão realistas que mal se podia dizer que não eram humanos. Mas este era um modelo mais antigo e mais barato. Seu rosto não se movia enquanto falava e nunca piscava, dando um ar um pouco assustador.

Puxando-se para cima em um banquinho alto, Nissa colocou sua conta e-cred na tela holográfica anexada ao bar e, agradecida, aceitou sua bebida. Ela tomou alguns goles, em seguida, olhou o copo entre seus dedos, estrelando nas profundezas vermelhas.

O que ela disse a Justyn ... Deusa, ela se arrependia. Ela colocou seus próprios sentimentos confusos e constrangidos sobre ele. Ele não

tinha sido nada além de útil na missão, e depois, e ela retribuiu com palavras duras sobre seu caráter.

Ela ia ter que se desculpar.

Mais do que tudo, ela queria que Justyn Phoenix lhe desse aquele sorriso encantador novamente.

Ela estava tão confusa.

Ele a fazia sentir coisas que nunca sentiu, isso estava torcendo-a por dentro. Ela sempre teve uma ideia clara de sua vida. Subir nas fileiras da Patrulha, namorar outros homens igualmente ambiciosos, deixar seu pai orgulhoso.

Talvez fosse hora de ter uma chance e fazer algo sobre Justyn. Talvez ela se ofereça para lhe comprar o jantar. Ela conhecia um ótimo lugar bem na esquina que fazia o melhor macarrão do quadrante.

Nissa girou em seu banquinho, sentindo o nó em seu peito aliviar um pouco. Seu olhar pousou na cabine de Justyn, bem a tempo de vê-lo pular de pé.

Ela estava prestes a se levantar quando uma mulher entrou correndo no Moonrakers, indo em direção à mesa de Justyn. Quando ela se aproximou, ela se lançou no ar.

Justyn pegou a mulher com uma risada. Rindo-se, a mulher inclinou o rosto para trás e seus incríveis cachos loiro-avermelhados caíram em cascata pelas costas. Ela apertou as pernas ao redor da cintura de Justyn e plantou um beijo enorme em sua boca.

Nissa sentiu uma pontada de dor em seu intestino e o vinho em sua boca azedou.

A mulher era alta e mesmo com suas curvas impressionantes, era fácil ver que ela estava em forma. Nissa treinava todos os dias, então ela reconheceu a força da mulher em seus físico tonificado.

Esta não era uma mulher que costumava andar ao redor dos bares.

Seu impressionante cabelo cor-de-sol emoldurava um rosto bonito e sua pele era da cor de creme. Ela estava muito longe para Nissa dizer a cor dos olhos, mas ela tinha uma risada encorpada que virou várias cabeças.

Justyn colocou a mulher para baixo e através das pálpebras abaixadas, Nissa a observou também dar abraços a Dare e Rynan antes de se acomodar no estande. encravado entre Justyn e Dare. Justyn deslizou o braço pelo ombro da mulher, inclinando a cabeça para dizer algo que a fez rir de novo.

Nissa apertou as mãos no colo. A mulher se encaixava em Justyn.

Ela era nova, bonita, brilhante. Cheio de vida.

Nissa se virou, olhando para a superfície marcada do bar. Sua mão apertou a haste do copo. Tudo o que ela queria fazer era terminar sua bebida e fugir de volta para sua cabine no *Freedom*.

Um grande corpo se moveu ao lado dela.

Nissa olhou para cima. Ao seu lado estava um enorme macho alienígena, ela suspirou.

Sua pele dura era cinza mosqueada. Ele era humanóide, com uma estrutura de 1,90 carregando muito músculo. Os Semper eram uma raça guerreira e até suas fêmeas eram grandes e excelentes lutadoras. Eles eram alguns dos melhores mercenários no quadrante.

— Krudon, o que você está fazendo aqui?

Ele olhou para ela. Seu rosto era largo com olhos enormes que ela sabia que lhe proporcionavam excelente visão periférica. Era muito difícil se esgueirar em um Semper. Não tinham pêlos, apenas uma cabeça redonda coberta pela mesma pele cinza-escura que seus corpos.

— Eu estava procurando por você. — A voz de Krudon era um estrondo profundo.

Nissa suspirou novamente e pês sua bebida para baixo. Ela cutucou através do bar. Fora do alcance do que ela sabia que estava prestes a acontecer. — Tem certeza de que quer tentar de novo?

— Você me prendeu! — Sua voz ecoou pelo bar. — Essa é a quinta vez.

Atrás dela, Nissa ouviu o silêncio mortal cair. Ótimo.

— Porque você estava contrabandeando armas para o Weyzan. — Ela manteve a voz calma. — Eles são traficantes de escravos, Krudon. Eles escravizam crianças. E se eu pegar você fazendo isso de novo, eu vou alegremente te jogar na minha masmorra. Novamente.

Ela observou suas mãos grandes, cada uma do tamanho de sua cabeça, enroladas em cima do bar. Ela discretamente deslizou para a borda de seu banquinho e deixou seus pés tocarem o chão.

— Cadela chupadora de estrelas! — Krudon recuou e se virou para ela.

Nissa deslizou para o lado e se abaixou.

Aqui vamos nós novamente.

Krudon girou e, com um berro, ele balançou novamente. Nissa se abaixou sob o braço dele. Sua mão enorme amassou o bar. Por trás disso, o syndroid começou a gritar.

Nissa se equilibrou levemente nas pontas dos pés, a adrenalina correndo em sua corrente sanguínea. Não havia como ela lutar contra Krudon de uma forma justa. Mas o Semper era melhor com armas, não mão a mão. E além disso, ela não pretendia lutar de forma justa.

Ela colocou a mão sob o casaco passou por cima de sua pistola de laser e espalmou seu stunner. Ao toque, ela mudou para a

configuração de menor atordoamento. Krudon era um idiota, mas ela não queria machucá-lo.

Antes de Krudon se virar, ela bateu uma bota na parte de trás do joelho dele. Ele desceu, girando ao mesmo tempo. De joelhos, ele era da mesma altura que ela.

— Suficiente, Krudon. Você continua me atacando toda vez que sai do calabouço e sabe o que acontece toda vez que fazemos essa dança. — Ela se inclinou um pouco mais perto. — Eu venço sua bunda e coloco você de volta em uma cela para se refrescar.

Ele gritou uma palavra em sua própria língua e desde que seu implante lingual não forneceu uma tradução, Nissa suspeitou que era alguma maldição de Semper desagradável. Ele mergulhou para frente, seu corpo enorme batendo no dela. Nissa se surpreendeu.

Não fez muito. Na configuração mais baixa, um homem do peso corporal de Krudon provavelmente se machucaria. Eles caíram no chão e, infelizmente, Nissa estava por baixo.

Seu imenso volume bateu o ar fora dela. Lutando para respirar, sentiu algo pegajoso no lado do pescoço.

Ugh, ela não queria saber o que estava no chão de Moonrakers.

Ela enfiou seu stunner em seu lado. — Faça isso de novo e eu vou definir isso o suficiente para acabar com você.

Suas palavras eram roucas por falta de ar.

Sua mandíbula enorme levantou, seus olhos arregalados estavam cheios de um brilho rebelde.

Sim, sim, você não gosta de mim. Entendi. Muito disso acontecendo hoje.

— Sai fora.

Aquele olhar rebelde de novo. Com um longo suspiro, ela sabia que teria que atordoar sua bunda novamente.

De repente, seu peso foi empurrado para trás e ela pôde respirar.

— Nissa! — Justyn apareceu na frente dela, agarrando seus braços e puxando-a para seus pés.

Krudon ficou ao lado deles, balançando levemente, segurando a cabeça ensanguentada.

— Não se mova, idiota. — Justyn apontou um dedo para Krudon antes de se concentrar em Nissa novamente. — Você está bem?

— Estou bem. — Ele mergulhou para ajudá-la. Apesar de tudo, algo morno floresceu em seu peito. Mas ela não conseguia se concentrar isso agora. Primeiro, ela teria que lidar com Krudon. — Realmente, eu preciso …

De repente, o Semper se lançou para frente, derrubando Justyn de lado e socando Nissa brutalmente no estômago.

Quando ela caiu, ela conseguiu levantar seu stunner. Ela viu o corpo de Krudon sacudir, assim como ela voou para o lado do bar com uma enorme explosão de dor.

***

Justyn mal deu um olhar ao alienígena gigante enquanto se ajoelhava ao lado Nissa.

— Merda, querida, isso foi um soco sério.

— Estou bem. — Ela se sentou. — Se você não tivesse interrompido, eu nem estaria aqui embaixo pegando lixo desconhecido em minhas mãos.

Ela estava embalando suas costelas, e quando ele chegou para dar uma olhada, ela empurrou o braço dele para longe.

— Desculpe por tentar ajudar quando um cara duas vezes do seu tamanho estava batendo em você. — Sim, Justyn ouviu o tom sarcástico em sua voz, mas ele ainda estava cru de sua discussão anterior.

— Desculpa. — Ela soltou um suspiro e agarrou o braço dele. — Desculpa. Costelas quebradas me deixam irritada.

A desculpa sarcástica quase fez Justyn sorrir. Então ele apertou a mão para o lado dela e sentiu o nó em suas costelas e estremeceu.

Ela fez uma careta. — Isso é ruim, hein?

— Ah sim. — Ele olhou para o bar. — Ei, Dob? Você pode trazer um pouco de gelo?

— Isso não é um centro médico, você sabe. — O Taxalian tinha um sotaque pesado e amplo.

— Apenas pegue-o. — Justyn estava acostumado ao ranzinza barman. Ele era todo fanfarrão. Segundos depois, Justyn estava pressionando gelo envolto em pano contra as costelas de Nissa.

Enquanto eles olhavam um para o outro, botas soaram no chão ao lado deles. Dois homens da *Freedom* apareceram.

— Tudo terminado, Capitã?

— Sim. Por favor, leve Krudon e o coloque na masmorra. Novamente.

Justyn arqueou uma sobrancelha. — Esta é uma ocorrência usual?

— Krudon gosta de dançar comigo pelo menos uma vez por mês. Eu o atordoo, depois o atiro na masmorra. Enxague e repita.

— Nissa, o cara poderia te matar!

— Ele é muito inofensivo, na verdade.

Justyn sacudiu a cabeça e estudou o rosto dela novamente. — Suas costelas estão implorando por alivio. Você vai precisar de um *medscope.*

— Eu vou verificar com o meu médico chefe quando eu voltar para a *Freedom*. — Ela limpou a garganta. — Você pode me ajudar?

Com um braço ao redor dela, ele ajudou-a a ficar de pé. Ela olhou para a mesa dele e ele viu seus irmãos em pé, esperando para ver se eles eram necessários. Ele acenou para eles.

— Eu pensei que você estava me ignorando. — disse Nissa calmamente.

Ele olhou de volta para ela. Ela se virou, olhando além do bar.

— Eu estava — disse ele.

Ela envolveu um braço em volta do meio dela. — Eu estava fora da minha mente hoje mais cedo. Você não tem sido nada além de útil em toda essa bagunça da Constituição e ... Eu aprecio o que você fez para me ajudar. — Ela mordiscou o lábio inferior. — Você tem minhas desculpas.

Jesus, essa mulher poderia transformá-lo de dentro para fora em um piscar de olhos. — Nissa ...

— Eu sei melhor do que ninguém que você esconde muito sob sua encantadora persona canalha. Eu não deveria ter dito o que eu disse.

Ela o machucou. E com um pedido de desculpas simples e honesto, o chão se nivelou sob seus pés novamente.

Ela olhou para ele. — Sua namorada está tentando chamar sua atenção.

Namorada? Com uma carranca, ele seguiu seu olhar e viu Aurina acenando para eles. Ele se virou para Nissa, observando-a com cuidado. Havia algo lá, mudando-a em olhos amarelos únicos.

Ele abriu um sorriso lento no rosto.

Ele se inclinou para mais perto. — Você realmente acha que eu teria uma namorada e ainda colocaria meus dedos dentro de você e esfregaria seu clitóris até que você gozasse na minha mão?

Nissa se sacudiu, suas bochechas flamejantes.

Justyn correu um dedo pelo nariz de Nissa. — Ela é minha irmã.

— Irmã? — Nissa se endireitou. — Eu não sabia que você tinha uma irmã.

— Meia-irmã. — Não que a distinção fizesse alguma diferença para Justyn e seus irmãos. — É uma longa história que contarei outra hora. Aurina é a batedora do nosso comboio.

— Oh — Nissa lançou outro olhar para Aurina. — Ela é muito bonita.

— Deixe-me verificar suas costelas novamente. — Ele puxou o gelo para longe e, sem avisá-la, puxou a camisa da calça e puxou-a para cima.

— Justyn! — Ela deu um tapa nas mãos dele.

— Segure firme. — Ele estudou a contusão e inchaço formando em seu lado liso. Seu intestino apertou. Ele odiava ver sua pele marcada. Mas, pior ainda, ele odiava ver as contusões nos olhos dela. — Você falou com a Almirando do GSS?

— Sim.

Aquela palavra não continha nenhuma inflexão.

— Isso é ruim, hein?

Ela lançou-lhe um olhar. — Almirante ficou emocionada ao descobrir que a Constituição reverenciada em toda a galáxia é falsa. — Ela soltou um longo suspiro. — É por isso que eu vim aqui procurando ficar bêbada.

— Nenhuma transferência?

— Não, nenhuma transferência, Justyn. Terei sorte de conseguir outra promoção. — Um sorriso fino. — Parece que a borda será minha casa por um longo, longo tempo. Meu pai ficará emocionado.

Sim, Justyn odiava essas malditas sombras. E maldição se ele não faria qualquer coisa para fazê-las ir embora. Ele acariciou o polegar ao longo sua mandíbula.

— Você acha que o documento real ainda está lá fora?

— Eu duvido. Faz milhares de anos desde que deixou a Terra.

Por um segundo brilhante e vibrante, Justyn imaginou - a Constituição, situada em algum lugar, esperando que alguma alma aventureira descobrisse seu lugar de descanso.

Ele agarrou seus ombros. — Vamos encontrá-la.

— Encontrar o que?

— A Constituição dos EUA.

Sua boca caiu aberta. — Você está louco?

— Não. Vamos, Nissa. Está lá fora em algum lugar.

Ela balançou a cabeça. — Não, as chances são de que *não está*. Provavelmente é um monte de poeira agora.

— Você não quer ter certeza? Imagine se realmente encontrármos isso.

Ela fez uma pausa e ele a viu pensar. Ele não queria que essa mulher conseguisse uma transferência e saísse da borda. Mas ... bem, uma parte maior dele só queria vê-la feliz.

Além disso, se ele a atraísse em um caça ao tesouro, eles passariam muito tempo juntos. Ele teria a chance de convencê-la a dar uma chance a ele.

Ela passou a mão sobre a cabeça. — Esta é a ideia mais lunática que já ouvi.

Justyn encolheu os ombros. — Eu não sei, eu já criei alguns esquemas malucos antes. — Ele sorriu. — E a maioria deles realmente valeram a pena.

Um sorriso relutante. — Aposto.

— Exceto por esta vez ... havia essa dançarina de Gaia, um explosivo de última hora e uma briga de bar. — Ele atirou-lhe um sorriso malicioso e apontou para a testa. — Foi assim que eu peguei minha cicatriz.

— Você leva alguma coisa a sério? — Ela balançou a cabeça. — Você não pode esperar que eu largue tudo e passeie galopante pela galáxia.

— Vamos, Nissa. Arrisque. Por acaso eu conheço o melhor caçador de tesouros da galáxia, e seus irmãos caçadores de tesouros, e sua esposa astro-arqueologica. Eles vão nos ajudar.

Nissa parecia rasgada, então seu rosto ficou sério. Era o que Justyn chamava de rosto de 'Capitã'.

— Eu tenho um emprego. Eu tenho deveres e ...

— Responsabilidades. Eu sei. — Desapontamento era um gosto amargo em sua boca. Mas então uma ideia surgiu. Ele deu de ombros negligentemente. — Bem, eu vou atrás disso. — Ele começou a se afastar. — Certifique-se de colocar seu CMO cuidando suas costelas.

— Espere! — Ela agarrou o braço dele e puxou-o de volta. — O que você quer dizer com você está indo atrás disso?

— Gostei da nossa missão em Alchemia. Eu acho que a caça ao tesouro é divertida. E se eu encontrar a Constituição, será muito, muito lucrativo. — Ele levantou uma sobrancelha. — Mais do que ... contrabando. Se eu estivesse inclinado a contrabandear.

Um vinco apareceu entre as sobrancelhas dela. — Você desistiria de um artefato de valor inestimável para apenas aquerir a taxa de localizador?

— Não.

Sua carranca se aprofundou. — Você iria vendê-lo para o maior lance?

— Com certeza. — Ele não iria, mas ela não precisava saber disso.

— Você não pode ir atrás disso!

Justyn levantou os braços.

— A Galáxia é livre. Você não pode me impedir. — Ele voltou para a mesa. Seus irmãos e irmã estavam observando-o com interesse indisfarçado.

Nissa agarrou sua camisa e o puxou de volta um passo.

— Se você está indo atrás disso, então eu vou com você. — Ela se levantou. — Para garantir que você o entregue ao Instituto e obtenha apenas a taxa do localizador. E que você não vá vender isso pelo o maior lance.

Justyn mal conteve seu sorriso. — Você está certa, Capitã Smooth. — Ele passou o braço pelos ombros dela. — Vamos caçar tesouros.

CAPÍTULO ONZE

Deusa ajude-a.

Nissa jogou a sua bolsa em seu ombro e tentou ignorar a agitação de borboletas voando em volta de suas entranhas.

Ela estava de licença.

Ela saiu dos tubos de viagem e entrou no braço de atracação principal da estação. Ela havia acabado de deixar o *Freedom Resolut* sob o comando de Drayna.

A partir de agora, ela não era a Capitã Nissa Sander, da Patrulha do GSS. Ela era Nissa Sander, caçadora de tesouros.

E parceira de Justyn Phoenix.

Parceira de negócios, ela se corrigiu.

Ela circulou em torno de uma multidão de tripulantes de carga que vagavam pelo corredor e, momentos depois, alcançou a doca 253, casa temporária do navio-comboio Phoenix, o *Sky Nomad*.

Dirigindo-se à rampa fechada, ela tentou ignorar as vozes em sua cabeça dizendo que ela era louca, irresponsável, insana.

Engraçado, mas a maioria dessas vozes soava muito como o pai dela.

Alcançando a grande porta do navio, ela apertou um botão no painel ao lado. Antes do intercomunicador, as portas se abriram.

Justyn se apoiou no batente da porta. — Ei, Nissa, bem vinda ao *Sky Nomad*.

Ela entrou e deixou que ele pegasse sua bolsa. — Obrigada.

— Você cuidou dessas costelas. — Ele gesticulou para ela corredor.

— Boa como nova. — O navio era grande. — Um cargueiro reformado?

— Sim, ela é uma lutadora de elite Ashrian. — Janelas de vidro resistentes davam vislumbres a compartimentos de carga organizados. — Precisamos de espaço de carga suficiente para receber provisões para o comboio. Alimentos, armas, suprimentos médicos.

— E passageiros?

— Nós aceitamos alguns. Principalmente o comboio é feito de viajantes com suas próprias naves, mas pelo o preço certo, nós vamos levar alguns no *Nomad*.

— Você tem uma equipe grande?

— Não muitos. Rynan tem um par de seguranças e um médico. Dare tem alguns tripulantes e manutenção. E Aurina geralmente está a bordo, quando não está no topo do comboio. Procurando pelas rotas mais seguras e qualquer problema que possamos querer evitar.

— Quando é que o próximo comboio sai?

— Em alguns dias. Segue o que chamamos de Rota das Colônias. É uma rota popular para os colonos que procuram mundos desabitados e missionários para salvar almas. Dare ainda aceita alguns viajantes e organiza os últimos suprimentos.

Ele mostrou a ela a grande cozinha e sala de jantar. A enorme sala aberta tinha janelas do chão ao teto, várias mesas dispostas em fileiras, com uma cozinha bem equipada em uma das extremidades. Alguns impressoras de alimentos também foram colocadas na parede para quem quisesse pegar lanches rápidos fora do horário das refeições. A área de recreação estava contida na sala de jantar e estava cheia de poltronas confortáveis, telas holográficas e alguns jogos holográficos de alta tecnologia.

— Vamos lá, os outros estão esperando por nós. — Justyn levou-a através de mais corredores. Ele parou do lado de fora de um conjunto de portas duplas. — Nissa, enquanto você está aqui, você não é mais da Patrulha. Você é uma de nós.

Algo flutuou em seu peito. — Eu sei.

— Além da borda da galáxia, nós só temos uns aos outros para depender. Você não pode ter lealdades mistas. Você tem ser leal à caça, senão poderá matar todos nós.

— Eu entendo, Justyn. — E ela entendia. Além da borda, ela não era mais a Capitã Sander. Ela era apenas Nissa. Parte da tripulação Phoenix.

Com um aceno de cabeça, ele empurrou as portas e eles entraram no domínio de Rynan.

O centro de segurança era todo cheio de holo-telas lisas e planas e consoles de computador zumbindo. A maioria das telas exibia vários mapas estelares com marcas codificadas por cores piscando neles e várias rotas marcadas. Um mapa estava projetado em três dimensões, pendurado no centro da sala. Rynan estava sentado em uma grande cadeira preta, trabalhando em um console de computador. Dare estava lá também, encostado na parede, uma perna cruzada na frente da outra.

— Na hora certa — disse Rynan, girando a cadeira para enfrentá-los. — Nós nos conectamos com Dathan e Eos.

Nissa se virou para o holo-comunicador, onde um homem e uma mulher apareceram.

Ela reconheceu os dois.

No ano anterior, os arrojados Dathan Phoenix e Dra. Eos Rai tinham estado por toda a notícia galáctica com a descoberta de Star's End, o lendário local de descanso dos tesouros terráqueos do New Louvre. O caçador de tesouros e sua bela esposa doaram os fabulosos tesouros para o Instituto de Preservação Histórica, embora o último fragmento sobrevivente da Mona Lisa nunca tivesse sido encontrado.

Nissa suspeitava que estivesse aninhada em segurança na coleção particular dos Phoenix.

— Dathan, Eos, eu gostariamos que você conhecesse a Capitã Nissa Sander. Ela estará ajudando na caçada — disse Justyn.

Na tela, Eos assentiu com um sorriso enquanto o rosto de Dathan permanecia impassível.

— Capitã?

— GSS — disse Nissa. — De licença.

Dathan ergueu as sobrancelhas. — Não é normal uma funcionária da GSS participar de uma caça ao tesouro.

— Ela está aqui para se certificar de que eu não faça algo nefasto com a Constituição — disse Justyn. — Ela acha que eu sou um canalha.

— Você *é* um canalha — disse Nissa.

— Ah, faz sentido agora. — O sorriso de Dathan era largo.

— O documento que você recuperou era realmente falso? — Eos perguntou.

Nissa assentiu. — Minha equipe de ciências verificou isso. É o documento que estava no museu, mas não é o negócio real.

— Incrível. — Eos olhou para dentro. — Meus contatos no Instituto me dizem que estão ocupados executando os outros artefatos chave através de uma bateria de testes. Existem alguns astro-arqueólogos embaraçados. Até agora, todo o resto está se mostrando legítimos.

— Bom ouvir.

Eos brincou com o final de sua trança escura. — Então, agora precisamos descobrir o que aconteceu com a Constituição original.

— Sim. — Justyn empurrou uma cadeira em direção a Nissa e se acomodou na outra ao lado dela. — Eos, você sabe como a

Constituição e a outros Códigos da Constituição Galáctica entraram nas mãos do Instituto?

— É uma história fascinante. — Os olhos dourados da mulher se iluminaram. — Vou me concentrar apenas nos documentos terráqueos. O Codex Rendariano e o Pacto de Star'is, embora muito importantes, obviamente não são da Terra e não são tão antigos quanto os outros. Os três documentos terráqueos foram encontrados juntos em cache enterrado em Alpha Centauri Bb, um planeta em o sistema Alpha Centauri.

— Esse é o sistema estelar mais próximo da Terra, certo? — Atreveu-se a perguntar.

— Correto. — Eos juntou as mãos. — É um sistema estelar binário com apenas um planeta habitável muito semelhante à Terra.

— Eu já ouvi falar — disse Nissa. — A localização da primeira colônia espacial da Terra. — Nos primórdios da viagem interestelar.

— Foi também a localização da Galeria Uffizi II, um museu nomeado após um famoso antigo museu da terra. Registros nos dizem que a Constituição original dos EUA e a Magna Carta foram exibidos lá, junto com um registro eletrônico da Carta das Nações Unidas.

— Vá em frente — Justyn solicitou.

— Ninguém sabe exatamente o que aconteceu com a colônia em Alpha Centauri Bb, mas foi destruída, provavelmente pela Vorta.

Nissa sabia que o primeiro contato dos terráqueos a espécie bárbara não tinham sido amigável. Até hoje, os Vorta mantinham seu próprio espaço.

— Ninguém sabia se algum dos tesouros do Uffizi II foram salvos. Acreditava-se amplamente que tudo havia sido perdido. Até que uma mulher chamada Sarah Battista descobriu um esconderijo de artefatos terráqueos enquanto escavava Bb mil anos atrás.

— Battista? Parece familiar. — disse Justyn.

Eos assentiu. — Não é surpreendente. Ela era uma das primeiras pioneiras em astro-arqueologia e membro fundador do Instituto.

— Então, Battista descobriu a Constituição. — Nissa disse.

— Sim e os outros documentos. E o trabalho foi feito, ali mesmo no local, para confirmar sua autenticidade.

— Verdade ou mentira? — Perguntou Justyn.

— Dos registros e imagens que vi, todos os documentos que saíram do chão em Bb eram reais. Os manuscritos foram checados novamente antes de serem transportados para o New Metropolitan Museum em Davyn V.

Justyn bateu com o dedo no braço da cadeira. — Então, a Constituição foi roubada a caminho de Davyn V, ou foi trocada pela falsa no New Met Museum em algum momento durante os últimos mil anos.

— Eu acho que é altamente improvável que foi trocado no Museu — disse Eos. — Tem uma segurança apertada … — ela fez uma careta — Embora tenha *sido* roubada durante a festa de gala. Mas tenho a confirmação de que a Magna Carta e a Carta da ONU foram datadas novamente e são legítimas. Nada mais está se tornando falso.

— Então, durante o transporte? — Nissa disse.

Dathan limpou a garganta. — Todas as pessoas interessadas em artefatos sabem que são mais vulneráveis durante o transporte. — Ele deu á sensual esposa um olhar triste.

Hmm.

Nissa se perguntou quantos artefatos Dathan e seus irmãos haviam adquirido durante o transporte.

— E esses documentos teriam sido alvos tentadores. — disse Rynan.

— Muito. É por isso que Battista surgiu com um plano engenhoso. Cada documento foi transportado em um navio separado. Cada um tinha uma rota diferente e tortuosa para Davyn V.

Agora eles estavam chegando a algum lugar. Nissa se inclinou frente.— Quem assumiu a Constituição?

Dathan levantou seu Sync, lendo da tela. — Viajava em uma nave espacial chamada *Nero*. O Capitão era um homem chamado Horatio Griffin.

— Nós sabemos alguma coisa sobre Griffin? — Perguntou Justyn.

— Um Capitão sólido e experiente. Conhecido por fazer o trabalho do jeito certo. Eu encontrei uma foto de Griffin com o *Nero*.

A imagem piscou na tela. A resolução não era ótima mas *Nero* era um *starfreighter* de aparência robusta e Griffin era um homem baixo e robusto com uma mandíbula forte.

— Algo mais? — Nissa perguntou.

Eos encolheu os ombros. — Não muito mais. Os registros daquela época são escassos e o transporte dos documentos era secreto. Os documentos pertencentes a ele não foram criados em primeiro lugar ou excluídos.

— Qualquer coisa sobre o seu percurso?

Dathan deu um passo à frente. — Na verdade, encontrei algo promissor. Eu falei com alguns de nossos contatos e um deles me direcionou para um Padre Nabu. Esses caras têm registros de *tudo*.

Justyn estava praticamente vibrando ao lado de Nissa. — Ele sabia algo sobre o *Nero*?

— Sim. E ele sabe de alguns dos lugares que visitou em sua jornada.

Justyn acenou com a mão. — Vamos. Derrame.

— O *Nero* parece ter viajado ao longo a borda da galáxia. E naquela época as coisas eram ainda mais selvagens do que são agora. Meu amigo Nabu disse que o navio atracou em Tyne IV, Nova Estação de Luxor e Enterprise Colony.

Nissa conhecia todos esses lugares. Ela achava que eram bons lugares para começar.

Dathan sorriu.

— Fica melhor. O *Nero* deslizou para *além* da borda da galáxia, não muito longe da sua localização. Isso foi obviamente antes da estação espacial do mesmo nome existir.

Nissa podia sentir o caçador de tesouros construindo algo. — E?

— E, quando voltou para o espaço cartografado, parou no mercado de Souk. Aparentemente, eles sofreram algum dano, tinham alguma da sua tripulação precisando de ajuda médica e o navio precisou de manutenção.

Justyn se endireitou. — Esse é o planeta que sua lua orbita.

Nissa sentiu seus músculos apertarem sobre os ombros dela.

— Sim. Depois que eu aprendi isso, eu fiz um pouco de pesquisa sobre Souk. Encontrei os registros de manutenção de *Nero*, assim como algumas imagens. Havia algo um pouco estranho sobre as fotos.

— Jesus, vá direto ao ponto, Dathan! — Justyn explodiu.

— Dê uma olhada no *Nero* em uma doca terrestre em Souk.

Mais uma vez as imagens eram de baixa resolução, mas eram claras o suficiente para que todos pudessem ver.

Nissa respirou fundo. — Isso *não* é um *Starfreighter.*

O navio numa doca terrestre parecia uma espécie de *Starcruiser*. Mais elegante, menos espaço de carga.

— Você tem certeza que é o *Nero*? — ela perguntou.

— É o que dizem os registros. E esta segunda imagem mostra Griffin falando com o pessoal do time de mecânica.

E lá estava ele. Mesma construção curta e encorpada.

Justyn ficou de pé, seu olhar voltado para dentro. — Algo aconteceu com o *Nero* quando saiu do espaço cartografado e quando retornou não era o mesmo navio.

O coração de Nissa bateu forte e lento em seu peito. Seu olhar ficou preso com o de Justyn. O que quer que tenha acontecido com o *Nero*, ela apostou sua capitania que explicava o que havia acontecido com a Constituição.

CAPÍTULO DOZE

Sete horas seguidas de olhar para as telas do Sync, ler documentos antigos e fazer buscas em computadores não era fácil para os olhos.

Justyn apertou os olhos na tela, digitalizando outro documento. A informação que Eos e Dathan conseguiram reunir era incrível. Ele limpou a tela e passou para a próxima página. O computador estava executando várias pesquisas para quaisquer referências para o *Nero*.

Ele e Nissa estavam passando manualmente por qualquer coisa que o computador sinalizasse.

Ao lado dele, Nissa se mexeu na cadeira. Novamente. Pela centésima vez desde que eles se instalaram na cabine vazia para trabalhar.

— Isso destrói completamente todas as minhas crenças sobre a aventura da caça ao tesouro. — Ela afundou de volta em sua cadeira. — Isso é chato.

Justyn escondeu seu sorriso. Ele suspeitava que a Capitã Sander não passava muito tempo sentada. Não, ela estaria caminhando pelos corredores da *Freedom Resolut*, checando sua equipe e resolvendo problemas. — Eu não sei, eu meio que gosto disso.

Havia uma emoção em encontrar uma referência oculta a um navio antigo e à sua tripulação. E além disso, ele e Nissa estavam trabalhando juntos, quase como se estivessem fazendo esse tipo de coisa por anos. Ele até gostava dos silêncios sociáveis.

Ser capaz de vê-la não era uma dificuldade também. Ele aprendeu que ela tinha um hábito de roer o lábio inferior quando ela estava concentrada e de bater as unhas na mesa quando estava frustrada.

Ela se levantou e caminhou até a grande tela holográfica montada na parede. Mostrava um mapa estelar e estava marcando com pontos coloridos que mostravam qualquer referência do *Nero* ou uma referência que suspeitavam onde poderia estar o navio.

Eles estavam lentamente juntando as coisas, mas ainda havia muitas lacunas.

Uma ideia surgiu em sua cabeça para ajudar a acabar com o tédio e ele lutou contra um sorriso. Ah sim, ele gostava da ideia de apimentar as coisas um pouco. Tocando em seu Sync, ele rapidamente digitou uma mensagem.

Eu não fico muito entediado, basta me lembrar de você sem suas roupas.

Ele bateu enviar.

O Sync de Nissa soou. Com uma carranca, ela vagou de volta para seu assento e bateu na tela. Ele observou as sobrancelhas dela se erguerem.

— Phoenix. — Um tom de aviso.

Ele encolheu os ombros. — Apenas dizendo a verdade.

Ela balançou a cabeça.

— Volte ao trabalho. — Pegando seu Sync, ela voltou para estudar o mapa estelar. Ela bateu uma marca vermelha. — Tenho certeza que é aqui que *Nero* deixou o que agora chamamos de espaço cartografado. Naquela época, já era um estado selvagem.

— De acordo. — Justyn olhou o mapa. — Certamente eles não teriam ido muito mais longe do que isso.

Nissa assentiu. — De acordo.

Ele deu um pulo e ficou ao lado dela. Quando o seu ombro roçou o dela, ele saboreou o golpe de calor que atingiu o seu intestino. — A rota da colônia corre muito perto desse ponto. Mesmo naquela época, era perto. Os Hydraens tem uma história oral detalhada sobre navios que já estavam usando a rota e os visitando.

— Os Hydraens?

— Uma raça humanóide que vive em um planeta aqui. — Ele tocou a tela. — Hydraens é um mundo caravanserai.

— Caravanserai?

— Palavra da Velha Terra. Caravanserais eram pousadas ou acampamentos na beira da estrada, oferecendo descanso aos viajantes nas rotas comerciais.

— Você está pensando que *Nero* poderia ter usado a Rota da Colônia?

— Talvez.

O silêncio mais uma vez reinou, ambos refletindo sobre seus respectivos pensamentos. Incapaz de se conter, Justyn escreveu outra mensagem curta.

Se você estivesse nua, eu colocaria você de volta na mesa e colocaria minha boca em você. Eu quero ver você gozar e ouvir aqueles seus pequenos gritos que você faz.

Quando seu Sync voltou a tocar, ele a viu disparar um olhar suspeito em sua direção. Ele manteve seu rosto em branco quando ela abriu a mensagem. Ele observou uma mistura sedutora de indignação, desejo e tentação cruzando seu rosto. Isso o fez querer empurrá-la contra a mesa e fazer o que ele havia escrito.

Ela fez um barulho sufocante. — Justyn ...

— Nissa. — Ele imitou o tom dela. Ele não se aproximou dela, apenas observou seu rosto. Aquele rosto que ele podia encarar o dia todo, com seu queixo teimoso, boca generosa e belo padrão de escamas. — É verdade. Eu não consigo tirar a lembrança de você da minha cabeça. Eu revivo esse momento em sua cabine cem vezes por dia. A doce curva da sua bunda, você empurrando meus dedos dentro de sua umidade quente e apertada ...

— Pare com isso. — Sua voz suave como pecado estava instável.

— Não há mal em um pouco de diversão, Nissa. — E maldição se ele não queria ser o único a soltá-la um pouco, fazê-la sorrir mais.

— Foco, Phoenix.

Ele suspirou e se voltou para o mapa. A linha que eles extrapolaram sobre a rota do *Nero* brilhou.

— Se eles soubessem que estavam indo para fora do espaço traçado, para o desconhecido negro, teriam estocado suprimentos.

Nissa limpou a garganta. — Hum, sim… não havia impressoras de alimentos naquela época. As únicas impressoras que eles tinham então fabricavam itens de plastico para fazer peças e mercadorias. Eles não tinham trabalhado como manipular proteína.

Justyn sorriu para si mesmo. Ah, ele gostava de ver a Capitã sobrecarregada e desequilibrada.

— Certo. Então, onde eles pegaram suprimentos?

Ela se endireitou, sua mente totalmente no mapa agora. — Enterprise Station.

— Certo. Então, com base no tamanho dos compartimentos de carga *do Nero*, quando eles estavam aqui … — ele tocou a marca vermelha onde o *Nero* passava pela borda da galáxia eles estavam se esgotando. Eles teria que re-fornecer.

Seus olhos acenderam. — Certo! Então você conhece a rota do comboio. Onde é o lugar mais provável que eles teriam parado?

Ele bateu um dedo contra sua boca. — Talvez Uurin. É um planeta temperado, mas não há muita civilização lá. As espécies humanóides que o chamam de lar não são muito avançadas.

— Onde mais?

Ele estalou os dedos. — Hydrae! Isso, tem que ser isso!

— O mundo das caravanas. Eles ofereceram descanso aos viajantes naquela época?

— Sim.

— OK. Diga-me mais sobre isso.

— Você adoraria isso. — Justyn adorava. — As pessoas são muito amigáveis. Eles se desenvolveram fora da galáxia como a conhecemos, então eles têm uma visão diferente das coisas. Eles têm um ritmo de vida mais lento, acreditam em todos que encontram sua própria paixão, não estão à altura das expectativas externas. Sua arquitetura é simples e bonita — Hydrae era um pequeno paraíso tranquilo. — Acredite em mim, qualquer um que pare por lá sempre considera nunca ir embora.

Nissa se recostou na mesa. — Viajar nas rotas dos comboios deve ser tão excitante. Novas espécies, novos planetas, novos alimentos.

— Isto é. Você conhece novas pessoas, vê coisas incríveis. Mas também é perigoso. Algumas espécies atacam os comboios, procurando roubar mercadorias e navios, ou levar escravos. Às vezes até a comida é perigosa. Eu tentei algumas bagas uma vez que brilhavam como pérola. As coisas danadas tinham gosto de ambrosia. Acontece que elas também eram violentamente venenosos — Ele balançou a cabeça, lembrando da dor hedionda. — Felizmente, Elana, nossa médica, é inteligente e rápida. Ela me salvou de uma morte dolorosa.

Nissa sacudiu a cabeça. — E você gosta de trazer algumas dessas *incríveis* coisas de volta para a galáxia, onde poderiam ser perigosas para outras espécies.

Ele sorriu. — Você está apenas tentando me enganar e me fazer admitir que eu faço contrabando.

***

Nissa revirou os olhos para Justyn, ignorando sua pergunta e olhou de volta para o mapa estelar. — Então, você acha que o Capitão Griffin parou em Hydrae para suprimentos?

— Sim, eu acho

Ela também achava isso.

— Você tem acesso a algum dos seus registros? Precisamos verificar se há alguma referência a uma visita no período certo.

— Eles não guardam muitos registros. Eles têm excelentes memórias, então eles tendem a guardar coisas em suas cabeças. A história do planeta deles é registrada principalmente em narrativas orais. Dito isso, Rynan coleta dados e registros históricos de todos os planetas ao longo da rota do comboio. O cara é obcecado por segurança e garoto, ele ama a informação! Ele pode ter alguma coisa.

Justyn voltou para a mesa, conectando seu Sync no console do computador e trabalhando na tela maior.

Nissa seguiu, tentando arrancar o olhar da bunda de primeira classe do homem e o modo como o jeans dele a abraçava. Suas pequenas 'mensagens' sujas haviam deixado ela se sentindo mais do que um pouco quente e incomodada.

Maldito contrabandista tentador.

Ela sentou-se na cadeira dela, movendo-se inquieta. Desta vez não tinha nada a ver com o tédio e tudo a ver com o vazio dolorido entre suas coxas.

Por que ela não deveria gostar de um homem por quem ela é loucamente atraida?

Ela não estava falando de algo a longo prazo ou para sempre. Ela estava falando sobre apreciar cada coisa selvagem que havia sobre Justyn Phoenix enquanto eles estavam nessa louca caça ao tesouro juntos.

— A-ha! — Justyn bateu furiosamente na tela. — Eu encontrei o estoque de arquivos do Ry sobre Hydrae. Não há muito. Eu estou mandando para você o link desse arquivo. Você começa no topo e eu começo na parte inferior, e nós trabalhamos em direção ao meio. Veja se consegue encontrar algo que faça referência ao *Nero*.

— Entendido.

Era um trabalho tedioso. A maioria dos registros eram informações sobre clima, recursos, nível de desenvolvimento do povo Hidraen. Certamente nada emocionante, com exceção de algumas informações interessantes sobre o caravansarai e sua longa história.

Mas enquanto os minutos passavam, Nissa sentiu sua visão vacilar por tanto tempo olhando para a tela. Ela esfregou os olhos cansados e olhou para o parceiro. Justyn parecia bem acordado e alerta. Ele estava esparramado em sua cadeira, seu olhar atento passando pela tela enquanto ele lia.

Uma ideia malcriada fez cócegas no limite de sua mente.

Não. Ela não podia.

Mas enquanto o observava pegar sua bebida e tomar um grande gole, seu estômago se apertou com uma apreciação feminina pura.

Ela abriu uma tela de mensagem em branco e digitou.

Eu também tenho minhas fantasias, Phoenix. Eu imagino você nu, explorando cada centímetro desse corpo grande e resistente que você tem. Com minhas mãos e minha boca. Eu me pergunto qual é o seu sabor e como seu pau se sentiria na minha boca.

Ela olhou para o cursor piscando. Deusa, ela realmente ia fazer isso?

Puxando sua coragem, ela bateu enviar.

O Sync de Justyn soou. Ela o viu se inclinar para frente, depois se endireitou como se tivesse sido eletrocutado.

Seu olhar disparou para ela e ele gemeu. — Jesus, Nissa, você vai me matar. Não há muito espaço nas minhas calças e acabei de ficar duro como aço.

Nissa bateu a mão sobre a boca, sufocando sua risada. — Você começou isso.

Ele olhou para o teto, respirando profundamente. — Você está certa. E agora veja, eu criei um demônio.

Com um bufo, ela voltou para suas pesquisas. Mas emocionada por sua reação à sua mensagem, ela digitou outra.

Acho que eu gostaria te deixar louco. Você pode me imaginar, de joelhos entre as suas pernas enquanto você se espreguiça nessa sua cadeira? Eu tiraria seu pau e o lamberia, acariciaria, chuparia. Eu me pergunto o quão duro você está. E quanto tempo levaria para você gozar?

Desta vez ela o observou com cuidado. Ele engasgou com o próximo gole de bebida. Ela ficou satisfeita ao ver a transpiração na testa dele.

— Mulher, eu vou gozar bem aqui na minha calça. — Ele lançou-lhe um olhar sonolento através das pálpebras meio abaixadas. — Quer vir até aqui e tornar essa pequena fantasia travessa uma realidade?

A ideia de deslizar de joelhos entre as suas pernas, de abaixar o zíper e libertar seu pau, fez as mãos dela tremerem. Ah, ela queria. Por um longo tempo, esse homem tinha estrelado seus sonhos e a deixou torcendo em seus lençóis.

Ela teria a coragem de transformar a fantasia em realidade?

Seu Sync soou. Desta vez não era uma mensagem de Justyn.

— Minha pesquisa encontrou algo nos registros da Hydrae.

Em um piscar de olhos, Justyn se transformou de amante preguiçoso em homem focado. Ele se inclinou por cima do ombro para olhar sua tela.

— É um registro de pessoas que ficaram no caravanserai na cidade de Meni. — Ele olhou para ela. — Essa é a caravanserai que nós usamos.

— Eu sei — ela respondeu. — Eu posso ver os irmãos Phoenix listados nos últimos tempos.

Seus olhos se arregalaram. — Esse registro remonta a mil e quinhentos anos!

— Pela Deusa. — Ela olhou para ele. — Justyn, olha. — Ela apontou para uma linha listada mil anos antes.

Um Capitão Griffin havia parado em Hydrae.

Justyn segurou seu ombro.

— Nós não devemos ter nossas esperanças. Griffin não é exatamente um nome único. — Ele sorriu. — Mas parece que vamos nos juntar ao Phoenix Convoy e ir além da fronteira da galáxia. Você vai ver o caravanserai por si mesma, Capitã Sander.

O ombro de Nissa formigou de seu toque, o calor se espalhando através dela. Eles realmente fariam isso. Ir para o desconhecido atrás de um tesouro milenar. A agitação em sua barriga era boa.

Tudo isso era graças ao homem ao lado dela.

Um homem com quem ela realmente queria ficar nua.

Nissa soltou um suspiro. Porra, ela ia fazer isso também. Seria outra aventura.

— E se não for ele? — Ir até Hydrae pode ser uma grande perda de tempo.

Ele sacudiu um dedo contra o queixo dela. — Tenho que correr o risco de obter a recompensa, Nissa.

Ela sentiu um puxão baixo em sua barriga. Ela sabia que ele não estava falando sobre encontrar tesouros antigos. Seu Sync soou.

— Outra mensagem impertinente?

Ele não sorriu. — Desculpa. Não sou eu desta vez. Espero que ninguém mais esteja enviando notas de amor sujas.

Com uma carranca, ela percebeu que não era uma mensagem, mas uma transmissão. E ela sabia exatamente quem estava ligando para ela. Todo o doce borbulhar em seu sangue evaporou como se nunca tivesse existido.

Educando-a características, ela aceitou a chamada.— Papai.

— Nissa, o que diabos está acontecendo?

Ela respirou profundamente, até mesmo longe ele era assustador. O rosto áspero do pai encheu a tela, junto com sua carranca. Seu cabelo grisalho estava penteado cuidadosamente, exatamente no mesmo estilo que ele usou toda a sua vida. Aventura não estava no vocabulário do Comodoro Jonathan Sander.

— Eu ia ligar ...

— Eu ouvi de um colega que você tirou uma licença e você está em uma louca perseguição selvagem.

— Sim …

Ele se apoderou dela, sua voz profunda e ressonante.

— De todas as coisas irresponsáveis e descuidadas. — Ele balançou sua cabeça. — Você tem responsabilidades. E você está colocando sua carreira em risco.

— Não, papai. Estou indo atrás de um artefato importante que as autoridades querem de volta.

Ele acenou com a mão, sua mandíbula apertando.

— Uma caça ao tesouro. — Ele disse isso como se fosse algo sujo. — Você não é uma criança, Nissa. Você deveria estar no seu maldito navio cumprindo seu dever. Não sujando o nome Sander. — Ele expulsou uma respiração barulhenta. — Eu nunca esperei que você agisse assim. Agindo como seu irmão.

O corpo de Nissa ficou frio, depois quente. Ela manteve seu tom modulado. — Exceto que não mato pessoas. Me desculpe, você está desapontado. Eu tenho trabalho a fazer, preciso ir.

— Nissa ...

Ela ouvira aquele tom de desaprovação tantas vezes antes. Às vezes parecia que nada do que ela fazia era bom o suficiente. — Eu entrarei em contato assim que eu voltar para a *Freedom*.

— E quando será isso? — Palavras frias e geladas.

— Eu não sei. — E sinto muito que te faça infeliz. — Eu tenho que ir. — Ela terminou a transmissão.

Ela levantou o olhar e viu Justyn a observando. Ela era tão estúpida para achar que mergulhar em uma aventura era a resposta para qualquer coisa. Ela tinha responsabilidades que eram muito mais importantes do que seus próprios caprichos e desejos. Ela se afastou da mesa.

— Nissa ...

Ela o segurou com uma mão. — Eu vou estar na minha cabine. Vou continuar lendo os documentos. Deixe-me saber quando é hora de começar.

Ela tentou não pensar em nada enquanto andava para a cabine que tinha sido designada para ela. Ela entrou no pequeno, mas bem equipado espaço e soltou um longo suspiro.

Seu Sync soou novamente.

Seu estômago caiu. Certamente seu pai não tinha mais nada para lhe dizer.

Mas desta vez não foi o rosto de seu pai que apareceu na tela. Era Almirante DeRuyter.

— Almirante — disse Nissa, surpresa.

— Capitã Sander. Eu fui informada que você tirou uma licença. — Os olhos astutos do almirante brilharam. — E que você está indo em uma caça ao tesouro, atrás da Constituição.

Nissa ficou em silêncio. Naquele momento ela não era GSS.

— Senhora, estou de licença ...

A Almirante balançou a mão. — Eu quero esse documento, Sander. E eu espero que você consiga isso para mim. O que for preciso.

Pegar isso para ela?

— Almirante, se eu encontrar a Constituição, Farei tudo o que puder para garantir que seja devolvido ao Instituto de Galáctica ...

— Aqueles idiotas não puderam cuidar disso em primeiro lugar! Eu quero o documento entregue diretamente para mim. Vou garantir sua segurança.

— Com todo o respeito, Almirante, o que você pretende fazer com isso?

O rosto do almirante assumiu um olhar duro e implacável que Nissa nunca tinha visto nela antes. — Isso é confidencial, Capitã. Eu preciso que você confie em mim. Tudo o que você precisa saber é que precisamos desse documento para garantir a lei e a ordem na galáxia.

— Estou de licença …

Almirante DeRuyter inclinou-se para a frente. — Nissa, vou garantir que você receba a transferência que você está querendo há muito tempo.

— Isso é generoso, mas eu não me sinto confortável …

— Eu também acredito que muito em breve o seu pai deve receber um elogio por seus anos de excelente serviço em patrulha, correto?

Pavor transformou o coração de Nissa em gelo.

— Obtenha a Constituição para mim e eu vou garantir a sua transferência. — A Almirante sorriu. Era um sorriso duro como aço. — Também assegurarei que seu pai receba o que mais considera o auge da conquista em uma carreira como a dele. Você está ciente de que o elogio também garante sua pensão para o resto de sua vida. Sem isso ... — ela parou.

Nissa engoliu em torno do nó em sua garganta. Sem isso, ele não receberia um único centavo, mas suas economias certamente não durariam tanto tempo.

— Estamos entendidas?

Chantageada e presa. — Sim, senhora.

— Boa. Eu esperarei atualizações regulares. Eu quero saber cada passo que você está dando e para onde você está indo. E eu também espero que o Phoenix não saiba nada sobre o nosso ... acordo. Entendido?

Nissa rangeu os dentes juntos. — Sim.

CAPÍTULO TREZE

Justyn estava na ponte do *Sky Nomad* assistindo a equipe de Dare trabalhar com precisão praticada enquanto o navio recuava do Galaxy's Edge.

Ele amava o começo de um comboio. A sensação de potencial e excitação.

Justyn também podia ver isso em seus irmãos. À sua frente, Dare estava em seu lugar habitual no centro da ponte, sua postura afiada e sua expressão séria, observando tanto sua equipe quanto a tela com intensidade focada.

— Evan, uma vez que você tenha terminado o recuo, nos deixe no caminho certo. — Como sempre, a voz de Dare soou com o comando. Justyn podia facilmente imaginar Dare encarregado de uma frota de navios de guerra. Ele poderia ter ido bem nas forças armadas, exceto que ele precisava seguir regras, não era exatemente o que ele gostava de fazer.

Justyn estava bem ciente do que havia deixado seu irmão com uma condução precisa estar no controle. Nenhum deles escapou ileso daquele porão.

— Sim senhor. — O piloto *do Nomad* apressou-se a obedecer.

Justyn ouviu Tasha, a especialista em comunicação, se comunicando com os outros navios que seriam parte do Phoenix Convoy. Eles estavam todos se afastando das docas da estação espacial.

Mas através de todo o caos organizado, ele estava dolorosamente ciente de que Nissa estava de pé ao ceu lado. Ela parecia fria e calma, mas ele sabia que tudo isso era uma fachada frágil.

Deus, o pai dela era um trabalho. Cuspido e polido até ao osso. O Comodoro Sander dera à filha uma postura dura e distante, mas Justyn vira pouco no homem duro. Um homem que parecia estar vivendo a carreira de sua filha.

Justyn se aproximou dela. Atrás dela estava um pequeno grupo de passageiros do comboio que pagaram pela passagem no *Sky Nomad*.

Havia dois monges cátaros em suas vestes vermelho-sangue, mãos pressionadas juntas, olhos quietos observando os procedimentos. Três aventureiros, dois homens e uma mulher - saltando na ponta dos pés, observando com entusiasmo. E cinco colonos procurando novos mundos para se estabelecerem. Eles pareciam um pouco impressionados com tudo isso.

Um dos colonos, uma mulher curvilínea com uma nuvem de cabelos dourados captou seu olhar e ofereceu-lhe um sorriso cheio de convite.

Ela usava calças justas e um top branco abotoado, mas ela tinha deixado alguns botões abertos para exibir todos os seus encantos. Ela sussurrou algo para sua amiga ruiva, uma mulher mais alta usando uma roupa similar. A ruiva também olhou em sua direção e ambas riram.

Justyn deu-lhes um educado sorriso antes de chegar a Nissa.— Você está bem?

— Bem. Ansiosa por estar em andamento.

Sua voz continha tanta emoção quanto as paredes de metal do navio.

— O que você acha de tudo isso? — Ele acenou para a tela. Uma dúzia de naves de diferentes marcas, tamanhos e formas estavam se movendo em formação por trás do *Sky Nomad* nos comandos de Dare.

Algo brilhou em seus olhos. — Dare corre um navio bem organizado. Sua tripulação sabe o que eles estão fazendo.

Claro que ela estaria focada no navio e na tripulação. Justyn sorriu. — Dare dá ordens e espera obediência completa.

Um quase sorriso naquela boca generosa. — Sim, eu entendi isso. Quando ele estava dando as ordens do piloto, eu quase pulei para fazer isso. — Ela se virou para Dare enquanto ele dava ordens para um navio que estava atrasado para entrar na linha. Ela baixou a voz. — Ele é realmente um pouco assustador.

— Isso vindo de uma Capitã experiente do GSS Patrol? Eu pensei que você estaria acostumada a seguir ordens.

— Ah, mas a maioria dos meus se depara com a segurança das comunicações. E não temo pela minha vida se não as seguir. — Ela

observou o piloto por um momento. — Ele não é ruim. Um pouco pesado nos propulsores, no entanto.

— Evan é novo. Este é apenas seu segundo comboio.

Um olhar melancólico cruzou seu rosto. — Às vezes eu sinto falta da sensação dos controles de um navio sob meus dedos. Todo esse poder na ponta dos dedos, esperando pelos comandos certos.

— Desvantagem de ser promovido, eu acho.

— Sim.

De repente, a voz levantada de Dare atravessou a ponte.

— *Galatic Pride*, entre na fila *agora* ou deixaremos você para trás.

Na parte inferior da tela estava um pequeno quadrado mostrando o cockpit do *Galatic Pride.* Um jovem homem com um longo cabelo desgrenhado, acenou com a mão para eles.— Nós só queremos dar uma volta e tirar algumas fotos da estação espacial.

— Na linha. Agora.

A voz de Dare era como uma lâmina. Justyn fez uma careta. O Capitão *do Pride* era um idiota.

— Só precisamos de mais alguns minutos. Nós vamos alcançá-lo.

— Não, você não vai. Você está fora do comboio. Volte para a doca.

— O que? — Os olhos do jovem Capitão saltaram. — Eu paguei e-creds …

— Eles serão reembolsados em sua conta. — Dare desviou o olhar. — Tasha, entre em contato com os próximos navios na fila e faça com que eles fechem a lacuna.

— Phoenix! Você não pode nos expulsar desse fodido comboio antes mesmo de irmos.

— Nós começamos vinte minutos atrás quando o *Sky Nomad* ligou seus motores. Se um navio desobedecer ordens de comboio enquanto estiver em um espaço desconhecido, isso pode significar que todos nós morreremos. Eu disse isso quando você veio até nós para o transporte, você segue minhas ordens sem questionar, sem hesitação, ou você está fora.

O Capitão *do Galatic Pride* continuou resmungando, mas Dare cortou a mão pelo ar e a tela mostrando o *Pride se* apagou.

— Não do tipo indulgente, não é? — Nissa disse.

— Não. — Dare não tinha um osso indulgente em seu corpo. Nascido das coisas sombrias e horríveis de sua infância. Um gosto ruim encheu a boca de Justyn, mas ele lutou contras as memórias escuras.

— Quanto tempo para Hydrae?

A voz esfumaçada de Nissa trouxe Justyn de volta com um sobressalto. — Uma semana na velocidade do comboio.

— Não vamos estar na velocidade interestelar?

— Para algumas partes da rota, mas não todas. Algumas pessoas gostam de fazer emboscadas para navios na velocidade interestelar. Eles podem atacar antes que você saiba. Então nós podemos usar a velocidade quando Aurina nos disser que é seguro.

— Nós poderíamos ir em frente no seu navio.

Ela o assistiu atracar o *Mercury* em uma das baías do Nomad. — Não é uma boa ideia.

— Por quê?

— Porque … — uma voz atrás deles disse — Você vai se definir como isca para piratas. — O cabelo vermelho-dourado de Aurina balançava em um rabo de cavalo alto. Ela estava vestindo calças cargo verde-oliva e um top branco apertado. — Por enquanto, é mais seguro estar no comboio.

Nissa levantou uma sobrancelha. — Mas você vai em frente.

Aurina encolheu os ombros. — Sou uma batedora treinada e experiente. Minha patrulha tem engenharia excepcional. E eu faço muita pesquisa antes de ir para fora.

— Você não está saindo ainda?

— Não. — Sua irmã afundou em uma cadeira e cruzou as pernas compridas. — Esta parte da rota é bem conhecida. Eu vou dirigir depois de Hydrae.

Nissa suspirou. — Eu só quero chegar a Hydrae o mais rápido possível.

A boca de Justyn se apertou. Aquele telefonema com o pai dela tinha esmagado o brilho de excitação que Justyn tinha visto nela ontem.

E maldição, ele queria isso volta.

— Pare com isso — disse ele. — Os caçadores de tesouros não querem que uma caçada termine rapidamente.

— Eu não sou um caçador de tesouros. Eu sou uma oficial do GSS na perseguição de um artefato de importância elevada para a galáctica.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Eu pensei que você fosse uma oficial do GSS em uma licença buscando um tesouro de importância galáctica para que eu não o roubasse.

Ela olhou resolutamente para frente e se afastou.

OK. Provocar não estava funcionando. Justyn a seguiu.

— Então, seu pai não está feliz por você estar fazendo isso.

Nissa lançou-lhe um olhar rápido antes de mais uma vez se concentrar no tela de visualização. — Eufemismo, Phoenix.

— Vocês dois são chegados?

— Sim.

— Mas ele te aborreceu.

— Eu não quero falar sobre isso. — Seu tom tinha uma nota de finalização sobre isso.

— Ele parece um cara ... severo.

— Largue isso, Phoenix.

Inferno, não.

— Não pode ter sido um tipo de pai fácil.

Ela soltou um suspiro e se virou. — Você nunca pode simplesmente deixar as coisas irem, não é? Tudo bem, não, ele não é fácil. Mas ele me ama, em sua próprio caminho, e ele sempre quis o melhor para mim. Depois que minha mãe morreu ... era só eu e ele.

— E ele queria uma carreira como a dele para você?

— Não, uma carreira *melhor* que a dele.

Justyn inclinou a cabeça. — E o que você quer? Você queria se juntar ao GSS e ir para a Patrulha?

— Claro. — Ela endireitou sua espinha, sua mandíbula apertada. — Eu sou boa nisso.

— Isso não é o mesmo que amar isso. Como viver a vida do seu jeito. — Ser trancado no escuro quando era uma criança, com apenas seus irmãos segurando-o a sua sanidade, Justyn tinha prometido viver a vida do jeito que ele queria.

— Alguns de nós não têm esse luxo. Seus pais não tinham expectativas e sonhos para você?

Sua mão se enrolou em um punho. — De jeito nenhum.

Ela olhou para ele e algo lhe disse que ela podia ver seus segredos escondidos. — Bem, o meu queria. E para meu irmão.

— Irmão? — Ele não sabia que ela tinha irmãos.

— Sim.

Apenas uma palavra, mas estava cheia de tanta dor, Justyn queria puxá-la para perto. — Conte-me.

Ela ficou em silêncio, olhando para frente e a decepção cresceu nele. O que seria necessário para fazê-la confiar nele?

Então ela falou com uma voz baixa e serrilhada. — Ele também estava no GSS. Tinha uma carreira promissora. Então ele se juntou a Golden Nova.

Merda. O grupo terrorista era o pior dos piores. Eles não tinham nada exceto a anarquia. — Merda, Nissa. Talvez ele apenas tenha se juntado sem saber, tipo algum tipo de lavagem cerebral?

Olhos amarelos se voltaram para ele. A expressão neles era de partir o coração. — Ele é um dos seus líderes.

Droga. Agora ele entendia. Ele tinha visto uma filmagem holográfica do líder da Golden Nova, gelada e parcialmente reptiliana. — Seu irmão é Maxir Sander?

Um aceno de cabeça.

Jesus.

Maxir é um cara mau. O irmão de Nissa era um criminoso da pior magnitude.

Nissa desviou o olhar da tela.

— Estou voltando para a cabine. Continuarei trabalhando em nossas anotações procurando mais referências de *Nero*.

Justyn a observou ir embora. Ele desejou que ele nunca a tivesse forçado a falar. Mas agora ele entendia melhor a carga pesada de expectativa que Nissa suportava todos os dias.

***

Deusa, ela estava cansada.

Nissa piscou na luz fraca da lâmpada acima da mesa em sua cabine. Seu Sync brilhava, exibindo os registros pelos quais ela estava passando. Ela olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Uma da manhã, hora do navio.

Ela esticou os braços acima da cabeça, estalando as dobras. Sua cabine era mais espaçosa do que ela previra e nos últimos três dias, ela lentamente fez uma bagunça.

Era a fraqueza secreta de Nissa - em seu próprio espaço, ela tinha o mau hábito de jogar roupas e coisas onde quer que elas caíssem. Na *Freedom*, ela se forçou a manter sua cabine limpa. Uma Capitã não poderia ser desorganizada.

Em seu pequeno apartamento na estação Raxus, onde a Patrulha tinha sua base no quadrante Êxodo, muitas vezes parecia uma tempestade espacial.

Pegando o café que ela tinha pego da pequena impressora de comida em sua cabine, ela tomou um gole e imediatamente fez uma careta. Estava frio como pedra.

Durante os últimos três dias, ela passara a maior parte do tempo examinando os registros e fazendo anotações. Na maioria dos dias, ela e Justyn trabalhavam lado a lado na cabine vazia que haviam requisitado como escritório. À noite, ela continuava isso em sua cabine.

E manteve Almirante DeRuyter informada de tudo o que eles estavam fazendo.

Nissa se sentiu ... suja. Ela odiava que ela estivesse mentindo para Justyn. Ele exigiu sua lealdade e, em vez disso, ela estava espionando para a Almirante. Ela baixou a cabeça entre as mãos.

A culpa estava a correndo como ácido.

Seu autocontrole também não estava indo bem. Justyn tentou todos os dias convencê-la a se juntar a ele para as refeições na sala de jantar. Mas Nissa estava tentando manter a distância.

Ter Justyn Phoenix tão perto, hora após hora, estava lentamente, dolorosamente se movendo sobre sua pele. O homem estava sempre lá, inclinando-se sobre o ombro dela, tocando o braço dela, sorrindo para ela, cercando-a com seu delicioso aroma.

Com um suspiro, ela olhou para suas anotações novamente. Ela realmente não queria subir na cama e se revirar, com a cabeça cheia de Justyn.

Ela passou o Sync para a próxima página. Ela estava lendo uma história de e-book sobre caravanserai e seus muitos visitantes. Na verdade, era uma leitura bastante interessante.

A frase que ela leu de repente bateu nela. Ela releu, seu coração começou a bater. Ela leu novamente.

Deusa.

Nissa ficou de pé. Energia correndo em suas veias. Ela tinha que contar a Justyn.

Ela saiu da porta da cabine e correu pelo corredor. Justyn e seus irmãos tinha camarotes no nível seguinte, separados do nível principal de hóspedes.

Quando ela chegou à porta dele, ficou surpresa ao encontrá-la entreaberta. Sem pensar, ela abriu. Ela não podia esperar para dizer a ele o que tinha encontrado, mesmo que ela tivesse que acordá-lo.

Ela tropeçou até parar. Seu coração parou.

Ele estava acordado.

Ele e a mulher estavam juntos, a mão dela pressionada contra o peito nu dele. Ela estava vestindo ... não muito. Um pequeno e sedoso fragmento de camisola de um roxo vibrante. Ela era uma das mulheres coloniais que flertavam como loucas com os três irmãos Phoenix. O jeans de Justyn estava pendurado nos quadris, o botão de cima desfeito. Seu cabelo estava desgrenhado e ele tinha aquele olhar 'acabei de sair da cama' em seu rosto.

A cabeça de Justyn se virou. Seu olhar caiu em Nissa.

Nissa finalmente conseguiu colocar seu cérebro funcionando ao redor da dor que rugia através de seu corpo.

— Desculpe ... — Ela tropeçou para trás. — Desculpe. — Ela não queria mais ver o que estava acontecendo. Ou ver aquela mulher tocando-o.

— Nissa! Espere! *Merda*.

Nissa se apressou pelo corredor. Deusa, doia. Ela não tinha direito sobre ele. Ela não deveria sentir como se suas entranhas estivessem sendo rasgadas.

Uma mão agarrou seu braço e a fez parar. — Nissa, eu disse espere.

Ela não o ouvira. Ou ele podia se mover silenciosamente quando lhe convinha ou ela estava muito confusa para prestar atenção.

— Olha, eu vou falar com você de manhã. — Ela tentou se afastar, sem olhar para ele, em vez disso, encarando o carpete macio como se fosse a coisa mais interessante que tinha visto.

— Droga. — Ele apertou seu aperto e a apoiou contra a parede, a enjaulando. — Deixe-me explicar.

Oh não. Nissa não queria ouvir explicações ou detalhes. Ela se endireitou, olhando por cima do ombro dele.

— Você não precisa. Não é da minha conta quem você fode.

— Eu não estava fodendo ninguém — ele rosnou.

Ela lançou um olhar para o rosto dele. Estava ardendo de raiva. Certo, ela interrompeu. Ele não estava fodendo a mulher atraente em sua cabine á uma da manhã ... ainda. Deusa, ela estava tão cortada por dentro que ficou surpresa por não ver sangue escorrendo pelo seu corpo.

— Então eu vou deixar você seguir em frente.

Justyn se inclinou para mais perto, seu peito nu pressionando com força contra seus seios. Seus punhos foram colocados na parede de cada lado de sua cabeça.

Nissa sentiu seus mamilos endurecerem e ela respirou fundo. — Me deixa ir.

— Eu não posso. — Outro rosnado no ouvido dela. Os lábios dele estavam pressionados ao lado de seu pescoço.

Ela gritou. Seus lábios estavam quentes, sua língua encontrando o espaço sensível abaixo de sua orelha. Se ele tivesse beijado aquela mulher no mesmo lugar, a fez se contorcer e se acender por dentro?

— Sai fora. Volte para a sua amiga! — Ela empurrou contra ele.

— Ela entrou na minha cabine …

— Eu não quero uma transa rápida! — Nissa empurrou novamente. — Você foda quem diabos você quiser.

Ele parou, em seguida, empurrou uma coxa dura entre as dela. Quando o músculo duro raspou entre suas pernas, ela fez um gemido estrangulado.

— E se eu quiser te foder, Nissa? — Seu hálito quente soprou em sua pele.

***

Nissa se contorceu contra o corpo de Justyn, fazendo com que cada nervo em seu corpo se tornasse vivo.

— Eu não vou deixar você me tocar depois de tocá-la …

— Eu nunca a toquei. — Ele não tocou uma maldita mulher por muito tempo porque a única pessoa que ele queria pele-a-pele com ele era Nissa. — Ela estava procurando a cabine de Dare e pegou a minha por engano. Ele está transando com ela nos últimos dois dias.

Quando Nissa parou, Justyn se afastou. Ele viu uma série de emoções percorrer seu rosto. Oh, sua doce Capitã sentia algo por ele. Se ela parasse de negar isso a si mesma.

Levada para a borda, ele tomou sua boca com a dele.

Todos os pensamentos foram apagados de sua cabeça. Tudo o que existia era o gosto dela, seu corpo lutando contra o dele e o jeito que ela o beijou de volta.

Foi tanto uma batalha como um beijo. Ela pegou tudo e exigiu seus próprios prazeres. Logo seus braços estavam fechados ao redor dela, deslizando sob sua camisa, encontrando a pele lisa da parte inferior das costas.

Com um gemido, ela se agarrou a ele, enrolando uma longa perna ao redor de seu quadril. Ele sentiu o calor úmido dela através das calças macias que ela usava. Ela pressionou com força contra a coxa dele e ele empurrou com mais força entre as pernas dela, até que o outro pé dela estava fora do chão.

Ela afastou a boca, a cabeça caindo contra a parede.

— Deusa. — Sua voz estava encharcada de desejo. Ela se moveu contra a coxa dele, apertando com força contra ele.

— Te quero tanto. — Ele empurrou as palavras através de seus dentes cerrados. Então ele deslizou as mãos para baixo até a bunda dela e a moveu contra sua perna.

Sua respiração estava chegando em arfadas afiadas, seus olhos amarelos brilhando enquanto o observava. Ela estava se movendo com ele agora, seus lábios entreabertos.

Seu pênis estava duro e latejante. Ele não queria nada mais do que arrancar suas calças e afundar dentro dela. Mas primeiro, ele queria vê-la gozar. Desta vez com nenhum produto químico envolvido. Apenas os dois.

Ele manteve uma palma em seu traseiro, insistindo para que ela continuasse se movendo. Com a outra mão, ele agarrou a coxa dela e apertou-a ao redor do quadril. Ele inclinou seus quadris, dirigindo-a mais para baixo em sua coxa, sua ereção cavando nela.

Ar assobiou entre seus lábios. — Sim.

— Tão fodidamente sexy, Nissa. — Seus movimentos contra ele estavam deixando-o louco, mas ele podia senti-la chegando mais perto do orgasmo. — Vá em frente, baby.

Ele deslizou as mãos entre eles. Ele enfiou os dedos entre as pernas dela, sentindo o quão úmido estava o tecido das calças dela. Alguns golpes e ele encontrou o local que procurava. Um duro esfregar e ela explodiu contra ele.

— Justyn … — Sua perna se apertou sobre ele, suas mãos agarrando seus ombros. Ele sentiu a picada de suas unhas tirando sangue.

Tão malditamente linda. Seu próprio desejo era uma batida incessante em seu sangue. Ele abaixou a cabeça, enterrando-a na curva do pescoço dela. Ele pressionou um beijo no pulso trovejante que encontrou lá.

— Volte para a minha cabine.

Seu corpo relaxou contra ele, mas pequenos estremecimentos ainda estavam correndo através dela. Ela abriu a boca

— Desculpa por interromper…

A voz de Rynan rompeu a névoa. Justyn assistiu Nissa registrar o fato de que eles tinham companhia. Ela fechou os olhos e empurrou o peito dele.

Com grande relutância, ele se afastou dela. Mas ele estava muito feliz em ver um arrependimento nos olhos dela.

— Ry ... você tem sorte como o inferno que você está relacionado a mim — Justyn murmurou.

— Sim, eu entendo isso. — Um menor sorriso flertou nos lábios de Rynan. — O alarme disparou. Violação de segurança na cabine de Nissa.

— O que? — Nissa empurrou para frente, todas as cores do seu rosto.

— Vamos. — Justyn agarrou a mão dela. — Vamos dar uma olhada.

— Todas as nossas notas ... — Olhos amarelos olhou para ele. — Tudo sobre a Constituição e o *Nero* está lá.

CAPÍTULO QUATORZE

Na porta de sua cabine, Nissa tentou ignorar o gosto de Justyn em sua boca. Se ela não fosse cuidadosa, cairia de cabeça em um vício por esse sabor. Seu corpo ainda estava formigando.

Sua porta da cabine estava fechada e parecia normal. Mas a tensão bombeando Justyn e Rynan atrás dela lembrou a ela que não estava. Ela abriu a porta e ofegou.

Todas as coisas dela foram lançadas sobre a cabine como se um cão raivoso tivesse se soltado ali dentro. O beliche tinha sido aberto e o recheio de sintetizadores enchia o quarto como neve.

— Que porra é essa? — Justyn jurou.

Seu estômago deu um giro rápido.

— As notas! — Ela correu para a mesa.

Todas as suas anotações manuscritas e os poucos documentos originais que ela estava vendo tinham desaparecido. Seu Sync estava no centro da mesa, tela azul piscando.

— Não. — Quando ela bateu nos comandos, ela já sabia o que encontraria. — Eles carregaram um vírus no meu Sync. — Ela olhou para cima. — Tudo se foi.

Justyn xingou novamente, pegando o Sync dela. — Nós temos pastas salvas, mas temos que ver até onde o vírus foi. Se isso entrou no sistema *do Nomad* ...

— Nico está no controle de segurança. — Um olhar ameaçador estava gravado no rosto de Rynan. — Ele é um dos meus melhores com tecnologia. Vou levá-lo a fazer verificações de segurança no sistema.

— Precisamos chegar ao escritório e verificar as coisas que havíamos armazenado nos computadores. — disse Nissa.

Os três correram para a cabine que abrigava o escritório improvisado e acessaram os consoles dos computadores.

O vírus tinha como alvo tudo o que referenciava o *Nero* e a Constituição. E limpou tudo.

Nissa apertou a mão trêmula sobre a boca. — Quem teria feito isso?

— Alguém que quer a Constituição. — Justyn franziu o cenho.

Rynan acabara de falar com Nico. — Pelo menos o vírus só visou os registros referentes à Constituição. O resto dos sistemas *do Nomad* parecem bem.

Justyn assentiu com a cabeça, seu olhar distante. — Nós temos uma toupeira a bordo.

Ela afundou de volta em sua cadeira. Tinha que ser um dos tripulantes ou um dos passageiros. — Como eles saberiam o que planejamos?

— A quem você contou sobre a nossa caçada?

O coração de Nissa pulou uma batida. De jeito nenhum ela estava dizendo que a Almirante DeRuyter sabia. Além disso, a Almirante não teria sabotado a caçada. — Ninguém.

— Sua equipe, seus chefes?

— Eu disse a eles que estava tirando uma licença. — Ela deu uma risadinha. — Deusa, se eu dissesse para eles o que eu tinha planejado, eles pensariam que eu tinha perdido a cabeça.

— Desculpa. — Ele esfregou a nuca com o polegar. — Não se preocupe. Vamos nos manter em nosso plano de ir a Hydrae.

Ela engoliu em seco. Por que se sentiu tão terrível por mentir para ele?

Ele olhou para o irmão. — Ry, você é capaz de conseguir alguma coisa de volta?

Um breve aceno de cabeça. — Devemos conseguir recuperar a maioria dos registros. Vai levar algum tempo apesar de tudo.

— E poderemos recriar as coisas importantes. Além disso, encontramos tudo o que podíamos. Agora vamos ter que ver se o Hydrae realmente tem alguma resposta.

— Espere! — Nissa ficou de pé. — Eu encontrei algo. Foi a razão pela qual desci à sua cabine no meio da noite.

— Oh, então você não estava atrás do meu corpo?

Ela fez uma careta. — Ao contrário da sua amiga perdida.

Rynan limpou a sua garganta. — Acho que vou me juntar ao Nico no centro de segurança. Quando estiver pronta, Nissa, gostaria de ouvir o que encontrou.

Ele fez uma saída rápida.

Justyn levantou as mãos. — Ei, eu te disse que a pequena e bonita colonizadora estava atrás do corpo de Dare, não do meu. Ele geralmente escolhe as mulheres em um comboio, mantém uma pela duração.

Nissa inclinou a cabeça. — Nunca mais?

— Nunca. Um pouco mais estavél que Rynan. Ele nunca dorme com a mesma mulher duas vezes.

— E você?

Um sorriso perverso. — Um cavalheiro nunca fala sobre isso.

— *Você* não é um cavalheiro.

— Certo. Bem, vamos apenas dizer que estou de olho em uma certa Capitã da Patrulha por um tempo.

As entranhas de Nissa se aqueceram. Essas palavras a afetaram, mesmo que ela suspeitasse que não eram verdadeiras. Ela limpou a garganta. — Então, eu ia lhe contar o que encontrei.

Ele se inclinou um quadril contra a mesa.

— Vamos ouvir isso. — Ele tocou um dedo na bochecha dela, acariciando suavemente. Sua voz baixou. — Estou incrivelmente feliz por você ter encontrado o que quer que seja desde que te trouxe para mim no meio da noite.

Ela tentou lutar contra o sorriso, mas acabou vencendo. — Eu encontrei uma referência no documento que tenho certeza que está falando sobre Griffin.

Ele se endireitou. — O que?

— Fala sobre um grupo de aventureiros terráqueos cujo navio foi atacado. Eles mal sobreviveram, mas foram resgatados e trazidos para Hydrae. O tempo de cronologia está certo. Cerca de mil anos atrás.

Ele esfregou o nariz contra o dela. — Parece que estamos definitivamente no caminho certo.

— Você não ouviu a melhor parte.

— Me supreenda.

— Ele fala sobre o fato de que eles estavam carregando um tesouro sagrado da velha terra.

Justyn deu um soco no punho ar. — Nós vamos fazer isso, Nissa. Nós vamos encontrar a Constituição dos EUA.

Ela respondeu seu sorriso selvagem, mas então ela falou. — A não ser que quem destruiu minhas anotações também tenha visto a informação. E passe para outra pessoa.

Justyn se endireitou e usou algumas maldições criativas.

— Precisamos chegar a Hydrae. Rápido. — Ele saltou de pé. — E não precisamos dizer a ninguém para onde estamos indo ou quando. Vamos manter nossa toupeira no escuro.

***

— Está com o cinto?

Em sua pergunta, Nissa levantou os olhos da cadeira do co-piloto no *Mercury*. — Sim.

Justyn começou a acionar os motores. Era bom estar de volta ao seu pequeno corredor. Ele amava o *Nomad* e a companhia de sua tripulação, mas havia algo em estar sozinho, encarregado de sua direção, indo para onde diabos ele queria ir que apelava fortemente o seu coração.

Embora, ele deu uma olhada para a mulher ao lado dele, era bom ter Nissa na cadeira ao lado dele.

Justyn bateu no console e o rosto de Rynan encheu a tela. — Ry, nós estamos prontos para sair?

— Sim. Vejo você em Hydrae e tenha cuidado, mano.

Justyn lançou uma saudação ao irmão, depois focou a tela. O hangar principal do *Nomad* era grande. Ele abrigava o clube de *runners* de Justyn, o *cuttlehip* de tamanho médio de Rynan, o *Pathfinder*, a patrulha de Aurina, o *Ariel* e dois ônibus espaciais.

Com um toque dos controles, sua garota respondeu instantaneamente e levantou-se a poucos centímetros do convés. Outro toque e ela se virou para encarar a porta externa coberta com o brilho roxo de um campo huma.

— Tudo certo. Próxima parada Hydrae.

Justyn manobrou o *Mercury* fora do hangar, e momentos depois eles estavam ao lado da maior parte do *Nomad.* Ele estabeleceu o curso.

— Quando atingirmos a velocidade interestelar, chegaremos a Hydrae em pouco mais de uma hora.

Nissa esfregou as mãos juntas. — Ótimo. Eu não posso esperar para ver o que encontraremos.

Ele não a avisou que talvez não encontrassem nada. Ele gostava de ver o rubor de excitação em seu rosto.

Logo eles atingiram a velocidade interestelar, as estrelas se transformando em um fluxo de borrões branco-prateados que passavam por eles.

Justyn se sentou de volta. — Ei, eu tenho algo para você.

Ela olhou para ele, tentando esconder seu interesse. — Outro presente?

— Sim.

— Eu não sou tão facilmente comprada.

— Nada é fácil sobre você, Capitã Smooth. — Ele puxou o pequeno objeto do bolso e entregou-o.

Ela estudou a pequena caixa azul embrulhada com um leve fita creme torta. Ele tinha mãos grandes, que não eram projetadas para amarrar laços perfeitos, mas ela não parecia se importar. Ela puxou a fita, abriu a caixa e levantou o minúsculo cão de metal.

Estava na palma da mão dela.

— Ele é tão fofo. — Ela sorriu. — Obrigada.

Porra, ele faria qualquer coisa para ver aquele sorriso. Justyn estendeu a mão e tocou o interruptor do lado do cachorro. Em um minuto o robô veio à vida, emitindo um latido metálico, sentando-se, depois pondo-se de pé para girar em círculos.

— Uau. — O sorriso de Nissa se alargou. — É maravilhoso.

— Minha prima, Malin, os faz. Eles são modelados de acordo com seu cão dróide da vida real. — Justyn observou a coisinha sentar-se na palma da mão de Nissa, a língua balançando. — Krypto é muito maior do que esse cara.

— Sua prima é uma ferreira talentosa.

— Ela é uma mecânica de salvamento. Desde que ela se envolveu com um cyborg no Centax, ela aprendeu a fazer esses caras com seu chefe no pátio de salvamento lá.

As sobrancelhas de Nissa se levantaram. — Sua prima mora em Centax? Com um Centaxiano?

— Olhos vesgos de amor por esse cara. E ele é um CenSec para fechar isso com chave de ouro.

Agora a boca de Nissa caiu aberta. — Sua prima está *apaixonada* por um cyborg da Centax Security? Um letal, sem emoção, temeroso até ao outro lado da galáxia CenSec?

— Bem, já que ele é tão apaixonado por ela, acho que a parte sem emoção pode não ser precisa. O resto ... bem, Xander é um filho da puta assustador ...

— Xander Saros? — Nissa disse incrédula.

— Sim.

— Ele não é apenas um CenSec, ele é o chefe da Segurança da Centax.

— Sim. — Ainda chocava o inferno fora de Justyn, mas ele os viu juntos e não duvidava que o cyborg mataria qualquer coisa que prejudicasse um fio de cabelo na cabeça de Maly.

De repente, o som de um alarme cortou o cockpit.

Nissa franziu a testa. — Problemas?

Justyn bateu na tela. O que ele viu gelou seu sangue. — Isso não pode estar certo. — Ele digitou mais alguns comandos e estudou as leituras do sensor. — Porra!

— O que é isso?

— Três naves a caminho para nos interceptar. E suas armas são quentes.

Nissa ficou tensa. — Você pode dizer quem são eles?

— Não. — Justyn alterou o curso *do Mercury*. — Hora de eu usar algumas das minhas habilidades de evasão loucas.

— Sim, estou ciente de que você tem algumas dessas. — disse ela secamente.

— Eu preciso sair da velocidade interestelar para engatar a cobertura. — Isso os tiraria das telas de seus perseguidores e daria tempo a Justyn para se desviar deles.

— Faça.

— Colocando o manto agora. — Ele programou alguns de seus padrões de vôo de evasão padrão. Eles ziguezaguearam pelo espaço, movendo-se para bem longe do local que os navios tinham sobre eles, mas ainda na direção geral de Hydrae.

— Nissa, puxe as leituras do sensor e os mapas que Ry enviou. Veja se você pode encontrar algum planeta próximo, um campo de

asteróides ou uma lua. Qualquer lugar que possamos usar para nos esconder.

Com um aceno de cabeça, ela começou a trabalhar.

Justyn olhou para os três sinais brilhantes nos sensores. Ele não gostava disso. O MO habitual dos piratas espaciais era esperar para fazer uma emboscada. Estes navios estavam vindo rapidamente atrás deles.

Quase como se eles soubessem exatamente onde *Mercury* estaria.

Outro alarme soou e Justyn interrompeu. — Os navios estão ganhando velocidade. Eles podem nos ver.

Deveria ter sido impossível. A menos que seus perseguidores tivessem o código exato de sua capa de proteção.

— Eles têm o seu código da proteção. — Nissa juntou as pistas ao mesmo tempo em que ele. — Como? — Ela bateu a mão contra o console. — A toupeira.

— Bingo. — Justyn rangeu os dentes juntos. — Encontre-nos algum lugar para nos escondermos, Nissa.

— Certo. — Seus dedos voaram pela tela. — Existe um pequeno campo de asteróides. Cerca de setenta e cinco milhões de quilômetros de distância.

— Muito longe. — E Hydrae também ainda estava muito longe. Mesmo que ele empurrasse sua garota em alta velocidade, os navios os alcançariam bem antes de chegarem.

— Há um pequeno sistema triplo de estrelas. Existem três exoplanetas orbitando uma das estrelas. Dois são pequenos planetas de ferro.

Nacos inabitáveis de rocha rica em ferro. — E o terceiro?

— Uma super-terra. Habitável. Coberta de vegetação pesada. — Ela continuou pesquisando. — Está emitindo radiação de baixo nível, não o suficiente para nos prejudicar, mas o suficiente para mexer um pouco com os sensores.

— E se isso atrapalhar nossos sensores, deve fazer o mesmo com nossos amigos que estão vindo. — Ele se inclinou e deu um beijo em sua boca. — Você é brilhante.

— Eu vou te dar um beijo se você nos tirar dessa com vida.

— Bem, com um incentivo assim ... — Justyn piscou para ela antes de voltar para os controles do navio.

Logo o planeta entrou em alcance visual. Era uma jóia verde-brilhante enchendo a tela.

Mas segundos depois, Justyn estava xingando. — Os navios estão quase em cima de nós.

— Como eles podem nos pegar? — Nissa perguntou.

— Eu não sei o que está alimentando seus motores, mas eles são *rápidos*. — Ele fez um círculo atrás do planeta, mas seu intestino já estava dizendo que não seria o suficiente. — Envie uma mensagem para o *Nomad*.

Com um aceno de cabeça, Nissa correu para obedecer.

Justyn examinou o planeta. Se eles pudessem se estabelecer em algum lugar, talvez eles pudessem encontrar um lugar para se esconder. Mas a vegetação abaixo redefiniu a palavra 'denso' - e, além disso, quem sabia o que se escondia sob o denso mar verde?

— Não está passando! — A voz de Nissa estava apertada. — Algo está bloqueando o sinal.

Quem diabos eram esses caras? Com esse tipo de tecnologia séria, eles definitivamente não eram simples piratas espaciais. — Ok, aguente firme.

Justyn usou todos os truques que ele conhecia. Ele manobrou o navio de maneiras que não foi projetado para fazer, seu casco estremecendo sob a pressão. Mas ele sabia o que sua garota poderia aguentar.

Não importava. Nada abalou seus agressores persistentes. Logo os navios chegaram ao alcance visual.

Nissa ofegou. — Eles são *Firebands Raspian*!

Elegantes, bem equipados e mortais.

O líder *Firebrand* disparou um laser que passou direto por eles. O *Mercury* estremeceu.

— Droga. — Justyn jogou-os em um giro espiral à esquerda.

Outro tiro.

Este bateu neles.

Justyn e Nissa foram atirados como carga desprotegida na decolagem, mantidos no lugar apenas por seus arreios. Ele lutou para manter o controle. — Vamos garota. Nós passamos por pior do que isso.

Um flash de cor passou através da tela. Outro tiro.

— Deusa — Nissa respirou.

O barulho de um alarme.

O casco havia sido violado.

O *Mercury* foi projetado para furtividade e velocidade. Sua capacidade de escudo era insignificante em comparação com as armas que os combatentes da *Firebrand* estavam empacotando.

— Por que eles não estão chamando? — Nissa agarrou seu arreio com tanta força que seus dedos eram brancos.

— Eles não estão aqui para fazer prisioneiros. Eles estão aqui para nos matar.

Sua boca se firmou. — Bem, eu realmente não sinto vontade de morrer hoje.

— Nem eu, querida.

Mas o proximo flash a laser rasgou a lateral de *Mercury* e o navio saiu do controle.

A pesada porta do cockpit manteve a sala segura, mas a gravidade artificial no cockpit desapareceu. Qualquer coisa que não estivesse segura, flutuou para cima, e Justyn sentiu as correias de seu arnês cravarem-se em seus ombros.

— Droga! — Ele trabalhou furiosamente, cortando a potência do motor para jogá-lo nos estabilizadores.

As mãos de Nissa dançaram em seu console. — Estou desligando sistemas não essenciais nas áreas danificadas.

Eles trabalharam juntos, fazendo tudo que podiam para estabilizar o navio e persuadir até o último queda de energia que Mercury tinha para oferecer. Mas não adiantou.

Enquanto giravam, Justyn observou o globo verde brilhante do planeta crescer, preenchendo toda a tela panorâmica.

Estava muito mais perto do que há um segundo.

Mais alguns minutos e eles entrariam na atmosfera.

— Qualquer coisa? — Nissa gritou.

— Não. — Faíscas explodiram dos consoles na frente deles.

Ela gritou e ele jurou. Sua tela estava em branco.

— Eu perdi os controles.

Ela virou a cabeça. — Eu também.

Chamas chamejaram através da tela enquanto atingiam a atmosfera. Ele rezou para que o sistema de supressão de incêndio ainda estivesse funcionando ou eles ficariam crocantes muito antes de se chocarem contra a superfície do planeta. Nenhuma das opções era remotamente atraente.

Ele olhou para o rosto tenso de Nissa.

Droga.

Esses recursos elegantes daquela boca linda. Ele não tinha feito nenhuma das coisas que ele queria fazer com ela. E agora ele não teria a chance.

Não. Ele não a deixaria morrer. Uma galáxia sem Nissa era algo que ele não podia permitir.

Ele soltou o cinto.

— Justyn! Que diabos está fazendo? — Nissa se esforçou contra o seu arreio, tentando alcançá-lo. — Coloque o cinto de volta!

— Eu preciso desacelerar nossa descida. Eu não posso fazer isso daqui.

Mantendo uma mão no braço da poltrona, deixou o corpo subir. Ele se aproximou dela. Segurando as costas da cadeira, ele segurou seu rosto com a outra mão. Ele pressionou um beijo áspero nos lábios

dela. Um cheio de desespero, desamparo e amor que ele nunca ousou confessar a ela.

— Você está indo para o motor? Você vai morrer com certeza!

— Mas você não vai. — Ele acariciou sua bochecha, para baixo até o ponto em que seu padrão terminava.

— Não. Justyn, eu não vou deixar você ... — Sua voz assumiu o tom de voz de Capitã.

— Você não é a Capitã aqui, Nissa.

— Justyn — Desta vez houve uma oscilação em sua voz.

Ele piscou para ela. — Eu sou muito bom em sair de situações complicadas, lembra?

Ela agarrou seu arreio. — Estou indo …

— Não. — Ele acalmou as mãos dela. — Preciso de você aqui. Se eu conseguir colocar os controles de volta á vida, você precisa voar o navio. — Uma última carícia de sua mandíbula e ele se afastou dela. — Segure firme, querida.

CAPÍTULO QUINZE

Nissa acordou com uma cabeça latejante, uma sensação úmida no lado do rosto e um calor enjoativo grudando nela como um trabalhador do prazer fora do trabalho.

Sua visão estava embaçada, mas piscar algumas vezes trouxe o mundo lentamente para o foco.

Ela viu uma flor rosa gigante coberta de rachaduras.

O que …?

Ela apertou os olhos fechados, mudando de posição na cadeira. Quando as dores assaltaram seu corpo, ela se acalmou e abriu as pálpebras mais uma vez.

As rachaduras eram a tela quebrada. As flores faziam parte da vegetação do lado de fora.

Ela nunca tinha visto nada assim. Vinhas grossas emaranhadas com plantas gigantes cheias de folhas enormes. Tudo estava em cores neon, verdes, amarelos, rosas e azuis.

Memórias se precipitaram e bateram nela de uma só vez. O ataque, *Mercury* em uma queda livre selvagem, o navio se estabilizando no último minuto ... o acidente.

Justyn!

Nissa se esforçou para soltar o arnês. Ela se levantou e quase caiu no chão enquanto seu corpo caía. Ela agarrou o console para ficar em pé e apertou a mão na cabeça. Ela saiu coberta de sangue. Uma sondagem rápida e ela percebeu que não era uma ameaça à vida.

Ela foi deixar o cockpit quando algo puxou o pé dela.

Ela tropeçou e bateu no chão ralado com um *baque* duro. Ela gemeu e rolou. E viu a videira verde-escura enrolada em torno do seu tornozelo.

Que diabos?

A videira entrara pela tela. Ela chutou e se apertou. Ela se acalmou. A maldita coisa era ciente do seu entorno? Abaixando-se, ela agarrou a grossa mecha e puxou.

Ele apertou mais e arrastou-a no chão, mais perto da tela.

Sufocando um grito chocado, ela deslizou a mão em sua bota e arrancou sua faca compacta e padrão que a Patrulha usava. Ela cortou a videira até que ela a soltou. A videira recuou e deslizou pela janela rachada.

Deusa. Coração batendo forte, Nissa levantou-se, usou a liberação manual para abrir a porta da cabine e mancou em direção à sala de máquinas.

A última coisa de que se lembrava era que a nave se nivelava enquanto atravessavam a atmosfera. Tudo o que ela disse a Justyn no comunicado ficou sem resposta quando o mar de verde denso correu para cima para encontrá-los, então ... nada.

Justyn. Por favor, esteja bem.

Ela correu pelo corredor, agarrou as grades e desceu um pequeno lance de escadas.

Por favor, esteja vivo, seu homem tolo e corajoso.

Apenas perto a sala de máquinas, o corredor estava bloqueado por escombros. Ela agarrou os painéis de parede arruinados, lençóis de metal e fiação, jogando cada pedaço atrás dela enquanto ela fazia apenas espaço suficiente para se espremer.

Pela primeira vez em anos, ela rezou para Asara, a Deusa Serpente que sua mãe tinha adorado, sussurrou apelos saindo de seus lábios. Além dos destroços, as portas da sala de máquinas pendiam tortuosamente.

— Justyn! — Ela empurrou para frente e tropeçou até parar.

A maior parte da sala de máquinas estava ... desaparecida. Rasgada no impacto. Havia alguns metros de piso metálico restante e um pedaço de metal retorcido que era tudo o que restava do motor. Além disso, uma parede de vegetação verde e trepadeiras emaranhadas.

Seu estômago caiu de joelhos.

Ah não. Justyn.

Ela balançou a cabeça e apertou o punho contra a boca, mal consciente que suas mãos tremiam. Ele não poderia ter morrido. Ele ardia tão intensamente com a vida, e não havia como ela imaginar que a sua luz tivesse desaparecido da galáxia. Longe de sua vida.

Então ela ouviu um gemido.

Correndo em volta dos restos do motor, ela encontrou Justyn sentado contra a parede, suas longas pernas abertas na frente dele e sua cabeça caindo para o lado.

— Oh, Deusa. — Nissa se ajoelhou ao lado dele e segurou seu rosto. — Justyn, você pode me ouvir?

— Não ... grite.

Suas palavras eram arrastadas e sua respiração parecia arrastada. Mas ele estava vivo. Seu coração deu um pulo glorioso.

Então ela viu o sangue.

Ele estava se espalhando em uma piscina crescendo rapidamente abaixo dele.

Freneticamente, ela passou as mãos pelo corpo dele, procurando pela fonte.

— Não tenho certeza ... se estou pronto para ... ficar nu com você agora, Capitã Smooth. — Ele tentou sorrir, mas era mais uma careta.

Ela balançou a cabeça. — Você está sangrando depois de um acidente com a nossa nave e ainda está tentando flertar. — Ela precisava mantê-lo falando e consciente.

— Nada ... me impediria de flertar com você.

Ela olhou para aqueles olhos cinza-prateados por um longo momento. Ela não sabia quando aqueles lindos olhos haviam se tornado uma parte tão constante de sua vida, mas eles eram. Uma parte apreciada. Seus dedos tocaram metal. Ela encontrou a fonte do sangramento. Um pedaço de aço estava alojado em seu lado.

— Onde está seu *medscope*?

Ele respirou fundo com esforço óbvio. — *Medbay*. De volta pelo corredor. Terceira porta ... à direita.

Ela agarrou a mão dele e apertou. — Eu estarei de volta em um minuto. Espere aqui.

— Não estou planejando ir a lugar nenhum, querida. — Suas pálpebras caíram.

— Não, ei! — Ela o sacudiu até que os olhos cheios de dor encontraram os dela. — Você tem que ficar acordado.

— Estou tão cansado, Nissa. Venha deitar comigo. — Ele cantarolou alguns compassos de uma canção com aquela linha nela.

Seu coração batia rápido no peito. Deusa, ele estava se perdendo.

— Cante para mim, Phoenix. Estarei de volta antes de terminar a música e consertarei você.

— Certo. — Ele piscou devagar e então se lançou em uma cantina obscena sobre uma garçonete com um grande sorriso e maiores… charmes femininos.

Nissa não pôde deixar de sorrir. Mas uma vez que ela chegou ao corredor, sua voz estava zumbindo e começando a gaguejar. Ela empurrou os detritos e abriu caminho até a *medbay*. O quarto era pouco maior do que um armário e artigos médicos estavam espalhados por todo o pequeno espaço, mas felizmente tudo estava bem rotulado.

Quando ela se apressou de volta à sala de máquinas, ela percebeu que não podia mais ouvir Justyn cantando. Silêncio total.

Ela correu mais rápido. Ela explodiu na sala de máquinas e gritou.

A cabeça de Justyn caiu no peito dele.

E vinhas verdes estavam envolvendo seus membros e peito como cobras.

Algumas das videiras jaziam na poça de sangue, vibrando suavemente. Foi então que ela percebeu que eles estavam se alimentando do sangue.

— Saia dele! — Sem pensar, Nissa pegou um pedaço de cano. Ela olhou para onde as videiras estavam entrando pela brecha no casco e balançou.

O metal atingiu a vegetação com um silenciador de carne.

Algumas das videiras se recolheram, deslizando para longe. Outros ficaram teimosamente interessadas em sua refeição. O som de várias pequenas ... coisas clicou contra o chão de metal, e do canto

dela olho, Nissa viu um monte de minúsculas e negras criaturas se afastarem.

De olhos arregalados, ela examinou o espaço e viu um cortador a laser no chão. Ela pegou e ligou. A chama dourada ardia brilhantemente.

Ela foi atrás da videira mais próxima.

Desta vez, soltou Justyn tão rápido que o tentáculo passou por Nissa, derrubando-a. Rastejando pelo chão em suas mãos e joelhos, ela cortou os outros. Ela ouviu um grito agudo do lado de fora, então todos de repente soltaram e saíram da sala de máquinas, desaparecendo de volta na selva.

Engolindo a bílis em sua garganta, ela desligou o cortador de laser e olhou para a floresta. Ela sentiu que as malditas videiras sugadoras de sangue ainda estavam lá fora, observando e esperando. E Deusa só sabia o que mais estava se escondendo lá fora. Eles tinham que chegar a algum lugar mais seguro.

Mas primeiro, ela precisava curar Justyn o suficiente para movê-lo.

— Justyn?

Sem resposta. Sua cabeça pendia pesadamente, o cabelo desgrenhado cobrindo o rosto.

Ela foi trabalhar no lado dele, arrancando o estranho pedaço de metal. Justyn gemeu, mas depois ficou em silêncio. Ela ligou o *medscope*, acenando a luz azul sobre a ferida aberta.

Que não seja tarde demais. Ela manteve o medscope sobre o grande corte. Ela sabia que estaria curando os vasos sanguíneos quebrados sob a pele. Ela viu a pele tricotando. O dispositivo também estaria erradicando qualquer coisa que pudesse causar infecção.

O pequeno cilindro de prata deu um bipe silencioso e ela desligou. Exceto pela lágrima em sua camisa e a poça pegajosa de sangue, não havia sinal de que ele tivesse sido ferido.

Quando ela olhou para cima, ele estava olhando para ela. Ele sorriu. Desta vez era o seu sorriso de marca registrada.

— Obrigado, Nissa. — Ele agarrou a mão dela.

Ela emaranhou seus dedos com os dele e apenas segurou por um segundo. Todo o medo que ela mantinha escondido borbulhava dentro dela, acalmado pelo fato óbvio de que ele estava bem.

Ela soltou um longo suspiro.

— Obrigado por nos derrubar aqui em um pedaço. — Ela olhou a fenda no casco. — Sua nave não está em um pedaço, no entanto.

— Não, a velha garota não vai conseguir sair dessa. — De repente, sua sobrancelha se enrugou, seu corpo endurecendo.

— O que há de errado? — Teria o medscope perdido alguma coisa?

Ele soltou um gemido. — Porra, é como ácido em minhas veias. — Suas costas arqueadas, os tendões em seu pescoço esticando.

O que estava acontecendo?

Nissa olhou para ele e viu uma mancha escura no lado de dentro do antebraço esquerdo. Ela agarrou o braço dele, virando-o para um melhor olhar.

— Que porra é essa? — ele disse entre os dentes cerrados.

Parecia uma mancha de tinta antiquada. Cobria metade do antebraço. — Eu não tenho certeza … — Ela engasgou. Algo estava se movendo sob sua pele!

— Jesus! — Justyn se contorceu. — Doi como um inferno!

Ela assistiu o que quer que tivesse se enterrado nele subindo seu braço. Ela engoliu a náusea que agitava seu intestino e olhou novamente para a marca negra.

No centro havia um pequeno buraco. Algo definitivamente tinha entrado.

— Eu tenho que tirá-lo. — Ela tentou a *medscope*, mas não registrou nada. Em seguida, ela sondou a ferida negra.

Toda a mancha se moveu!

Nissa empurrou a mão dela de volta. A escuridão em sua pele era a *cauda* do que quer que estivesse dentro ele.

— Coloque para fora! — Justyn gritou, ainda se contorcendo de dor. Seu corpo inteiro estava encharcado de suor e não era só da umidade.

Ela agarrou a cauda preta, juntando-a e depois puxou.

O grito de Justyn soou através do navio e saiu para a selva, assustando algo que abalou as árvores próximas.

Ela lutou contra as lágrimas. — Eu preciso encontrar uma maneira de anestesiar a dor …

— Não! Apenas tire isso. — Olhos prateados e devastados pela agonia encontraram os dela. — Apenas faça isso, Nissa.

Com um aceno de cabeça, ela conseguiu segurar melhor o invasor. Ele se contorceu em sua mão, tentando cavar mais fundo sob sua pele. — Em três.

Ele deu um aceno de cabeça.

Ela se inclinou para frente e o beijou. — Um.

Ele olhou nos olhos dela, abrindo a boca para a próxima contagem.

Nissa puxou.

Ele gritou novamente. Parte de um corpo longo. Um corpo semelhante a uma sanguessuga saiu de seu braço. Ela puxou novamente, mas a criatura estava lutando contra ela, sem dúvida, agarrando sua pele e causando mais tortura.

— O que aconteceu com dois e três? — Ele ofegou.

Ela se levantou, empurrou uma bota contra a parede para mais alavancagem. — Pensei que era melhor assim. — Ela puxou com toda sua força por trás disso.

Mas a sanguessuga era teimosa, recusando-se a deixar ir. Ela continuou puxando, os gritos de Justyn soando em seus ouvidos e o suor pingando em seus olhos. Seu peito arfava.

Deusa, e se ela não pudesse tirá-la?

A luta continuou, e Nissa não estava ganhando.

Ela estava chorando agora, seus braços doendo.

— Nis-sa …

A voz cansada de Justyn.

— Pare.

Ela não soltou a sanguessuga, mas ela parou de puxar. Justyn pareceu se acalmar um pouco.

— Não é seguro aqui. — Sua voz era mais alta que um sussurro.

— Eu sei. Assim que tirarmos isso, vamos voltar para o cockpit. O pára-brisa está quebrado, mas nós podemos embarcar, parar a … vida selvagem de entrar.

— Nissa, não está saindo.

Ela se recusou a olhar para ele. — Não seja bobo …

— Nissa. — Sua voz era mais forte agora. — Eu acho que a noite está chegando e eu não quero você aqui quando a escuridão chegar.

Ela olhou na selva novamente. Era difícil dizer através do dossel denso, mas parecia estar ficando mais escuro. Ela estremeceu. — Eu não estou deixando você!

— Eu quero que você vá. Suba no cockpit, acocore-se e entre em contato com meus irmãos.

— Não.

Ele soltou um suspiro frustrado. — Venha aqui.

Ela se aproximou e ele a agarrou. A sanguessuga escorregou de suas mãos. Justyn a puxou para perto e devorou a sua boca. Ele cheirava a sangue, suor e homem. Todas as três coisas gritavam 'vivo' e isso era tudo que importava. Ela colocou os braços ao redor dele e o beijou de volta.

Ele se afastou, seu olhar penetrando nela. — Eu te amo, Nissa.

Seu coração parou e ela sentiu como se o chão tivesse caído embaixo dela. — O que?

— Eu estou apaixonado por você há muito tempo. Eu acho que desde a primeira vez que você disse que você ia prender minha bunda. Então eu peguei você verificando minha bunda. Eu não podia acreditar que uma mulher tão bonita, inteligente e sexy pudesse estar interessada em um contrabandista como eu. — Um sorriso tímido. — Por que você acha que *quase* me pegou todas essas vezes?

Um pedaço de dor se alojou em seu peito. — Você queria que eu te pegasse?

— Eu só queria ver você.

Pânico total passou por ela. Ela não sabia se era por causa de sua confissão ou por causa dessa situação terrível. — Justyn, você não vai morrer aqui. Eu não vou deixar você.

— Doce, teimosa Nissa. — Seu rosto endureceu. — Você precisa ir agora.

— Foda-se, Justyn. — Ela saltou para seus pés. — Todo mundo que já disse que me amou nunca me amou o suficiente para lutar. A minha mãe morreu. O amor do meu pai vem com condições. Meu irmão disse que me amava, até que ele saiu e se tornou um assassinato em massa.

— Nissa ...

Ela continuou. Ela estava tão cansada de negar a si mesma as coisas que ela realmente queria. — Nenhum outro homem *já* disse essas palavras para mim, mas agora você diz e espera que eu acredite, mesmo que você queira morrer aqui como um mártir?

— Eu quero que você viva! — ele gritou.

— E eu quero que você viva também! — ela gritou de volta.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A dor era como fogo em seu sangue, mas Justyn estava fascinado por uma Nissa enfurecida.

Ela se abaixou, agarrou a criatura sanguessuga em seu braço novamente e deu um puxão poderoso, este alimentado por sua raiva incandescente.

A criatura saiu em uma única corrida.

Justyn gemeu, a dor além do ultrajante e lutou contra a necessidade de vomitar.

Nissa caiu de costas na bunda dela, a criatura negra contorcendo-se em sua mão. Ela olhou para ele por um segundo atordoado.

— Não é uma sanguessuga, é uma *planta*. — Seu nariz enrugou e ela jogou no chão. Então ela agarrou o cortador a laser e antes que ele pudesse escorregar, ela cortou em pedaços.

Justyn bateu com a palma da mão na ferida do braço e tentou acalmar a respiração ofegante.

Ela correu de volta para ele. — OK?

Ele engoliu em seco.

— Eu vou ficar. — Graças a uma teimosa e corajosa Capitã da Patrulha.

Ela colocou o *medscope* sobre o corte feio e logo foi curado.

Instantaneamente, ele se sentiu melhor.

— Obrigado. — Ele agarrou-a e puxou-a para o peito. — Por tudo.

Ela afundou ao lado dele e enterrou o rosto em sua camisa esfarrapada. Seus dedos cravaram nele, segurando firme. Ele deixou o calor de seu corpo se embeber nele.

Depois de alguns minutos, ela se afastou.— Precisamos chegar ao cockpit.

— De acordo.

— Você está pronto para um passeio?

Ele estendeu a mão para um sorriso. — Só se você concordar em segurar minha mão.

Ela revirou os olhos. — Você está soando mais como você mesmo.

Com um ombro enfiado na sua axila, ela o ajudou a ficar de pé. De mãos dadas, atravessaram o navio, parando para recolher comida,

cobertores e roupas. Uma vez no cockpit, eles embarcaram na viseira rachada e fecharam a porta da cabine reforçada.

No vermelho escuro da iluminação de emergência, Justyn olhou para o console de comando carbonizado e amassado.

— Precisamos passar uma mensagem para Dare e Rynan. — Ele afundou na cadeira e tentou os controles do console.

— Qualquer coisa?

— Não. Vou ter que detonar o e-beacon. Todas as naves estelares transportaram e-beacons de emergência que transmitem transmissões de mayday em todas as frequências. — Mas Rynan alterou o de Justyn para que ele transmitisse apenas uma frequência usada pelo *Nomad*. Nenhum contrabandista que se preze queria transmitir para rivais, piratas ou Deus o ajudasse, a Patrulha, que estavam com uma emergência.

— Diga-me onde está. — Nissa entrou na frente dele. — Você descansa.

Ele não discutiu. Ele estava se sentindo completamente esgotado. — Tire o painel o gabinete de emergência. Ali, ao lado do console de comunicação.

Ele teve prazer em vê-la se mover. Ela tinha uma maneira tão sinuosa de se mexer que atraiu o olhar dele, fazia um homem se perguntar como ela pareciaria dançando ... ou se contorcendo em cima dele, nua.

Ela arrancou o painel, pescou no espaço e tirou o e-beacon. Era uma pequena cúpula metálica um pouco maior que a mão dele. Depois de definir na frente dele, ela se empoleirou no braço da cadeira dele. Ele pressionou a sequência de ativação.

O topo do e-beacon abriu e quatro braços pequenos se abriram, fazendo o e-beacon parecer uma estrela coberta de luzes azuis

piscantes. Ele sabia que dentro do invólucro havia um pequeno fragmento de cristal de fusão Perman, uma fonte de energia quase inesgotável.

— Feito — disse ele. — Vai demorar um pouco para enrolar e mandar o sinal.

Com um suspiro, Nissa se mudou para os suprimentos que eles recuperaram, pegou um par de nutribares e sentou em sua cadeira. Ela segurou uma barra. — Quer um alimento nutritivo, mas com sabor duvidoso?

— Certo. — Ela jogou e ele a pegou do ar. Enquanto comia, ele tentou ignorar a escuridão das luzes. Isso o lembrou de coisas que ele tentou muito esquecer.

— O que está errado?

Ele olhou em sua direção. — Por que você acha que algo está errado?

— Você tem esse olhar vazio, um pouco duro em seu rosto quando algo está errado.

Ele olhou para ela. Ela não retornou suas palavras de amor, ou as educou desde então, e dana-se se isso não deixou uma queimadura em seu coração.

Mas ela notou a expressão no rosto dele? Um sorriso secreto se desenrolou dentro dele.

— Eu odeio a iluminação de emergência. Me lembra de ser uma criança.

— Você caiu em uma nave quando era criança?

— Bem, eu caí mais vezes do que gostaria de admitir. — Ele deu uma mordida em sua nutribar, mastigou devagar. — Mas não, isso me

lembra quando meu padrasto me trancou e meus irmãos em nosso porão.

Nissa ofegou. — Ele trancou você? Por quê?

O estômago de Justyn se agitou. — Ele nos odiava. Pensava que nós éramos pirralhos. Bastardo possessivo queria a nossa mãe toda para si mesmo.

— Com que frequência?

Ele se lembrou da escuridão enjoativa tingida com o vermelho da minúscula luz que Ry conseguira contrabandear, a fome implacável, ouvindo as lágrimas abafadas de seus irmãos. — Muitas. Às vezes por dias a fio.

— Deusa, Justyn, quantos anos você tinha?

— Começou quando eu tinha cinco anos.

Nissa ficou de pé. — Que monstro!

— Sim, ele era. — Justyn deu outra mordida na barra. Tinha gosto de poeira. — Mamãe estava com muito medo de deixá-lo ou de brigar com ele. Não parou até que Dare ficou grande o suficiente para revidar. — Justyn sacudiu a cabeça contra as lembranças.

— Ele bateu em você também?

Todos os dias durante sete anos. Havia tantos ossos quebrados e contusões.

— Sim. Mas nós sobrevivemos. Nós tinhamos uns aos outros, e Dare começou a lutar de volta, protegendo Ry e eu. Eu sei que Dare e Ry *sempre* terão minhas costas. A única coisa boa que veio daquele inferno foi que eu aprendi o verdadeiro significado da lealdade.

— Quando você saiu?

— Quando eu tinha doze anos, Ry quatorze e Dare quase dezesseis anos, finalmente sabíamos que podíamos pegar o bastardo. Nós montamos uma emboscada.

Justyn ainda se lembrava de suas mãos suadas e pulso acelerado enquanto ouvia os pesados baques de seu padrasto descendo as escadas. E ele não tinha dificuldade em recordar o cheiro forte do sangue do homem.

Eles o deixaram feito uma polpa sangrenta, e Justyn lamentava que não tivessem matado o bastardo. Para impedi-lo de bater em outras crianças.

— Então nós partimos. — Eles correram o mais longe e rápido que podiam.

— Sua mãe?

Ele encolheu os ombros.

— Nós a deixamos também. — Ela estava com medo, mas ela deixou seus filhos apodrecerem por sete anos. Eles não queriam ter qualquer coisa a ver com ela.

O corpo de Nissa estava vibrando com fúria contida. — Seu pai?

— Morto até então. Ele não teve muito a ver conosco depois que ele e a minha mãe se separaram.

— Três jovens rapazes. Sozinhos!

— Ei. — Justyn estendeu a mão, pegou a mão dela e puxou-a para mais perto. — Nós escapamos. Nós sobrevivemos. Isso me deu um bom apreço pela luz do sol e ganhamos vontade de fazer aquilo que nos faz bem.

Seu rosto se suavizou. — Você é um bom homem, Justyn.

— Uau. Não exagere.

Ela deslizou para o colo dele. — A maioria das pessoas estaria em terapia, ou se tornariam criminosos, ou acabaria morto, mas você sorri para o mundo e se diverte.

Ele acariciou seu pescoço. — Você sabe, Capitã Smooth, se divertir realmente não é uma coisa ruim. Você poderia aprender um pouco mais sobre isso.

Seus braços entrelaçaram ao redor do pescoço dele. — Talvez. Estou apenas começando a perceber isso.

Desejo disparou pelo sangue de Justyn, reunindo-se em sua virilha. — Nissa ...

O e-bean fez um bipe agudo, luzes coloridas piscando em uma exibição furiosa como se alguma coisa tivesse ficado muito zangada.

Com uma maldição, Justyn se inclinou para frente ajudando Nissa a ficar de pé com as mãos ao redor de sua cintura.

Ele deu outra maldição e bateu com o punho no console. — O sinal não consegue atravessar a densa vegetação.

Ela apertou os olhos fechados. — Estamos presos aqui sem ajuda a caminho.

***

Nissa andou pelo cockpit. — O que fazemos agora?

Justyn estava olhando para a densa folhagem do lado de fora através da metade da tela que não estava fechada. — Temos que colocar o e-beacon acima do dossel.

Certo.

Eles tinham que sair. Ela alisou uma mão cabeça dela.

— Sugestões?

— Bem, podemos escalar uma árvore.

Ambos olhavam para a selva. Não havia árvores de aparência sólida, apenas trepadeiras e flores gigantes.

— Ou podemos procurar por qualquer terreno mais alto? — ela sugeriu.

Ele assentiu e foi até o console de comunicação, o menos danificado no cockpit. — Deixe-me ver se eu posso redirecionar alguma energia de emergência por aqui e fazer algumas varreduras.

Ela se empoleirou nas proximidades e o observou.

Uma parte dela ainda estava fervendo por dentro com o que ele havia dito sobre sua infância. Mas ela sabia que tinha que deixar isso de lado. Ele não tinha deixado o que ele sofreu manchar ele. Ele se transformou no homem que ele era e ela nunca duvidou do forte vínculo entre ele e seus irmãos.

Ele falou sobre lealdade.

Ela sabia agora porque isso era vital para ele.

E ela estava mentindo para ele.

O estomago dela endureceu. Ela também tinha o mau pressentimento que era por causa dela que seus agressores sabiam onde encontrá-los.

Sua garganta estava tão fechada que conseguia respirar. Ela quase matou Justyn.

Depois de mais um minuto brincando, ele sentou-se e o console voltou lentamente à vida.

Ela limpou a garganta. — Bom trabalho. — Ela olhou por cima do ombro enquanto ele fazia as varreduras.

— Ok, nós só temos informações para um raio de dois quilômetros. — O mapa topográfico brilhou na tela.

— Lá! — Ela apontou para uma mancha vermelha na tela. Terreno mais elevado.

Não era muito, mas quando Justyn mudou para a análise geológica, ele ergueu o punho no ar. — É feito de rocha pura e sólida. Nenhuma vegetação. — Ele sorriu para ela. — Poderia simplesmente funcionar.

Então seus ombros caíram.

— Mas nós temos que chegar lá primeiro. — Mais uma vez, ela olhou para a densa floresta ... e pensou nas videiras sugadoras de sangue e quaisquer outros horrores que pudessem estar lá fora.

Como se lesse seus pensamentos, um grito estranho soou à distância, e arrepios surgiram em seus braços.

— Como diabos vamos sobreviver a vida selvagem o tempo suficiente para chegar a esta colina?

— Vamos esperar o nascer do sol, que está a apenas … — , ele olhou para o console — Quatro horas de distância. Então, por enquanto, nós comemos e descansamos um pouco.

Enquanto mastigavam mais nutribares pouco apetitosas, Nissa sentou-se calmamente ao lado de Justyn. Era legal. Apenas sentar ali em silêncio, sem ter que preencher o espaço com palavras desnecessárias. Ela nunca teria imaginado que encontraria uma facilidade como aquela com um homem como ele.

— Quando voltarmos, quero saber como diabos alguém descobriu que você e eu estávamos saindo o *Nomad*. Só Ry e Dare sabiam que poderíamos evitar a toupeira.

Mesmo na escuridão fraca, seus olhos brilhavam quentes.

Seu estômago se apertou. Ela não podia continuar mentindo para ele.

— Eu acho que foi minha culpa. — Deusa, era difícil forçar as palavras.

Ele parou, sua cabeça girando devagar. — Explique-se.

Seu tom enviou um arrepio por sua espinha. — Eu ... eu tenho relatado tudo para a Almirante DeRuyter no GSS.

Justyn tinha um músculo pulsando em sua mandíbula. — Relatando.

Ela engoliu a protuberância gigante alojada em sua garganta. — Eu tenho dado a ela atualizações em nossa caça.

— Eu pensei que você estava em uma licença de ausência.

Nissa se moveu para a borda de seu assento. — Eu estou. Eu ... ela me prometeu essa transferência se eu pudesse recuperar a Constituição. — Nissa não mencionou seu pai e sua recomendação. Ela esfregou a mão sobre a boca.

— Você colocou em perigo todos no *Nomad*. Nos.

— Eu tomei cuidado. Mas alguém deve ter hackeado minhas transmissões ...

— Ou alguém no seu precioso GSS é uma toupeira! — Ele explodiu de sua cadeira, seu corpo tenso.

— Justyn, me desculpe …

— Eu não quero ouvir isso, Nissa. — Ele soltou um suspiro duro. — Toda vez que penso que estou chegando perto de descobrir o seu verdadeiro eu, há outro muro.

Ele olhou para ela com um olhar tão vazio em seus olhos, que ela se sentiu enjoada.

Ele balançou sua cabeça. — Ou talvez eu esteja apenas imaginando que você é diferente da Capitã patrulheira tensa que só se importa com sua carreira.

Suas palavras eram como golpes batendo nela. Ela não conseguia encontrar nada para dizer.

Com uma maldição, ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Descanse um pouco. À primeira luz, estamos fora daqui com o e-bean.

Ele caminhou para o outro lado do cockpit, até o ponto mais distante dela - e caiu no chão, de costas contra a parede. Ele inclinou a cabeça para trás, os olhos fechados.

Nissa puxou um dos cobertores em volta de si e se encolheu na cadeira do co-piloto. Seus olhos ardiam de exaustão, mas ela olhava para a floresta, incapaz de dormir.

CAPÍTULO DEZESSETE

Justyn puxou sua mochila e, impiedosamente, apertou as correias. Ele já havia colocado o e-bean junto com as rações ele poderia levar dentro dela. Ele também tinha seu blaster de íon amarrado ao seu quadril e sua faca favorita enfiada em sua bota. Finalmente, ele levantou um facão que encontrou no armário de armas.

Não muito longe, Nissa estava colocando sua própria mochila. De vez em quando ela olhava em seu caminho, mas ele a ignorava.

Ele ainda estava com raiva demais.

— Pronta? — Ele foi até a porta.

— Pronta.

Ele ativou o controle manual para abrir a porta. Nenhuma videira ou outra vegetação mortal ou criaturas desconhecidas da selva esperavam por eles. Um momento depois, eles saíram para a luz do sol manchada da manhã. A umidade bateu Justyn como uma transição ruim para a velocidade interestelar, batendo ele na cara.

O suor irrompeu em sua testa. Ótimo, nada como uma caminhada através de uma selva matadora em algum planeta alienígena com umidade que você mal podia respirar.

Virando o braço, ele olhou para o mini-Sync que ele tinha anexado ao seu antebraço. Mostrava o mapa do terreno e a cruz de ouro brilhante que indicava seu destino.

— Por aqui. — Ele apontou com o facão.

Nissa ergueu sua própria lâmina grande e eles se foram.

Quando Justyn abriu caminho pela vegetação rasteira, ele quase esperou que as trepadeiras se levantassem e os atacassem. Mas tudo ainda estava realmente calmo.

Realmente, realmente calmo.

— Você não acha estranho que não ouçamos a vida selvagem? — ela perguntou. — Nenhum pássaro grasnando ou insetos cantando.

Sim, definitivamente era estranho. Ele se abaixou sob uma enorme flor roxa neon. — Eu preferia não correr para qualquer vida selvagem. Vamos nos considerar sortudos e seguir em frente.

Eles encontraram um ritmo constante cortando a vegetação. Em algumas partes era menos espessa e eles podiam se abaixar ou escalar o crescimento. Justyn achou uma excelente distração da fúria que ele sentia pela a mulher ao lado dele.

Ela o traiu.

Ele cortou uma videira grossa em sua coxa. Ok, talvez ele soubesse que ela não confiava totalmente nele, mas ele não esperava que ela comprometesse sua segurança. Ele cortou uma planta pendurada coberta de flores azuis do tamanho de suas palmas. Talvez fosse hora de aceitar que Nissa Sander nunca confiaria nele da maneira que ele precisava. Que ela poderia lhe dar seu corpo, mas ela nunca entregaria sua alma a ele.

Ele cortou a selva com determinação sincera, ansioso para bloquear todos os pensamentos sombrios em sua mente. E a dor no coração dele.

Eventualmente, ele parou para descansar, passando o antebraço pelo rosto. O suor escorria dos dois. — Pausa de cinco. Tome uma bebida.

Nissa bebeu um pouco de água. — Pelo menos nós caímos em um planeta quente. Se nós tivéssemos caído em um mundo de gelo … — ela balançou a cabeça — Os répteis não se dão bem com o gelo. Ela bebeu novamente e um pequeno gotejamento escapou de sua boca, correndo por sua garganta, ao longo de sua clavícula, antes de encharcar seu top.

Ele assistiu aquele gotejar com inveja enquanto seguia aquela pele lisa e suave, traçando a borda de sua escama. Seus dedos se contraíram.

Droga.

Ele desviou o olhar, encarando a gigantesca flor vermelho-neon que se erguia sobre ele como uma enorme sombra solar. Suas pétalas eram tão longas quanto ele e no centro ... seu nariz enrugou.

Bem, quase parecia uma boca cercada por protuberâncias que balançavam com a brisa.

Ele tomou outro gole. Algo tocou a parte de trás do seu pescoço.

Justyn deu um pulo e girou ao redor. Então ele riu de si mesmo. Uma das pétalas tinha caído o suficiente para tocar sua pele.

— Com medo de uma flor, Phoenix?

Ele levantou uma sobrancelha para Nissa. — Eu seria estúpido para não ter medo de tudo neste planeta. — Esfregou o antebraço e a dor fantasma da criatura sanguessuga.

— Você vai continuar me ignorando?

Ele franziu o cenho. — Eu não estou ignorando você.

— Você mal disse nada para mim. — Ela esfregou a bochecha contra o ombro, enxugando o suor do rosto. — E você não vai olhar para mim.

— Estou chateado com você.

Ela soltou um suspiro. — Sim, eu meio que percebo.

— Você poderia ter matado meus irmãos, toda a tripulação deles. Aqui fora, você não pode ser da Patrulha, Nissa. Sua lealdade tem que ser para sua equipe, á caça.

Seus olhos brilhavam na sombra manchada. — Eu sei. Agora.

Ele balançou a cabeça, irritado com os dois. — Só me deixe trabalhar um pouco isso, ok?

De repente, seus olhos se arregalaram. — Justyn, atrás de você!

Ele viu um lampejo de vermelho e então foi levantado do chão. Seu facão escorregou de seus dedos. Algo o envolveu, tentando sufocá-lo. Ele torceu e se virou, chutando para fora com suas botas. Um grito estridente soou em seu ouvido. Arqueando o pescoço, ele olhou para cima ...

Na *boca* da flor de néon.

As protuberâncias estavam acenando descontroladamente agora, alcançando-o. Elas estavam pegajosas com uma substância clara que cheirava a algo doce.

Foda-se.

Ele tentou puxar os braços para cima, mas eles estavam presos aos seus lados. Ele se debateu mais, tentando encontrar alguma maneira de se libertar. — Nissa!

Uma gota do líquido pegajoso e claro escorria lentamente e tocava seu ombro.

Ele chiou através de sua camisa e queimou sua pele.

Com uma maldição, ele renovou suas lutas. Sua mão agarrou as pétalas que o rodeavam, mas eram duras e elásticas e ele não conseguia se segurar direito. Descendo, ele encontrou sua bota, seus dedos procurando pelo toque de sua faca. Ele não estava pronto para morrer, droga, e ele com certeza não iria morrer sendo comido por uma maldita flor.

A boca ficou mais perto e ele puxou a cabeça o mais baixo que pôde. Ele não conseguia alcançar a lâmina. — Nissa!

— Espere! — Sua voz abafada alcançou-o.

De repente, a flor gritou novamente. Começou a tremer e contorcendo-se, jogando Justyn ao redor com tanta força que seu cérebro se sentiu embaralhado.

Então a luz do sol cegou-o quando a planta-monstro o jogou no chão.

Levantando no ar, ele olhou para cima.

Nissa estava de pé ao lado dele, uma corrente de luz solar que conseguiu romper a copa destacando-a por trás. Ela ainda segurava o facão e pingava um líquido verde. Ela parecia um anjo vingador.

Um anjo vingador sexy.

Ele ficou de quatro, ainda se sentindo um pouco abalado. — Eu estava prestes a me tornar o almoço ... de uma maldita flor.

Ela bufou uma risada. Ele atirou-lhe um olhar estreito.

Seu sorriso se fechou, embora o humor ainda dançasse em seus olhos. — Desculpa. Você está bem?

— Sim. — Ele se levantou e a agarrou rapidamente. Ele deu um beijo rápido nos lábios dela, depois soltou dela. — Eu ainda estou bravo com você, mas obrigado pelo resgate.

Ela lambeu os lábios. — Você teria feito o mesmo por mim.

Ele assumiria toda a galáxia para protegê-la. Ele deu um passo e algo esmagou sua bota, descarrilando seus pensamentos. — Que diabos?

Justyn chutou o tapete de folhas mortas que cobriam o chão. Aquele som triturante tinha sido mais do que desintegrar a folhagem. Ossos. Velhos, limpos e branqueados. Ele bateu novamente nas folhas.

Muito mais ossos. Ele observou o esqueleto do que parecia ser um pássaro e outro de algum tipo de criatura parecida a um macaco.

— Acho que descobrimos o que aconteceu com todos os animais por aqui — disse ele.

Nissa fez uma careta. — Algo os comeu.

— Vamos para a colina, ligar o e-bean e sair dessa rocha.

— Melhor coisa que eu já ouvi em todo o dia.

De repente, um farfalhar na vegetação atrás deles fez os dois girarem. Justyn não conseguia ver nada, mas o som ficava mais alto a cada segundo que passava.

— Vai!

Eles começaram a correr, balançando seus facões em um ritmo rápido e mortal.

O sangue de Justyn estava batendo. Ele manteve seu olhar focado na direção que eles estavam indo, enquanto mantinha Nissa em sua visão perférica.

Atrás deles, ele ouviu as plantas farfalhando descontroladamente.

Algo estava chegando. E soava como algo grande.

Nissa saltou sobre uma grande trepadeira, cortando uma parede de pequenos e entrecruzados. — Falta muito?

Uma rápida olhada no mini-Sync. A tela estava embaçada, mas ele ainda podia ver o brilho. — Apenas a meio caminho de lá.

Eles continuaram se movendo. O farfalhar ficou mais alto.

E mais alto.

Toda a selva ao redor deles parecia estar vibrando.

Justyn viu o olhar apertado no rosto de Nissa.

Eles não iam conseguir.

De repente, uma videira do tamanho do braço de Justyn explodiu da vegetação rasteira. Ele circulou em torno da coxa de Nissa.

— Porra. — Ela tentou cutucá-la, mas o ângulo de seu balanço era desajeitado e ineficaz.

Ele balançou sua própria lâmina. A videira recuou, a parte que ele cortou caindo aos pés de Nissa.

Mas com a velocidade da luz, outra vinha da outra direção e circulou seu tornozelo.

Então outra ao redor de seus pulsos.

Ela lutou, tentando se afastar. Mais trepadeiras de espessuras variadas invadiam as árvores, apertando-se ao redor como cobras.

— Foda-se! — Justyn continuou balançando o facão, mas para cada videira que ele cortou, mais três já estavam enrolando em torno de seus braços, pernas e corpo.

Ela soltou um grito frustrado, suas roupas encharcadas de suas lutas. As videiras levantaram-na a um metro do chão, puxando seus membros até que ela se espalhou como uma estrela. Então, as videiras pararam de se mover. Um silêncio sinistro caiu.

Finalmente, Nissa também ficou quieta, com o queixo no peito. O único som era sua respiração severa.

Ela levantou a cabeça. — Voce tem que continuar.

— O inferno que eu vou. — Ele cortou outra videira. Mais duas deslizaram para tomar o seu lugar.

— Justyn. Vai.

— Que porra aconteceu de nunca desistir? — Uma rocha se instalou em seu peito. — Eu não vou te deixar aqui.

— Você tem que definir o e-bean. Então volte para mim.

Ele rangeu os dentes juntos. Ambos sabiam que ela não estaria aqui quando ele voltasse. — Não. Porra, não.

— Sinto muito sobre estar me reportando á Almirante. Nunca pensei que alguém usasse isso para nos atacar ou sabotar nossa caça.

— Nissa ... apenas se concentre em sair dai.

— Ela ameaçou a cerimónia de elogio do meu pai. — Nissa respirou fundo. — Está chegando daqui a alguns meses. Mesmo que ele não mencione muito, eu sei que ele está animado com isso. É o último momento brilhante da carreira que ele trabalhou tão difícil para ter. E assegura a pensão para o dia em que ele morrer. — Sua voz ficou mais suave. — Eu não podia deixar ela tirar isso dele.

Droga. Malditos bastardos do GSS intrometidos como o inferno.

— Você deveria ter me dito!

— Não importa agora. — Sua voz estava quieta e calma demais. — Eu só queria que você soubesse que sentia muito.

— Eu sei. — Ele pisou em um tronco meio apodrecido para se erguer ao nível do rosto dela. — Eu ainda não estou deixando você aqui.

Ela deu-lhe um pequeno sorriso. — Diga-me como você conseguiu essa cicatriz? A verdade desta vez.

— Não. Eu vou te contar depois que sairmos daqui. — Ele recuou e retirou seu blaster.

Ele atirou nas videiras. Ele esperava tirar algumas dela, mas o resultado foi inesperado.

Elas claramente não gostavam de fogo iônico.

As videiras se contorciam e se contorciam como se estivessem sendo envenenadas. Em um movimento simultâneo, todas as videiras soltaram Nissa, afastando-se dela tão rápido que ela bateu no chão desalinhada.

— Você está bem? — Ele se ajoelhou ao lado dela, um braço sob o cotovelo dela.

— Meu cotovelo atingiu o chão. — Ela estremeceu. — Com força. Mas estou bem.

— Vamos. Corra o mais rápido que você conseguir.

Eles se moviam em um ritmo rápido, mais uma vez atacando as plantas e as videiras. Não demorou muito para Justyn sentir o chão começa a subir.

— Estamos no morro. — Ele não podia ver além da vegetação, mas eles estavam perto. Ele cortou a parede de verde, abrindo um buraco entre as videiras.

Além da fenda, não passava de uma rocha nua.

Eles pularam e subiram a encosta rochosa.

— Eu nunca estive tão feliz em ver nenhuma planta — disse Nissa.

Justyn olhou por cima do ombro. Sua pequena colina de rocha era uma de um pequeno grupo na área, cada uma como uma pequena ilha pontilhando a superfície do mar espesso e verde.

No topo da colina, ele tirou a mochila e pousou o e-bean.

Ele pressionou a sequência correta de botões e esperou que as luzes piscassem. Ao lado dele, Nissa segurou seu blaster e vigiou a linha de vegetação.

Depois de um minuto, o farol buzinou, as luzes se fixando em um firme piscar de on-off.

Ele sentou-se em seus calcanhares. — Feito. Está transmitindo.

Ela olhou para o céu e o sol vermelho-dourado no alto. Atrás havia duas estrelas menores e brilhantes que formavam o resto do sistema de estrelas triplas. — Espero que seus irmãos não estejam longe.

— E espero que quem nos atacou ainda não esteja interferindo nas transmissões.

— Eles acham que estamos mortos, então eles não deveram estar. — Ela continuou escaneando a vegetação linha. — E agora?

— Não é seguro o suficiente retornar ao navio. Eu digo que devemos ficar aqui.

Ela assentiu e perambulou pelo afloramento rochoso. Justyn esticou o pescoço, tentando aliviar a tensão. Ele não achava que as plantas mortais do planeta da selva tinham desistido de comê-los ainda.

— Justyn!

Ele girou, apontador de blaster.

Mas ela não estava em apuros, apenas acenando para ele se juntar a ela onde ela se agachava, estudando algo aninhado entre as rochas.

Ele correu e se ajoelhou ao lado dela. — O que é isso?

Ela cutucou um pedaço de metal. — Parece que é um pedaço de um navio.

Ele examinou o chão ao redor deles. — Veja! Outra peça.

— Serão peças de *Mercury*?

Justyn estudou a placa de metal prateada. Estava fortemente corroída. — Não penso assim. Isso está aqui há muito tempo. Certamente parecia metal que fazia parte do casco de um navio ou algo parecido.

— Veja isso. — Ela pegou um pedaço do que só podia ser sintetizador de vidro.

— É velho. — Ele girou o pulso para poder ver o outro lado do fragmento. — Vê as estrias no vidro? Isso foi feito antes de aperfeiçoarem a técnica de tornar o material mais forte e mais leve.

— Talvez haja mais. — Ela se virou, atravessando o chão quebrado e rochoso.

— Não se distraia, você não quer acabar comida para uma planta.

Ela deu mais alguns passos, olhando por cima de uma saliência que caiu do outro lado da colina. — Deusa!

Em três passos ele estava ao lado dela. Ele olhou incrédulo. — Poeira sagrada do espaço.

Era uma cápsula de fuga quebrada.

Ela estava lá há muito tempo e estava fortemente enferrujada pela alta umidade do planeta. Mas a forma vagamente redonda era visível mesmo com o dano e a quantidade de destroços espalhados ao redor.

Nissa cuidadosamente desceu. — É um estilo muito antigo de cápsula de escape.

— Sim. — Ele circulou o veiculo acidentado e viu algumas letras no casco danificado.

Ela pegou alguma coisa. — Veja. Isolamento Tripton. Ninguém usa isso por mais de mil anos.

Justyn agachou-se, passando a mão na letra vaga.

Ela deu um chocado passo para trás. — Inacreditável!

Ele olhou para cima e a viu segurando um objeto retangular. — O que é isso?

— Um livro! Um livro antiquado! Deusa.

Ele franziu a testa. — Como um livro teria sobrevivido?

— Tem algum tipo de capa de couro. Está bem fechada. — Excitação brilhou em seus olhos. — Talvez as páginas estejam intactas.

— Talvez — ele disse, duvidoso. — Não abra, elas vão se desintegrar em contato com o ar.

— Imagine ... pode ter gravada a jornada de algum aventureiro ou membro do comboio.

Justyn sorriu. Parecia que Nissa estava pegando o bichicho da caça ao tesouro. Ele voltou sua atenção para o metal sob sua mão. Seu sorriso se dissolveu. — Estrelas sagradas, Nissa! Esse livro não pertence a um aventureiro ou a um membro do comboio.

Isso era muito irreal para ser verdade.

Ele olhou para as letras gravadas no metal, seu coração acelerado em seu peito.

Ela se aproximou dele, segurando o livro na mão. — Do que você está falando?

Ele alisou a mão sobre o casco da cápsula de fuga arruinada. Embora as letras estivessem bastante desbotadas, a palavra *Nero* era visível.

CAPÍTULO DEZOITO

Nissa não podia acreditar.

— Não pode ser. — Ela agarrou o livro ao peito.

— Bem, parece que pode. Isso significa que alguém do *Nero* lançou uma cápsula de escape e caiu aqui.

Ela olhou para o livro. — Pode haver informações aqui que podemos usar.

— Talvez. — Justyn ficou de pé. — Mas isso não nos fará muito bem se estivermos presos nesta rocha. — Ele olhou para o sol já dirigiu-se para o horizonte. — A noite vai estar aqui antes de sabermos.

E eles não queriam ficar presos aqui no escuro.

— Nós vamos ter que voltar para o navio.

Ela olhou para as plantas grossas que os cercavam. O pensamento de voltar lá fez seu estômago revirar. A lembrança das vinhas apertadas ao redor de seus membros fez sua boca secar, mas o que era pior era lembrar o coração batendo forte de terror ao cortar a flor carnívora, esperando que não fosse tarde demais para salvar Justyn.

Um grito estridente rasgou o ar.

Ah não.

Mais gritos se juntaram até que a selva ao redor deles estava cheia de barulho. Ao longe, a vegetação começou a tremer mais uma vez.

— Uh, acho que nossos amigos recrutaram reforços — disse Justyn, com o rosto sombrio.

Ele se mudou até o ombro dele bater no dela. Ela colocou o livro em segurança em sua mochila e colocou a mochila de volta em seus ombros. Então ela ergueu o facão. Justyn tinha sua blaster fora, seus olhos cinza-aço se tornando perigosos.

Videiras explodiram em direção a eles da linha de plantas, fluindo sobre o chão como cobras.

Muitas delas. Ela sentiu a bile subir em sua garganta.

Quando as videiras se aproximaram, Justyn começou a atirar.

O gemido do desintegrador colidiu com os gritos estridentes das videiras. Nissa balançou a lâmina pesada, cortando e cortando as plantas mais próximas a eles.

Ela não tinha ideia de quanto tempo eles mantiveram. Seu braço estava tão pesado que parecia aço. Ela trocou a lâmina para a outra mão. Ela sempre treinava com o braço esquerdo e com o direito, e embora não fosse tão precisa, isso não importava aqui.

Quanto tempo duraria a carga no blaster de Justyn? Eles mal seguravam as trepadeiras e não importava quantas destruíssem, mais continuavam chegando.

— De volta — ele gritou. — Para o topo.

Ela recuou firmemente, continuou balançando e rezou para não tropeçar.

No topo, ela olhou para o outro lado da colina.

Mais trepadeiras estavam subindo em direção a eles.

Seu coração afundou. Havia muitas. Não havia como eles conseguirem vencê-las.

— Justyn …

Ela disse o nome dele em voz baixa, mas ele ouviu. Ele olhou, notou as outras videiras e seus ombros caíram.

Ele se aproximou, até que estavam pressionados juntos. Então ele parou de atirar e agarrou-a.

O beijo foi selvagem, cheio de tanta emoção crua que Nissa estava impotente contra ele. Ela enfiou a língua contra a dele, seus braços envolvendo em torno dele. Ali estava um homem que vivia de acordo com seu próprio código, era leal àqueles com quem se importava e que não deixara seu passado obscurecer seu amor pela vida.

Ali estava o homem que poderia tê-la feito acreditar no amor.

Ela sentiu o primeiro embrulho em torno do tornozelo. O segundo se retorceu ao redor de seu cotovelo, afastando seu braço de Justyn.

Não. Ela puxou o intruso, tentando manter o controle sobre ele. Se ela ia morrer, ela com certeza não poderia pensar em uma maneira melhor de morrer do que beijando Justyn Phoenix.

Então o barulho ensurdecedor e uma rajada de ar quente os explodiram. Os gritos das videiras assumiram um timbre desesperado.

Uma lufada de chamas engolfou a colina ao redor deles.

Nissa e Justyn ergueram os olhos.

O *cuttleship* de Rynan o *Pathfinder*, pairava acima deles como uma ave de rapina gigante. Sua chama canhão estava disparando contra as plantas.

Uma equipe de cinco pessoas, todas envoltas em armaduras de corpo cinza-escuro, foram rapeladas do navio, atirando chamas para as videiras.

A luta acabou tão rápido, que Nissa se sentiu tonta. Ela estava grata pelos braços de Justyn ainda em torno dela, segurando-a na posição vertical, já que ela não tinha certeza se suas próprias pernas poderiam segurá-la.

Ela assistiu a última das vinhas não escarpadas deslizar de volta na vegetação. Muitas estavam leigas, negras e murchas, nas rochas.

Uma das figuras blindadas pisou na frente deles, e o visor opaco no capacete se retraiu. Rynan arqueou uma sobrancelha. — Nova maneira de combater plantas assassinas.

Justyn sorriu. Seu cabelo estava grudado na cabeça, e suor e sujeira cobriam seu rosto, mas Nissa nunca tinha visto um homem mais bonito.

— Nós estávamos nos saindo muito bem.

Rynan bufou. — Certo. Bem, a cavalaria está aqui. Se vocês dois puderem se soltar por tempo suficiente, todos nós poderemos embarcar no navio.

Nissa relutantemente se liberou de Justyn. Ele agarrou a mão dela e piscou para ela.

— Onde está o *Mercury*? — Rynan perguntou.

Tristeza cintilou no rosto de Justyn. — Ela está torrada. Não tem o suficiente para salvar.

— Droga. Desculpe, mano. Eu sei que você amava aquele navio.

Justyn encolheu os ombros, dedos apertando na mão dela.

— Estamos vivos. Isso é tudo que importa.

Em poucos minutos, eles foram anexados a cabos de ferro e puxados a bordo. Tudo o que Nissa queria era um banho. Desesperadamente

— Vá se limpar — disse Rynan. — Pegue um lanche e volte aqui … — ele olhou para o relógio — Quinze minutos.

— Quarenta — Justyn respondeu. — Acabamos de sobreviver a um acidente em um planeta com plantas assassinas por todo o lado.

— Vinte.

— Trinta.

Rynan soltou um suspiro. — Bem. Mas eu quero saber o que diabos aconteceu o mais rápido possível.

— Entendido. Ah, e fique de olho em três batedores *Firebrand*. Eles são os bastardos que nos derrubaram.

Rynan ficou quieto. — Quando viemos para encontrá-lo, nos deparamos com eles.

— Eles se envolvem?

— Sim. Muito para o seu arrependimento, tenho certeza. — O tom de Ry estava escuro de satisfação.

— Boa. Vejo você em trinta.

Justyn puxou Nissa da ponte e desceu por um corredor com paredes negras e lustrosas. O layout do navio de Rynan não era tão diferente da *Freedom*. Assim que eles viraram a esquina para o corredor que levava às cabines, Justyn girou e bateu-a contra uma parede.

Sua boca estava na dela, tomando, exigindo. Ela afundou as mãos em seu cabelo e puxou-o para mais perto.

Quando eles se separaram, ambos estavam ofegante.

— Esta é a sua cabine. — Ele apontou para a porta ao lado deles. — A minha e a do lado. — Ele segurou o rosto dela, o polegar acariciando sua pele. — Eu gostaria de me juntar a você …

Ela sorriu e esfregou os quadris contra o volume pesado de sua ereção. — Mas?

Ele gemeu.

— Se eu entrar, não há como voltarmos para o reunião de Rynan em trinta minutos. — Justyn esfregou o nariz contra o dela. — E o que eu planejei vai demorar muito, muito mais tempo.

Ela se inclinou e mordeu o lábio inferior. — Horas, eu espero. Eu tenho algumas coisas planejadas também.

Ele gemeu. — Vai. *Vai.* Antes que eu derreta em uma poça de luxúria.

Ela entrou na cabine e fechou a porta no rosto bonito dele. Então ela pressionou a testa no metal frio.

Ela não podia mais lutar com ele. A atração por ele era muito forte. Ela queria Justyn Phoenix.

E pela primeira vez em sua vida, ela estava tomando o que queria.

***

Justyn deslizou para dentro do boxe, pressionou as palmas das mãos nos plasticos e inclinou a cabeça para baixo. Ele deixou a água bater em sua cabeça e lavar a sujeira. Nunca havia pressão de água suficiente em uma ducha de naves estelares, a água era mais uma névoa vaporosa do que líquida para fins de conservação, mas fazia seu trabalho.

Energia nervosa ainda estava correndo sob sua pele, deixando-o nervoso, inquieto. Ele sabia que demorava a descer da adrenalina que ele estava sentindo, depois de sobreviver a um momento de vida ou de morte.

Normalmente ele trabalhava isso na academia, brigando com seus irmãos. Mas o que ele queria fazer agora era arrastar Nissa para o chuveiro, colocar a boca naquela pele super suave, ou melhor ainda, entre as coxas finas.

Suas mãos se fecharam em punhos. Ele queria que o calor em seu sangue esfriasse.

Então ele ouviu o sussurro da porta do chuveiro. Ele já estava levantando a cabeça quando as mãos deslizaram pelo seu lado.

— Pensei em oferecer-me para lavar suas costas. — Uma boca quente pressionou sua espinha.

— Nissa. — Ele começou a se virar.

— Não. — Ela acalmou-o com as mãos. — Apenas fique ai. — Suas mãos massageavam os músculos das costas dele.

Ele gemeu e então as palmas das mãos dela se moveram para baixo. Uma apertou a sua bunda enquanto a outra roçava seu estômago, traçando as cristas, antes de circundar seu pênis muito duro.

— Tão grande e duro. — Seus dentes mordiscaram sua omoplata.

Merda. Ela ia matá-lo.

Então ela deslizou na frente dele. Ela beliscou seus lábios rapidamente. — Mantenha as mãos na parede, Sr. Phoenix.

— Sim Capitã. — Espaço doce, ela estava nua. Toda a pele gloriosa. Seus seios dois punhados gordos que ele queria provar.

Então ela pressionou os lábios na garganta dele. Lambendo e beliscando. Suas mãos correram sobre seu estômago e ele ouviu seu grunhido ecoar no chuveiro.

— Amo esse corpo grande e resistente — ela murmurou contra seu peito. Ela raspou uma unha sobre um de seus mamilos, enquanto ela pegou o outro em sua boca, sugando com força.

Foda-se.

Suas mãos agarraram o ladrilho.

Então, ela dobrou os joelhos, e em um movimento lento, arrastou a boca para baixo de seu abdômen, sua língua traçando os contornos que encontrou lá. Justyn sentiu seus músculos pularem ao toque dela, outro grunhido preso em sua garganta.

No instante seguinte, ela estava de joelhos diante dele. Ela olhou para cima, piscando-lhe um sorriso perverso, antes de se inclinar para frente e chupar seu pênis profundamente em sua boca.

Ela o deixou louco com a língua dela. Puxando para trás, ela girou a língua sobre a cabeça de seu pênis, encontrando o ponto mais sensível por baixo. Suas unhas afundaram em suas coxas quando ela o puxou para mais perto e o engoliu de volta. Ela gemeu contra seu pênis e vibrou contra ele, fazendo-o gemer. Quando ela o chupou de novo, com força, ele sabia que estava a segundos de gozar em sua boca.

E ele queria mais do que isso.

Justyn se abaixou, agarrou-a sob os braços e puxou-a contra ele. Seu corpo liso deslizou contra o dele.

Ela lambeu os lábios. — Eu estava gostando disso.

— Eu também baby. — Balançando-a em seus braços, ele saiu do chuveiro. — E eu planejo que nós dois continuemos nos divertindo. — Ele a deixou cair na cama.

Ela ficou de joelhos, dando uma risada rápida. Ele parou e apenas olhou para ela. Ela era tudo o que uma mulher deveria ser. Sexy, linda, inteligente e capaz de fazê-lo rir.

Dura, capaz, sempre dando tudo o que ela podia dar.

Ele afundou no beliche e enfiou um travesseiro sob a cabeça. — Venha aqui, querida.

Ela olhou para ele com um sorriso no rosto. — Por quê?

— Porque eu pretendo colocar minha boca em sua buceta doce e lamber você até você gozar.

Sua respiração engatou. — Eu não tinha terminado com você.

— Bem, suba aqui e nós vamos fazer ambos gozar. Nós só temos cerca de dezessete minutos até que tenhamos que estar na ponte. — Justyn fez uma careta. — E eu conheço meu irmão. Se não estivermos lá, ele vai vir nos procurar.

Ela deslizou para cima do corpo de Justyn, seus mamilos duros arrastando sobre sua pele. — Eu gostaria que tivéssemos mais tempo.

Ele agarrou-a e puxou-a ao redor. Ela deu um grito, mas ajudou-o a assentar as coxas de cada lado da sua cabeça. Enquanto ele olhava para ela, toda nua, bonita e rosada, ele gemeu.

— Eu também, acredite em mim. E nós vamos encontrar a hora, eu prometo a você. Por enquanto, eu pretendo fazer você gozar todo o meu rosto.

Ela lançou-lhe um olhar por cima do ombro. — Idem, Phoenix.

Foda-se.

Seu pênis saltou e isso chamou sua atenção. Ela riu enquanto circulava com uma mão. Ela já estava chupando-o profundamente quando ele agarrou seus quadris e apertou sua boca entre suas pernas.

Ela empurrou em seu aperto, mas depois se encostou nele. Ele gemeu novamente, o gosto dela era doce como mel em sua língua. Ele apunhalou-a, lambeu-a, encontrou o pequeno clitóris e sugou-o.

Justyn foi pego nas sensações duplas de dar prazer a ela, o rico sabor dela dominando-o, e o extremo prazer de tê-la sugando-o com uma intensidade que fez sua liberação iminente apertar na base de sua espinha.

Logo ela estava empurrando de volta contra sua boca, seus quadris se movendo erraticamente e ele sabia que seu próprio orgasmo estava se aproximando. Ele agarrou-a com mais força, mantendo-a indefesa contra o ataque de prazer. Ele empurrou seus quadris para cima em golpes curtos e duros e sua boca apertou em volta dele.

— Nissa, eu estou quase lá, querida. — Ele murmurou contra ela. — Eu quero que você venha na minha boca primeiro.

Suas unhas cravaram em suas coxas e ele empurrou sua língua profundamente dentro dela, antes de mais uma vez lambendo seu clitóris.

Ela endureceu e gritou ao redor de seu pênis. Ele deslizou dois dedos dentro dela, sentiu o pulsar de seus músculos internos quando ela gozou.

Ela apertou seu pênis novamente e com sua próxima respiração, ele estava gozando, derramando sua liberação na garganta dela. Um gemido rasgou dele, manchas escuras dançando na frente de seus olhos. Ele nunca gozou tão duro, nunca se sentiu assim sobre outra mulher.

Ela caiu ao lado dele. Justyn encontrou a energia para se levantar e puxá-la para seus braços. Ele a puxou contra seu peito, gratificado quando os braços dela se envolveram ao redor dele, o rosto dela enterrado contra o pescoço dele.

Nissa estava em seus braços. Seu coração batendo contra o dele, seu corpo tonificado ainda tremendo pelo orgasmo que ele lhe dera. Ele sorriu para o teto. Neste instante, tudo estava certo na galáxia.

— Quando chegarmos a Hydrae … — sua voz era um murmúrio silencioso contra sua pele — Eu estou te trancando em um quarto e não deixando você sair por horas. Muitas, muitas horas.

Ele apertou um beijo no templo dela. — Capitã Smooth, você não está recebendo uma única reclamação de mim.

— Estou feliz por não termos morrido lá naquele planeta selvagem.

A mão dele deslizou pelo pescoço longo dela. — Agora, nós passamos pela a parte mais difícil.

Ela deu uma risadinha e então se levantou.

— Merda. Se aquele relógio ao lado do seu beliche estiver certo, temos quatro minutos para estar na ponte.

Justyn amaldiçou. — O quão rápido você pode se vestir?

Seu olhar percorreu seu corpo nu. — Não rápido o suficiente se você está nu e na mesma sala.

Ele deu-lhe um tapa na bunda. — Vai. Se vista, minha sedutora de Thusian. Eu vou te ver na ponte.

CAPÍTULO DEZENOVE

Depois de um banho rápido, Justyn pegou um pedaço de fruta da cozinha e caminhou para a ponte do *Pathfinder* com cerca de vinte segundos de sobra.

Rynan olhou para ele de uma forma que dizia que ele tinha visto o rosto satisfeito de Justyn. Justyn não se importava. Ele se sentia muito bem agora para se preocupar com qualquer coisa.

Dare estava em sua posição habitual, encostado no parede, braços cruzados sobre o peito. — É bom ver você em uma peça.

Justyn começou a descascar o mandarim hidropônico que ele havia apanhado. — É bom estar em um pedaço. — Ele estalou uma fatia da fruta suculenta em sua boca e saboreou o sabor azedo. Muito melhor que os nutribares. Não tão bom quanto o sabor de Nissa. — Estou surpreso ao ver que você deixou o comboio, mano.

— Nós já tínhamos chegado a Hydrae. E eu deixei Aurina no comando.

Aurina tinha um traço de mandão nela e Justyn não tinha dúvida de que sua irmã manteria os membros do comboio na linha. — Estou feliz que você pegou o sinal e-beacon.

Ry assentiu. — Nós já estávamos procurando por você. Quando o *Nomad* chegou ao caravanserai e não havia sinal de seus homens, achamos que algo estava acontecendo. Foi quando nos deparamos com os *Firebrands.*

Nissa andou a passos largos em roupas limpas. — O que eu perdi?

— Estamos prestes a começar. — Justyn agarrou-a e puxou-a para o assento ao lado dele. Ele ignorou os sorrisos de seus irmãos.

— Então o que diabos aconteceu? — Dare perguntou.

Entre os dois, Justyn e Nissa contaram a história do ataque, do pouso forçado e de suas aventuras no planeta selva.

— Plantas carnívoras. — Rynan deu uma pequena carranca de aversão.

Nissa respirou fundo.

— Tem mais uma coisa… Eu tenho me reportado de volta ao GSS. Eu suspeito que a toupeira está hackeando minhas transmissões.

Justyn observou seus irmãos. Seus rostos eram ilegíveis.

Ela correu para preencher o silêncio. — Eu sinto muito. Eu nunca quis pôr em perigo vocês, seu navio ou o comboio.

Justyn lançou um olhar aos irmãos. — A cadela da Almirante a chantageou.

— Eu entendo que você não vai mais se reportar? — A voz de Dare era suave, mas segurava o chicote de comando.

Nissa se mexeu. — Não.

— Boa. — Rynan girou de volta para seu computador. — Eu tenho corrido algumas verificações em todos os passageiros para procurar a toupeira. Nenhuma bandeira se levantou, ainda. Obviamente, obter informações aqui leva um pouco mais de tempo, mas até agora eles estão ok.

— E a tripulação? — Perguntou Justyn.

Rynan deu um aceno infeliz. — Estou checando eles também. Não quero acreditar, mas estou procurando por mudanças em suas rotinas, contas bancárias ou transmissões.

— Precisamos ficar todos alertas. — Dare se afastou da parede. — Não confie em ninguém além de nós quatro aqui com qualquer coisa sobre a Constituição.

Todos eles assentiram.

Nissa se animou. — Ah, esqueci de mencionar. Nós encontramos um livro no planeta.

— Um livro? — Rynan franziu a testa.

Justyn se inclinou para frente. — Era uma cápsula de escape acidentada ... do *Nero*.

As sobrancelhas de Dare se levantaram e Rynan assobiou.

— Eu preciso autenticar e terá que ser tratado para preservar as páginas. — disse Nissa.

— Temos tudo o que você precisa no laboratório de ciências. — disse Rynan. — Um nível abaixo.

— Obrigado.

Justyn ficou de pé. — Vamos. Eu vou mostrar a você.

Quinze minutos depois, eles estavam acomodados no laboratório, Nissa se inclinou sobre o estojo de vidro sintético. O livro encadernado em couro estava dentro, aberto, suas páginas delicadas em exibição. Estava sendo pulverizado com uma névoa de revestimento de plástico.

Ela bateu os dedos no banco. — Você acha que o livro pode dizer o que aconteceu com o Nero? Ou alguma pista onde a Constituição poderia estar

Justyn estava observando ela, não a máquina. — Nós saberemos em breve.

A máquina apitou e a porta de vidro se abriu. Ela olhou para ele, respirou fundo e pegou o livro.

— Ok, vamos ver o que temos. — Ela colocou na bancada e virou para a primeira página. — Diário de Anderson Chan, diretor de ciências do *Nero*. — Ela piscou. — Um diário!

Ele sorriu para ela. — Você fez os testes para a idade do livro?

Um aceno de cabeça. — Mil anos de idade. Data da época do *Nero*.

Justyn saboreou uma dose de excitação. — Então é o negócio real. Não podemos contar a uma alma.

— Claro que não. — Ela acariciou a página de papel. — É tão bonito.

Achava que o papel antigo não era páreo para a pele dela.

— Vai levar algum tempo para lê-lo. — Ele olhou para a caligrafia. — Cara, é muito difícil ler manuscrito. Não posso acreditar que alguém alguma vez achou uma boa ideia escrever com tinta.

Nissa virou a página e leu as palavras rabiscadas lá.

'Comprei esse diário para registrar cada momento da minha primeira viagem ao espaço profundo. Estou animado e com medo tudo rolando junto. Claro que registrei minhas horas em viagens no sistema e passei vários meses na Estação Jupiter. Mas agora eu estarei indo muito além da Via Láctea, viajando no Nero sob o comando de Capitão Griffin. Nossa rota é um segredo, nossa carga além do preciosa, e eu, Anderson Chan, estou começando a fazer parte da história.'

Ela deu a Justyn um sorriso triste. — Ele estava tão animado. Completamente inconsciente, que ele morreria sozinho em um mundo de selva além da borda da galáxia.

Justyn segurou seu ombro. — Sempre soube que havia um marshmallow sob sua pele macia. Ele estava certo, porém, ele se tornou parte da história. Bem. Certificaremo-nos de que ele seja lembrado.

Ela assentiu. — Você é um marshmallow também, Phoenix.

— Shh, não conte a ninguém. — Ele sacudiu o lóbulo da orelha dela. — Você vai arruinar minha reputação suada como contrabandista desonesto. Quero dizer, *suposto* contrabandista desonesto.

Quando ela revirou os olhos, o painel de comunicação ao lado da porta tocou. Justyn se aproximou.

— Continue.

A voz de Rynan veio através do alto-falante. — Chegando em Hydrae, Justyn.

— Entendido. Obrigado. — Ele olhou para Nissa. — Você continua lendo. Eu vou ajudar Ry a levar o navio dentro. — Ele checou seu relógio. — Vamos estar na hora do jantar no momento em que chegarmos ao lado de fora.

— OK.

— O caravanserai geralmente faz um bom show para os recém-chegados. Fogueira, festa, música, dança.

Ela inclinou a cabeça, um sorriso suave em sua boca larga. — Você está me convidando para sair, Justyn?

Ele se moveu rápido, varrendo-a em seu peito. Ele viu o prazer chocando sobre suas características impressionantes. Deus, ele amava a sensação dela.

— Eu estou perguntando se você vai me deixar te alimentar antes de eu foder seus miolos.

Sua língua saiu para lamber seus lábios. Justyn engoliu um gemido.

— Bem … — sua voz estava um pouco ofegante — Com uma oferta como essa …

Ele mordeu o lábio inferior, mas se forçou a continuar assim. Ou então ele estaria transando com ela na bancada atrás deles. Ou no chão duro. Ele queria uma cama macia e queria ficar lá a noite toda.

— Deixe-me alimentá-la … — outro beliscão de seus lábios — Porque você vai precisar da energia, Sander.

Ela o beliscou de volta. — Idem, Phoenix.

***

Nissa cuidadosamente colocou o diário na parede do laboratório de ciências do *Sky Nomad* e fechou a porta. Quando ela codificou a fechadura, ela sacudiu a sensação de desespero que se instalou sobre ela.

Ela terminou de ler o diário de Anderson.

Não lhe disse a localização dos destroços do *Nero* ou da Constituição dos EUA.

A excitação do homem saltou das páginas. Ele tinha se estabelecido lentamente enquanto a monotonia da vida dos navios havia dissipado o entusiasmo desenfreado. E ele parou de escrever em seu diário todos os dias, eventualmente usando apenas para observar paragens e eventos interessantes. Mas ele nunca perdeu a sede subjacente de aventura que o levou a se juntar ao *Nero*. Ele amava cada segundo de estar no navio. Nissa invejava essa alegria.

Ele também se apaixonou. Ficou completamente apaixonado por uma mulher chamada Claudia, especialista em comunicação *do Nero*.

Pelo menos Nissa tinha confirmado que o *Nero* tinha seguido o caminho que ela e Justyn adivinhara, quase exatamente.

O jovem Anderson ficou admirado com a carga que eles carregaram.

Eu tenho que ver a Constituição hoje! O Capitão permitiu que um seleto grupo de cientistas a examinasse e assegurasse que seu revestimento de plasma ainda estivesse protegendo-o. É tão incrível pensar sobre o que este documento representa. Foi a fundação de uma nação e agora será a pedra angular da novas leis da galáxia. E pouco de mim, de New Hong Kong, está desempenhando um papel na história.

Ela saiu do laboratório de ciências e subiu para sua cabine. Os corredores estavam todos vazios. Depois que o *Pathfinder* pousou em Hydrae, eles foram transferidos para o *Sky Nomad* e não muito depois disso, todos se dirigiram para o banquete.

Nissa queria terminar de ler o diário e prometeu a Justyn que acharia ele. Depois que ela começou o conto de Anderson, ela foi obrigada a segui-lo até o fim. O fim trágico que foi escrito em um pânico apressado. Levara algum tempo para decifrar devido aos rabiscos irregulares escritos em meias frases:

Nero sob ataque. Nós não tivemos hiptoses. Tripulantes mortos e morrendo. Não consigo encontrar Claudia. Sistemas de Enviro falhando. Fora da janela eu posso ver gases verdes e um espaço monstro devorando o navio. Saindo em uma cápsula de fuga.

Ela balançou a cabeça. Ele obviamente estava em pânico, e provavelmente sofrendo de privação de oxigênio devido à falta de energia. Contos malucos de monstros espaciais abundavam nos registros dos primeiros exploradores espaciais. Uma maneira de explicar as coisas estranhas que muitas vezes viram que não tinham explicação há mil anos.

Em seus anos como Capitã, Nissa tinha visto estranhas nebulosas, nuvens moleculares e acumulações de poeira interestelar, mas ela nunca tinha visto um monstro espacial.

A última entrada no diário de Anderson foi dias depois do ataque. Seu casulo estava perdido há tanto tempo que ele perdera a noção do tempo. Ninguém o encontrou e ele tinha comido todas as suas rações de emergência. Ele estava morrendo de fome, com medo e sozinho.

Ele disse que ia tentar pousar no planeta que tinha visto em seus sensores. Uma super-terra habitável.

Ela soltou um longo suspiro. Ela precisava de um tempo. Melhor ainda, ela precisava seduzir um certo contrabandista *alegado*. Ela bagunçou sua bolsa e vestiu suas calças pretas de cargo favoritas e botas de salto alto, mas tudo o que ela tinha que usar eram camisetas simples.

Três anos à beira da galáxia deixaram seu guarda-roupa tristemente escasso.

Depois de uma rápida visita a impressora de mercadorias, ela estava usando um top preto coberto de pequenos pendentes de prata. A corda amarrava na parte de trás do pescoço e deixou as suas costas nuas. Justyn realmente parecia amar sua pele, incluindo o padrão de escamas reptiliana em sua parte inferior das costas, então ela queria mostrá-la.

Nissa saiu do navio e parou por um segundo para beber a vista. Hydrae era principalmente deserto no hemisfério sul. O sol quase acabara de se pôr, pintando o horizonte de um brilhante dourado-laranja. Duas luas pairavam no céu, lançando um brilho sobre as dunas ondulantes da areia pálida misturada com formações rochosas altas e retorcidas.

Ela imaginou as crianças do planeta brincando ao redor do acampamento.

Um soldado de pé alto e reto, com a arma erguida. Uma mulher dançando em um selvagem giro de saias. Uma árvore, com seus galhos longos e retorcidos.

Um caminho de cascalho esmagado levava das pistas de aterrissagem para o prédio de dois andares em forma de U que compunham a parte principal dos caravanserai. O complexo estava aninhado em um amplo oásis com um lago pequeno e plácido no centro.

Árvores esguias e ásperas atravessavam o céu, longe das plataformas de pouso e do prédio principal, ela notou edifícios menores

abobadados espalhados entre as árvores. Casas particulares para quem tinha dinheiro de sobra para a privacidade e ambiente extra.

Luzes da aldeia de Meni brilhavam do outro lado do lago.

Quando ela se aproximou do edifício principal, o barulho de uma festa em andamento encheu o ar - risadas, conversas, a batida de algum instrumento de cordas, o estalo e o crepitar da madeira queimando.

Madeira queimando! Não é algo que ela via com muita frequência.

Ela virou a esquina e fez uma pausa. Os membros do comboio pareciam muito felizes em desfrutar da hospitalidade dos Hydraens. Ela facilmente viu os hospedeiros, esbeltos humanóides de pele azul com cabeças alongadas e sem pêlos. Eles sorriam incessantemente, muitos deles carregando travessas cobertas de comida deliciosa para as pessoas experimentarem.

Riso masculino, ela sabia que pertencia Justyn veio de perto. O som estremeceu através dela.

Ela ficou nas sombras, contente por assistir por enquanto. Duas jovens crianças de Hydraen, talvez por volta das sete ou oito, incomodavam Justyn, puxando sua camisa. Ele estava brincando com eles, fazendo algo – fazendo chocolate aparecer, ela suspeitava - aparecer atrás de suas orelhas. Seus truques fizeram os dois garotos rindo.

Ela não conseguia arrastar o olhar para fora dele. A luz dourada do fogo tomou conta dele, fazendo-o parecer mais sexy do que nunca.

Toda a sua vida, ela foi levada a se destacar em sua carreira. Seguir as regras, ser melhor que ela poderia ser, ficar de olho na próxima promoção. Ela pensou que era o que ela queria.

Mas olhar para Justyn Phoenix, ela realmente entendia quais eram os seus verdadeiros desejos.

Agora, aqui neste planeta pouco conhecido no espaço, ela queria esse homem.

Música cortou a noite. Ela desviou o olhar e viu um pequeno grupo de Hydraens sentados em um cobertor vermelho brilhante, tocando uma variedade de instrumentos. A batida forte do tambor combinava com o som de cordas e algum tipo de cano.

Era feliz, alegre, otimista.

Uma mulher Hydraen em saias brilhantes de azul e verde apareceu ao lado de Justyn. Ela enxotou o meninos pequenos longe e disse algo para Justyn, fazendo-o rir de novo. A maneira como ela falou com ele, colocando a mão em seu braço, inclinando a cabeça ... falou de intimidade, amizade.

Nissa franziu a testa. Eles se conheciam. Muito bem.

— Alguma sorte com o diário?

Rynan apareceu das sombras, fazendo Nissa pular. — Oh, ei. Eu terminei de ler. Nada concreto. Ele fala sobre gases verdes e … — ela fez uma careta — Monstros espaciais.

A expressão de Rynan refletia a dela. Ele lhe entregou alguma delicadeza embrulhada em uma folha verde.

Ela pegou dele e mordiscou as bordas. O gosto era delicioso.

— Bem, eu organizei para você e Justyn se encontrarem com o Guardião da Memória local amanhã. Se alguém souber alguma coisa sobre o *Nero* parar aqui, ele saberá. — Seu olhar passou por ela para o fogo. — Você dança?

Ela deu uma pequena risada. — Nada bem. Você?

— Não. Nunca.

Ela riu novamente. Rynan não parecia o tipo de dançar. Mas quando ela notou seu olhar seguindo alguém com intensidade sombria, ela casualmente se virou para olhar.

Um pequeno grupo de membros do comboio e tripulação limparam uma área em frente à fogueira para dançar. Ela reconheceu as duas colonas femininas do *Nomad*, torcendo e tremendo ao som da música.

Não, ele não estava olhando para elas.

Ah, três de sua equipe de segurança estavam com Aurina. Dois homens e uma mulher. Os homens tinham construções musculosas que gritavam 'ex-militares' e a mulher era pequena, com uma massa de cachos escuros. Ela dançou junto com um dos homens, rindo enquanto ela fazia isso, então ela se virou. O outro homem agarrou a mão dela e a girou em alguns passos intrincados de dança. Então ela e Aurina colidiram quadris, o rico riso encorpado da mulher chegando até as sombras.

— Alguns de sua equipe? — Nissa perguntou.

Rynan fez um murmúrio de assentimento.

— Eles gostam de desabafar quando podem. — Então um sorriso apareceu em seus lábios. — Aqui vamos nós. Justyn está prestes a animar a pista de dança. Não faço ideia de onde o cara conseguiu seus movimentos.

Nissa girou ... e viu que a mulher de saias azuis estava arrastando um relutante fingido Justyn para a pista de dança improvisada.

Os dois dançaram, não muito de perto, mas estavam sorrindo enquanto rodavam. Seus corpos roçavam aqui e ali enquanto a música alegre enchia o ar.

Lá estava novamente. Essa proximidade, essa intimidade.

Uma intimidade que era dela, droga.

Nissa olhou para Rynan. — Claro que você não quer se juntar a sua equipe para uma dança?

— Tenho certeza. Acho que vou checar com nossos membros do comboio.

E possivelmente a loira curvilínea de um dos navios de comboio que o vigiava o tempo todo. Nissa viu Dare recostado em um cobertor com duas mulheres ao lado dele e a colonizadora do navio atirando-lhe olhares quentes toda vez que ela passava.

Os homens Phoenix eram como buracos negros para as mulheres, atraindo-as para dentro.

Bem, Nissa ia flertar por aí esperando que alguém a perceba.

Ela estava tomando o que era dela.

Ela caminhou através da multidão de foliões e na área de dança. Ela bateu no ombro da mulher da Hydraen e sorriu. — Estou interrompendo?

A mulher sorriu de volta. — Você deve ser Nissa.

Nissa piscou. — Ah sim.

— Ele está falando sobre você há quase três anos. Eu sinto que te conheço. Eu sou Arlessa.

— Oi. — Nissa levantou seu olhar para Justyn. Ele sorriu e passou a mão pelo cabelo. Deusa, que cor era essa em suas bochechas?

— As crianças estão sempre recontando as histórias que Justyn falou sobre você. — Arlessa acenou com as mãos ao redor. — Capitã Sander isso, Capitã Sander aquilo.

Agora Nissa franziu a testa. — Crianças?

Arlessa se virou para encarar Justyn. — Você não contou a ela?

Ele encolheu os ombros. — Nós realmente não tivemos uma chance …

Arlessa agarrou a mão de Nissa. — O homem é um santo.

Uma risada explodiu de Nissa. Essa era uma palavra que ela nunca tinha ligado a Justyn Phoenix.

— Ei — ele resmungou.

A Hydraen revirou os olhos e sorriu. — Ok, talvez não seja um santo. Eu corro um pequeno orfanato para crianças abandonadas e abusadas. Justyn financia isso.

— Arlessa …

— Shush — Ela acenou para ele. — Quando eu comecei o orfanato, eu só podia levar poucas crianças. — O sorriso da mulher diminuiu por um segundo, mas depois voltou com força total. — Então Justyn ouviu o que eu estava fazendo e começou a me dar dinheiro. Eu expandi, consegui mais pessoal, mais crianças. Não apenas de Hydrae, mas dos planetas ao redor. E o Justyn tem uma queda muito forte pelos garotos adolescentes, me ajuda com eles sempre que está no planeta. Sem esse homem, haveria muitas crianças sem ninguém para cuidar deles. — Seu olhar mudou entre Justyn e Nissa. — Bem, eu vou encontrar meu marido. Tchau, Nissa. Tenha uma noite maravilhosa.

Justyn ficou lá, sorrindo para Nissa. — Ei.

— Oi. — Ela fluiu em seus braços. — Um orfanato, hein?

— Eu faço o que posso para ajudar.

— Você dá todo o dinheiro que você faz de contrabando para Arlessa e seus filhos.

Ele se inclinou e beliscou lóbulo da orelha.— Claro que não.

— Certo, apenas a maior parte. — Ela descobriria todas as facetas de Justyn Phoenix?

— Como você disse, eu não sou um santo. — ele beliscou para ela novamente — … e eu nunca fui preso por contrabando.

A música mudou, a batida alegre deu lugar a algo mais lento, com uma batida pesada de bateria. Como um batimento cardíaco primitivo.

Nissa olhou por cima do ombro e viu Arlessa sentada com um homem com a cabeça apoiada no ombro dele.— Eu gosto de Arlessa.

— Ela é uma boa amiga. — Ele acariciou o pescoço de Nissa, a boca quente contra sua pele. — Mas eu não quero falar sobre mais ninguém agora.

Ela arqueou-se naqueles lábios espertos. — OK.

— Só você e eu agora, Nissa.

Finalmente.

Enquanto eles se moviam com a batida, seus corpos colados um contra o outro, ela sentiu algo clicar dentro dela. Como se alguns pedaços desaparecidos dela tivessem finalmente sido encontrados.

A música, aquela batida viciante, tamborilou mais fundo dentro dela. Aquecendo o sangue dela, batendo ao lado da necessidade que ela já sentia pelo homem pressionado contra ela.

— Esta é uma canção de acasalamento Hydraen. — Justyn enfiou uma coxa entre as dela e ela mal engoliu um gemido. Suas mãos acariciaram suas costas nuas. — Eu amo esse top. — Suas mãos mergulharam mais abaixo, cobrindo suas nádegas.

Deusa, eles devem estar fazendo um espetáculo para a multidão. Mas Nissa não se importava. Tudo o que enchia sua mente era Justyn e o desejo a deixando úmida.

Sua boca viajou até o pescoço, beliscou sua orelha.

— Eu tenho que estar dentro de você. Agora. Nós esperamos o tempo suficiente.

Ele a arrastou da pista de dança e entrou na escuridão.

CAPÍTULO VINTE

— Onde estamos indo? — As sombras envolveram-nos quando Justyn a puxou por um caminho estreito entre as árvores. O desejo era um baque quente e insistente sob sua pele.

— Eu tenho uma casa aqui perto do lago.

Ela avistou um prédio abobadado e caiado por perto.

Ele parou por um segundo para puxar as cordas em seu top.

— Este top tem me deixado louco desde que eu vi. — Outro puxão e a blusa caiu até a cintura.

Enquanto o ar frio da noite roçava seus mamilos já duros, o vago pensamento de estar envergonhada passou pela cabeça de Nissa. Mas a fome queimando nos olhos cinzentos de aço de Justyn a destruiu.

— Você está com frio ou exicitada? — ele perguntou.

— Você realmente precisa perguntar? — Ela pegou sua camiseta, juntando-a nas mãos e puxando-a para cima. Ele ajudou-a a fazer isso. Eles tropeçaram ao longo do caminho, rasgando as roupas um do outro.

Ele beliscou um dos mamilos dela e ela gemeu.

— Com esse seu sangue frio, não quero que você fique com frio. Vou ter que encontrar uma maneira de mantê-lo aquecido. — Ele espalmou seus seios. — Porra. Eles são tão perfeitos. Altos e firmes.

Ele abaixou a cabeça e chupou um mamilo em sua boca.

Ela gemeu, suas mãos emaranhando em seu cabelo. Seus lábios quentes eram tão bons. Desejo correu por ela, juntando-se entre as pernas e encharcando sua calcinha. Seu pênis estava pressionado contra sua barriga, duro e insistente.

Seus lábios deslizaram pelo seu pescoço, provocando, seus dentes beliscando sua carne, e ela baixou as mãos. Ela encontrou o

zíper em suas calças de carga e trabalhou para baixo. Seu pau comprido e grosso saltou para as mãos dela.

— Nissa! — Parte grito, parte silvo. Seus dedos cavaram a carne em seus quadris. — Eu vou gozar aqui mesmo se você me tocar.

— Mesmo? — Ela deu-lhe um golpe longo e duro. Seu longo gemido era música para seus ouvidos. A Deusa o havia abençoado. Nissa ia sentir cada centímetro dele entrando.

— A vingança é uma cadela, querida. — Com um movimento experiente de seus dedos, ele tinha suas calças desfeitas e fora antes que ela pudesse piscar.

Agora ela estava praticamente nua, do *lado de fora*, pressionada contra um Justyn seminu.

Se sua tripulação pudesse vê-la agora ...

Ele chutou as calças e pegou-a. Ela envolveu as pernas ao redor de seus quadris magros. Seu pênis roçou sua calcinha preta e ambos gemeram. Ela se moveu contra ele, viu seus olhos se derreterem.

— Foda-se, você está tão molhada por mim. Eu vou deslizar para dentro de você.

Ela ondulou seus quadris contra ele, aquela protuberância dura esfregando seu clitóris inchado. — Eu não sei, há muito, um monte de você para tomar.

Seus dentes brilhavam na escuridão. — Não se preocupe, querida, eu não vou ser gentil, mas eu prometo que você vai gostar.

— Sim. — Ela mordeu o lábio, mas então sua boca capturou a dela.

Suas línguas estavam emaranhadas e uma sensação quente ondulou através dela quando ele tropeçou em direção à casa de campo, seus dedos cavando em seu traseiro.

— Eu vou te foder tanto que você vai pensar em mim todos os dias durante uma semana. — Ele sussurrou suas palavras sujas em seu ouvido e bateu a porta da cabana aberta.

Nissa nunca quis tanto algo.

***

Justyn nunca sentira essa necessidade de se enfiar profundamente dentro de alguém, esse impulso irresistível de possuir uma mulher, de marcar sua reivindicação sobre ela.

Mas isso é o que diabos ele pretendia fazer.

A casa de campo era uma sala grande com uma pequena alcova isolada para o banheiro. Uma pequena lâmpada ao lado da cama brilhava, dando-lhes luz suave. O espaço não era nada chique, exceto pela vista. Através das grandes janelas de vidro, havia uma vista deslumbrante do lago e as luas brilhando acima dele.

Mas tudo o que ele podia ver era a maneira como a luz beijava a pele fina de Nissa. E a cama gigante que dominava o quarto.

Não se apresse. Não se apresse.

Ele queria que esse momento durasse para sempre. Não queria apenas se enfiar dentro dela como um animal.

Ele nunca esteve tão fora de controle. Nunca.

Ele a colocou no chão e tentou encontrar um pequeno pedaço de controle. Ele se forçou a afundar na cadeira próxima e não a jogar na cama e bater nela como ele queria.

Ela o observou por um segundo, piscando.

— Eu quero que você tire sua calcinha para mim. Bem lentamente, Nissa.

Ela enfiou um dedo no cós.

— Não. — Ele ergueu a mão e girou um dedo. — Vire-se. Curve-se enquanto faz isso. Me dê um show que fará meu pau explodir.

A cor encheu suas bochechas, mas o desejo ardia quente naqueles olhos amarelos. Ela se virou, e ele bebeu no longo comprimento de sua espinha, o padrão de diamante em sua pele em sua parte inferior das costas.

E doce Jesus, aquela sua bunda deu-lhe uma centena de fantasias diferentes.

Ela lançou-lhe um olhar por cima do ombro, um sorriso feminino flertando nas bordas de seus lábios deliciosos.

Lentamente, ela se inclinou e arrastou a calcinha para baixo.

Ela saiu do cetim e seu olhar estava colado à suculenta pele rosa exposta entre as suas pernas. Ele circulou seu pau com uma mão e bombeou.

Desta vez foi seu olhar que se concentrou em seu movimento. Quando ela lambeu os lábios, seu pau saltou contra sua barriga.

— Você está molhada para mim, Nissa?

— Você não consegue ver dai?

— Não. Aproxime-se.

Ela girou e caminhou em direção a ele, suas mãos segurando seus seios firmes, seus dedos passando sobre seus mamilos.

— Cristo, Nissa.

Apenas a um metro de distância, ela parou e se virou novamente. A parte superior do corpo dela fluia graciosamente para baixo e ela estava mais uma vez exposta a ele.

Ela estava tão molhada que estava escorrendo pelas coxas finas.

Justyn não conseguiu mais se segurar. Ele agarrou seus quadris, inclinou-se para frente e pressionou a boca nela.

Ela gritou e segundos depois estava se esfregando contra o rosto dele. Ele lambeu-a, beliscando a carne inchada e necessitada.

— Justyn! Não pare.

Ele não estava parando. Nunca. Ele a chupou, empurrando sua língua dentro dela. Ele sentiu o corpo dela se contraindo, seu clímax acelerou forte e rápido. Ele deslizou a mão ao redor de sua coxa, apertou seu clitóris e a jogou no orgasmo.

Ela endureceu, levantou a cabeça e gritou seu nome. Se ele não estivesse segurando seus quadris, ela teria desmoronado.

Ele a puxou de volta para ele.

— Isso é só o começo, Nissa. Eu estou fazendo você gozar tantas vezes quanto possivel hoje a noite. De todas as maneiras que eu conheço.

Ela gemeu. — Esteja avisado, Phoenix. Eu pretendo fazer o mesmo com você.

Ela ainda estava corada de seu clímax, mas lá estava sua Nissa, sempre dando tudo dela.

— Não esperava nada menos. — Seus dedos apertaram seus quadris, cavando em pele lisa. — Você está protegida, querida?

— Sim. Implante Namah. Obrigatório para toda a tripulação da Patrulha.

Para proteger contra gravidez e doença.

— Boa. Agora, sente-se e coloque meu pau dentro de você.

Ela soltou um suspiro, mas a maneira como sua respiração acelerou, ele sabia que ela já estava exicitada novamente.

Ela afundou para trás e a cabeça de seu pênis desapareceu em suas dobras quentes. Ambos estavam gemendo e quando ele puxou-a todo o caminho, ele afundou nela em um longo deslize.

— Justyn!

Ele passou os braços em volta dela. Finalmente, ele a reivindicou do jeito que ele sonhou em tantas noites suadas torcendo em seus lençóis. Ela era tão apertada, agarrando-se a ele como uma luva.

— Você se sente tão bem. Feita só para mim.

Ela se mexeu, o movimento disparando uma sensação através dele.

— Eu tenho que me mover.

— Monte-me, Nissa, e nos faça sentir bem.

Ela apoiou as mãos nas coxas dele e se levantou. Seu pênis arrastou para fora até que apenas a cabeça foi deixada dentro dela, então ela afundou.

Porra.

A eletricidade passava por sua espinha, reunindo-se na base. Ela começou a se levantar e cair em uma dança projetada para deixar um homem de joelhos.

Ele manteve os braços ao redor dela, segurando seus seios. Mas ele queria ver o rosto dela. Ver as emoções correndo sobre ele. Ele olhou para o outro lado da sala e sorriu.

— Olhe para cima, Nissa.

Ela levantou a cabeça. O espelho preso à parede em frente a eles refletia a imagem decadente de Nissa montada em seu pênis, os braços dele em volta dela, as palmas das mãos em seus seios.

Ela choramingou. — Você me enche.

Seu controle estava em farrapos.

— Sim, querida, essa sua buceta foi feita para mim. — Ele empurrou para cima com seus quadris, encontrando seu próprio impulso para baixo.

Ela gritou. Ele começou a subir, não mais lutando contra a necessidade que rugia através dele.

O tapa de carne contra carne se fundiu com seus gritos roucos e seus gemidos. Ele deslizou a mão para baixo até que encontrou o pequeno e liso nó entre as coxas dela e trabalhou com o polegar.

— Justyn! Por favor ... me foda.

Ele ficou de pé, usando os braços para segurá-la no lugar, seu pau ainda alojado no fundo dela. Eram apenas três passos até a cama. Ele a empurrou para baixo em suas mãos e joelhos e depois martelou nela.

Ela recuou e um segundo depois estava gritando seu clímax. Mais duas estocadas e Justyn dirigiu-se dentro dela até á raiz e descarregou sua liberação dentro dela. Seu canal liso apertou ao redor dele, ordenhando cada última gota dele.

Quando ele desmoronou na cama, ele a puxou para baixo e ao lado dele.

Seus peitos estavam arfando, suor colando sua pele úmida.

— Isso foi ... — Nissa não conseguia encontrar nenhuma palavra.

— Surpreendente? Incrível? Fora da galáxia de tão incrível?

Ela riu. — Tudo acima.

Justyn puxou-a para mais perto, enterrando o rosto contra o pescoço dela. Uma risada. Da Capitã Nissa Sander. Porra, se ele não se sentia como se tivesse ganhado a Loteria Galáctica.

— Bem, acho que é hora de mostrar a você como será a boa segunda rodada.

Ela olhou por cima do ombro para ele, os olhos arregalados. — Você está pronto de novo? Tão cedo?

— Bem, isso é um desafio se eu já ouvi um. — Ele rolou-a abaixo dele e antes que ela pudesse dizer outra palavra, ele deslizou dentro dela.

Um choro sufocado ficou preso em sua garganta e seus olhos se fecharam. — Ok, Phoenix. Faça o seu pior.

***

— Nissa? Amor? Hora de tirar essa bela bunda da sua cama.

Nissa se enterrou ainda mais embaixo das cobertas e ignorou a voz zumbindo para ela como uma mosca irritante da Wylda. Ela estava cansada. E dolorida. Ela queria dormir. O alarme dela não disparou, então a mudança de turno não poderia ter começado ainda.

Uma mão serpenteou sob as cobertas e beliscou seu mamilo.

Ela gritou e abriu os olhos.

Justyn estava ao lado da cama, completamente nu e sem remorso, o sol da manhã entrando e delineando cada centímetro dele.

Cada polegada.

Olhando para o pau já endurecido, ela se lembrou do quão bem ele o usou na noite passada. Eles não tinham dormido até as primeiras horas, e então ela perdeu a conta de quantas vezes ela tinha tido um orgasmo.

Ela se sentou, lambendo os lábios.

Ele gemeu. — Não. Não faça isso. Toda vez que você olha para o meu pau e lambe seus lábios, meu cerebro entra em curto-circuito. — Ele balançou sua cabeça. — Nós temos uma reunião com o Guardião da Memória em menos de uma hora. Temos que tomar banho e nos vestir, e eu vou fazer o café da manhã.

— Você cozinha? — ela perguntou.

Ele franziu o nariz.

— Na verdade não. Dare se recusa a chamá-lo de cozinhar, mas eu quero tentar.

Que ele queria tentar, por ela, fez seu coração amoleceu. Ela olhou ao redor, embora seus olhos quisessem continuar olhando para cada músculo glorioso em seu corpo.

— Como vamos nos vestir? Nossas roupas estão do lado de fora.

Ela sentiu uma onda de calor em suas bochechas. Deusa, eles se despiram do lado de fora, à vista de qualquer um que pudesse estar passando.

Um olhar cômico cruzou seu rosto.

— Merda. Agora vou ter que ir buscá-las ... nu.

Nissa riu.

Estar com ele a fez se sentir tão malditamente leve e bem. Ela se endireitou, o lençol caindo dela. O olhar de Justyn se concentrou em seu peito, seus olhos brilhando.

— Quanto tempo até a nossa reunião? — ela perguntou, a voz rouca.

— Cinquenta minutos. — Ele colocou um joelho na cama. — Não podemos nos atrasar, seria rude. Certo?

— Certo. — Ela olhou para aquele pau duro a apenas alguns centímetros de distância dela.

— Você está dolorida? — ele perguntou. — Nós realmente não paramos muito na noite passada.

Não, eles se foderam, repetidamente. Ela moveu as pernas, sentiu as dores que a lembrariam dele. — Um pouco.

Ele apertou os olhos fechados.

— Tome um banho e eu vou pegar nossas roupas. — Ele se inclinou e deu um beijo na testa dela. — Muito tempo depois para mais do que eu pretendo fazer para esse corpo lindo de vocês.

Mas já era tarde demais. Ela estava dolorida, mas o desejo estava correndo quente em suas veias novamente. Ela agarrou o braço dele para detê-lo.

— Eu tenho outra ideia.

Ele inclinou a cabeça. — O que? Você vai cozinhar?

Ela sorriu. — Não. Algo que acho que você vai gostar muito mais.

Ela empurrou para frente, plantou as mãos no peito dele e empurrou-o de costas. Em um movimento ágil, ela montou suas coxas.

Seu lindo pau estava duro e se esticava para cima contra o seu estômago enrugado. Ela se inclinou e lambeu a cabeça de seu pau, amando o sabor masculino almiscarado dele.

Seu gemido era longo e alto. — Nissa ...

— Basta fechar os olhos e deixe-me dizer bom dia.

— De jeito nenhum eu estou fechando meus olhos. Observar você nua em cima de mim é uma lembrança que eu vou levar para o meu túmulo. Bem junto com aquela de você envolvendo essa sua boca pecadora ao meu redor.

Ela manteve os olhos nos dele quando segurou seu pênis e o enfiou nela. Ela afundou, sentindo cada centímetro dele esticar seus tecidos doloridos.

— Jesus, Nissa. — Suas mãos agarraram seus quadris. — Você me deixa louco.

E ela fez o seu melhor para fazer exatamente isso, montando os dois para um orgasmo quente e suado.

CAPÍTULO VINTE E UM

Quarenta e oito minutos depois, banhada e vestida, Nissa e Justyn se apressaram pelo caminho que levava à casa do Guardião da Memória. Nissa mastigava uma fruta alaranjada enquanto Justyn terminava um tipo de pastelaria que encontrara em uma cesta no chalé.

A casa do Guardião da Memória era do mesmo estilo abobadado da cabana, mas maior, com uma segunda cúpula adjacente na parte de trás. Algum tipo de videira crescia do lado das paredes brancas e sua porta tinha sido pintada de um laranja brilhante e alegre.

Nissa terminou a última mordida de sua fruta e lambeu o suco de seus dedos. — Veja, disse que chegaríamos a tempo.

Justyn estava olhando para a boca e os dedos. — Pare com isso.

Deusa, ela não conseguia parar de sorrir esta manhã.

— Parar com o que? — Ela chupou o dedo indicador na boca.

Ele pisou perto, segurando a nuca dela.— Como eu posso ter tido você tantas vezes na noite passada e ter gozado em você apenas trinta minutos atrás e ainda querer você?

Ela se inclinou para ele. — Eu quero você também.

O beijo deles foi lento e profundo, mas ela sentiu o fogo embaixo dele, fervendo.

— Vocês devem ser Justyn e Nissa.

Nissa engoliu um grito. Justyn virou-os para que ela estivesse debaixo do braço dele e eles se depararam o recém-chegado.

Ele era ... muito velho. Nissa estava acostumada com pessoas que não mostravam sua idade. No espaço cartografado, era bastante fácil - se você tivesse e-creds suficientes, ter suas rugas alisadas e seu cabelo estimulado a sempre produzir cor.

Este homem Hydraen usava cada linha em seu rosto comprido como um distintivo de orgulho. Ele tinha um sorriso suave e olhos azuis profundos, muitos tons mais escuros do que sua pele. Seus olhos brilhavam com um espírito que era tudo menos velho. Ele usava calças de linho simples e uma túnica com bordados dourados nas bordas.

— Eu sou Tonald, Guardião da Memória de Meni.

— Justyn Phoenix e esta é a Capitã Nissa Sander

Nissa assentiu com a cabeça, tentando não ficar envergonhada por esse homem tê-los flagrado como um velho coelhinho da Terra.

— Prazer em conhecê-lo. Obrigado por concordar em nos ver.

Tonald acenou eles dentro.— Fiquei intrigado com a sua história.

A casa tinha uma sensação serena. Plantas pendiam de panelas penduradas no teto abobadado. A mobília era toda de linhas lisas de madeira dourada, claramente esculpida aqui em Hydrae, e empilhada com almofadas de uma fibra natural pálida. Nissa deslizou a mão pelas costas do sofá, a madeira brilhante e macia sob seus dedos.

— Um artesão aqui na vila esculpe a mobília. Ele preferiria trabalhar em suas esculturas o dia todo, mas ele insiste que também precisa pagar as contas — Tonald fez um gesto para o sofá. — Sente-se. Eu vou trazer algumas bebidas.

Nissa e Justyn afundaram no sofá. Ele chegou perto o suficiente para as suas coxas se tocarem, mas seu olhar estava estudando a sala, pegando a pintura de dunas de areia do deserto iluminadas pelo primeiro brilho da luz da manhã.

— Eu esperava ver uma biblioteca com um console ou folhas de plástico ou até mesmo livros. — ela murmurou.

— Registros físicos não são a única maneira de preservar as memórias de uma cultura. — Tonald colocou uma bandeja de madeira na mesa baixa na frente deles. Três longos copos cheios de líquido verde estavam ao lado de uma jarra de vidro curvo do mesmo fluido.

Nissa aceitou sua bebida do Guardião da Memória.

— Como você grava sua história, então?

— Nós temos alguns registros eletrônicos, embora nossa tecnologia de computador esteja muito atrás de tudo o que eu ouvi falar dentro da galáxia. Nós também pintamos e esculpimos. Um dos nossos métodos favoritos é a nossa tradição oral de contar histórias.

— Esse não é o seu método principal, no entanto. — Justyn se inclinou para frente, balançando a bebida casualmente entre os joelhos.

— Você é um homem perspicaz, Sr. Phoenix.

Justyn encolheu os ombros.

— Eu visitei aqui muitas vezes, tomei nota das coisas. Além disso, sua grande cabeça é uma oferta.

Tonald sorriu. — Sim, minha raça tem algumas habilidades mentais.

— Telepatia? — Nissa franziu a testa. No banquete da fogueira, ela não havia notado os brindes reveladores que os telepatas costumavam fazer - as longas pausas, as cabeças inclinadas. Dito isto, ela estava bastante distraída.

— Não, não telepatia, embora alguns Hydraens têm algumas capacidades telepáticas moderadas. Principalmente temos memórias excepcionais.

Ela tomou um gole de sua bebida. O gosto era muito melhor do que ela previra, cítrica e doce. — Então, você só ... lembra toda a sua história?

— Simplificando, sim. — Tonald tomou um gole de sua própria bebida. — À medida que nossos filhos são educados, aqueles com as habilidades de memória mais excepcionais são escolhidos para o papel de Guardião da Memória. Somos treinados para aprimorar nossa habilidade. Eu me lembro de cada evento histórico passado para mim em detalhes exatos, em cores, e eu posso acessar essas memórias à vontade.

Incrível. Nissa se perguntou se ela gostaria de uma habilidade como essa ou se a deixaria louca. — Até que ponto as memórias voltam?

— Milênios.

Sua pele formigou. Ela avançou em seu assento, colocando sua bebida para baixo. — Você se lembra de um navio chamado *Nero* parando aqui?

— Não.

Ela piscou. — Talvez não tenha parado em Meni. Em algum outro lugar do planeta ...

— Eu não apenas tenho as memórias de Meni, eu guardo memórias para o planeta inteiro.

Nissa passou a mão pela cabeça. — O *Nero* tinha que ter passado por aqui. Toda nossa pesquisa ...

A expressão de Tonald era apologética. — Nenhum navio chamado *Nero* parou aqui. Pelo menos, não foi registrado.

Um beco sem saída. Ela viu Justyn passar a mão pelos cabelos.

Ela se endireitou. Talvez eles estivessem fazendo isso da maneira errada. — E um homem chamado Horatio Griffin? Ele era um Capitão.

Tonald ficou quieto por um segundo, seu olhar se movendo para dentro. — Sim. Ele esteve aqui. Quase mil anos atrás. Ele e alguns de seus tripulantes sobreviventes foram resgatados e trazidos para cá por um cargueiro Arnissiano.

Nissa agarrou o braço de Justyn. Suas unhas estavam cavando nele, mas ele não parecia se importar. — Eles tinham alguma coisa com eles? Pertences?

— Não, parece que eles tiveram sorte de escapar com suas vidas. Eles perderam a maioria de sua tripulação. E ficaram muito, muito chateados por terem perdido a carga. — Ele inclinou a cabeça. — Embora eles nunca tenham mencionado o que era.

Então, soava como se a Constituição nunca tivesse saido do *Nero*.

— O que aconteceu com o navio? — ela perguntou.

Tonald sacudiu a cabeça. — Eu não sei. Não está na memória. Eu só sei que foi uma catástrofe.

Ela apertou os olhos fechados.

— Eles passaram muito tempo aqui. Alguns sobreviventes até ficaram, juntaram-se aos locais e fizeram uma vida aqui. O Capitão Griffin, no entanto, sempre planejou sair. Parece que ele passou muito tempo com Nelen, ela era a Simuladora de Meni na época.

Justyn franziu a testa. — Simuladora?

— Um artista especializada em reproduções exatas. Principalmente fotos de famílias, crianças, lares. Alguns de seus trabalhos ainda existem, ela era excepcionalmente boa.

Nissa e Justyn trocaram um olhar.

Alguém capaz de criar uma réplica convincente da Constituição?

— Uma noite, Griffin e sua tripulação restante desapareceram sem uma palavra. Assim como uma nave espacial que havia chegado recentemente para participar da hospitalidade do caravanserai.

Eles roubaram um navio e foram embora. — Não há registro de onde o cargueiro Arnissiano os resgatou?

A testa de Tonald franziu. Então, ele balaçou a sua cabeça. — Não. Eu sinto muito.

Nissa respirou fundo. Nada que poderia enviá-los na direção certa. Ela olhou para Justyn.

Ele encolheu os ombros. Ele não tinha idéias também.

Eles conversaram com Tonald um pouco mais e agradeceram por sua ajuda.

— Me desculpe, eu não poderia ser mais útil para a sua busca.

— Você tem sido maravilhoso — disse Nissa. — Obrigada.

— Você gostaria de ver algumas pinturas que foram criadas por um descendente de uma das tripulações de Griffin? Era uma mulher que ficou aqui em Meni e acabou se casando com um artista local. O nome dela era Claudia Volkov.

Claudia! Nissa assentiu.

— Ela era especialista em comunicações da nave. — E o amor secreto de Anderson Chan.

— Sim. — Tonald levou-os através de uma porta em arco para uma sala adjacente. — Todos os seus descendentes foram artistas. Estas são algumas das minhas obras favoritas de um artista chamado Anderson Elson.

Nissa ficou quieta. — Anderson?

— Sim. Primeiro filho de Claudia foi nomeado como Anderson e o nome é passado através da família. Há sempre pelo menos um Anderson em cada geração.

Nissa mordeu o lábio. Deusa, ou Claudia estava carregando o filho de Anderson Chan ou ela pelo menos o honrou chamando seu primeiro filho com o nome dele. Nissa nunca saberia a verdade, mas uma parte dela estava feliz que o homem seria sempre lembrado.

Um conjunto de três pinturas, cada uma nem grande, mas também não era pequena, enfeitava a parede. A habilidade era incrível, a cor verde das pinturas quase luminosa. Parecia nuvens verdes em um céu negro.

Enquanto Nissa olhava para as pinturas, ela achou que o verde parecia algum tipo de névoa. Simples, mas lindo. Então ela percebeu que formas estavam escondidas entre a cor.

O primeiro mostrava o contorno vago de uma enorme criatura parecida a um dragão, com as mandíbulas abertas.

O segundo mostrou o contorno fantasmagórico de uma nave estelar.

Deusa, correspondia às referências de Anderson.

No terceiro, ela não conseguia ver nada, não importava o quão duro ela olhasse. Mas a névoa verde tinha uma borda circular de um

lado e as estrelas estavam além dela. E ... ela olhou ... sim, havia o que parecia ser uma pequena lua rochosa.

Seu coração parou. Um planeta. A névoa verde fazia parte de um planeta.

— Eles são lindos. — Nissa conseguiu empurrar as palavras para fora. Ela agarrou a mão de Justyn, apertando com força.

Ele lançou-lhe um olhar confuso antes de olhar para Tonald.

— Eles são. Obrigada por nos mostrar e agradeço novamente pelo seu tempo.

O velho Hydraen mostrou-os à porta.

— Foi ótimo conhecer vocês dois. — Seu sorriso era amplo e amigável. — Sua visita aqui também será lembrada. Eu vou ter certeza de notar a pureza de seu amor.

Nissa fez um barulho de asfixia. *Ahh ...*

Justyn puxou-a para o lado dele, mas ela sentiu a tensão em seu corpo. — Obrigada novamente, Tonald.

— Também notarei a estranha história que uma das empregadas do caravançarai me contou esta manhã, de roupas espalhadas do lado de fora de uma das cabanas do lago.

Nissa engasgou novamente, mas desta vez o riso estava tentando romper.

Justyn não se incomodou em esconder sua risada. — Espero que a memória também observe que a mulher em questão era quente como o inferno e o homem não poderia resistir.

— Eu sou velho, filho, não cego.

A boca de Nissa se abriu, mas Justyn já estava puxando-a de volta para o sol.

— O que você viu nas pinturas? — ele perguntou.

Ela se virou para ele. — Um monstro e um navio. Você?

— O mesmo.

Seu coração começou a bater o dobro do tempo. — Somente como Anderson Chan disse. Justyn, a terceira foto parecia um planeta. Um gigante gasoso, talvez. Embora eu nunca tenha visto um verde.

— Um gigante de gás? Se o navio fosse puxado, a pressão teria destruído o navio. Não sobraria nada.

Isso era verdade.

— As pessoas escaparam. O que quer que tenha acontecido com eles, e eu não estou pronta para acreditar que o navio foi atacado por um misterioso monstro espacial, aconteceu perto do gigante de gás. Talvez em órbita. Talvez o *Nero* tenha acabado destruído, mas a pintura final mostrava uma lua.

— Merda. — Seus olhos se arregalaram. — Se o *Nero* caiu na lua, os destroços ainda podem estar lá!

Excitação coçava sob sua pele. — Precisamos encontrar esse gigante de gás.

De repente, o brilho das luzes vermelhas em seu peito chamou sua atenção. Ela olhou para baixo, franzindo a testa.

Justyn atacou e jogou-a no chão.

— O que …?

O fogo a laser atingiu o chão ao redor deles. Porcaria.

— Mova-se! — Ele a empurrou para a frente e, juntos, eles mantiveram as mãos e os joelhos atrás de uma cerca baixa de pedra próxima.

A rua tranquila estava vazia. Nissa olhou ao redor da cerca, tentando identificar o atirador. — Você pode ver alguma coisa?

— Nada …

Mais fogo a laser se arqueou sobre eles, deixando marcas de queimadura nas proximidades chalé.

— Droga. — Ela não tinha colocado sua pistola. Estúpida. Ela ouviu portas se abrindo, vozes frenéticas. — Fiquem dentro! — Ela gritou o mais alto que pôde. — Entre em contato com o *Sky Nomad* por ajuda!

Portas bateram novamente.

— Merda. Estamos presos aqui. — O olhar de aço de Justyn examinou a área atrás deles. — Precisamos nos mover.

Havia apenas um caminho que levava de volta aos caravanserai e aos navios.

E atrás eles eram o lago.

— Não há transportes? — ela perguntou.

— Não. Todos em Meni caminham ou andam de bicicleta.

Bem, eles não poderiam ficar aqui atrás da proteção duvidosa da cerca. Ela examinou ao redor.

— Olha, há um pequeno depósito ali. — A estrutura proporcionaria melhor proteção.

— Eu vejo isso — disse ele.

— Atirador disparando um rifle de laser t'noriano.

— Você pode dizer?

— Sim, Justyn, Eu posso dizer. Demora alguns segundos para recarregar antes que ele ou ela possa tirar a próxima carga. Nesse ponto, corremos para o galpão.

Ele assentiu.

Mais fogo a laser atingiu, desta vez, chamuscando as plantas na frente de sua cerca.

— Corre! — ela gritou.

Eles correram, ambos mergulhando atrás do galpão. Justyn pousou ao lado dela, rolando em cima dela quando mais fogo laser explodiu perto deles.

— Sai de cima de mim. — Ela empurrou para ele.

— Eu estou protegendo você!

— Você está sendo um idiota machista. Eu sou a única treinada para o combate.

O homem enfurecedor a beijou.

— E eu sou aquele que desliza seu pau em você durante a noite. Dá-me o direito de ser um idiota machão protetor.

Ela lhe deu uma cotovelada de novo, só por precaução, e não lhe disse que alguma pequena parte dela gostava disso. Ele não precisava de mais encorajamento. Então ela viu algo atrás dele.

— Justyn, olha.

Ele virou a cabeça e viu a *aquabike* sentada na margem arenosa ao lado do lago oásis.

Seu sorriso era puro desonesto. — Estou dirigindo.

— Não! Eu vi primeiro.

Ele se agachou.

— Primeiro a chegar lá dirige. — Ele esperou a próxima rodada de laser parar, então ele saiu correndo.

Maldito homem. Nissa decolou atrás dele.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Nissa atirou a a*quabike* nos últimos metros do outro lado do lago e enfiou-o na praia.

Dare estava à frente deles na areia, com os braços cruzados e uma carranca no rosto.

— O que diabos está acontecendo? — Ele demandou.

Justyn apertou a cintura de Nissa e depois tirou uma perna da parte de trás da moto. De jeito nenhum ele iria dizer a ela que ele a deixou ganhar a corrida para a moto apenas para que ele pudesse se sentar com sua bunda aninhada contra ele.

Além disso, vê-la cuidar da moto era sexy como o inferno.

Justyn encarou seu irmão. — Alguém atirou em nós na residência do Guardião da Memória.

O rosto de Dare ficou sombrio. — Alguém realmente quer que você não encontre esse artefato.

— Tem que ser a toupeira a bordo do *Nomad*. — Justyn queria se juntar a Rynan e sua equipe de segurança e encontrar esse bastardo. — Onde está o Ry?

— No caminho de volta da aldeia. O Guardião da Memória nos chamou e disse que você estava sob fogo. A última vez que ouvi, Ry pegou nossa toupeira.

A satisfação selvagem inundou Justyn. — Boa.

Os três estavam de pé à sombra do *Sky Nomad* quando Ry parou em uma moto anti-gravidade, seguido por três de sua equipe.

Rynan pulou da moto, então puxou o corpo colocado nas costas dele e jogou no chão.

— Você o matou? — Justyn disse.

— Não. Ele atirou em si mesmo.

Nissa se agachou e virou o corpo. Ela ofegou. — Um dos monges!

— Eu duvido que ele fosse realmente um monge — disse Justyn.

— Correto. — A voz de Ry estava sombria. — Eu suspeito que nós vamos descobrir que ele é um convertido recente. Ele estava trabalhando para outra pessoa.

Quem?

Justyn não gostava de não saber quem mais estava lá fora, atirando para eles.

— Eu tenho mais más notícias — disse Rynan.

O intestino de Justyn se apertou.

— Acabei de receber uma transmissão de longo alcance de um amigo do Galaxy's Edge. Dizem que a Constituição dos EUA era falsa. O elemento criminoso da galáxia está usando isso como uma desculpa para ignorar a lei. Os prisioneiros estão apelando suas sentenças. O GSS está com as mãos cheias de protestos em cerca de uma dúzia de planetas e estações.

— Deusa — Nissa respirou.

— Fica pior. Uma pequena frota de naves espaciais passou pelo Edge. Eles fizeram perguntas sobre nós, a rota do comboio e sobre Nissa.

Ela amaldiçoou. — Então, vamos ter companhia em breve?

— Sim. Do tipo indesejado. O comboio está sendo liderado por um caçador de tesouros chamado Alexei Gunn. Eu entrei em contato com Dathan e aparentemente esse Gunn é um cara mau. Gosta de seguir outros caçadores, roubar sua pesquisa e depois matá-los.

— Legal — Justyn murmurou.

— Você descobriu alguma coisa para ajudá-lo a encontrar a Constituição? — Dare perguntou.

— Sim — disse Justyn. — O Guardião da Memória nos mostrou algumas obras de arte de um descendente de um tripulante do *Nero* e Nissa juntou as informações do diário.

Ela deu um passo à frente. — Achamos que algo aconteceu com o *Nero* perto de um gigante de gás.

Dare franziu a testa. — Um gigante de gás? Mas se o *Nero* se aproximasse demais, não restaria nada.

— Não se colidiu com a lua do planeta. Um cargueiro resgatou parte da tripulação *do Nero*, então não pode ter estado no gigante de gás na época. Há uma chance, uma pequena - de que os destroços ainda existam.

Os olhos de Ry se estreitaram.

— Então, precisamos encontrar todos os gigantes a gás ao alcance daqui?

— É um gigante do gás verde, se isso ajuda — Nissa acrescentou.

Dare e Ry trocaram um olhar. Justyn se endireitou. Ele conhecia aquele olhar. — Você sabe onde ele está.

Dare assentiu. — Chama-se Sargasso. São trinta e seis horas daqui.

Rynan continuou. — Nós evitamos, assim como a maioria dos comboios. No passado, muitos navios foram destruídos ou escaparam por pouco, geralmente com grandes danos. Equipes de comboios antigos falaram sobre forças estranhas, luzes misteriosas e gigantes criaturas que atacavam navios. — Ele balançou sua cabeça. — Contos do espaço antigo, mas geralmente há uma semente, uma verdade em algum lugar.

Justyn e Nissa se encararam.

— O diário falou sobre monstros espaciais.

Rynan encolheu os ombros.

— Já ouvimos tudo isso antes e nem uma vez em um comboio vimos um monstro espacial. É mais provável que alguma estranha anomalia tenha tirado o navio.

— Você disse que a maioria dos comboios evita Sargasso? — ela perguntou.

— Sim.

— Então, se os destroços do *Nero* ainda existirem, há uma boa chance de não ter sido remexido.

Justyn passou o braço pelos ombros de Nissa e olhou para Dare e Rynan. — Nissa e eu poderíamos pegar o *Pathfinder* e ...

Dare bufou. — E vamos perder toda a diversão?

— E deixar você sair e se meter em encrencas de novo? — Rynan acrescentou.

Deus, ele amava seus irmãos.

— O que você vai fazer sobre o comboio?

Dare olhou para os navios sentados atrás do *Nomad*.

— Eles podem ficar aqui por mais alguns dias e esperar que voltemos. Nenhum deles está em uma corrida enorme. Vou deixar Aurina encarregada de ficar de olho neles. Vamos levar o *Nomad* apenas com tripulação.

— Precisamos de algumas provisões. — Rynan puxou seu Sync. — Podemos estar prontos para sair em duas horas.

Justyn assentiu. — Faça isso em uma hora, mano. Acho que gostaríamos de ficar bem à frente de Gunn.

***

Nissa ficou com as mãos presas nas costas da cadeira do co-piloto na ponte do *Sky Nomad*, com o olhar colado na tela.

O grande corpo de Justyn estava esparramado na cadeira na frente dela como se ele não tivesse um cuidado na galáxia, mas ela viu que seu olhar estava intensamente focado na tela também.

Sargasso tinha começado como um pequeno ponto verde na vastidão negra.

Agora enchia a tela com um verde brilhante que quase feria seus olhos. Ela sabia que lá dentro, em algum lugar, havia um pequeno núcleo rochoso. O resto do planeta consistia em gases, principalmente hidrogênio e hélio.

— Executando scans agora — disse Rynan.

Ela apertou a cadeira novamente e desta vez, a mão de Justyn cobriu a dela. — Respire fundo, querida.

— Estou bem.

Eles tinham que encontrar alguma coisa. Tinha que estar lá. Isso não era mais apenas uma aventura ou sobre salvar o elogio de seu pai. Era sobre a estabilidade da galáxia, sobre a verdade por trás de uma peça de valor inestimável da história, e sobre um homem há muito tempo perdido chamado Anderson Chan.

Rynan bateu em suas telas, então começou a amaldiçoar em voz baixa.

— O que? — Justyn exigiu.

— Radiação. Está estragando as varreduras. O Sargasso tem um campo magnético extremamente forte e produz cinturões de radiação realmente intensos ao redor do planeta.

— Pode ser a razão pela qual tantos navios foram perdidos por aqui. — Nissa franziu a testa. — Você pode ver alguma coisa nos scans?

— Alguns ecos e sombras. Nada está claro. — Rynan tocou a tela em uma sequência rápida. — Mas uma coisa é certa. Há uma lua.

— Qualquer sinal de destroços em sua superfície?

— Eu simplesmente não posso dizer. A lua não tem muito de uma atmosfera, mas a superfície é lisa e coberta de rachaduras. Meu melhor palpite é que é coberta por um oceano congelado.

— Merda — disse Justyn. — Mesmo se o *Nero* caiu na lua, pode estar enterrado quem sabe até que ponto.

Nissa queria gritar. Por chegar tão perto e ainda não encontrar o navio ... suas mãos enrolaram em punhos.

— Espere, eu tenho uma ideia. — Rynan apertou um botão e ativou o sistema de comunicação. — Elana, você é capaz de se afastar da *medbay* para vir até a ponte?

Um bufo feminino.

— Eu vivo para obedecer seus comandos, chefe. O que você precisa? Alguém se machucou?

— Não. Preciso da sua especialidade em ler exames antigos.

Uma pausa. — Hmm. Agora estou intrigada. Eu vou estar em um minuto.

— Elana é a sua médica, certo? — Nissa perguntou. — Por que você quer que ela leia scans confusos?

— Ela foi criada em um navio de mineração de gelo no quadrante de Scandia. Sua família tem estado na mineração de gelo há séculos. Eles escaneiam luas e planetas congelados adequados para gelo mineral, e scanners aparentemente mais antigos mostram melhor os minerais, se você souber o que está procurando. Se alguém pode nos dizer o que está na lua de Sargasso, é Elana.

Elana entrou na ponte.

Ela era pequena, magra através dos quadris, mas seu macacão azul-marinho justo não deixava dúvidas de que ela se mantinha em forma. Ela se moveu em seus 1,60, seu cabelo preto balançando em um rabo de cavalo atrás dela.

— Ok, vamos ver esses exames — disse ela.

Rynan puxou uma cadeira para ela. — Estamos procurando por algo que possa ser um naufrágio de uma nave.

Nissa assistiu o mulher se instalar ao lado de Rynan. Ficou claro que os dois tinham uma camaradagem fácil. Nissa se aproximou do ouvido de Justyn e baixou a voz.

— Eles são …? — Ela acenou com a cabeça na direção do casal.

— Não. Melhores amigos. Amigos proximos desde que Elana se juntou à tripulação. Ry *nunca*, jamais dormiria com ela. Ele nunca compartilha sua cama com a mesma mulher mais de uma vez. Ele nunca comprometeria sua amizade com Elana.

Nissa observava o modo como suas cabeças estavam juntas, viu Elana tirar o cotovelo de Rynan de um jeito praticado que dizia que ela fazia isso diariamente. Rynan sacudiu sua orelha em retaliação, então apontou para algo na tela.

Hmm.

Rynan poderia manter as mulheres a distância de um braço, mas esta estava tão longe sob sua pele que ele nem percebeu. Nissa sorriu. Pode ser divertido assistir aos fogos de artifício quando ele perceber esse fato.

— Definitivamente há algo aqui. — Elana bateu na tela onde uma mancha vagamente retangular apareceu na superfície estriada da lua. — Ele mostra algumas características que você encontraria com os destroços de um navio. — Ela ampliou outra parte da varredura. — Esta

área é promissora também. O contraste com a superfície realmente se destaca, mas está mais quebrado. — Ela franziu a testa olhando mais de perto. — Espere. Há algo se movendo! É muito grande ... não, espere ... acabou. — Sua carranca se aprofundou. — Isso é estranho. Deve ser algo sobre a radiação. Mas os outros dois são definitivamente alvos que eu verifico.

— OK. — Dare seguiu em frente. — Precisamos de confirmação visual em seguida.

— A massa quebrada está perto do equador. — disse Rynan. — Estaremos no alcance visual em mais alguns minutos. O outro está perto do o pólo norte da lua. Vou enviar uma sonda de reconhecimento e ver se consegue sobreviver à radiação por tempo suficiente para obter imagens claras.

Eles esperaram. Nissa bateu os dedos na cadeira de Justyn até ele agarrar a mão dela e entrelaçou-a com a dele.

— Exibição aparecendo agora — disse Rynan.

A princípio, Nissa não conseguiu detectar nada nos tons de cinza. Então ela viu uma área escura. Ela apertou os olhos. Ainda não parecia muito.

— Executando o software de reconhecimento de navios agora.

— Software de reconhecimento? — Nissa perguntou.

Justyn apertou a mão dela. — Ry o inventou. É um banco de dados de todos os projetos de navios conhecidos na galáxia e o que encontramos em um espaço não mapeado. Ele pode executar varreduras e verificar o banco de dados.

A Patrulha tinha bancos de dados simples, mas ainda exigia que os técnicos fizessem a comparação. Ela pensou em todos os softwares de Rynan. — Ele poderia fazer uma fortuna vendendo isso.

Justyn sorriu. — Ry não gosta de compartilhar seus brinquedos.

O console soou.

— Droga. — Rynan sacudiu a cabeça. — É um navio, mas são os restos de algo pequeno.

Justyn soltou um suspiro. — Provavelmente um navio pirata.

— Ou um contrabandista — disse ela.

Ele deu um beijo nos nós dos dedos e piscou.

Ok, um para baixo mais um para ir.

Seu coração batia forte em seu peito. Tinha que ser o *Nero*. Tinha que ser.

— Sonda lançada. — disse Elana.

Para uma médica, ela parecia muito à vontade nos controles da ponte.

— Dê alguns minutos e começará a enviar imagens de volta. — Rynan se inclinou para olhar outra tela. — A integridade do casco da sonda está se segurando.

Elana bateu sua tela. — A radiação está afetando isso. Provavelmente vai durar apenas dez minutos, no máximo.

— Vamos torcer para conseguirmos o que precisamos então. — Rynan se endireitou. — Lana, coloque as imagens na tela. Primeira imagem chegando.

Parecia ... uma caixa cinza-escura. Nissa tentou entender o que estava vendo. A imagem estava longe de ser clara. — Esse software te diz alguma coisa?

— Está trabalhando nisso.

— É definitivamente um navio. — disse Elana.

De repente Justyn se inclinou para frente.

— Você não precisará do software. Veja. — Ele apontou para alguma coisa.

Nissa se inclinou para frente também. Eram os restos de um motor. E todos os motores estavam estampados com uma placa do fabricante contendo o nome do navio.

— Você pode aumentar o zoom? Encontrar um local visivel?

A excitação era relâmpago em seu sangue.

A imagem foi ampliada.

Uma placa quadrada gravada com escrita apareceu.

Fabricante de Motores: Rolls-Royce Aero

Nave: o *Nero*.

Justyn riu. Ele chegou ao redor e puxou Nissa em seu colo. Sem se preocupar com Elana e seus irmãos assistindo, ele a beijou.

Com uma risada, Nissa agarrou suas bochechas e o beijou de volta.

— Se vocês dois estiverem prontos … — Havia um sorriso na voz de Dare. — Seria melhor você se preparar para investigar o navio antes que Gunn nos rastreie.

Elana ficou de pé. — Antes de vocês fazerem isso, desçam para a *medbay.* Você precisará de algumas injeções anti-radiação.

Nissa sorriu, tonta de excitação. Neste momento, nem Gunn nem a radiação mortal a incomodavam, nem um pouco.

— Vamos encontrar o nosso tesouro, Phoenix.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

— Pronta?

Justyn assistiu Nissa olhar para cima. Ambos estavam envoltos em trajes espaciais, o tecido prateado passava sobre seus corpos. Ela segurou o elmo fino debaixo do braço.

Ela assentiu. — Estou pronta. Então, como estamos chegando ao naufrágio?

Rynan entrou.

— Nos meus *skimmers* espaciais modificados. — Ele acenou para a baía do ônibus espacial.

No interior, dois *skimmers* espaciais simplificados lado a lado. Eles foram projetados para o usuário ficar deitado de lado, segurando as alças que continham controles incorporados. Pequenos propulsores de plasma forneceriam propulsão.

— Eu nunca vi nenhum *skimmers* que se pareça com isso. — Nissa se agachou ao lado de uma delas, passando as mãos pelo design elegante e pequenos motores. — Os *skimmers* no *Freedom* são cilindros volumosos.

— Meu pequeno passatempo é redesenhar a tecnologia que nós usamos muito. Eu achei os *skimmers* padrão grandes demais e com falta de manobrabilidade para algumas das coisas que eu queria usá-los.

Isso era Ry, sempre cobrando para resolver um problema. Justyn cutucou seu irmão.

— Estou feliz que você esteja se separando desses bebês e eu finalmente conseguirei usar um.

Rynan deu-lhe um olhar duro. — Cuide deles.

Justyn arrastou um dedo sobre o coração na forma de um Cruz.

— Eu farei o meu melhor.

— Sim, eu sei o seu melhor. As coisas geralmente acabam sendo atacadas ou explodidas.

Os lábios de Nissa se contraíram. — Estamos prontos para ir?

— Sim. — Justyn se mudou para seu *skimmer*. — Esses bebês tem cascos reforçados, para que possam suportar a radiação. E com as injeções que Elana nos cutucou, temos uma hora para explorar os destroços.

— Eu estudei o design do *Nero*. — acrescentou Rynan. — O setor de carga estava na parte de trás do navio. Mas há uma chance de o Capitão Griffin manter o documento trancado em um cofre na cabine do Capitão. Isso está na frente. Enviei detalhes para o seu mini-Syncs.

Justyn assentiu. — Vamos verificar os dois.

— Tudo certo. Boa sorte. — Rynan deu um soco no ombro de Justyn, em seguida, acenou para Nissa antes de sair.

Justyn puxou o capacete, ouviu o chiado silencioso enquanto o ar circulava através de seu traje. Quando Nissa colocou o capacete, ele apertou o botão de ignição no *skimmer*. Com um zumbido silencioso, levantou-se do chão. Inclinando-se para frente, ele enrolou as mãos em torno das manoplas.

Nissa fez o mesmo.

— Vamos lá. — Ele pressionou o acelerador e o *skimmer* avançou suavemente. Ele se aproximou do campo huma cobrindo a abertura da baía. Ele notou Nissa e seu *skimmer* se movendo atrás dele.

Segundos depois, ele disparou para o espaço.

Ahh, ele amava isso. Muitas pessoas achavam os trajes espaciais claustrofóbicos e estavam fora na vastidão do espaço sem um casco de metal ao redor deles.

Para Justyn, era o oposto – era a liberdade suprema. Ele achava isso muito emocionante e estimulante.

Nissa deslizou ao lado dele e mesmo com a feroz olhar de concentração no rosto dela, ela estava sorrindo.

Eles apontaram para a lua próxima. Por trás disso, o brilho verde do planeta proporcionava um intenso pano de fundo. Minutos depois, eles estavam deslizando pela superfície escura e rachada da lua.

O naufrágio apareceu à frente. Um grande casco erguendo-se na paisagem.

Pó do espaço sagrado, estava razoavelmente intacta. Ainda navegando, Justyn olhou para todos os detalhes dos destroços do que já foi o *Nero*.

Havia uma grande fenda no lado mais próximo deles. Ele apontou para isso e Nissa assentiu. Seria uma opção mais fácil de entrar do que abrir caminho.

Justyn enfiou seu *skimmer* através do buraco aberto, no que antes era uma baia de transporte.

Uma vez que ele e Nissa se moveram até a parede mais distante, ele ativou o freio magna do *skimmer*. O *skimmer* caiu no chão de metal e se agarrou. Nissa também segurou o dela.

— Por aqui? — ela disse através do sistema de comunicação embutido no capacete. Ela apontou para uma porta dupla que levava ao interior do navio.

Ele se afastou do *skimmer* e segurou seu corpo horizontalmente enquanto disparava em direção à porta. A porta havia sido arrancada e estava pendurada em um ângulo torto. Ele ajustou a luz ligada ao seu capacete e se mudou para o corredor.

A luz iluminou o espaço apertado. Mil anos antes, as naves eram menores, com muito menos espaço. Ele certificou-se de que Nissa

estava bem atrás dele enquanto seguia pelo corredor, indo para o compartimento de carga.

Em todo lugar que ele olhava, ainda era como um túmulo. Todos os objetos soltos tinham flutuado há muito tempo. Metal tinha sido rasgado e torcido, e pedaços de fiação e painéis pendurados no teto.

Justyn passou por algumas chapas de metal bloqueando o corredor.

— Deveremos estar quase no compartimento de carga.

Nissa olhou para o mini-Sync ligado ao seu antebraço.

— Ao virar da esquina. — Ela o seguiu além dos escombros.

Ele fez a curva e depois reprimiu um grito. Um corpo flutuou suavemente por ele.

Ele se aproximou e agarrou o braço de Nissa antes que ela se deparasse com isto.

— O que? — Ela respirou fundo. — Oh, Deusa.

O corpo estava congelado, boca aberta, olhos vidrados. Preso aqui com uma atmosfera limitada, seu corpo foi preservado. Ele parecia ter morrido recentemente - certamente não há mil anos atrás. Justyn apenas esperava que o pobre rapaz tivesse se mudado para um lugar melhor. Com um puxão, Justyn puxou Nissa com ele pelo corredor.

— Compartimento de Carga. — Ele agarrou a borda da moldura da porta. As palavras ‘Cargo Bay 1’ estavam estampadas na porta de metal.

Ele tentou abrir a porta, mas estava trancada. Ele retirou uma barra de alavanca expansível do cinto de ferramentas, expandiu-a e colocou-a no meio das portas. Com alguns grunhidos, a porta cedeu e se abriu.

Ele brilhou a luz ao redor. — Porra!

— Ah não. Não não.

Toda a carga tinha desaparecido. Arrancada. Apenas farrapos de metal compunham o restante do casco.

— O que diabos aconteceu com eles? — Justyn estudou a parede desfiada. — Radiação não fez isso.

— Eles devem ter atingido alguma coisa. — A voz de Nissa soava desanimada. — Isso teria causado descompressão rápida, eles teriam perdido o controle e atingido a lua. — Ela fechou os olhos. — Foi-se. A Constituição se foi.

— Ei. — Ele pegou o capacete e inclinou-o até que ele olhou diretamente através de seu visor. — Ainda precisamos checar a cabine do Capitão.

Ela se recompôs.

— Certo. — Ela puxou o esquema em seu Sync. — Estava bem atrás da ponte. Pelo menos sabemos que a parte dianteira do navio ainda está intacta.

— Lidere o caminho, Capitã Sander.

Sua jornada através do navio morto era estranha. Uma sensação de formigamento rastejou ao longo do pescoço de Justyn. Ele era um homem sempre em movimento, perseguindo o que a vida tinha para dar. Este naufrágio não era nada mais do que uma tumba para os mortos que á muito tempo perderam suas vidas aqui. E isso deu a ele arrepios.

Ele subiu um lance de escadas atrás de Nissa, e deixou sua atenção se concentrar em admirar sua bunda bem delineada pelo traje espacial apertado. Não demoraria muito e logo eles estariam de volta para o *Nomad*.

Ele sorriu para si mesmo. E quando eles estivessem de volta lá, sãos e salvos, ele levaria a Capitã em sua cama para fazer algo que afirmaria as melhores coisas da vida.

— Neste corredor — ela disse baixinho, interrompendo sua pequena fantasia.

— Entendido.

A porta da cabine do Capitão estava fechada. Nissa tentou a porta, mas não se mexeu. Então ela franziu a testa, estudando ela Sync.

— Isso não pode estar certo.

— O que?

— Meus scans dizem que a cabine ainda está *pressurizada*.

Sua boca caiu aberta. — De jeito nenhum. Não pode ser.

— Acho que vamos descobrir. Inacreditavelmente, a fechadura da porta ainda está operacional. — Ela pressionou o Sync na fechadura antiga da porta. Um segundo depois, o Sync quebrou o código e as portas se abriram.

O ar explodiu em uma explosão. Agarrando-se a moldura da porta, Eles se empurraram para dentro e Nissa fechou a porta novamente.

Eles caíram no chão com um baque.

Justyn inclinou a cabeça para que sua luz iluminasse o quarto escuro. Tudo na cabine estava no lugar. Um beliche duplo contra a parede dos fundos estava bem arrumado e uma escrivaninha grande de madeira polida ficava na frente de uma grande janela redonda, dando uma visão de Sargasso.

— Inacreditável. — Nissa se aproximou para a mesa.

Na superfície, os livros estavam empilhados em pilhas limpas. Havia também uma pilha de poeira que pode ter sido papel. Um pequeno recipiente de vidro continha canetas antiquadas e um precursor do moderno Sync no centro do espaço.

Justyn se virou devagar, observando a entrada do pequeno banheiro e uma bela pintura emoldurada pendurada na parede oposta. Mostrou um antigo terráqueo navio oceânico lutando contra um mar agitado, suas velas brancas desfraldadas.

— É como se Griffin tivesse acabado de sair.

— Por que esta sala está pressurizada? As varreduras não estão mostrando nenhuma pressão em nenhum outro lugar do navio.

— O navio funcionava com energia nuclear, certo? Uma pequena lasca dessa energia foi obviamente redirecionada para manter esta sala em perfeitas condições. — Ele sorriu. — Me faz pensar no que eles queriam proteger aqui.

O sorriso de Nissa combinava com o dele. — Vamos descobrir.

***

Nissa girou seu Sync ao redor da sala enquanto examinava todo o espaço. Ao lado dela, Justyn estava procurando por trás da pintura por um cofre.

— Droga, nada — disse ele.

— Muito óbvio.

Ele se mudou para o minúsculo armário, procurando através dos escombros deixados lá dentro. Provavelmente os restos apodrecidos

das roupas do Capitão Griffin. Depois de um olhar superficial, Justyn recuou rapidamente.— Cara, algo cheira mal aqui.

Um barulho a fez olhar para cima. Ela franziu a testa, olhando por cima do ombro. Soava como ... algo deslizando.

Ela balançou a cabeça. Agora ela estava ouvindo coisas. Não havia como qualquer outra coisa estar aqui com eles. Ela se concentrou impacientemente no Sync.

— Vamos! Vamos.

— A Constituição esperou mil anos, Nissa. Acho que pode esperar outro minuto.

— Talvez possa, mas não posso. — Mais uma vez, um ruído fraco. — Justyn, você ouviu isso?

— O que?

— Um barulho. Soou como ... não sei o que.

— Você acha que alguma coisa ou alguém sobreviveu aqui por mil anos? — Havia diversão em sua voz.

— Tudo bem, ria, mas eu ouvi alguma coisa.

— Provavelmente alguma parte do navio mantendo esta sala pressurizada está começando a falhar, pois não há ninguém aqui para fazer manutenção.

Ele provavelmente estava certo. Seu Sync apitou.

— Há algo sob o piso debaixo da mesa.

Justyn empurrou a pesada mesa para o lado. Sob o tapete felpudo, encontraram uma porta retangular no chão.

Estava protegido por um cadeado de código antiquado.

Nissa se ajoelhou e colocou seu Sync para funcionar. Ele zumbiu silenciosamente enquanto trabalhava para decifrar o código. A fechadura apitou e a porta se abriu uma polegada.

Com o coração acelerado, ela olhou para Justyn por um segundo.

Ele assentiu. — Vá em frente, Capitã. Você ganhou isso.

— *Nós* ganhamos isso. — Ela não teria chegado tão longe sem ele. Ela agarrou a mão dele e colocou ao lado dela na porta do cofre. — Juntos.

— Juntos.

Eles o abriram.

Ela brilhou sua luz diretamente para dentro.

O cofre estava vazio.

— Não. — O estômago de Nissa caiu no chão. — Não pode estar vazio!

— Espere. — Justyn chegou e deu uma batida no fundo com o punho. Deu um *baque surdo*. Ele sorriu. — Velho truque de contrabandista.

Deu ao chão falso um soco forte e se partiu.

Aninhado por baixo havia um longo cilindro de metal.

— Deusa. — Com as mãos trêmulas, ela puxou para fora. Engolindo o nó na garganta, ela acenou o Sync sobre o cilindro. — O scan diz que contém papel que parece ter mais de mil anos de idade e é coberto por uma camada protetora.

— Abra, Nissa. — Seu tom era solene.

Sua mão ainda tremendo, ela puxou a tampa do final.

Ela puxou o documento e simplesmente olhou.

O falso tinha sido bom, mas isso era claramente a coisa real.

— A Constituição dos EUA. — Justyn riu, puxando-a para o lado dele. — Nós fizemos isso!

O documento exalava um senso de idade, história e importância. Nissa não podia tirar o sorriso bobo do rosto. Ela, Capitã Nissa Sander, havia encontrado a Constituição dos EUA. Bem, com uma pequena ajuda de um contrabandista desonesto.

Ela deslizou de volta para dentro do cilindro. — Precisamos voltar para o *Nomad*.

Ele ainda estava sorrindo. Ele bateu o capacete contra o dela.

— Droga, se não estivéssemos usando essas coisas, eu te beijaria.

— Bem, segure esse pensamento e eu vou te beijar quando voltarmos.

— Você está certa que vai, querida.

Ela ainda estava sorrindo para ele quando algo bateu nas pernas dela do lado, derrubando-a no chão. Sua luz balançou descontroladamente. O cilindro voou de suas mãos e rolou pelo chão.

O barulho estava aqui de volta.

Bem perto da cabeça de Nissa.

E agora ela sabia o que estava fazendo o barulho. Garras contra o chão de metal.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

— Nissa! — Adrenalina surgindo, Justyn se moveu rapidamente, focando sua luz em onde Nissa caiu.

Ela já estava sentada.

— Você está bem? — Ele se agachou, passando as luvas por cima dela. Seu traje parecia intacto.

— Estou bem. — Ela gentilmente afastou as mãos dele. Ela estava olhando para as sombras, seu rosto cauteloso.

— O que aconteceu?

— Algo me bateu.

Que diabos?

Justyn olhou em volta. Ele não viu nada além do cilindro segurando a Constituição no chão. Ele se inclinou e pegou.

E viu os olhos brilhando nas sombras.

Dois pares de olhos brilhando em vermelho sangue.

— Que porra é essa!

A criatura saltou.

Justyn caiu para trás, o animal em sua garganta. Ele agarrou suas mandíbulas, segurando as fileiras de dentes rangentes longe de seu capacete.

— Justyn!

Ele ouviu Nissa movendo-se, sua respiração pesada vindo pela linha de comunicação.

A criatura soltou um grunhido penetrante. Justyn empurrou de volta o suficiente para dar uma olhada. Era do tamanho de um cachorro, mas seu corpo era comprido, sinuoso e coberto de escamas metálicas e sobrepostas. Tinha uma infinidade de pernas espinhentas, dois pares de olhos e uma boca grande cheia de fileiras de dentes afiados de aparência perversa.

E queria que ele sangrasse.

Movendo-se mais rápido do que Justyn poderia ter pensado ser possível, a criatura veio para ele novamente. Ele pegou a mandíbula da fera novamente, lutando com ela, o tempo todo rezando para que aqueles dentes não perfurassem seu traje espacial.

De repente, algo bateu no corpo do animal, derrubando-o. Deixou sair outro grito e caiu de costas, mostrando uma barriga lisa que brilhava verde brilhante. Em um piscar de olhos endireitou-se e se atirou em um duto de ventilação, deixando uma mancha de verde no chão.

Justyn pegou o cilindro da Constituição e deixou que Nissa o ajudasse a ficar de pé. Ele viu que ela segurava a lâmpada da mesa na outra mão. Estava pingando gosma verde.

— Que raio foi aquilo? — ela perguntou.

— Nenhuma idéia. — Ele olhou para o duto. — Se eu tivesse que adivinhar, eu diria que é algo que foi transformado pela radiação.

— Talvez eles tivessem animais a bordo? — Ela balançou a cabeça. — Seja o que for, vamos sair daqui. — Ela olhou para o Sync. — Temos apenas vinte e dois minutos de tempo antes de ficarmos expostos á radiação.

Ele pegou a alça do cilindro por cima do ombro. — Então vamos sair daqui. De volta ao *Nomad.*

Eles voltaram para o corredor, flutuando em direção à baía onde eles deixou os *skimmers.*

Ele ativou seu fone de ouvido. — *Nômade*, esse é o Phoenix3. Você está aí, Ry?

— *Nômad* aqui. Como foi sua viagem?

— Excelente. Encontramos as mercadorias.

Rynan assobiou. — Muito bem, mano. Olhe para você, salvador da galáxia.

Justyn disse uma palavra enérgica que fez seu irmão rir.

— Estamos no caminho de volta.

— Ok, até quando ... — Rynan interrompeu com uma maldição.

— Ry?

— Porra. Justyn, cinco naves estelares apenas entre os destroços e o *Nomad*.

Justyn pegou o olhar de Nissa.

O som do fogo laser chegou até eles e o destroço estremeceu.

Ah, porra. — Ry?

— Justyn, estamos envolvidos ... — estática quebrou através da linha de comunicação — ... para o *Nomad*.

A conexão foi morta.

— Ry? *Nomad*, vocês estão ouvindo? Droga! — Justyn bateu a mão contra a parede.

— Vamos. Temos de ir. — Ela empurrou para frente.

— Nissa, não podemos nos arriscar a sair lá nos *skimmers*. Existem cinco inimigos entre nós e o *Nomad*. Nós dois sabemos que é Gunn.

Ela levantou seu Sync.

— Temos dezenove minutos e meio para voltar ao *Sky Nomad*, ou a radiação nos matará de qualquer maneira.

Droga. Justyn mentalmente gritou cada maldição que ele já aprendeu. As chances de sair daqui vivo eram olhando mais magro a cada momento que passa.

Eles continuaram pelo corredor, quase alcançaram os *skimmers*, quando uma luz no outro extremo do corredor chamou sua atenção. Ele agarrou o braço de Nissa para detê-la.

Uma equipe de quatro usando trajes espaciais pretos, luzes montadas em seus capacetes, dobraram a esquina.

— Mova-se! — Justyn deu um empurrão enorme na parede com o pé e impulsionou os dois em direção à baía com seus *skimmers*.

Um raio laser acendeu o corredor escuro, atingindo a parede ao lado deles. Justyn simplesmente se concentrou em alcançar a porta. Ao lado dele, Nissa estava calma e concentrada.

Deus, ele amava a mulher.

Eles voltaram para os *skimmers*. Através do rasgo no navio, ele podia ver fogo laser azul iluminando o céu acima da lua.

Eles ligaram os *skimmers* e desligaram os freios magnéticos. Quando manobraram para fora do navio, ele viu a primeira figura de traje preto alcançar a porta.

— Vai! Vai! — ele gritou.

Eles dispararam através da abertura e apontaram os *skimmers* para cima.

Ah, merda.

Uma grande equipe de intercpeção sentou-se diretamente entre eles e o *Nomad*. Quatro navios menores estavam em ângulo ao redor deles, também atirando no *Nomad*.

Justyn não estava preocupado com seus irmãos. Rynan colocou em um sistema de escudo no *Nomad* que poderia suportar praticamente qualquer coisa. E o talento de seu irmão com armas era ainda melhor.

Naquele momento, um dos navios menores explodiu.

— Bom trabalho, Ry. — disse Justyn.

Ainda não havia resposta do *Nomad*.

— Nós devemos virar para a esquerda, em volta do navio mais distante — disse Nissa. — Se chegarmos muito perto, poderemos ser atingidos pelo fogo a laser.

Justyn olhou de volta para ela. Ela estava focada na batalha espacial à frente deles, suas mãos fáceis nos controles do *skimmer*. Essa era sua garota: fria sob fogo, derretida sob suas mãos.

— De acordo.

Eles deram aos navios o maior espaço possível. Eles não podiam ir longe demais ou não alcançariam o *Nomad* antes que a radiação os pegasse. O relógio estava correndo. Ele franziu a testa. Não importava o que eles fizessem, eles ainda estavam passando perto e ficando muito perto do fogo do laser.

Outra feroz disputa de fogo foi trocada entre os navios. O Justyn viu um porto aberto na mina.

— Merda! Míssil íon.

Nissa ofegou.

O míssil disparou para fora de sua baía de lançamento e foi direto para a ponte do *Nomad*. Os pulmões de Justyn se contraíram.

Foi um tiro certeiro. O escudo *do Nômad se* transformou em vida brilhante em prata cintilante.

Os restos do míssil caíram em uma chuva de faíscas de fogo.

— Sim! — Nissa gritou.

— Vamos, Capitã Smooth. Vamos sair daqui.

Mas segundos depois, o navio mais próximo os avistou.

O estômago de Justyn ficou duro como rocha espacial enquanto observava os canhões de laser da nave se virarem.

— Eles não vão atirar em nós. — Ele esperava. — Eles querem a Constituição.

Fogo a laser passou por eles.

Perto.

Demasiado perto.

— Aparentemente, eu estava errado. Esqueça a furtividade. Aponte diretamente para o *Nomad*. — Ele pediu mais velocidade de seu *skimmer.* — O mais rápido que você poder, Nissa.

— Estou bem atrás de você.

O *Nomad* estava trazendo mais armas online. Ele viu o banco de canhões plasma disparando para se juntar à luta.

O fogo de plasma invadiu o navio que estava atirando neles. O navio começou a girar para fora de controle.

Na direção deles.

— Nissa!

— Eu vejo isso.

O navio estava se movendo muito rápido. Ele apareceu bem acima deles.

Então explodiu.

Justyn abaixou a cabeça, pressionando o corpo o mais próximo possível do *skimmer*.

Merda, merda, merda.

Então o grito desesperado de Nissa ecoou em seu capacete.

— Nissa! — Ele lançou um olhar frenético por cima do ombro.

Um pedaço de detritos do navio tinha batido nela. Uma de suas mãos tinha escorregado dos controles, seu corpo levantando a máquina.

— Espere. — Ele torceu o *skimmer* em uma curva apertada.

— Eu ... não posso ... alcançar ... — Seu olhar colidiu com o dele. Mesmo separados por seus capacetes, ele viu as emoções se agitando em seus olhos arregalados.

— Você pode fazer isso, querida. Agarre e vamos voltar para o navio. Um banho quente e jantar por minha conta. — Ele quis que ela pegasse os controles.

Ela deu uma risada soluçando. — Justyn …

Outro pedaço de detritos passou por ele e bateu no estômago de Nissa.

— Não! — o grito foi arrancado de sua garganta.

Com um grito, seus dedos escorregaram do *skimmer* e ela voou para longe da máquina. Seu corpo caindo repetidamente.

Para o espaço.

***

Nissa não conseguia parar de girar. Ela não podia ver onde ela estava.

Bile subiu em sua garganta e seu coração batia com tanta força que ela pensou que iria explodir em seu peito.

Ela estava voando para longe do *Nômad*.

Longe de Justyn.

Deusa, ela não queria morrer.

Ela se forçou a respirar mais lenta e profundamente. Primeira coisa, ela tinha que parar de entrar em pânico. Quando ela girou,

flashes de fogo laser chamaram sua atenção, junto com flashes do gigante de gás verde abaixo.

Justyn viria atrás dela.

Não, espere. Seu coração deu um golpe contra suas costelas. Se o fizesse, os dois levariam muito tempo para voltar ao *Nomad*.

A radiação mataria os dois.

Então ela percebeu que ele estava chamando o nome dela, mais e mais. Sua voz dura e apertada.

— Justyn?

— Graças a Deus, querida. Você está bem?

— Na verdade não. — Ela sentia como se estivesse em um passeio que ela não poderia sair. — Você precisa ir de volta ao navio. Você tem a Constituição ...

— Foda-se a Constituição. Eu estou vindo para você.

Ela fechou os olhos e engoliu em seco.

— Não. Não haverá tempo suficiente para nós dois voltarmos para o navio. Vai. Por favor.

— Não.

Raiva jorrou através dela. — Não há nenhum ponto em nós dois morrendo!

— Eu não estou deixando você.

Ela ouviu a teimosia firme como pedra em sua voz.

— Deusa, não se transforme em um herói agora.

Mas ela sabia que no fundo ele era. Sob o charme malandro havia um bom homem nos ossos.

— Eu não sou um herói. Mas você é minha e eu não vou deixar você.

Sua respiração engatou. — Justyn …

— Não diga mais nada. Você pode me dizer quando voltarmos ao *Nomad*.

Nissa sentiu lágrimas nos olhos. Porra, ela não chorava em anos. Não desde que sua mãe morreu. Depois disso, ela teve que ser a mulher da casa. Ajudar seu pai, cuidar de seu irmão, ser sempre perfeita.

Exceto com Justyn. Com ele, ela era apenas ela mesma.

— Eu te amo, Justyn.

Ele jurou.

— Eu disse para não dizer isso. Espere até estarmos no navio. Então eu posso beijar as luzes do dia fora de você. Logo antes de eu espancar sua bunda linda por me assustar assim.

Ela deu uma risada abafada. — Eu te amo.

Ele fez um barulho de rosnado. — Eu também te amo.

— Sinto muito que os escombros de naves espaciais ao me atingir te assustaram.

— Então você deveria estar.

Ela riu abertamente. A vida com esse homem sempre seria cheio de risadas e aventuras. Nada sensato, estável ou perfeito.

Teria sido exatamente o que ela queria.

Sua risada morreu. — Você não vai voltar para o navio, vai?

— Não. Se vamos morrer, eu vou morrer … Bem, quero fazer isso te segurando.

Lágrimas estavam deixando sua visão embaçada.

E, aparentemente, elas a estavam fazendo ver as coisas também. Havia movimento contra o verde do gigante de gás. Alguma coisa…? Ou nada?

Mas quando ela se virou novamente, o movimento cresceu. E ela percebeu que algo grande estava vindo na direção deles. Do planeta.

Ela girou novamente e dessa vez ela piscou rapidamente e focou.

— Oh. Minha. Deusa.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Com a exclamação de Nissa, Justyn levantou a cabeça.

E sua boca caiu aberta.

Uma… criatura… estava voando para fora do gigante de gás. Dirigido para a luta espacial.

Parecia um dragão, ou uma cobra gigante, exceto que era enorme, tão grande quanto as naves próximas. Seu corpo coberto de escamas metálicas - ondulava, suas longas pernas fluindo para trás, quase como tentáculos. Quando Justyn viu os pares de olhos vermelhos, ele percebeu que a criatura no *Nero* era apenas um bebê.

Isso era obviamente a mamãe.

— Eu nunca vi nada parecido. — ele murmurou.

— Os rumores eram reais. — disse Nissa. — É a mesma criatura do naufrágio.

Sim, e quando ela abrisse a boca, eles iam ver alguns dentes maciços. Dentes capazes de rasgar um navio e encalhá-lo em uma pequena e rochosa lua.

A criatura continua vindo com seus movimentos fluidos.

Direto para eles.

— Merda. Nissa, cuidado ...

— Não posso controlar para onde estou indo, Justyn. — Seu tom era irritado. Ela ainda estava girando, os braços estendidos, ela gostaria de poder se agarrar a algo.

A criatura pairou sobre eles, absolutamente enorme. *Maior* que as naves estelares.

Passou por Nissa e o impacto a enviou atirando na direção oposta, direto de volta para Justyn.

Ela bateu nele e ele a agarrou com um braço. Ele puxou-a para o peito e segurou firme.

Seus braços se envolveram ao redor dele como bandas de aço. — Não solte.

— Jesus, eu não vou. — Ele nunca, jamais admitiria a ela como esteve com medo, vendo ela se afastando dele.

De repente, uma das pernas da criatura virou e bateu no *skimmer*.

Merda. — Aguente!

O golpe os enviou atirando para a frente. Justyn manteve uma mão nos controles e o outro braço apertado em torno de Nissa.

Eles estavam se movendo rápido. Muito mais rápido que a velocidade máxima do *skimmer*.

À frente, ele assistiu a criatura chegar á nave inimiga. Ela abriu a boca - sim, tinha enormes dentes pontiagudos, e depois cuspiu algo verde no casco do navio.

O casco começou a se desintegrar. Corroendo.

— Santo inferno — Nissa respirou.

Os navios restantes reuniram-se em torno do navio abatido. Mas era tarde demais. O navio virou de cabeça para baixo e começou uma lenta descida ao planeta.

Justyn arrastou o olhar para longe ... bem a tempo de ver o casco do *Sky Nomad* aparecer na frente deles.

— Se segure! — Porra, isso ia doer. Ele moveu Nissa entre ele e o *skimmer*. O casco correu para encontrá-los.

Pouco antes de eles baterem, eles foram empurrados para uma parada rápida.

— É bom ver vocês chegarem com dois minutos de sobra. — A voz de Rynan veio através de seus capacetes.

Justyn olhou e viu seu irmão manejando um grande exosuit energizado com enormes braços mecânicos. Era usado para recuperar destroços no espaço profundo ou para levantamento pesado em minas de asteróides. Rynan tinha o seu *skimmer* preso nas grandes garras do traje.

— Pensei que você poderia precisar de uma pequena ajuda. — disse Rynan.

— Estou muito feliz em ver você, mano.

Rynan deu um de seus raros sorrisos. — Da mesma forma. Vamos entrar antes que o monstro espacial decida fazer um lanche no *Nomad*?

— Eu voto nisso. — disse Nissa.

Rynan disparou os propulsores no exosuit e manobrou-os através do campo huma para a baía vizinha.

Assim que tocaram o piso de metal, Justyn jogou o cilindro para fora do ombro e tirou o capacete da cabeça. Nissa fez a mesma coisa. Ele a agarrou.

Então ele a puxou e a beijou.

Ela estava tão desesperada quanto ele. Ela saltou, envolvendo as longas pernas em volta da cintura dele. Eles devoraram um ao outro.

Uma tosse não tão discreta forçou Justyn a rasgar boca dela. Ele olhou para Dare e Rynan. — Ocupado.

— Sim, eu vejo. — Dare mal conteve seu sorriso. — Mas precisamos colocar os cintos e sair daqui.

Porra, ele estava certo. Justyn resolveu pegar a Constituição, puxando Nissa para o lado dele e mantendo-a lá enquanto eles se apressavam para a ponte.

O piloto *do Nomad* já havia se afastado do gigante de gás e da cena de destruição acima disso.

— Porra. — Justyn observou a criatura devorando uma das naves com uma estranha e horrorizada admiração.

Era pura carnificina.

— Cintos. — disse Dare.

Eles fizeram e segundos depois, o *Nomad* atingiu a velocidade interestelar.

— Rynan, solte o aviso. Eu quero ter certeza de que todos os viajantes que virem por aqui evitem o Sargasso — disse Dare.

— Pode deixar.

— Então, você achou. — Dare olhou para o cilindro, depois olhou para Justyn.

Justyn se jogou de volta em sua cadeira. — Sim. E eu mostrarei para você ... mais tarde. Agora, eu quero um bife raro, uma dose de kila … — ele balançou as sobrancelhas para Nissa — E uma linda mulher nua. Ah, e sem interrupções por várias horas.

Nissa ficou de pé.

— Bem, Phoenix, você está sem sorte. — Ela lançou-lhe um olhar ardente. — Eu não cozinho.

Suas palavras demoraram um segundo para se registrar. Ele saltou de pé. — Eu tenho uma impressora de alimentos na minha cabine. Faz um bom bife.

— Desculpe interromper seus planos — disse Rynan secamente. — Há um navio em um curso de interceptação e uma transmissão ... para Nissa.

***

Nissa franziu a testa. — Quem é?

Rynan bateu na tela do console. — Eles não responderam a saudações.

Ela foi até o console de comunicação. — Coloque isso.

Ela estava ciente de Justyn parando ao lado dela. A adrenalina ainda estava zumbindo em suas veias. Ela não queria nada mais do que arrancar as roupas de Justyn, tirar o excesso de energia, depois se aconchegar com o homem que amava e adormecer por algumas horas.

Um rosto brilhou na tela.

Nissa olhou fixamente. — Almirante DeRuyter?

Em seu uniforme GSS bem passado e seu cabelo em seu usual puxão engomado, a Almirante DeRuyter era a última pessoa que Nissa esperava ver, muito além da borda da galáxia.

— Capitã Sander. Você teve sucesso? Você recuperou a Constituição?

— Sim …

— Excelente. Eu vou ter você e o artefato teletransportado a bordo do meu navio ...

— Senhora, com todo o respeito, o que diabos você está fazendo aqui?

— Eu queria garantir que o artefato estivesse à salvo. É imperativo …

Enquanto a Almirante continuava, o estômago de Nissa se apertou. O seu pescoço estava formigando.

— Como você sabia onde estávamos?

— O que? — O rosto da Almirante ficou em branco.

— Você não poderia saber onde nós estávamos. Não falei com você desde antes de Hydrae.

— Ah ... bem, eu simplesmente segui Gunn e seus navios.

A tristeza desapontada inundou Nissa, seguida rapidamente pela raiva. — Você quer dizer que *contratou* Gunn e seus navios.

A testa da Almirante se enrugou.

— Eu não sei do que você está falando, Nissa. Agora, prepare-se para o teletransporte e garanta que você tenha o documento ...

Nissa quase podia sentir o desespero da mulher pela tela.

— É pelo o dinheiro? Você está planejando vendê-lo? Se assim for, você não poderá deixar nenhuma testemunha.

Por favor, deixe-me estar errada.

O rosto da Almirante endureceu, todos os traços de confusão desapareceram.

— Não, eu pretendo usá-lo para ganhar um assento no Galactic Consult.

A autoridade mais alta da galáxia. — Subornar seu caminho até ao topo.

A Almirante deu de ombros.

— Passei anos trabalhando no topo do GSS. Dediquei *tudo o* que tenho para isso. Eles recusaram minha inscrição para o Galatic Consult ... de novo. Com a Constituição como moeda de barganha, eles não terão escolha a não ser ver que sou a mulher certa para o trabalho. Eu estou fazendo isso para o bem maior da galáxia, Nissa.

Era como se Nissa estivesse olhando para um estranho, não uma mulher que ela admirou toda a sua carreira.

— Você contratou a toupeira. O monge do *Nômad*.

— Sim. Eu tinha certeza de que você me manteria informada sobre seus movimentos, mas você sempre teve uma teimosia independente.

E DeRuyter era aparentemente uma maníaca por controle e faminta por poder.

A Almirante continuou: — Eu precisava de contingências. Incluindo Gunn.

— Você ainda não seria capaz de deixar testemunhas.

— Não. Infelizmente, você está certa.

— As armas de seu navio estão on-line. — anunciou Rynan.

— Última chance, Nissa. Venha a bordo com a Constituição. Você não tem lealdade a esse lixo de borda atrás de você.

Justyn agarrou o braço de Nissa. — Ela vai te matar.

Nissa assentiu.

— Eu não acho que vou aceitar essa oferta, Almirante. — Nissa apertou um dedo na tela e cortou a transmissão. Ela entrou no console de armas ao lado de Rynan. — Você pode proteger minha bioassinatura? Ela vai tê-la e tentar teletransportar-me para fora daqui.

— Já feito.

Ela olhou para Justyn. — Precisamos sair daqui.

— Podemos ter que destruir o navio dela. — Justyn observou o rosto de Nissa com firmeza. — Você está bem com isso?

— Ela apenas declarou um ato de traição e assassinato. Sim, eu estou bem com isso.

— Eles estão abrindo fogo. — disse Rynan.

Os lasers atingiram os escudos *do Nomad*, mas o navio ainda estremecia sob o impacto.

Rynan amaldiçoou.

— Merda, eles estão empacotando mais do que as armas padrão.

— Leve-os para fora. — O comando de Dare era duro e vigoroso.

— Retornando fogo. — Nissa bateu nos controles para preparar armas. Ela hesitou por um breve segundo, depois tocou o controle final.

O tiroteio foi cruel. A Almirante tinha um maldito bom piloto no leme.

Mas Rynan havia equipado o *Nomad* extremamente bem.

O *Nomad* sacudiu sob o impacto de um míssil iônico. Nissa programou em um ataque complexo usando os lasers da nave, canhões de plasma e mísseis.

De repente, o lado do navio da Almirante explodiu. O estômago de Nissa se apertou. Ela esperava mutilá-los, deixá-los aqui para alguém encontrar.

Um segundo depois, uma reação em cadeia de explosões separou o navio.

Houve silêncio na ponte *do Nomad*. Nissa olhou para a tela e os detritos pendurados no espaço.

Uma mão segurou seu ombro. — Nissa? Você está bem?

Uma mulher que ela admirava, modelara sua carreira, acabara de traí-los. E agora, a Almirante DeRuyter estava morta. E a tripulação dela. Nissa apertou uma mão sobre os olhos dela e respirou fundo.

— Não. Mas eu ficarei.

Mas no fundo, ela se perguntava se era deficiente de alguma forma, porque as pessoas que ela cuidava continuavam traindo-a.

Instável, ela se levantou e empurrou a mão de Justyn para longe. Ela se dirigiu para sua cabine.

— Eu preciso ficar sozinha.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

— Não foi sua culpa, querida. — Justyn passou a mão pelas costas de Nissa.

Ela estava deitada de bruços na cama em sua cabine. Tinha passado um par de horas. Ela não chorou, mas, porra, ele tinha visto o quão profunda a traição da Almirante a tinha cortado.

Ele queria ajudá-la, mas não sabia como. Tudo o que ele podia fazer era mostrar a ela que ela não estava sozinha.

Nissa se virou.

— Estou bem. — Ela passou a mão sobre ela cabeça lisa.— Ok, não está tudo bem, mas sei que fizemos a coisa certa.

Ele estudou o rosto dela. Decidiu que ela não estava mentindo. Ele inclinou o queixo para cima com o dedo. — Há, a minha garota.

Ela conseguiu um pequeno sorriso. — Para onde estamos indo?

— De volta ao Galaxy's Edge. Imaginei que você gostaria de deixar a Constituição segura e entrega-las às autoridades antes que alguém tente nos matar.

Ela assentiu. — E o comboio?

— Depois que eles nos deixarem no Edge, Dare e Ry voltarão para Hydrae e continuarão.

— OK. — Ela ficou de joelhos e deslizou para o colo de Justyn.

— Bem Olá. — Seu sorriso aumentou.

— Olá. — Ela puxou a camisa dele até que ele a ajudou a passar por cima da cabeça dele.

Pela primeira vez, o amor deles não foi apressado. Ele a deixou explorar seu peito, passar a língua sobre o mamilos duros e achatados. Em pouco tempo, eles estavam esticados na cama, explorando um ao outro.

Saboreando, curtindo, aproveitando o tempo.

— Porra, sua boca deveria ser ilegal. — Suas mãos apertaram nos lençóis. Ele ergueu os quadris enquanto as unhas lhe arranhavam o estômago e ela puxou o fecho das calças. O desejo que ele sempre sentia por ela ardia.

Ela tirou as calças dele.

— Você tem um corpo fantástico e lúcido, Justyn.

Ela se inclinou e deu um beijo no centro do peito dele.

Ele gemeu. — Nada como o seu.

Ela riu.

— Espero que não. — Ela traçou os cumes de seu abdômen. — Eu gosto de você duro e firme. — Suas mãos mergulharam mais abaixo e seguraram seu pênis. — Realmente duro e firme.

Seu gemido foi mais estrangulado desta vez.

— Nissa, querida, eu não vou durar ...

— Então não dure. — Ela lambeu os lábios, inclinou-se e engoliu seu pênis.

— Jesus. — Seus quadris subiram.

Ela olhou para o comprimento dele, seus olhares se encontrando.

— Você parece tão quente. — ele mordeu as palavras.

Ela trabalhou duro com ele. Sugando profundamente, mantendo a sucção apertada.

— Deus, sim, querida. Bem desse jeito. — Ele deslizou a mão para baixo para embalar a cabeça dela, pedindo-lhe para levá-lo mais fundo.

Ela engoliu ele, então puxou para fora, a língua lambendo a parte de baixo de seu pênis antes de engoli-lo novamente.

— Nissa ... não posso parar ... — Seu gemido foi longo e alto quando ele gozou, inundando sua boca com a sua libertação.

Quando ele caiu de costas na cama, respirando fundo, ela se sentou e lambeu os lábios.

Ele gemeu novamente. — Não faça isso ... é sexy demais.

Ela se arrastou e deitou ao lado dele.

— Ver você gozar na minha boca é sexy.

Ele deslizou os braços ao redor dela e a segurou enquanto ele se recuperava. Com uma Nissa nua ao lado dele, não demorou muito. Ele rolou-a para baixo dele e deslizou dentro dela com um impulso profundo que a fez gritar.

— Agora é minha vez de assistir você gozar.

Depois que eles se abraçaram de novo, com longos gemidos e suspiros gentis, eles dormiram. A adrenalina de sua aventura espacial e da extrema excitação de descobrir a Constituição que há muito tempo se esvaiu.

Ele deu um beijo no ombro nu dela.

— Eu te amo, Nissa. — Mas ela mesmo respirando disse a ele que ela já estava dormindo.

Foi o toque do comunicador que os despertou.

— Sim — Justyn murmurou, batendo no painel ao lado da cama. — O que?

— Há uma transmissão de longo alcance para Nissa. — disse Rynan.

Ela gemeu. — Espero que não sejam mais almirantes com ambições desonestas.

Rynan bufou. — Não posso prometer nada. É do GSS.

Ela pulou da cama.

— Ok, eu estarei lá em breve. — Ela pegou suas roupas e as puxou. Justyn fez o mesmo.

Na ponte, Justyn assistiu Nissa enfrentar seu segundo Almirante do dia.

— Almirante Hiraku. — disse ela, endireitando as costas. — O que posso fazer por você senhor?

— Estou procurando informações, Capitã Sander. Eu não tenho certeza do que está acontecendo, mas fui informado que a Almirante DeRuyter havia requisitado um navio e deixado a galáxia em sua perseguição. Eu fui enviado para investigar. O comportamento cada vez mais errático da Almirante está se tornando uma séria preocupação para o GSS.

Enquanto Nissa estudava silenciosamente o homem, Justyn também. Ao longo dos anos, ele aprendeu a julgar as pessoas rapidamente. O Almirante Hiraku tinha um rosto solene, cabelos lisos e negros e olhos estreitos e escuros. Algo no olhar firme e solene do homem disse a Justyn que podiam confiar nele.

Nissa obviamente chegou à mesma conclusão. Seus ombros relaxaram uma fração. — Bem, senhor, o comportamento da Almirante DeRuyter não será mais uma preocupação. Eu acho que deveria começar do começo. Eu estava perseguindo um ... suposto contrabandista pela estação Galaxy's Edge quando ...

— Este seria o homem ao seu lado, correto? Justyn Phoenix.

Quando Justyn deu ao homem uma saudação de dois dedos, ele ouviu Nissa gemer. Fora da vista do Almirante, ela chutou a canela de Justyn.

— Como eu disse, Almirante, é uma longa história. — Ela contou toda a aventura em detalhes.

Bem, nem todos os detalhes. Justyn estava feliz por ter deixado de fora os mais pessoais.

Na tela, o Almirante Hiraku explodiu um longo suspiro.

— Isso é… uma história e tanto. E tem certeza de que a Almirante DeRuyter foi morta?

— Sim senhor. Eu fui responsável por atirar no navio. Os Phoenix's não tinham nada a ver com isso. Eles me deram toda assistência ...

Oh não.

Ela não ia assumir toda a culpa. Ele se aproximou dela.

— Bem, foi o nosso navio. E nós teríamos atirado na Almirante de qualquer maneira, da mesma forma que faríamos com qualquer maluco tentando nos matar.

Nissa lançou-lhe um olhar estreito e baixou a voz. — Estou tentando garantir que você e seus irmãos não sejam presos ...

O Almirante Hiraku limpou a garganta. E possivelmente estava escondendo um sorriso atrás de sua mão ao mesmo tempo.

— Você está bem fora da jurisdição do GSS. Além disso, atirar no navio da Almirante DeRuyter parece justificado. Capitã Sander, tenha certeza, não tenho planos de prendê-la nem ao senhor Phoenix. — Uma pausa. — Posso ver a Constituição?

***

A reverência quieta na voz do Almirante Hiraku reafirmou a decisão de Nissa de confiar no homem. Ela sofreu muitas traições para confiar cegamente em alguém.

— Sim senhor.

Justyn lhe entregou o cilindro e juntos retiraram o documento e o desenrolaram.

O Almirante ficou quieto por vários minutos.

— Mantenha isso seguro, Capitã. Eu organizarei um navio para me encontrar com você no Galaxy's Edge para assumir a custódia do documento. Eu sei que o diretor do Instituto Galáctico de Preservação Histórica ficará *muito* feliz em vê-lo — O olhar do Almirante se moveu para Justyn. — Sr. Phoenix, o GSS agradece a você e seus irmãos por sua assistência na reaquisição de um artefato de significado histórico.

Justyn estremeceu e viu que Nissa nem se incomodou em esconder seu sorriso.

— Ah, obrigado, Almirante. — Justyn sufocou.

— Você será, naturalmente, recompensado com a taxa do descobridor.

Um olhar engraçado cruzou o rosto de Justyn e um sentimento quente encheu o peito de Nissa. Ele se esqueceu da taxa do descobridor.

O Almirante Hiraku continuou.

— Entre em contato comigo quando estiver de volta ao espaço cartográfico. Quanto mais cedo o documento estiver nas mãos do Instituto mais rápido o GSS pode colocar para descansar todos os problemas que sua notoriedade causou. Ele fez uma pausa. — Capitã Sander?

Nissa se endireitou. — Sim senhor?

— Bom trabalho. Eu já aprovo pessoalmente uma promoção para você e a recomendação de seu pai.

Com um aceno de cabeça, o Almirante terminou a transmissão.

Ela olhou para a tela em branco e esperou para sentir a alegria de conseguir o que sempre quis. E esperou mais um pouco. Não, assim como ela suspeitava - nada. Ela estava feliz com o elogio de seu pai, mas a promoção ... bem, ela se sentia estranhamente em branco.

Estranhamente, ela pensou em Anderson Chan. Ele pode ter morrido em um planeta sem nome em um espaço desconhecido, mas ela não tinha dúvida de que ele morrera fazendo exatamente o que ele queria fazer. Ele agarrou a vida e aventura com as duas mãos.

Era hora de Nissa para fazer o mesmo.

Ao lado dela, Justyn estava quieto, seu corpo rígido.

— É melhor eu ir e ... verificar algumas coisas. — Ele saiu da ponte.

Nissa ficou olhando para ele. *Homem estúpido.* Ela enfiou a mão no bolso, sentiu as formas agora familiares da pequena aeronave e do cachorro que ele lhe dera. Ela se moveu para segui-lo.

— Nissa? Há outra transmissão para você.

O ar assobiava por entre os seus dentes. — Rynan, você só pode estar brincando comigo.

Um de seus sorrisos lentos. — Não.

Ela caiu em uma cadeira. — Sou uma mulher popular.

— Parece que sim. Transmissão completa.

A tela piscou. — Papai?

— Nissa. Você está bem, considerando algumas das travessuras que eu ouvi que você estava fazendo. Você está bem?

Ela sorriu. — Papai, ninguém usa mais a palavra travessuras.

— Eu uso. Não evite a pergunta.

— Estou bem. — Ela deu ele uma versão abreviada da história.

Depois que ela terminou, seu pai ficou quieto. — Você fez tudo isso por mim?

Nissa engoliu em seco. — Não tudo disso. Algumas delas eu fiz por mim mesma. Pai, eu não vou voltar para a Patrulha.

Ela sentiu mais do que viu Dare e Rynan pararem e olharem em sua direção.

Seu pai franziu a testa. — Você vai ficar com um contrabandista?

— Papai …

— Não pense que não consigo ler entre os linhas dessa história que você acabou de me contar. Sou seu pai, posso ler tudo no seu rosto.

— Então você sabe que estou falando sério. E aquele contrabandista, ele salvou minha vida várias vezes. E ele me ama.

Deusa, ela gostava de dizer isso em voz alta.

Seu pai suspirou. — Enquanto o Comodoro em mim está decepcionado, você sairia de uma carreira promissora, o pai em mim está feliz.

Seu queixo caiu. — O que?

— Nissa, Eu sei muito do que você fez disso a sua vida por mim.

— Papai …

Ele ergueu a mão. — Me deixe terminar. Um dia, quando você tiver seus próprios filhos, você entenderá. Tudo o que eu sempre quis foi que você fosse feliz, que seguisse seu próprio caminho e encontra-se uma vida que satisfizesse você. Durante muito tempo, deixei-me pensar que estava no GSS. Mas uma parte de mim sempre soube que enquanto você gostava disso, você nunca amou isso. Então, se esse contrabandista te ama, tudo bem, mas por favor, apenas me prometa que você não vai se *tornar* um contrabandista.

Nissa sorriu. — Eu prometo pai. Ele é um bom homem.

— Ele teria que ser para você se apaixonar por ele.

Eles falaram por mais alguns minutos antes de termirarem. Nissa girou a cadeira. — Dare, eu preciso falar com você. Eu tenho uma proposta para discutir ...

***

Justyn sentou-se no salão escuro, olhando para a Constituição colocada na mesa à sua frente.

A única coisa que finalmente lhe dera Nissa seria o que a levaria embora.

Ele a amava. E ele estava em êxtase que ela o amava de volta. Ele queria mantê-la ao seu lado para sempre.

Mas ele a amava tanto que ele queria o melhor para ela. E isso não era ele. Nem uma vida além da borda da galáxia.

Ele fechou sua olhos, a dor penetrando profundamente em seu intestino. Ela era uma boa guarda da Patrulha, uma Capitã talentosa e tinha a galáxia a seus pés. O Almirante conseguiria uma grande promoção para ela, uma nova tarefa desafiadora com alguma tripulação e navio de alto nível.

E um contrabandista da extremidade apenas bagunçaria isso para ela.

A porta fez um barulho quieto enquanto abria.

— Por que você está sentado no escuro? — Nissa perguntou.

Ele olhou para cima. Desejando que ela não fosse tão bonita.

— Pensando.

— Hmm. — Ela se empoleirou na beira da mesa, dando uma breve olhada na Constituição. — Eu não achei que você passasse muito tempo pensando. Correndo e pulando, talvez, mas não pensando.

— Você será uma celebridade quando chegarmos ao espaço cartografado. E você está recebendo a promoção que você queria. Estou feliz por você.

Suas sobrancelhas subiram e ela cruzou as pernas dela.

— Continue.

Ok, ele não era burro. Ele ouviu a nitidez do laser em sua voz. Mas ele não deixaria isso detê-lo.

— Vamos nos divertir até voltarmos ao Galaxy's Edge. — Ele poderia ter isso, pelo menos. Faria a dor quando ela saísse muito pior, mas ele poderia sobreviver tendo seu coração arrancado de seu peito ... ele esperava. — Mas eu queria que você soubesse que deveria ir. Aceitar a promoção. Cumprir seus sonhos.

Ela deslizou para fora da mesa e ficou com as pernas abertas, as mãos nos quadris. — Você não está falando sério.

— Eu amo você, Nissa. Eu quero o melhor para você ...

— Então, você vai decidir o que é melhor para mim, me dar um tapinha na cabeça e me dizer para ir?

— Uh ... — Justyn sentiu uma armadilha e fechou a boca.

Ela se inclinou e agarrou os braços da cadeira dele, o rosto dela centímetros dele.

— Por três anos você me fez persegui-lo por toda a maldita borda … — Sua voz subiu para pouco antes de gritar — E você me arrastou para esta caça ao tesouro, me fez apaixonar completamente por você, e agora você só vai desistir de mim?

Sua miséria se transformou em raiva.

— Eu quero o que é melhor para você!

— *Eu* sei o que é melhor para mim, não você!

— Bem!

Ela se inclinou para mais perto. — Com certeza.

Ambos os peitos estavam arfando.

Então ela sorriu. Aquele sorriso que o derreteu de dentro para fora.

— Você está jogando o mártir novamente. — Ela balançou a cabeça. — Eu te amo, Justyn.

Ele pressionou a testa contra a dela.

— Eu também te amo. Claramente isso me deixa um pouco insano — Então ele ficou sério. — Você fica comigo, Nissa, eu nunca vou deixar você ir. *Nunca*. Você decide agora e se você é minha, eu estou mantendo você.

Ela deslizou para o colo dele. — Sou sua. Para sempre.

Ele segurou suas bochechas e puxou-a para um beijo faminto.

Quando finalmente chegaram para pegar um pouco de ar, Nissa deu-lhe um sorriso que o fez congelar. Ele deslizou as mãos para baixo para se curvar sobre os ombros dela.

— Esse sorriso é malvado. Isso significa que estou em apuros.

— Eu me demiti do GSS e Patrulha.

Ele ficou boquiaberto, as mãos apertando nos ombros dela.

— Volte novamente?

— Eu tenho um novo trabalho. — Ela parecia presunçosa. — Dois, na verdade. Dare acabou de me tornar o novo piloto e Capitã do *Sky Nomad*.

— O que?

— Bem, eu não tenho certeza se você sabe, mas Evan, o piloto atual está saindo depois dessa corrida de comboio. Eu acho que o cara está com muito medo de Dare para aproveitar o trabalho. Claro, se eu estou pilotando um navio, eu também estou capitalizando. Dare e eu

ainda precisamos trabalhar algumas coisas porque o homem é um maníaco por controle, mas ele precisa de mais tempo para lidar com problemas de comboio e se eu assumir a capitania, isso vai libertá-lo.

Justyn apenas olhou para ela, tentando absorver tudo.

Ela deu um beijo rápido nos lábios dele. — Eu estou entrando no negócio do comboio e indo para o espaço desconhecido.

— Você desistiria da Patrulha? Para estar comigo?

— Sim. Mas o amor é sobre compromisso, Justyn. E espero que você faça alguns compromissos também.

— Qualquer coisa, Nissa. — Ela estava fazendo todos os sonhos dele se tornarem realidade. Ele dançaria nu no bar em Moonrakers, se é isso que ela queria.

— Sem mais contrabando ilegal.

— Feito.

Ela inclinou a cabeça. — Bem desse jeito?

Ele segurou seu rosto. — Sim, Nissa. Por você, sim.

— Droga, eu te amo. — Ela esfregou o nariz contra o dele. — Você pode fazer negociações legais para ganhar dinheiro para as crianças em Hydrae.

— Negociações legais? — Ele fez uma careta. — Justyn Phoenix, comerciante legal. Não é tão arrojado, é?

Ela riu. — Boa. Isso pode ajudar a manter as mulheres longe. — Ela moveu até as pernas dela montadas em seus quadris. — Eu sou a única mulher para você agora.

Ele agarrou seus quadris.

— Sim você é. — Ele fez uma pausa. — Você disse dois empregos? Qual é o segundo?

— Esposa. Eu quero me casar.

Seu coração ameaçou explodir de seu peito.

— Justyn Phoenix, comerciante e marido. — Ele fingiu um gemido exagerado. — Você vai arruinar completamente minha reputação suada.

Ela deu um tapinha na bochecha dele, sorrindo. — Meu pobre bebê.

Ele a beijou até que ela estava se contorcendo acima dele, então ele olhou em seus olhos notáveis. — Nissa Sander, você me daria a honra de se casar comigo?

— Sim. — Ela o beijou novamente. — Sim. — Suas mãos deslizaram pelo peito dele. — Sim.

Ele deslizou as mãos ao redor das costas dela.

— Eu acho que vou ter um segundo emprego também. — Ele se levantou, carregando-a com ele.

— Qual é? — ela sussurrou contra seus lábios.

— Manter minha esposa muito, muito satisfeita.

— Eu acho que você vai ser excelente nisso. — Ela sorriu. — Você pode começar satisfazendo minha curiosidade e me dizer como você conseguiu sua cicatriz.

Ele sorriu de volta.— Bem, foi uma noite escura e tempestuosa ...

— Justyn!

DOCUMENTO OFICIAL

Estação Espacial da Galáxia

Anúncio # AD-988146

Assunto: Comboio Deep-Space de Phoenix

Procurando por ação e aventura? Procurando por novas oportunidades no espaço desconhecido? Precisa de uma passagem segura além da borda da galáxia?

Reserve sua passagem hoje no comboio que ajudou a descobrir a *verdadeira* Constituição dos EUA!

O Phoenix Deep-Space Convoy da Galaxy's Edge Station pode te oferecer todas essas coisas. Com anos de experiência e uma equipe talentosa, garantiremos sua segurança enquanto você encontra sua aventura.

Convoy Master Dare Phoenix correu centenas de comboios de sucesso em um espaço perigoso. O *Sky Nomad*, navio principal é capitaneado pela Capitã Nissa Phoenix - um ex-Capitã da Patrulha do GSS. Rynan Phoenix garante a segurança e saúde do comboio com uma equipe de segurança experiente. Justyn Phoenix, um veterano comerciante, também está disponível para facilitar acordos comerciais para qualquer mercadoria fora da galáxia trazida de volta ao espaço galáctico.

Então, você está pronto para se juntar à aventura? Inscreva-se hoje para garantir o seu lugar a bordo do melhor comboio do espaço profundo no quadrante Êxodo e siga para além da borda da galáxia.